



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**ENSINO DE HISTÓRIA DO LOCAL A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS
PELOS CESTEIROS NA CIDADE DE ARAÇAGI- PB (2020-2023)**

ÁLEF MENDES DOS SANTOS

Orientador: Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno
Linha de Pesquisa: Ensino de História e Saberes Históricos

JOÃO PESSOA-PB

2024

**ENSINO DE HISTÓRIA DO LOCAL A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS
PELOS CESTEIROS NA CIDADE DE ARAÇAGI- PB (2020-2023)**

ÁLEF MENDES DOS SANTOS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciência Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em História, Área de Concentração em História e Cultura Histórica.

Orientador: Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno

Linha de Pesquisa: Ensino de História e Saberes Históricos

JOÃO PESSOA-PB

2024

**ENSINO DE HISTÓRIA DO LOCAL A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS
PELOS CESTEIROS NA CIDADE DE ARAÇAGI- PB (2020-2023)**

ÁLEF MENDES DOS SANTOS

Dissertação de Mestrado avaliada em 20/02/2024

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno

Orientador

 Documento assinado digitalmente
PATRICIA CRISTINA DE ARAGAO
Data: 16/02/2024 12:02:34-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão

Examinador Externo



Profa. Dra. Solange Pereira da Rocha

Examinadora Interna

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S237e Santos, Álef Mendes dos.

Ensino de história do local a partir das
experiências vividas pelos cesteiros na cidade de
Araçagi - PB (2020-2023) / Álef Mendes dos Santos. -
João Pessoa, 2024.
200 f. : il.

Orientação: João Batista Gonçalves Bueno.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Ensino de História. 2. Memória local. 3. Arte em
cestarias. I. Bueno, João Batista Gonçalves. II. Título.

UFPB/BC

CDU 37:94(043)

DEDICATÓRIA:

*Para a Divindade Toda Poderosa que rege a
minha existência...*

*Para os meus parentes e ancestrais cesteiros,
que foram os que fizeram a arte dos cestos,
ultrapassar gerações, como legado familiar;
deles eu herdei a resistência, perseverança e a
esperança por dias melhores...*

*Para as minhas mães negras cesteiras (a mãe
biológica, Lúcia Mendes dos Santos [In
Memoriam], e a de criação Maria da Luz
Mendes) e os meus pais (o pai biológico,
Severino Flôr dos Santos [In Memoriam], e o
de criação João Augusto da Silva) com eles
aprendi a amar ao próximo e a ser sensível
por meio das experiências deles...*

*Para os meus avós negros cesteiros, Antonio
Mendes Ferreira e Antonia Benedito da
Conceição (In Memoriam), porque, com eles
aprendi a ouvir, ouvindo as suas histórias,
sentado aos seus pés...*

*Para todos os cesteiros e cesteiras existentes,
pois eles fazem a cultura das cestarias existir
no contemporâneo...*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus o Todo Poderoso, na pessoa do Senhor Jesus Cristo, o qual me deu forças, ânimo, vida e perseverança em todos os momentos desta caminhada acadêmica. Eu sou muito agradecido aos meus ancestrais, dos quais muitos já não estão presentes fisicamente conosco. Sou muito grato aos meus irmãos de orientação Valdinete, Paulo, Luana, Raylson, Ricardo, Givaldo e Gizelda, pois muito me ensinaram. Dentre os meus ascendentes que não estão mais presentes no corpo entre nós, eu quero agradecer aos meus pais biológicos Severino Flor dos Santos (1958-1992) e Lúcia Mendes dos Santos (1961-2004), pelos quais vim a essa existência. Também sou muito grato aos meus avós tanto paternos quanto maternos, estes últimos por nomes Antonia Benedito da Conceição (1936-2013) e Antonio Mendes Ferreira (1935?-2007). E a todos os meus parentes que influenciaram direta e indiretamente neste estudo.

Eu sou imensamente agradecido aos meus pais que me criaram, os quais me formaram e me ofereceram de todas as condições possíveis, com amor e carinho, os seus nomes são: João Augusto da Silva e Maria da Luz Mendes. Essas pessoas são muito especiais para mim, visto que este trabalho só pode chegar a esta etapa por causa da cooperação deles, mas não somente por isso, como também pelas suas personalidades humanas e acolhedoras. Sou muito agradecido aos meus filhos Moisés e Quézia, os quais são heranças que me foram concedidas. Sempre que eu estava escrevendo a dissertação eles chegavam perto de mim para me dar um abraço e dar carinho, isso me ajudava, me esforçava a finalizar este trabalho. Sou muito grato à minha esposa Letícia, pois sem ela eu sei que esta pesquisa não continuaria, pois nos momentos em que eu mesmo não acreditava mais em mim, ela dizia: vai dar certo, eu acredito em você.

Devo gratidão aos meus professores João Batista Gonçalves Bueno, orientador deste estudo e também a Waldeci Ferreira Chagas, grandes amigos que me fizeram compreender o valor da educação e acreditar nela. O professor João B. G. Bueno foi meu orientador deste trabalho, a quem sou eternamente agradecido, pois me ajudou a conduzir este estudo com muito amor, compreensão e excelentes direcionamentos. Além do mais, foi ele mesmo quem coordenou as minhas passagens no PIBID e Residência Pedagógica na graduação de História na UEPB. O meu amigo Waldeci ajudou-me a conhecer as pautas étnico-raciais, quando na graduação me orientou o Trabalho e Conclusão de Curso, PIBIC e Monitoria. Agradeço a todos professores que me ajudaram a chegar até aqui, que foram essenciais na minha formação. No demais, só resta sentimentos de que tudo isso pode ser só o começo de uma

longa caminhada na vida acadêmica. Agradeço também a professora Cláudia aos educadores do ECI-FPB e a todos os estudantes que participaram desta pesquisa.

*Nós somos frutos de nossos ancestrais — pais,
avós, bisavós... É reducionista acreditarmos
que somos resultado apenas de nossas
próprias ações tendo em vista que somos seres
históricos. A história que criamos e contamos
de nós mesmos e da nossa vida revela também
a história de nossos antepassados, da nossa
família.*

(Raquel Gama Cavalcante, 2023)

RESUMO

Este é um estudo direcionado ao ensino de história do local a partir das memórias de pessoas negras que trabalhavam como cesteiros e viveram em Araçagi- PB nas duas primeiras décadas do século XXI. Nesse sentido, o objeto desta pesquisa consiste no levantamento das memórias de pessoas de uma família negra cesteira, e a investigação das possibilidades de uso destas como fonte didática para o ensino de História em uma sala de Ensino Médio da Escola Cidadã Integral Francisco Pessoa de Brito (ECI-FPB), da cidade de Araçagi. Foi entre os anos de 2020 a 2023 que essa família produziu e vendeu os seus cestos em três cidades, correspondentes à atual Região Geográfica Imediata de Guarabira. Mais especificamente, os municípios de Cuitégi, Guarabira e Araçagi. A partir das memórias dessas pessoas, principalmente, acerca da atividade do fazer cestos, consegui reconhecer aspectos da ancestralidade dessa gente, os quais permanecem de forma correspondente no presente, e trazem à tona as relações dessas pessoas com a cultura material local. As memórias dos cesteiros, obtidas por intermédio deste estudo, serviram como fonte documental na elaboração de oficinas didáticas destinadas ao ensino História local. E, a partir delas foram criadas relações e correspondências com a História do Brasil apresentada nos livros didáticos. Levantei em um primeiro momento as memórias dos trabalhadores negros cesteiros, percorrendo os locais por onde eles transitavam e privilegiando questões relativas ao processo de feitura das cestas, como eram os seus cotidianos e sensibilidades e como trabalhavam. Para então construir neste texto uma versão que contasse a trajetória dessa família negra nessas cidades do interior da Paraíba. Utilizo, principalmente, as memórias sobre o casal cesteiro Antônia Benedito dos Santos e Antônio Mendes Ferreira. Em um terceiro momento fiz ainda o levantamento e cotejamento das memórias com outras fontes documentais como jornais da época, fotografias, mapas, estudos geográficos procurando analisá-los de maneira qualitativa, evidenciando vários resultados tanto no que diz respeito à trajetória desta família, as formas que se davam a produção e comércio das cestarias, os locais de venda, a forma de transporte, entre outras relações relativas aos enfrentamentos de exposição a práticas racistas sofridos por essas pessoas negras. E para entender o processo de ensino aprendizagem a partir das memórias investiguei como elas instigaram os estudantes do Ensino médio a contarem outras histórias, a levantarem memórias de seus familiares e as suas próprias, relacionando-as constantemente com a identidade local. Portanto, utilizo também o conceito de pesquisa-ação, pois fui o professor desta turma de estudantes, o que possibilitou que eu desenvolvesse estratégias de ensino-aprendizagem que buscaram criar significados entre os sujeitos pesquisados e a documentação produzida por essa pesquisa (Severino, 2013). Para ajudar-me nas discussões sobre os conceitos de memória, experiência e rememoração, principalmente, no contexto escolar, baseie-me nos escritos de Walter Benjamin. E além deste autor, privilegiei como forma de construção historiográfica a produção de relações entre o pesquisador como o sujeito que produz questões sobre o objeto de pesquisa, as quais foram elaboradas pelo historiador E. P. Thompson.

Palavras-Chave: Memória local. Ensino de História. Arte em cestarias.

ABSTRACT

This is a study aimed at teaching local history based on the memories of black people who worked as basket makers and lived in Araçagi- PB in the first two decades of the 21st century. In this sense, the object of this research consists of surveying the memories of people from a black basket-making family, and investigating the possibilities of using these as a teaching source for teaching History in a high school classroom at Escola Cidadã Integral Francisco Pessoa de Brito (ECI-FPB), from the city of Araçagi. It was between the years 2020 and 2023 that this family produced and sold their baskets in three cities, corresponding to the current Immediate Geographic Region of Guarabira. More specifically, the municipalities of Cuitégi, Guarabira and Araçagi. From these people's memories, mainly about the activity of making baskets, I was able to recognize aspects of these people's ancestry, which remain correspondingly in the present, and bring to light the relationships of these people with local material culture. The memories of the basket makers, obtained through this study, served as a documentary source in the preparation of didactic workshops aimed at teaching local history. And, from them, relationships and correspondences were created with the History of Brazil presented in textbooks. Initially, I raised the memories of black basket-making workers, going through the places where they traveled and focusing on questions related to the basket-making process, what their daily lives and sensibilities were like, and how they worked. To then build a version in this text that tells the trajectory of this black family in these cities in the interior of Paraíba. I mainly use memories about the basket-making couple Antônia Benedito dos Santos and Antônio Mendes Ferreira. In a third moment, I also surveyed and compared the memories with other documentary sources such as newspapers of the time, photographs, maps, geographical studies, seeking to analyze them in a qualitative way, highlighting various results both with regard to the trajectory of this family, the forms the production and trade of basketry, the places of sale, the form of transportation, among other relationships related to the confrontation of exposure to racist practices suffered by these black people. And to understand the teaching-learning process from memories, I investigated how they encouraged high school students to tell other stories, to raise memories of their family members and their own, constantly relating them to local identity. Therefore, I also use the concept of action research, as I was the teacher of this group of students, which allowed me to develop teaching-learning strategies that sought to create meanings between the subjects researched and the documentation produced by this research (Severino, 2013). To help me in discussions about the concepts of memory, experience and remembrance, mainly in the school context, I base myself on the writings of Walter Benjamin. And in addition to this author, I privileged as a form of historiographic construction the production of relationships between the researcher and the subject who produces questions about the object of research, which were elaborated by the historian E. P. Thompson.

Keywords: Local memory. Teaching History. Art in basketry.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 - O casal cesteiro, Antonia e Antonio, que são sujeitos da minha pesquisa.....	59
Imagem 02 - Severino Mendes Ferreira carregando cana braba para fazer balaio.....	71
Imagem 03 - João Augusto tirando cipós para fazer balaio.....	72
Imagem 04 - Maria da Luz Mendes fazendo balaio.....	73
Imagem 05 - Momento inicial e apresentação das oficinas em História.....	102
Imagem 06 - Oficina “Memórias Entrelaçadas”.....	110
Imagem 07 - O cesteiro João Augusto retirando cana braba para fazer cestas.....	114
Imagem 08 - Balaio feito pela cesteira Maria da Luz com um abacaxi dentro dele.....	118
Imagem 09 - O aluno em lágrimas narrou acerca da vida do seu pai que era agricultor.....	119
Imagem 10 - Lendo as memórias em sala de aula com os estudantes.....	139
Imagem 11 - Dialogando o assunto da História do Brasil “A Guerra dos Cabanos”.....	141
Imagem 12 - Os alunos escreveram e construíram as suas narrativas em sala de aula.....	143

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Localização do estado dos sujeitos do meu estudo.....	31
Mapa 2 - Localização da área dos sujeitos do meu estudo.....	32
Mapa 3 - Percorso geográfico realizado pela família dos cesteiros.....	38
Mapa 4 - Escola das Oficinas Didáticas em História Local.....	98

REFERENCIAÇÃO DA TABELA

Tabela 1 - Memórias dos Cesteiros de Araçagi-PB e Temas da História Negra no Brasil.89-93

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ECI-FPB - Escola Cidadã Integral Francisco Pessoa de Brito

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

TICs - Tecnologias da Informação e da Comunicação

PPGH-UFPB - Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba

PIBID-UEPB - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência na Universidade Estadual da Paraíba

HTP - História do Tempo Presente

PIB – Produto Interno Bruto

SUMÁRIO

MEMORIAL.....	15
APRESENTAÇÃO DO DESPERTAR	19
MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE VIDAS DOS NEGROS PRODUTORES DE CESTAS DE FIBRAS VEGETAIS NA REGIÃO GEOGRÁFICA IMEDIATA DE GUARABIRA.....	29
1.1 Localização da área deste estudo: lugares das memórias dos cesteiros.....	30
1.2 Nos passos das diásporas internas dos cesteiros negros paraibanos	35
1.3 As memórias dos cesteiros sobre eles mesmos, o tempo, o espaço onde viveram e sobre o trabalho com cestarias.....	48
1.3.1 O casal cesteiro, Antonio e Antonia e os seus parentes.....	55
1.3.2 Como sobreviver com esse trabalho?.....	63
1.3.3 As relações familiares, de trabalho e com a sociedade.....	66
2 AS MEMÓRIAS COMO FONTE PARA O ENSINO DE HISTÓRIA.....	75
2.1 As possibilidades de uso das memórias locais como fontes históricas e do ensino histórico.....	78
2.1.2 O objetivo no ensino de história ao propor o uso de memórias de pessoas negras com fins didáticos.....	81
2.1.3 As memórias escolhidas e o uso didático no Ensino de História.....	89
3 COLOCANDO EM PRÁTICA NAS SALAS DE AULA O TRABALHO COM AS MEMÓRIAS COMO FONTE PARA A PRODUÇÃO DE NARRATIVAS DE HISTÓRIAS DO LOCAL.....	94
3.1 O ECI Francisco Pessoa de Brito e a apresentação das oficinas.....	98
3.1.1 Narrativas dos estudantes.....	103
3.2 3.2 Trançando memórias e registros dos saberes/fazeres dos cesteiros em oficina didática	109
3.2.1 Narrativas dos estudantes.....	122
3.3 Memórias dos cesteiros negros paraibanos e histórias negra no Brasil em oficina didática.....	135
3.3.1 Narrativas dos estudantes.....	145

DERRADEIROS TROVÕES	154
REFERÊNCIAS.....	158
ANEXOS.....	170
ANEXO A1- LINKS DAS FOTOS, ÁUDIOS E TRANSCRIÇÕES.....	171
ANEXO A2 - FOTOGRAFIA E BREVE BIOGRAFIA DOS FAMILIARES BALAEIROS COLABORADORES COM NARRATIVAS PARA ESTE ESTUDO....	172
ANEXO B - TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL E AUTORIZAÇÃO.....	179
ANEXO C - CARTAS DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL.....	181
ANEXO D - TCLEs DOS ALUNOS COM MAIORIDADE E DOS CESTEIROS NEGROS.....	187
ANEXO E - FOLHA DE ROSTO DE APROVAÇÃO DA COMISSÃO DE ÉTICA.....	199
ANEXO F - DECLARAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO DA DISSERTAÇÃO COM BOLSA FAPESQ.....	200

MEMORIAL

Eu sou cesteiro. O meu corpo está entrelaçado nesta pesquisa. No meu corpo se entrelaçam veias que, fazem o sangue correr até o meu coração, para que eu viva. Por isso, que trato a atividade de trançar cestos como parte da minha vida. Fazer cestos são gestos artísticos e de trabalho para se viver, para a manutenção da ancestralidade e sobrevivência.

A minha vida corresponde ao trançado que gera um cesto, e nessa metodologia entrecruzada quero trazer à tona minhas memórias de vida. Sem me apegar a cronologias, neste memorial, ou a fios condutores, mas trançando as minhas memórias e com elas entrecruzadas, trazer à tona a minha história de vida familiar, de vida escolar e acadêmica, e com isso, evocar outros tempos, outras gerações e memórias do que me ocorreu.

Lembro-me do que os meus familiares mais próximos me falaram: “você nasceu por último, quando seu pai biológico morreu (meu pai se chamava Severino Flôr dos Santos), sua mãe ficou com você no ventre.” Pois, assim foi que soube como foi a minha vida, mesmo antes de nascer e após, sem pai, mas com uma mãe de pele negra que sempre batalhou por mim e por meus irmãos (Ao todo, foram sete filhos de minha mãe). Após o meu nascimento me contam que minha mãe, Lúcia Mendes dos Santos, viúva estava com muita dificuldade para criar os filhos, principalmente, a mim, o de colo.

Minha tia, a Maria que muito gostava de mim, a qual hoje a chamo de mãe disse que iria me criar, logo, minha mãe Lúcia resistiu, mas depois pelas circunstâncias de dificuldade resolveu me dar a ela, afirmando que só dava a criança porque era para a irmã e que iria viver perto dela e, assim ocorreu; vivi perto dela (Lúcia) até o dia de sua morte em 2004. Vem a minha memória o que, minha mãe Maria contava, ela falava acerca de quando eu era bebê, entre oito meses a um ano, que só vivia brincando no barro, quando eu morava na cidade de Cuitegi-PB, conforme disse minha mãe que me criou. Inclusive, quando ela foi me pegar, certa vez, eu estava que era barro puro. Acho que as teorias de Benjamin, agarravam-me antes mesmo de eu conhecer como elas são. Talvez uma criança negra, buscando os primeiros contatos com a sua ancestralidade, a terra.

Nas minhas lembranças, a influência da mãe Lúcia, na minha educação foi muito grande, apesar de eu não ter sido criado no mesmo teto com ela, moramos sempre próximos, ou em ruas que ficavam bem perto ou no mesmo bairro. Lembro-me de quando aprendi a ler e a escrever as primeiras letras. Como era de família pobre e negra, sofria na pele, na vida, na educação os males causados por esse estigma, por esse crime institucionalizado. As dificuldades financeiras de meus pais, Maria e João, os de criação, não deixavam eles

comprarem livros infantis para eu ler e desenvolver a leitura. Minha mãe de criação, a Maria era mulher que cuidava do lar, trabalhou de doméstica durante muito tempo no Rio de Janeiro e era também agricultora. Sempre tivemos uma vida simples.

Outrossim, foi nessa dinâmica que fui aprendendo as primeiras letras do português. Minha mãe, Lúcia, mesmo não cuidando diretamente de mim, ajudava no início do ano letivo, para comprar os materiais escolares como borracha, caderno, lápis etc. As crianças aprendem com a vida, com o que veem na rua, nas brincadeiras e eu aprendi com os grandes letrados políticos; pois é! Mas como assim? O que isso quer dizer? Está ainda nas minhas memórias. Eu tinha uns 5 anos de idade, em novembro de 1988, era ano de eleições municipais no Brasil, ainda antes, em outubro a constituição nacional tinha sido recentemente promulgada.

Era costume nas cidades do interior à época fazerem letrados com números e nomes dos candidatos nas paredes e muros de casas da cidade. Lembro-me bem que eu estava saindo de meu bairro, o Santo Amaro, em Araçagi para visitar um familiar no bairro Castelo Branco na mesma cidade. Naquele momento de minha vida eu estava aprendendo as primeiras letras e números, então, ao ver as letras e números nas paredes, eu ia tentando ler os nomes e entender os números, ao caminhar nas ruas da cidade e minha mãe de criação Maria ia me ajudando nas junções das letras e vogais e a compreender os números.

Nesse momento da minha vida digo que eu estava aprendendo pela pedagogia afetiva, minha mãe era a minha professora diariamente; certo que na escola aprendi bastante, mas com a minha mãe, as letras e números tinham mais significado para mim. Na escola, tenho lembranças que logo no início da caminhada, ainda na pré-escola, na escola Margarida Pessoa Coutinho, localizada no bairro São Sebastião de Araçagi, uma escola pública, eu não achava muito significado no lugar.

Por vezes eu fugia da sala e queria ir para casa, mesmo com as professoras/pedagogas fechando a porta ou ficando na frente para eu não passar, eu encontrava brechas nos momentos oportunos e corria para fora da escola, eu me sentia aprisionado na verdade. Não sei se pelo rompimento de meus laços com a minha família, para estar em um local novo, desconhecido e com gente desconhecida ou se pela prisão que a sala de aula aparentava ser.

Uma vez, como eu fugia muito, meu irmão mais velho correu atrás de mim para me pegar e me levar para a sala novamente, visto que ele estudava em uma sala ao lado. Consegui fugir da sala e corri. Meu irmão, não sei se já avisado, correu atrás de mim e quando eu percebi foi ele tocando em meu ombro para me alcançar, mesmo sem ele querer, aquele toque me fez cair no chão de cimento, ralei o ombro e sangrei muito, e tive que ir ao hospital para fazer curativo. Depois disso, não sei se por medo da dor que sofri ou se pelo o sangramento e

a dor que me reprimiu, comecei a ficar naquela sala que para mim naquele momento era chata e sem significado, eu preferia aprender com os letreiros nas paredes ao andar com minha mãe nas ruas, do que através das atividades que as professoras realizavam na escola.

Assim, fui me adaptando àquele local que para mim, era estranho, a escola. Lembro-me do “Conto de Escola” de Machado de Assis, no qual conta que Pilar, um aluno, achava o lado de fora da escola melhor que o ambiente escolar fechado. Mesmo assim, acabei ficando e me acostumando ao ambiente da escola, fechado e enclausurado como se o conhecimento assim o fosse. Quando pequeno, eu via meus familiares trançando vegetais e fazendo alguns cestos que eu não tinha muita noção do que era aquilo. Eu tinha cerca de doze anos e para mim aquilo não dizia muito, mas sabia que aquilo fazia parte da nossa vida e que a arte dos cestos estava entremeada no meu dia a dia. Sim, o meu dia era, depois de alguns anos, dividido entre ir à escola, ajudar meu pai no roçado ou acompanhá-lo quando ele trabalhava de pedreiro, e meus familiares faziam cestos e usavam também nas colheitas do roçado. É explícito que a arte das cestarias fez/faz parte da minha história de vida.

Quando pequeno, eu queria possuir livros para ler, mas as dificuldades me limitavam e a escola era o lugar que me oportunizou a leitura de livros. Lembro-me que em vários momentos livres na escola, como a exemplo do recreio, isso já no ensino fundamental II, eu gostava de ir para a biblioteca, ler livros e pegar emprestados para em casa me debruçar melhor sobre eles. A biblioteca que tinha no centro da cidade de Araçagi também era um lugar que eu gostava de frequentar. O ensino fundamental I conclui na escola pública na cidade de Araçagi, a Escola Margarida Pessoa Coutinho. No fundamental II passei pela escola municipal Agripino Ribeiro Filho, mas mudei logo para finalizá-lo na Escola Estadual Rodrigues de Carvalho e meu ensino médio finalizei na escola estadual Francisco Pessoa de Brito, o atual ECI-FPB, na mesma cidade, lugar este que também atuei dando algumas aulas.

Na verdade, algumas coisas impressionaram-me a querer me formar professor-historiador. Para chegar até ter o desejo de ser professor-historiador, deu-se porque sempre gostei de histórias e eu ouvia sempre as que meu avô me contava. Sim, meu avô Antonio Mendes Ferreira, o cesteiro. Ele era um excelente narrador. Talvez, adquiri dele o gosto por histórias. Ele contava muitas histórias de fantasmas para mim, ou seja, as histórias de experiências dele com o sobrenatural. Algumas delas eu vou contar aqui.

Dizia ele: uma vez eu estava descendo de Sapucaia, no Brejo de Cuitegi, indo de madrugada para a feira, e fui pela estrada chamada de Pinga; lá tinha fama de uma pedra que se ouvia cantigas saindo dela, mas eu nunca acreditei bem. Nesse dia, quando eu ia passando, ouvi um toque de sanfona, triângulo, zabumba e outros instrumentos tocando forró. Naquele

momento, os meus cabelos arrepiaram, mas segui caminho, quando olhei para a pedra ouvia os toques e uma luz nela, mas não via ninguém. Então passei direto, desse dia em diante procurei não passar muito cedo pela manhã ou tarde da noite por ali.

Quando ele narrava essas experiências dele, não sei se inventadas ou reais, eu ficava ao pé dele ouvindo, e ele sentado em uma cadeira de madeira e as vezes em um banco muito antigo que segundo ele teria recebido de um colega e tinha mais de cem anos. Ali eu ficava no chão sentado, ainda criança ouvindo essas histórias de meu avô. Uma outra narrativa que me lembro, é que dizia ele: uma vez fui no mato tirar alguns vegetais, mas quando cheguei perto de um riacho, vi um bocado de meninos negros tomando banho e pensei que fosse meus parentes, mas de repente quando fui se aproximando, aquelas pessoas sumiram e eu fiquei todo arrepiado e com a língua tão pesada e as pernas que não pude nem andar, e logo sentei em uma pedra. Meu avô narrava essas histórias para a gente, mas depois quando via que ficávamos medrosos, já mudava de conversa e narrava acontecimentos da vida dele, de quando era rapaz, dos namoros, dos forrós e das lutas diárias para criar a família.

Acredito que aprendi com o meu avô, o gosto por narrativas, memórias e histórias. Com ele também aprendi a ouvir. Isso tudo se associa bastante com o que diz Walter Benjamin sobre as raridades em se encontrar narradores, pois eu bem sei que a arte da narração é adquirida com tempo e experiência. Além do mais, aos 12 anos encontrei na roça, na zona rural de Araçagi, quando eu trabalhava limpando mato, com uma ferramenta chamada de enxada, uma prata de 1735 que me fez acender o desejo de ser historiador. E o fato de eu ter sido durante muito tempo professor da Escola Bíblica Dominical de teologia evangélica confessional, fez-me acender o amor pela docência. Assim, fui me construindo um professor-historiador, entre o espaço, tempo, experiência, vivência, amor e formação.

A ideia inicial para a realização desta dissertação tive em uma aula como aluno especial no PPGH-UFPB no ano de 2021 na disciplina de Tópicos Especiais em Ensino de História que tinha como professor João Batista Gonçalves Bueno. Quando na aula ele disse que a pesquisa parte da nossa realidade, e ele ainda estava falando sobre a importância da cultura e memória local para o ensino de História. Nesse momento, lembrei-me da arte em cestarias de meus ancestrais e quando eu perguntei a ele se as cestarias poderiam ser meu objeto de pesquisa, logo recebi a confirmação que sim. Fiz a minha tarefa final para a disciplina, um esboço do que foi posteriormente o projeto que submeti e foi aprovado no Programa de Pós-Graduação em História da UFPB. Recebi nota máxima na disciplina e ela foi aceita como quatro créditos no Mestrado após passar pela aprovação do colegiado.

APRESENTAÇÃO DO DESPERTAR

As recordações surgem como flashes de filmes antigos, muitas vezes desordenados; cenas [...] ricas de sensibilidades e imaginações. Atingir o limite da vida é uma experiência que potencializa a valorização das práticas de memória. Para mim, felizmente, não foi a hora de morrer! Quando observava [...] resignificava as memórias do passado, sendo que essas experiências ligavam-se ao meu presente. Nestes momentos, eu relativizava as experiências vividas [...], percebendo que a “memória é vida”, logo ela criava sentidos para entender, hoje em dia, o meu trabalho [...] que representam espaços de memória, sendo objetos dependentes do tempo, do espaço [...].

João Batista Gonçalves Bueno

Este estudo se trata de um levantamento de memórias sobre os cesteiros negros que moram na cidade de Araçagi e o uso dessas narrativas no ensino de história, por meio de oficinas didáticas. Procuro investigar formas de uso das memórias de pessoas comuns para ensinar História Local no ensino básico relacionando-a com a História do Brasil. Esta pesquisa foi desenvolvida na Escola Cidadã Integral Francisco Pessoa de Brito (ECI-FPB), que está localizada na cidade onde os cesteiros, sujeitos deste estudo, residem. Procuro por meio deste texto abrir possibilidades de ensino de história que contribua para a produção de reflexões sobre como os estudantes das escolas básicas podem conhecer as memórias e conhecimentos que foram produzidos nas pequenas cidades do interior da Paraíba. Para realizar isso, me baseei nas obras benjaminianas (Walter Benjamin), as quais estão profundamente ligadas às memórias narradas e expressam a busca do conhecimento como um despertar. Um despertar, por meio deste estudo, para reconhecer outras possibilidades de se ensinar história, por meio das memórias de pessoas comuns que foram deixadas no esquecimento durante muito tempo.

No que se referem aos sujeitos da minha pesquisa, eles residiram na cidade de Araçagi, e constituem-se de uma família de pessoas negras que se reconhecem e são identificados como a família dos balaeiros (cesteiros), por serem fazedores e vendedores de cestos. O recorte temporal que é apontado no título desta dissertação correspondente, entre os

2020-2023, deu-se baseado no tempo que comecei as entrevistas com os cesteiros até todos os processos das oficinas na escola, com as narrativas transcritas.

Entendo que a arte das cestarias faz parte da cultura material desta região paraibana, e por isso, trato o ato de fazer cestas como arte e não artesanato, pois a produção destes objetos envolve saberes encentrais uma estética própria e uma beleza que revela como determinada comunidade se relaciona com a natureza. Contraponho-me, dessa forma, ao conceito de arte que foi imposto pelas visões eurocêtricas. Visão que trata a arte europeia como a única possibilidade de estética e de beleza, hierarquizando e se sobrepondo as produções de objetos artísticos que outros povos não europeus produziram, ou seja, reduzem seus trabalhos a ideia de ser um mero artesanato ou obra de menor importância.

Portanto, o conceito de arte que adotamos entende que todos os objetos que tem como resultado o desejo de beleza, apresentam também uma orientação estética, e dentro da cultura a que se filiam, utilizando diferentes técnicas que balizam suas produções. Assim não deve fazer separação referente a ação da mão e a da mente, pois tanto uma como a outra são parte das ações que geram o objeto artístico (Ribeiro, 1980). “Trata-se, contudo, de uma via de acesso escolhida para se pensar sobre a cestaria como forma de arte” (Russi, 2004, p. 54). Eu me utilizo desse tipo de abordagem para me referir à produção das cestarias deste estudo.

A arte das cestarias pertence ao campo das experiências de vida e memórias dos trabalhadores pesquisados, é um conhecimento que, por meio das narrativas originadas das memórias, podemos entender, que foi repassada de ascendentes para descendentes. São rememorações e fazeres desta família, suas ancestralidades.

Nessa perspectiva, o objeto desta pesquisa consiste no levantamento, na seleção e no estudo das memórias dos cesteiros negros de Araçagi para estudar a história local no ensino básico. Trago neste texto a história de uma família de pessoas negras que residiam na cidade de Cuitegi-PB, vendiam seus trabalhos em cestos, de maneira constante, na cidade de Guarabira-PB, e, atualmente moram em Araçagi-PB. Isso tudo em um período que corresponde desde a década de 1970 até o tempo presente deste estudo. A minha intenção por pesquisar esse tema, surgiu entre 2018 e 2019, quando em contato com o professor João Batista Gonçalves Bueno, no PIBID/UEPB aprendi que era necessário levar esses conhecimentos tradicionais conectados ao currículo de história para trazer mais significado para o ensino de História e revelar outras sensibilidades, memórias, histórias e vivências, no ambiente escolar. No entanto, a justificativa do meu recorte temporal, do título da pesquisa, ser dos anos 2020 a 2023, deu-se, porque esse foi o período em que fiz as entrevistas com as pessoas e desenvolvi as oficinas didáticas no ECI-FPB.

Os cesteiros produziam os seus cestos nas cidades de Cuitegi, Araçagi e vendiam esses balaios nesses mesmos municípios, também comercializavam as suas produções na cidade de Guarabira no estado da Paraíba. Por isso, entendo que cestos usados para utilidades decorativas e para o dia a dia rural, no uso na agricultura, fazem parte da memória ou imaginário dos cidadãos dessas localidades.

As memórias dos cesteiros negros que trabalho nesta pesquisa apresenta modos de vida de pessoas comuns na cidade de Araçagi e nas demais cidades que eles andavam, do interior da Paraíba, na segunda metade do século XX. Utilizo essas narrativas como fonte histórica, mas também como recurso pedagógico para o ensino de história, sobretudo, local. Por esse motivo, uso esses relatos e conhecimentos dos trabalhadores cesteiros negros do meu estudo, em oficinas didáticas no ensino de história escolar.

Assim, esse estudo não ficou, somente, no âmbito das análises das memórias dessas pessoas. Eu levei para dentro da sala de aula e, com isso, ao narrar as memórias dos cesteiros para os estudantes solicitei que eles também trouxessem a tona suas memórias e de seus familiares. Assim foram construídas, na relação com as memórias que os estudantes produziram outras histórias. Dessa forma, em sala de aula relacionei as memórias dos cesteiros com o próprio cotidiano ou realidades dos estudantes, e depois parti para a atividade de escutar os alunos e também passei a ouvir as experiências deles.

Dessa maneira, neste estudo, que foi realizado por meio de uma ação de pesquisa-ação, com a qual podemos compreender e intervir nas situações de ensino-aprendizagem, nesse caso, eu observei as práticas de ensino colocadas nesta experiência e como elas se ~~concedem~~ criaram sentidos e significados novos, ou/e outros (Severino, 2013). Assim, neste trabalho de pesquisa fiz uso de estudos e mapas (cartografia) da Geografia, conceitos e práticas da Educação e, principalmente, percepções conceituais, de produção e de ensino da História.

Isto posto, faço menção tanto na estrutura quanto nas práticas deste estudo, do conceito de interseccionalidade (Akotirene, 2019), pois essa é uma maneira de perceber as influências simultâneas das várias identidades e as estruturas que se colidem e se conectam, se entrecruzam. Tendo em vista que as “avenidas identitárias” de classe, gênero e raça se entrecruzam neste trabalho de pesquisa. Com isso, a interseccionalidade busca compreender maneiras variadas de sensibilidades que se unem nas várias movimentações e cruzamentos da sociedade, principalmente, do povo negro. E “a interseccionalidade veio até nós como ferramenta ancestral” (Akotirene, 2019, p. 17). Ela é uma maneira de perceber o cruzamento de lutas, resistências e ressignificações, e de desobedecer ao modo costumeiro/eurocêntrico de

se produzir conhecimento, uma “desobediência epistêmica”, que não se limita às regras dos métodos eurocêntricos da produção do conhecimento. Portanto, “a interseccionalidade é, antes de tudo, uma lente analítica sobre a interação estrutural em seus efeitos políticos e legais” (Akotirene, 2019, p. 37). Desse modo, nesta pesquisa, observo questões sobre o mundo dos trabalhos dos negros cesteiros, relações sociais e de classe dessas pessoas, relações de gênero e raça, tanto dos cesteiros por meio de suas memórias, quanto dos estudantes tomando como fonte as suas narrativas escritas nas oficinas didáticas.

Nesse sentido, busquei a parceria com os estudantes que passaram a ser agentes construtores de conhecimento, com as suas próprias formas de saberes e sensibilidades individuais, mas que se conectam a outras histórias de pessoas comuns, como, por exemplo, os fazedores de cestas. Nesse sentido, essas pessoas que estudam na instituição escolar, são possuidoras de conhecimentos que devem ser respeitados, e essas realidades de vida dialogam com diferentes experiências e conhecimentos (Paim, 2005).

Nesse caso, o estudante não é um mero recebedor de saberes, mas construtor dos seus próprios conhecimentos, a partir de memórias de pessoas comuns. Seria mesmo, o que diz a Maria Carolina Bovério Galzerani (1998), portanto, o ato de trazer para o cotidiano escolar, as memórias locais, podendo transformar vivências em “experiências vividas”. E fazer, com essas práticas pedagógicas no ensino de história, com que os estudantes do ensino médio se percebam como integrantes da história, e, ao mesmo tempo, construtores do conhecimento histórico (Galzerani, 1998).

Nesse sentido, para ocorrer a compressão inicial de como se apresentam as narrativas dessas pessoas trabalhadoras, que fazem a arte dos cestos, é necessário, discorrer sobre alguns pontos do que encontrei por meio das entrevistas realizadas. Rememorações que foram usadas em sala de aula junto aos estudantes. Em entrevistas com uma integrante da família cesteira, por nome, Maria da Luz Mendes (2022), que também faz cestos, ela contou-nos que o seu avô, como a mesma denominou de “Pai Preto”, tinha uma ligação familiar com a cidade de Alagoa Grande, na Paraíba. Possivelmente, ele ia, mais especificamente, ao pessoal do quilombo Caiana dos Crioulos¹, localizado neste município, mas que ele teria se estabelecido na cidade de Cuitegi e Araçagi.

Geograficamente, existe uma proximidade entre as cidades de Cuitegi-PB, na zona rural, por nome de Palmeiras, lugar onde habitaram essas pessoas da minha pesquisa, e a

¹ Grupo quilombola da Paraíba no município de Alagoa Grande, cidade próxima a Cuitegi onde fica localizado o sítio Palmeiras, localidade onde morou esta família. Com isso, para desenvolver nosso estudo e para observar as nossas hipóteses utilizaremos o método da História Oral.

comunidade quilombola de Caiana. O que pode indicar que a família dos cesteiros deste estudo, pode ter raízes ancestrais no mocambo supracitado (Mendes, 2021). Sendo assim, percebemos uma movimentação desse cesteiro nessas cidades do interior paraibano.

Já na década de 1950 teria sido o período em que Antonio Mendes Ferreira (este é o genitor, o qual teria repassado a arte para os seus filhos, inclusive Maria da Luz, falecido em 31/10/2007), juntou-se com a Antonia Benedito dos Santos (falecida em 17/02/2013) (Mendes, 2021). Este casal, que é a matriarca e o seu esposo, já falecidos, mas teriam sido eles que repassaram os conhecimentos da técnica dos cestos aos seus filhos. Mesmo assim, essas narrativas não demonstram somente a relação dessa família com a arte das cestarias. Mas também, maneiras de vida de pessoas negras e de vida simples, no campo, do interior do estado da Paraíba, em momentos, nos quais o Brasil passava por processos políticos, como o pós Estado Novo (1937-1945). Na década de 1950, o país passava por um momento de redemocratização política, enquanto, nessas regiões interioranas, do estado paraibano, essa gente negra buscava as suas maneiras de vida, as quais tinham as suas várias dificuldades e sem ajuda mais efetiva do Estado brasileiro.

Assim ele (Antonio Mendes) teria começado a produzir balaies e cestos tanto para utilizar na colheita da roça familiar quanto para vender e ajudar na renda em casa, conforme narrou Maria da Luz (2021). Esta arte ele aprendeu do seu pai, homem negro filho de ex-escravizados e neto de escravizados e sua mãe, por nome de Faustina (já falecida) de origens afro-indígenas que eram cesteiros. Desta forma, Antonio Mendes também repassou aos seus filhos esta técnica, como se fosse um legado da família, e eles ainda produzem atualmente (Mendes, 2021).

Escolhi a espacialidade que contempla a atual Região Geográfica Imediata de Guarabira (IBGE, 2017) para este trabalho, porque Antonio teria nascido ainda nas primeiras décadas do século XX na cidade de Cuitegi em um sítio chamado de Palmeiras (uma localidade na zona rural desta cidade e localizada entre matas e montanhas). Ele teria constituído neste local a sua família e aprendido com seus pais a arte dos cesteiros e repassado para os filhos, que aprenderam a trançar o cipó e a taboca² (materiais de vegetais da região dos quais eram feitos os balaies e cestos). Nesse território geográfico imediato, estabeleceram-se em casas de pau a pique; camas de esteiras e varas; fogão a lenha (madeiras cortadas nas matas); piso de chão batido e portas de varas com palhas trançadas e trançado em

² Os familiares descendentes, atualmente, que fazem cestos no presente, fazem do cipó e da cana braba, este último material bem diferente da taboca, matéria prima que era realizada, nesses primeiros cestos por Antonio. O que nos leva a entender que dependendo do local, muda-se também o material para a realização da arte em cestos.

folhas de coqueiro que também era usado para o telhado da moradia. São experiências como essas que precisam fazer parte do ensino de história, ainda mais, numa escola interiorana como o ECI-FPB.

Sendo assim, a problemática deste estudo é a seguinte: A cestaria constitui um conhecimento/fazer cultural, das cidades, onde os sujeitos, de nossa pesquisa passaram/viveram? A cestaria é uma prática recorrente entre as famílias negras nas cidades das passagens e vivências das pessoas deste estudo? De que modo o conhecimento/fazer das cestarias chegou a contemporaneidade? Qual o papel da família Mendes na preservação e manutenção do conhecimento/fazer cestaria? Qual a relação entre a história da gente negra, nas cidades das vivências desses familiares, e a cultura das cestarias? Como os conhecimentos sobre as cestarias e as memórias dos cesteiros podem auxiliar professores/as da educação básica, a contarem outras memórias, histórias, experiências vividas e sensibilidades nas cidades das vivências dessas pessoas? Com isso, o problema desta pesquisa está relacionado ao objeto, ou seja, a abordagem das memórias desses fazedores de cestos no ensino de história local, por meio de leituras e debates em sala de aula com os estudantes.

Nesse sentido, de forma hipotética posso expressar, que a arte dos cesteiros em meio a este grupo familiar, acima citado, contribuiu diretamente para a permanência e relações não somente culturais, como também da própria constituição da memória e identidade familiar dessa gente. Ainda posso evidenciar que esta arte, que era repassada dos mais velhos para os mais novos, em reuniões da família à noite para trançar os vegetais, foi deixada como legado ancestral, por Antonio Mendes e também seus familiares, para seus filhos como uma herança de subsistência. A pouca imersão desta família nos meios educacionais formais, condicionou ou propiciou essas pessoas, a produzirem os seus próprios modos de ensinar, e ensinando a arte de uns para os outros, posso entender isso como uma forma de educação não formal.³ Em vista disso, como hipótese, reforço que a movimentação de levar essas experiências através das memórias dessa família para a sala de aula contribuirá para que os estudantes conheçam a sua história local e criem identidade com as pessoas e narrativas expostas.

O objetivo geral deste estudo é: compreender como as memórias dos cesteiros negros Araçagienses podem contribuir para o ensino de história local na escola ECI-FPB. O primeiro objetivo específico desta pesquisa é: construir a trajetória da história de vida dos cesteiros negros de Araçagi, utilizando as memórias obtidas com eles como fonte. O segundo objetivo específico deste estudo é: utilizar as memórias dos cesteiros negros Araçagienses, como

³ A educação não formal está muito associada ao ensino que ocorre fora da sala de aula.

ferramenta pedagógica, para o ensino de história no ECI Francisco Pessoa de Brito. O terceiro objetivo específico deste trabalho é demonstrar como se desenvolveu as oficinas didáticas de história, junto a estudantes do ensino médio, na Escola Cidadã Integral Francisco Pessoa de Brito.

Para tanto, disponho de fotografias do casal e dos seus descendentes⁴, e ficha que conseguimos no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araçagi, a qual confirma sua esposa, Antonia Benedito, como agricultora. As narrativas que contêm as memórias dos filhos e netos do casal, foram obtidas em entrevistas, em História Oral, este foi o método, pelo qual consegui acessar as memórias. “Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "Memória oficial" [...]” (Pollak, 1989, p. 4).

Parte das memórias consegui por meio de entrevistas com os sujeitos desta pesquisa, indo com eles para dentro do mato, na retirada dos vegetais, e em meio ao processo eu ia registrando e após transcrevendo as narrativas que surgiam. Outras partes das entrevistas eu obtive, levando-os aos lugares das memórias deles, e outras vezes nas casas dos mesmos, geralmente, quando estavam tecendo os cestos. Eu adquiri as narrativas por meio das seguintes pessoas: os netos do casal, por nomes Milena Mendes Ferreira e Marcos Antônio Mendes; com os filhos Maria da Luz Mendes, Severino Mendes Ferreira e João Mendes. E com o genro do casal que os conheceu e teve a experiência de vê-los fazendo cestos e também aprendeu a fazer e faz no presente, é este o esposo de Maria da Luz, por nome João Augusto da Silva. Todos esses moradores da cidade de Araçagi-PB.

Dessa forma, por meio dessas outras memórias, eu saio das percepções da história oficial e trago à tona sujeitos, memórias e histórias, que foram por muito tempo esquecidas pela historiografia e pela instituição escolar. A concepção historiográfica eurocêntrica, de cunho colonialista se direcionou, durante um longo período, por perspectivas, as quais invisibilizaram o homem do campo, sujeitos pobres e negros, espaços, memórias e experiências da grande massa popular. O professor/pesquisador/historiador deve se posicionar de modo oposto à visão eurocêntrica na sua produção e nas maneiras de ensinar, em contraposição aos vários produtos historiográficos e de ensino que se pautam pela noção do eurocentrismo. E daí trazer a visibilidade, sujeitos, memórias e experiências da massa social,

⁴ Essas fotografias são analisadas com base em produções de meu orientador João Batista Gonçalves Bueno que é especialista na área, e de Georges Didi-Huberman que trabalha com imagens. Ainda mais, as imagens dos familiares que fazem cestas no contemporâneo, foram registradas por eu, em pesquisas de campo.

das pessoas que foram apagadas da história. Para isto, a História Oral pode evidenciar acontecimentos esquecidos pela história centralizada na Europa, com isso, dando visibilidade a outras memórias, histórias e sensibilidades, como em meu estudo, as de pessoas negras trabalhadoras e estudantes do ensino médio do interior paraibano.

Essa questão se torna de suma importância na discussão acadêmica, pois contribui para o conhecimento e ampliação dos debates historiográficos ou produções historiográficas da história das massas populares e também de outros meios de se ensinar história. Trazendo ao ambiente historiográfico e escolar outras realidades. Assim, este estudo se relaciona com a história vista por baixo. Nesse caso, oportunizando a abordagem de experiências de vida e narrativas, por meio, da história e memória do homem do campo, dos negros e afrodescendentes, afro-indígenas e das camadas populares em pesquisas científicas realizadas na escola básica. Ou seja, propondo a evidência de outras memórias e produções de conhecimento, e percepções de mundo, no conhecimento construído dentro da sala de aula.

Isto posto, os direcionamentos colocados nesta pesquisa, além de contribuir para a ampliação da produção científica neste tema, traz à tona a história de uma família da classe trabalhadora brasileira, negra e descendente afro-indígena. Com isso, possibilitando uma maior inserção na historiografia da história de pessoas que foram invisibilizadas ou mesmo apagadas do processo de formação social e cultural dos seus respectivos espaços de vivência e memória, desse modo, dando mais relevância e visibilidade à produção acadêmica, nesse sentido, ao evidenciar os não visibilizados na história. Ainda mais, neste estudo essas experiências dessa gente da massa popular são levadas para dentro da sala de aula, para o ensino de histórias/memórias outras, no contexto escolar.

Nessa dimensão, se torna necessária a elucidação da história da “gente comum”, como diria Edward Palmer Thompson (1966), que é distinta da história oficial. Seria então, a escrita historiográfica e o ensino da história acerca dos trabalhadores da massa popular, a história da cultura popular, da população tradicional, da cultura dos trabalhadores e as suas movimentações em busca de melhorias. É, realmente, escavar em direcionamento contrário da dita história eurocêntrica e observar as mudanças de vida do povo; é preencher lacunas deixadas pela narrativa oficializada e não ir por esta linha historiográfica e do ensino de história sobre os vencedores. É perceber também os modos populares de aprendizado, como o ensino de um costume ou tradição de uma geração à outra ocorre, levando em consideração os relatos sobre os fazeres culturais e da educação popular.

Essa é uma visão em oposição à história que centra na Europa. Sendo, portanto, uma maneira de entender os sujeitos como constituidores de suas histórias, com seus próprios

hábitos, costumes e tradições. Com isso, se dá atenção às experiências, ou experiências das vidas das pessoas nas entrelinhas e compreende-se, assim, como a cultura se faz em relevante dinamicidade e com interação. Quando me refiro as narrativas dos sujeitos deste estudo, se é perceptível nas memórias deles, uma dinamicidade acerca dos modos de trabalhos dessa família cesteira, pois eles narram que trabalhavam em serviços como agricultura, agave e em trabalhos alugados para possuidores de terras da época.

Dessa forma, focando a atenção nas culturas populares, nos seus costumes, é mais viável perceber que “o costume é mais perfeito quando tem origem nos primeiros anos de vida: é o que chamamos de educação, que, com efeito, não passa de costume adquirido” (Thompson, 1998, p. 14). O E. P. Thompson é um importante contribuidor para a história da educação ou para compreender as próprias relações dentro das escolas. Sendo assim, a abordagem de suas contribuições, neste estudo, se faz importante para compreender tanto a relação de ensino do costume ou tradição das cestas dos cesteiros para os seus filhos e parentes, como também para desenvolver as oficinas didáticas na escola ECI-FPB.

Este trabalho tem o seu devido grau de originalidade. A delimitação do tema, a metodologia utilizada, o recorte cronológico e espacial e o próprio objeto e os sujeitos escolhidos para a realização desta pesquisa. Elementos como os desdobramentos do estudo conferem particularidades a este estudo. É de se destacar que os nomes das pessoas envolvidas neste projeto são, especificamente, os sujeitos que fazem parte do objeto de pesquisa, ou que narram as suas experiências. Narrativas que versam sobre alguns familiares já mortos e acerca de outros ainda vivos, portanto, foram com essas pessoas que já foram nomeadas, anteriormente neste texto, que foram realizadas as entrevistas.

Este trabalho foi viável, pois as fontes das narrativas e fotografias, parte estavam num arquivo pessoal do pesquisador e outras foram conseguidas em acompanhamento na pesquisa de campo, e as entrevistas foram realizadas na medida em que o estudo foi decorrendo, pois, os indivíduos desta família tinham disponibilidade para isso, nesse caso, estavam disponíveis para a realização de todos os processos necessários para a execução das contribuições narrativas por meio das memórias deles. Além disso, as oficinas desenvolvidas na escola ocorreram com a direção do ECI-FPB tendo conhecimento de todos os processos que foram realizados.

É nesta perspectiva que o meu estudo se direcionou a compreender os sentimentos e experiências no espaço em que essa gente viveu, por meio das memórias desse grupo familiar acerca das suas produções em cestas, atividades laborais e vivência e essas narrativas no ensino de história. Além disso, esta análise se adequou à abordagem da memória do local, no

que se refere ao silenciamento das lembranças de pessoas das classes mais desfavorecidas, e, com isso, levei esses conhecimentos para o ensino regular. Por isso, as especificidades das perguntas que norteiam este estudo científico se ordenam à linha de pesquisa, do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba, por nome de Ensino de História e Saberes Históricos, no qual desenvolvi este estudo.

Com isso, para realizar esse trabalho faço uso da História do Tempo Presente (HTP). Para entender o que se apresenta nas memórias acerca da produção dos cestos atualmente, “experiências vividas” e atividades laborais do passado desses sujeitos fazedores de cestas. Na finalidade de compreender a relação com a própria identidade da família. Tendo em vista que havia um modo de ensino não formal, ou seja, os mais velhos ensinavam a arte para os mais novos, neste caso, de pais para filhos ou de parente mais velho para mais novo, como se fosse uma herança familiar. E como levei essas narrativas dessas pessoas para dentro da sala de aula, e pedi que os estudantes escrevessem em uma folha as suas percepções referentes ao assunto abordado, realizarei interpretações do que esses alunos escreveram após as oficinas.

Desse modo, no capítulo vindouro, aborda-se a trajetória do casal cesteiro e da sua família tomando as memórias como fontes. No segundo tópico eu trouxe as memórias que usamos em sala de aula como fonte e realizei debates teóricos sobre assuntos conectados. No terceiro momento desta pesquisa, trago as oficinas didáticas que realizei na escola de ensino médio integral e as análises realizadas acerca desses trabalhos escolares.

1 MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE VIDAS DOS NEGROS PRODUTORES DE CESTAS DE FIBRAS VEGETAIS NA REGIÃO GEOGRÁFICA IMEDIATA DE GUARABIRA

Quando volto a esses lugares lembro como era o meu cotidiano

O filósofo Walter Benjamin encara a memória como um conhecimento, mas atravessado por uma dimensão mais ampliada do ser humano. Ou seja, é esquecimento, é ao mesmo tempo afetividade, é consciência e inconsciência. É o entrecruzamento de presente e de passado, de diferentes visões de mundo, diferentes sensibilidades.

Maria Carolina Bovério Galzerani

Escrever acerca das memórias dos cesteiros negros desta pesquisa, não é, ~~escrever~~ registrar somente sobre o que, possivelmente, eles foram, fizeram ou disseram, mas também narrar sobre o presente deles. Sabendo que a escrita é a possibilidade de se manter no tempo e no espaço, por muitos períodos e alcançar outras realidades geo-sociais.

Com isso, essa movimentação de escrita, no que concerne, aos resquícios do passado dos Mendes cesteiros, por meio, de suas memórias, é também um ato de ressignificar e criar identidade no presente, percebendo que o legado ancestral deles se faz presente nas suas práticas de memória, através do fazer cestos e da vida cotidiana. Nesse caso, o ato de fazer cestos das pessoas dessa família e as outras mobilizações cotidianas aguçam neles a memória que seus ancestrais deixaram com essas pessoas no presente. É como se a memória tivesse “suas expressões materiais” (Rodriguez, 2021, p. 12).

Nesse sentido, os lugares que os cesteiros habitaram, passaram, fizeram cestos, trabalharam na agricultura familiar e em serviços alugados, podem ser considerados como os lugares de memórias dos mesmos. “Inicialmente é preciso ter vontade de memória. Na falta dessa intenção de memória os lugares de memória serão lugares de história” (Nora, 1993, p. 22). Desse modo,

Os lugares de memória pertencem a dois domínios, que a tornam interessante, mas também complexa: simples e ambíguos, naturais e artificiais, imediatamente oferecidos à mais sensível experiência e, ao

mesmo tempo, sobressaindo da mais abstrata elaboração (Nora, 1993, p. 21).

Dessa forma, as localidades que esses sujeitos negros cesteiros deste estudo passaram, trabalharam e viveram fazem parte da trajetória e das memórias dessas pessoas. Nesse caso, os lugares das memórias dessa gente, demonstram-se de maneira simbólica, visto que esses espaços fazem parte das suas rememorações. Assim,

Um *lugar de memória*, [...] é [...] a significação simbólica, memorial - portanto, abstrata - dos objetos que podem ser materiais, mas na maior parte das vezes não o são. Na verdade, existem somente lugares de memórias imateriais, senão seria suficiente que falássemos de memoriais (Nora, 2010, p. 30).

Desse modo, nessas localidades que esses sujeitos viveram, trabalharam tanto com cestas, quanto em outras atividades rurais para subsistência familiar, são lugares, nos quais tem sentimentos e significados próprios e ajudam essas pessoas no processo de rememoração. Nesse sentido, veremos a região onde se localizam as cidades que são os lugares de memória dessa família, nos quais realizei os diálogos com essas pessoas para a realização deste estudo.

1.1 Localização da área deste estudo: lugares das memórias dos cesteiros

No intuito de demonstrar a localização, ou a geografia percorrida pela família dos cesteiros⁵ de minha pesquisa, fiz neste tópico, discussões a respeito dos aspectos regionais das cidades que apareceram nas memórias que coletei. Ou seja, o meu recorte espacial. Conforme alguns dos relatos obtidos, essas pessoas negras, moraram, trabalharam em atividades da agricultura, fizeram e venderam cestos pelas cidades de Cuitégi, Guarabira e Araçagi (Mendes, 2022).

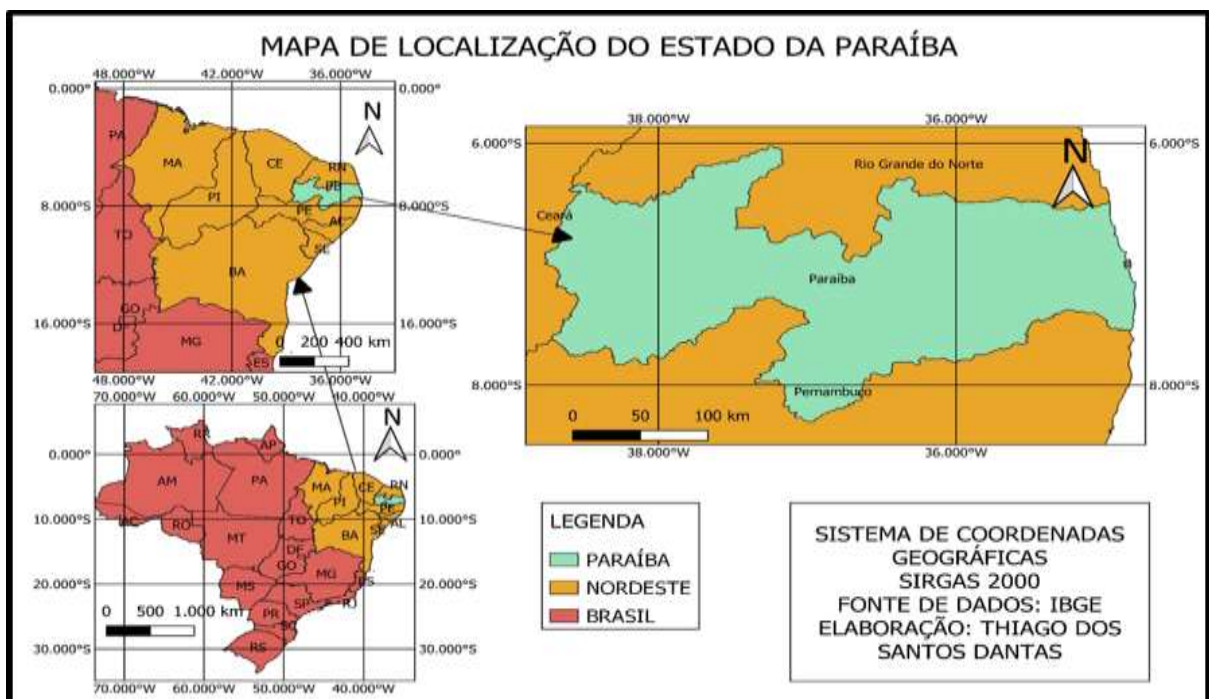
Nesse caso, essas três cidades, atualmente, correspondem a Região Geográfica Imediata de Guarabira e a Região Geográfica Intermediária de João Pessoa (IBGE, 2017). Antes de aprofundar mais a respeito da área da minha pesquisa, vejo como necessário demonstrar onde se localiza o estado da Paraíba, referente ao país.

⁵ Deixamos bem evidente, que como a prática da feitura de cestos é bastante realizada nesta Região Geográfica Imediata de Guarabira. Ou seja, é uma atividade desenvolvida por outras pessoas, não objetivamos com este estudo limitar a arte das cestarias somente a família Mendes, mas tomamos ela como sendo as pessoas deste estudo, pela nossa própria delimitação de pesquisa. Nesse contexto regional existem outros indivíduos cesteiros, para além, dos que foram entrevistados e as memórias estudadas por esta investigação científica, os quais não fazem parte desta família.

“A Paraíba possui 223 municípios [...]. Faz limite com Rio Grande do Norte, Pernambuco, Ceará, além do Oceano Atlântico” (IBGE, 2017, n./p). No último censo de 2022, a quantidade populacional foi estimada em 3.974.495 pessoas. A densidade demográfica, neste mesmo ano, era de 70,39 cidadãos por quilômetro quadrado. Sobre os dados educacionais deste estado, em 2021 foram realizadas no ensino fundamental 540.919 matrículas e no ensino médio 147.866 estudantes matriculados (IBGE, 2023).

Já em 2022 esse estado brasileiro possuía um índice nominal domiciliar mensal per capita de menos de um salário mínimo. Em 2010 o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da Paraíba era de 0,658. E em 2019 tinha uma área urbana de 680,32 km². No ano de 2022 a área da unidade territorial constava em 56.467,242 km² (IBGE, 2023). Ou seja, esses dados demonstram que este é um estado do Nordeste do Brasil de um porte pequeno. Observe o mapa a seguir.

Mapa 01: Localização do estado da Paraíba.



Fonte: Elaborado a partir do IBGE, 2023.

Neste mapa, está exposta, a referência do estado da Paraíba em relação a sua localização no Brasil e Nordeste, porque, os sujeitos do meu estudo são paraibanos. É importante destacar que há uma relação natural entre a movimentação realizada, pelos corpos negros dessa gente cesteira, com as suas experiências de vida, que se relacionam ao próprio estado, região, ou cidades, nas quais, essas pessoas passaram e viveram. “Mais uma vez,

homem, espaço e tempo aparecem como três fatores indissociáveis” (Barros, 2006, p. 468). Nesse sentido, o espaço e tempo, constituem-se partes que se completam na história de vida dessas pessoas da minha pesquisa.

São nesses lugares e nas temporalidades delimitadas neste estudo, nos quais as memórias desses sujeitos aconteceram. Com isso, “Se o Espaço está sujeito aos ditames do Tempo, por outro lado a Temporalidade também está sujeita aos ditames do Espaço e do meio geográfico” (Barros, 2006, p. 468). Dessa forma, em conformidade com o meu estudo, percebe-se que os espaços em que essas pessoas vivenciaram as suas experiências foram também, nos quais estão associadas as suas memórias de vida.

As três cidades que correspondem a limitação espacial desta pesquisa, as quais são Araçagi, Guarabira e Cuitegi, localizam-se na Região Geográfica Imediata de Guarabira e na Região Intermediária de João Pessoa (IBGE, 2017). Observe o mapa seguinte.

Mapa 02: Localização da área das diásporas internas dos cesteiros negros paraibanos



Fonte: Elaborado a partir do IBGE, 2023.

Neste mapa está a referência a cidade de Araçagi. Este município, conforme o IBGE (2022), tem uma população estimada de 16.646 pessoas. A área territorial equivale a 232,177 km². Com uma densidade demográfica de 71,70 moradores por quilômetro quadrado (IBGE, 2022). O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2021) constam que a média salarial dos trabalhadores formalizados dos araçaigenses é de 1,8 salários mínimos. O setor

urbanizado é de 3,83 km² (IBGE, 2019). Em âmbito estadual a respeito do Produto Interno Bruto, a posição municipal está em cento e vinte cinco, com o PIB per capita de 10.050,25 reais (IBGE, 2020). A média de escolarização da educação dos 6 a 14 anos de idade é de 95 % (IBGE, 2010). Esta povoação fica a 83,3 quilômetros da capital João Pessoa, tomando o percurso pela via BR-101 e PB-057.

Já o município de Cuitegi é o outro local desta pesquisa. Tem uma população considerada no último censo em 6.730 pessoas, ela é uma pequena cidade do interior. A sua densidade demográfica é de 159,89 pessoas morando por quilômetro quadrado. O seu território atual corresponde a 42,091 km² (IBGE, 2022). O PIB é de 9.171,33 reais (IBGE, 2020). E a sua área com urbanização é 0,83 km² (IBGE, 2019). Sobre a porcentagem, da escolarização dos 6 aos 14 anos de idade, é de 96,5 % (IBGE, 2010). Tendo uma média salarial mensal de 1,7 salários mínimos por trabalhadores em regime formal (IBGE, 2021). Saindo de João Pessoa, capital paraibana, e indo pela BR-230, e seguindo na PB-063, Cuitegi fica a 103,5 quilômetros de distância.

Esta outra povoação do mapa, que é Guarabira, é socialmente conhecida como a “Rainha do Brejo” paraibano, esta é uma afirmativa de cunho popular difundido pela região. Esta cidade tem uma população com a estimativa no último censo de 57.484 pessoas. A sua densidade demográfica é de 353,99 cidadãos por quilômetro quadrado. A respeito da área territorial, esta localidade tem 162,387 km² (IBGE, 2022). Com uma zona de urbanização que corresponde a 9,43 km² (IBGE, 2019). O PIB (Produto Interno Bruto) municipal per capita é de 17.860,46 reais (IBGE, 2020). A escolarização tem como percentual 95,7 %, entre as crianças e adolescentes de 6 a 14 anos de idade (IBGE, 2010). Os habitantes que trabalham formalmente recebem em média 1,5 salários mínimos (IBGE, 2021). De João Pessoa, capital, para Guarabira, o trecho mais perto é a ida pela BR-101 e após PB-057, passando pelas cidades de Mamanguape, Itapororoca e Araçagi, o que equivale a 96,4 quilômetros de distanciamento.

Ainda acerca de que no senso comum nomear a cidade de Guarabira como sendo o “Brejo Paraibano”, nisso há uma confusão imensa atualmente, a qual foi difundida no meio social deste município e dos municípios circunvizinhos ao chamar ela como “Rainha do Brejo Paraibano”. Esse é um pensamento do senso comum que foi também muito difundido pelos radialistas locais (Neto, 2023). Em entrevista, com o professor do departamento de geografia da UEPB, campus III em Guarabira, Dr. Belarmino Mariano Neto, ele disse:

É um erro geográfico denominar a cidade de Guarabira e cidades circunvizinhas como brejo, pois essa região do brejo é bem delimitada. A antiga microrregião de Guarabira não tem nada a ver com brejo ou de ser a Rainha do Brejo. Orientei dois TCCs desfazendo esse mito. No máximo pode se dizer que Guarabira fica próximo, ou no entorno do brejo paraibano, mas nenhum dos municípios da antiga microrregião de Guarabira fazem parte do brejo. O brejo corresponde a cidades como Bananeiras, Serraria, Borborema, Pilões, Areia, Alagoa Nova, Matinhas e Alagoa Grande (Neto, 2023. Informação verbal).

Inclusive, sobre essa questão, o Prof. Dr. Belarmino ainda disse que orientou uma monografia de conclusão de curso sobre esse tema, com o título: “O município de Guarabira e sua inserção na Mesorregião do Agreste paraibano: “Uma Rainha sem trono”, no ano de 2007. O qual foi readaptado e fez parte de um livro que ele organizou. Conforme me relatou o Dr. Belarmino, no trabalho, a sua ex-orientanda Claudete Pereira do Nascimento, demonstra que a cidade de Guarabira não é e nunca foi Brejo, trazendo, ainda, mapas de Irineu Joffre, do século XIX, mostrando essa questão (Neto, 2023). Apesar de ser um erro geográfico, Guarabira como a “Rainha do Brejo”, ou seja, como a cidade referência que faz parte do brejo paraibano, essa denominação e sentimento ficou no imaginário social, tornando-se, com isso, algo costumeiro ao local reconhecê-la desta maneira. Dando prosseguimento,

Essas três cidades, Guarabira, Araçagi e Cuitégi, estão na antiga Microrregião de Guarabira e na outrora Mesorregião do Agreste, até o ano de 2017. A partir daí, na nova divisão, elas ficam na Região Imediata de Guarabira; como desde 2017 o IBGE formulou uma nova regionalização com base na hierarquia urbana, então, Guarabira tornou-se parte da Região Intermediária de João Pessoa (Neto, 2023. Informação verbal).

Atualmente, a Região Geográfica Imediata de Guarabira faz limite com outras regiões geográficas imediatas e um estado brasileiro. Ao leste faz extremo com a Região Geográfica Imediata de Mamanguape - Rio Tinto; ao oeste divisa com a Região Geográfica Imediata de Cuité - Nova Floresta; ao norte com o estado do Rio Grande do Norte; e ao sul com a Região Geográfica Imediata de João Pessoa e a Região Geográfica Imediata de Campina Grande (Castro, 2017).

Estas cidades, portanto, de Cuitégi, Guarabira e Araçagi têm uma predominância em sua vegetação de caatinga⁶. Isso me faz entender em qual vegetação os cesteiros, de minha pesquisa, procuravam os seus materiais para construírem os seus cestos. Além disso, com esse

⁶ Entender a vegetação dessas cidades pode ajudar-nos a dimensionar melhor em que matas, ou áreas de campos, os cesteiros pegam/pegam os vegetais para construírem a arte popular, e para esta família com rapidez ancestrais, dos cestos.

quadro que demonstrei, podem-se perceber as dimensões geográficas em que se localiza este estudo. No caso, os municípios, nos quais passaram e viveram esta família de pessoas negras. Isto, ajuda-me a compreender o espaço em que eles trabalharam, viveram e andaram, o qual faz parte das suas memórias.

1.2 Nos passos das diásporas internas dos cesteiros negros paraibanos

Nessas cidades eles (Antonio Mendes e Antonia Benedito e seus filhos) influenciaram e foram influenciados pelo meio social que viveram, como por exemplo, o ambiente da feira de Guarabira, onde vendiam constantemente entre os anos de 1970 e 1975 os seus cestos (Mendes, 2022). Esses sujeitos, na escassez dos materiais para fazer a arte de cestas no seu espaço geográfico, ou seja, a falta de fibras vegetais, como o cipó e a cana braba⁷, eles viviam de outros meios como a agricultura (Mendes, 2023). Para se adaptar à falta de algumas fibras nas matas, ocorreu uma mudança no próprio material que era usado. Antes, entre as décadas de 1960, 1970 e 1980, usavam um material chamado de taboca, com a falta dela na região passaram a fazer da canabrava (Mendes, 2022). A questão é que os municípios, nos quais essa família viveu foram também os locais onde fizeram, venderam os seus cestos e trabalharam em suas roças, na agricultura. Foi nessa localização, da atual Região Geográfica Imediata de Guarabira, que Antonio Mendes Ferreira e Antonia Benedito da Conceição, casal de trabalhadores, viveram, trabalharam e criaram a sua família em uma vida simples e comum.

O cesteiro Antonio andou e viveu pelas cidades de Cuitegi, Guarabira e Araçagi com a sua família e, isto, foi possível perceber através dos diálogos que eu tive com os seus familiares. Nesse sentido, entre as cidades de Cuitegi, mais especificamente no sítio Sapucaia, Guarabira e Araçagi na antiga Fazenda Nova, era o percurso/trajeto do casal de nossa pesquisa e seus filhos, na busca por melhores condições de vida na época, entre as décadas de 1960 e 1970. Na rememoração a seguir, sobre as viagens dessa família, os acontecimentos expostos teriam ocorrido entre os anos de 1974 e 1975.

⁷ Conforme um dos relatos da cestaria que faz parte da família, Maria da Luz Mendes, no ano de 2023, o cipó tem faltado bastante, porque muitas das matas que tinha foram derrubadas para a plantação de abacaxi e criação de gado, e quando nasce nos cercados bovinos, esses animais pisam e matam o cipó. Já a cana braba acabou mais no final do ano de 2022 para o início do ano de 2023, por causa de uma cheia do rio no ano de 2022, tendo em vista que esse material fica à beira do Rio Araçagi. Link de fotos onde pode-se observar o Rio Araçagi e as canas brabas e os cipós que foram encontrados pelos cesteiros com muita dificuldade no ano de 2022: https://drive.google.com/drive/folders/1SJ-LvmntVF4utxluKzY38NrvPwLWADY1?usp=share_link.

Quando a gente saiu de Sapucaia eu já tinha uns 18 para 19 anos, porque a gente não morava nesse lugar nem dois nem três anos. Era uma mudança de ano em ano. Era de lá, Sapucaia pra Fazenda Nova (Araçagi), quando fazia um ano e pouco por aí que tava em Fazenda Nova a gente voltava pra cá (Sapucaia) de novo, e assim fomos levando o tempo até o tempo que foi que a minha mãe adoeceu, mas não foi doença de morte não, foi uma pneumonia. Aí a família dela, pai e mãe tudinho morava em Fazenda Nova (Araçagi), aí lá era mais difícil pra ela se tratar, curar e cuidar da gente (filhos). Então, foi na vez que a gente veio de uma vez pra cá (Araçagi), construímos uma casa no Castelo Branco e depois a gente foi para o Santo Amaro (bairros) aqui em Araçagi e ficamos e até hoje nós vivemos por aqui (Mendes, 2022. Informação verbal).

É necessário observar que nesta narração acima transcrita, eram frequentes as movimentações espacial, da família dos cesteiros Antonio e Antonia, entre o sítio Sapucaia na cidade de Cuitegi e na zona rural de Araçagi em Fazenda Nova⁸, até se estabelecerem em um dos bairros desta última cidade, por nome de Castelo Branco, onde construíram uma casa. Pela idade que Maria da Luz informa no trecho transcrito, no caso, tendo ela atualmente em 2023, 67 anos de idade, a data dessa memória se situaria entre os anos de 1974 e 1975. Este era um período, na história do Brasil, em que o país estava passando por um regime de Ditadura Militar. O interessante é que o relato revela como essa família conseguiu tratar a doença de Antonia cesteira nesse momento, isso ocorreu, de acordo com o relato, de forma colaborativa entre os familiares. Ou seja, enquanto ela cuidava da saúde, os familiares ajudavam com os afazeres do lar e o cuidado com os mais novos. Nesse sentido, havia entre essas pessoas um regime de colaboração.

As memórias expostas e citadas na parte da entrevista, que foi acima colocada, sobre os espaços que foram habitados pelos sujeitos deste estudo, percebemos que são os locais onde os seus cotidianos de interior ocorreram na segunda metade do século XX. Nesse sentido, essas pessoas percorreram as cidades de Cuitegi, Guarabira e Araçagi em busca de

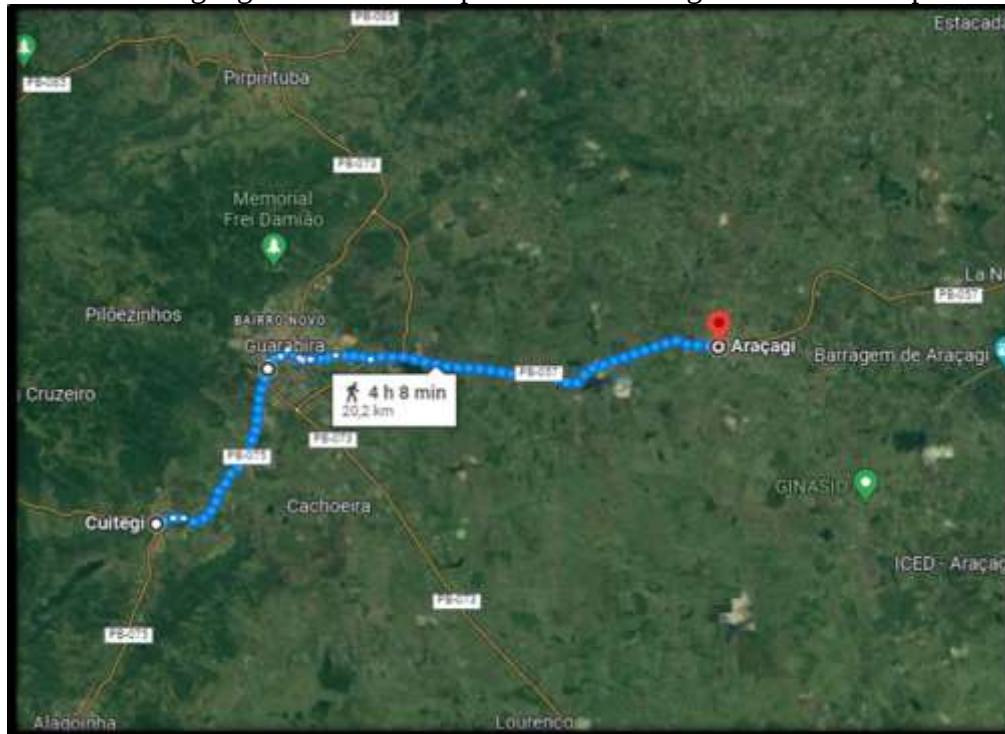
⁸ Esse local se situa em Araçagi, na época em que se deu essas memórias ele era compreendido como Fazenda Nova, mas atualmente é conhecido como Assentamento Tainha, onde levei Maria da Luz e realizei entrevistas com ela, nos possíveis lugares que ela viveu lá. Na ida ao lugar de memória, ou um local em que os cesteiros viveram, na antiga Fazenda Nova, eu disse a Maria da Luz que íamos continuar com as entrevistas nas paisagens onde ela morava com os seus pais e irmãos. Nesse dia, informei isso a ela pela manhã e pela tarde, antes da hora marcada, a mesma, chegou no portão da minha casa, já com os cabelos penteados e com roupa a estilo dela e também perfumada e então seguimos. Percebi que a cesteira Maria ficava bastante ansiosa para ir aos locais que morou, pois segundo esta mulher negra, isso fazia ela lembrar de como foi o dia a dia dela (Mendes, 2023). Percebi que os olhos dessa idosa brilhavam quando voltava aos lugares que havia morado quando pequena. Nesse local ela falou que foi na década de 1960, a partir de 1963 que moraram nesse local (Mendes, 2023). Ela perguntou logo, ao homem que estava naquele lugar, se esse era o primeiro açude e ele respondeu que sim, e então, a cesteira logo disse que a casa ficava perto das árvores após o pequeno açude. Ou seja, o açude se tornou para ela um lugar de memória, de ativação da lembrança. “Porque, se é verdade que a razão fundamental de ser de um lugar de memória, é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento [...]” (NORA, 1993, p. 22). Sabendo “[...] que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações (NORA, 1993, p. 22).

melhoria de vida, entre as décadas de 1960 e 1970. A experiência de vida desses indivíduos sofreu influência nos espaços percorridos, pelos caminhos e lugares destes municípios. Ou seja, uns com os outros aprenderam a lidar com as suas dificuldades e a se ajudarem para viverem melhor.

Isto é, a memória de Maria da Luz sobre a doença que a mãe dela teve, neste relato anterior, ligou-se aos caminhos que esses sujeitos tiveram que fazer, em busca de ajuda por parte dos parentes, para os cuidados de casa e também para tratar a enfermidade desta trabalhadora. E tudo isso passou pelo campo da resignificação, quando Maria da Luz relatou: “[...] a minha mãe adoeceu, mas não foi doença de morte não, foi uma pneumonia” (Mendes, 2022). Essa experiência foi rememorada por ela, como doença, a qual não era para morte, ou seja, pressupondo que como a mãe não faleceu, aquela pneumonia não teria sido um mal para ocasionar o falecimento. Respalando-me no pensamento benjaminiano, a experiência seria um compilado de relações, através das quais se podem realizar atualizações do passado no mundo presente.

E nessa perspectiva, esta família em meio às trilhas percorridas entre as cidades anteriormente citadas aprendeu a resistir e existir, mesmo com as dificuldades sociais por eles enfrentadas. Nesses lugares derramaram suor, pelos caminhos longos desses trajetos, mas também, provavelmente, conseguiram contemplar o cantar dos pássaros em meio às veredas, ainda ruralizadas na época. Lugares estes que para essas pessoas são, atualmente, carregados de memórias do passado. “Em tais lugares parece ser coisa do passado tudo o que nos espera” (Benjamin, 1987, p. 94). Por isso, esses parentes, deram passos entre essas cidades e viveram as suas vidas de forma simples no interior da Paraíba, enquanto diversas outras questões sociais se passavam no restante do país, e as suas andanças sucedidas durante as décadas de 1960 e 1980, contribuíram na busca, dessa gente, por uma vida melhor.

Mapa 03: Percurso geográfico realizado pelos cesteiros negros em suas diásporas internas



Fonte: Google Maps, 2022.

Na foto acima adquirida, através do Google Maps, é possível entender melhor, por meio de recursos tecnológicos (vinculados ao satélite) atuais, aspectos como acerca do tempo andando a pé entre as cidades, nas caminhadas da família dos cesteiros, mediante aos municípios. Como também, os possíveis caminhos da época, que hoje, podem ter sido transformados em vias asfaltadas. Com isso, eu realizo algumas discussões geo-históricas sobre a trajetória dessas pessoas.

Na imagem, podemos observar em bolinhas azuis, demarcado o percurso que, por vezes, em conformidade com os relatos deles, dos cesteiros, os mesmos traçaram as suas trajetórias de vida entre as localidades de Araçagi, Guarabira e Cuitégi. Isso, tanto na busca de uma vida com melhores condições de sobrevivência, quanto para realizarem a arte dos cestos. Abaixo, na imagem está demarcado que o percurso a pé, em média, se gasta 4 horas e 8 minutos totalizando a distância de 20, 2 quilômetros. Os prováveis caminhos percorridos pelos cesteiros entre as localidades são as atuais vias estaduais PB 057 e PB 075.

Ainda sobre essas viagens realizadas por essa família cesteira, nas décadas da segunda metade do século XX, e as dificuldades enfrentadas por Antonia, esposa de Antonio e outros acontecimentos da vida cotidiana deles. Observemos a contribuição oral que está, por conseguinte.

Eu sei que foi muito sofrida, a vida da minha mãe. Aí eu sei que casou, começou a ter filhos. A minha mãe, de filhos vivos a mortos, teve 20 filhos. O maior período, nisso tudo morando no sítio. A rotina era sempre do sítio Sapucaia para Araçagi. Sapucaia é município de Cuitegi, perto do sítio Palmeiras. Aí já saía de Sapucaia e vinha para aqui em Araçagi e eu só sei que todo ano era um filho. Não tinha essa de dizer passou um ano de um para o outro, um ano e meio ou dois anos não, o certo é que era todo ano um. Minha mãe depois que tinha casado com meu pai morava em casa de taipa coberta com palha, isso em Sapucaia, já em Fazenda Nova, como era o proprietário da terra que fazia concedia para a gente morar, aí era de taipa, mas coberta com telha, mas sempre nos sítios (Mendes, 2022. Informação verbal).

Uma questão interessante que pode ser observada, no relato, da cesteira Maria da Luz Mendes é que ela inicia narrando as dificuldades que a sua mãe viveu e, conseqüentemente, toda a família. O que podemos também entender é que ela teve uma boa quantidade de filhos, o que era uma realidade de muitas famílias na época. Seja por uma falta de conscientização acerca da natalidade, e/ou pela falta de políticas públicas que atendessem a saúde pública local, o que fazia as famílias terem uma grande quantidade de crianças. É importante destacar que, principalmente, nas últimas décadas do século XX, no interior da Paraíba, ainda mais no meio rural, havia uma mentalidade social difundida de que era interessante ter uma quantidade elevada de filhos. Os quais podiam ajudar nos afazeres da roça e na ajuda da subsistência do lar. E isso, confirma-se mediante as entrevistas com as pessoas deste estudo.

Pelo fragmento de relato citado acima, podemos perceber que os cesteiros em grande parte de suas vidas, principalmente, entre as décadas de 1960 e 1980, conforme falou Maria da Luz Mendes (2022), moraram em zona rural. O que nos indica que, esse período morando em sítios, seja na região de Sapucaia ou em Fazenda Nova. Isso demonstra uma ligação deles com a terra, e uma proximidade com a vegetação que davam os materiais necessários para a feitura dos cestos.

Além do mais, as moradas dessas pessoas eram casas de taipa. Das quais, se via o dia amanhecer pelas brechas das telhas e das portas de varas dessas moradias. Lares que tinham as paredes bem feitas e tapadas com barro colocado em varas entrelaçadas umas nas outras (Mendes, 2022).

Ao que se refere aos aspectos técnicos, a taipa é uma antiga técnica construtiva consistindo em paredes erguidas a partir de terra úmida socada em moldes (a taipa de pilão) ou de tapamento. Constitui-se de finos e longos galhos que servem de estrutura da parede vedada com barro. Geralmente as casas de taipa são cobertas de palha, sendo a do povo mais abastardo coberta de telha e aparentando terem sido erguidas com bloco cerâmico. No cotidiano local, à prática da tapagem são atreladas cantigas e rituais [...].

“Tapagem”, “tapação” ou “tapamento” são expressões do linguajar local usadas como referência à etapa do processo construtivo da casa de taipa realizada em mutirão - prática de socialibilidade [...] (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2020, p. 71).

Uma questão importante de se destacar é que há uma semelhança nítida entre o trançado das cestas e entrelaçamento de galhos para a estrutura da casa de taipa. Mesmo assim, cada trançado tem a sua finalidade específica. Ainda, a partir das memórias contidas na narrativa de Maria da Luz, que lemos anteriormente, conseguimos interpretar que os cesteiros viviam sempre em movimento entre essas localidades e isto era realizado constantemente por eles.

Esses sujeitos percorreram os lugares ou sítios de Sapucaia, Palmeiras de Cuitegi e Fazenda Nova de Araçagi, em busca de melhores condições de vida para eles. Dessa forma, essa família conseguiu se manter ou sobreviver, principalmente, por meio da sua arte em cestos, que foi legada pelos seus ancestrais. Mesmo assim, eles também trabalhavam no campo da agricultura, como foi possível observar nas entrevistas realizadas (Mendes, 2023). Os lugares de memória desta gente estão situados entre cidades do interior paraibano e também na zona rural delas. Localidades, as quais as lembranças dessas pessoas demonstram, como cidadãos comuns, de vida simples, do campo e negro viveram os seus cotidianos nesses anos, muitas das vezes sem direitos essenciais à vida e nem acesso a terra. Portanto, os cesteiros deste estudo se comportaram, em busca de melhorias de vida, com diversas mudanças de habitação, visto que por muito tempo não tiveram um local fixo, deles para morarem, mas sempre moravam de favor na terra de donos de terras locais (Mendes, 2023). Estas movimentações foram dando aos fazedores de cestos novos dimensionamentos, no que se refere à busca por qualidade mínima de vida e novas experiências para suas existências.

A experiência surge espontaneamente no ser social, mas não surge sem pensamento. Surge porque homens e mulheres (e não apenas filósofos) são racionais, e refletem sobre o que acontece a eles e ao seu mundo. Se tivermos de empregar a (difícil) noção de que o ser social determina a consciência social, como iremos supor que isto se dá? Certamente não iremos supor que o "ser" está aqui, como uma materialidade grosseira da qual toda idealidade foi abstraída, e que a "consciência" (como idealidade abstrata) está ali. Pois não podemos conceber nenhuma forma de ser social independentemente de seus conceitos e expectativas organizadores, nem poderia o ser social reproduzir-se por um único dia sem o pensamento. O que queremos dizer é que ocorrem mudanças no ser social que dão origem a experiência modificada; e essa experiência é determinante, no sentido de que exerce pressões sobre a consciência social existente, propõe novas questões e

proporciona grande parte do material sobre o qual se desenvolvem os exercícios intelectuais mais elaborados. A experiência, ao que se supõe, constitui uma parte da matéria-prima oferecida aos processos do discurso científico da demonstração (Thompson, 1981, p. 16).

Dessa forma, as várias experiências que os cesteiros adquiriram em suas viagens, entre as cidades de Cuitegi e Guarabira para venderem seus balaies, e de Cuitegi a Araçagi, indo e voltando em busca de melhores condições de vida, como foi possível perceber nas entrevistas. Moldaram-os nas suas próprias percepções do que é viver na sociedade e das suas práticas, seja pelas dificuldades que passaram, ou pelo conhecimento complexo das cestarias que faziam, que traziam à memória os seus ancestrais, e ao mesmo tempo ajudava-os financeiramente.

Acerca dessas andanças, a própria Maria da Luz Mendes (2023) narrou, que a vida deles de viagens entre Sapucaia e Fazenda Nova, tornou-se uma rotina, nesse caso, era um caminho que eles já conheciam bastante pelo tanto de vezes que teriam passado. Maria da Luz (2023), falou que a viagem entre as cidades era extremamente difícil e por vezes, malas caíam do transporte que iam, e, por vezes, tinham que fazer paradas, para todos descansarem. Ainda sobre estas viagens rotineiras, e cansativas que, demoravam cerca de meio dia a pé, narradas pela cesteira Maria da Luz, existe uma parte dos relatos que foram obtidos, o qual corrobora à contribuição oral dada, pelo cesteiro Severino Mendes Ferreira (2023), também filho do casal, Antonio e Antonia.

No tempo que eu era criança, morei lá em Sapucaia de Cuitegi de onde eu sou natural, mas também em Fazenda Nova de Araçagi. Na verdade, a gente estava quase todo ano mudando de um canto para o outro, de Sapucaia para Araçagi, de Araçagi para Sapucaia. As vezes a gente ia de uma localidade a outra a pé, ou de burro, e as estradas eram todas sem asfalto, eram no barro (Ferreira, 2023. Informação verbal).

No trecho da memória acima podemos ver que o cesteiro Severino Mendes (2023) relembra acontecimentos das viagens que faziam de quando era criança, bem parecido ao que fez Walter Benjamin (1987) quando narra as suas memórias de infância na cidade de Berlim, certo que Benjamin utiliza das suas memórias como condições para conceituar memória e história, percepção que ele coloca no escrito *Infância em Berlim* ocorrido, provavelmente, em 1900. Evidentemente, a pretensão de Severino com esse relato, não é lembrar para explicar uma teoria, mesmo assim, ele narrou para contribuir neste conhecimento que estou realizando neste trabalho.

Essa narração de Severino que está acima, teria ocorrido entre os anos de 1973 e 1975, pois ele fala que quando era criança, ou seja, pequeno seria o tempo em que acompanhava os pais nessas viagens, e nesses anos ele tinha entre 10 e 12 anos de idade. Nesse trecho ainda se pode entender como eram as estradas da época, eram no barro, ou seja, não eram asfaltadas. Ainda podemos ver que ele relata ser natural de Cuitegi, mas fixou a sua morada, juntamente, com os seu pais em Araçagi, e que as andanças eram feitas, ou a burro, ou a pé.

Interessante perceber, a partir dessa narrativa, que na década de 1970, mais precisamente entre 1973-1975, enquanto os grandes centros urbanos brasileiros se encaminharam para ampliar cada vez mais o asfaltamento e o transporte por meio de veículos. No interior da Paraíba, em meio às cidades interioranas deste estudo, havia pessoas transitando a pé ou em animais, nas estradas de barro. O Brasil nesse momento estava no período da Ditadura Militar. Os militares, nesse momento, já estavam sofrendo com as pressões populares contra a ditadura, pois para além das perseguições e torturas a muita gente, o país estava sofrendo com o enfraquecimento da economia. E se havia alguma política para o bem-estar social, estas não estavam alcançando essa gente do nosso estudo, pois mesmo se já houvesse transporte como caminhonetes, caminhões e ônibus que fizessem esse trajeto que eles percorriam, talvez, a questão econômica os impedisse nesse período, de irem em automóvel.

Ainda sobre as idas e vindas neste trajeto, conforme afirma Maria da Luz (2023), algumas dessas viagens, sobretudo, as últimas, foram realizadas de veículo, pois já se conseguia ter acesso no final das décadas de 1980 e 1990, a caminhões e caminhonetes. Mesmo assim, em conformidade com Maria (2023), naquela época, a maioria das pessoas ou andavam a pé ou a burro no interior dessas cidades paraibanas, que eles passaram e moraram. Ainda sobre esses deslocamentos geográficos, realizados por essa família de cesteiros, Maria da Luz Mendes (2023), traz à tona uma narração interessante sobre uma dessas locomoções.

O lugar da gente era entre o Brejo em Sapucaia e Araçagi. Assim era direto entre o Brejo e Araçagi. Um ano no Brejo e um ano em Araçagi. Uma vez a mamãe adoeceu e foi para o hospital e não podia cuidar da gente. Então, mandou avisar a mãe Lina da situação dela (Eulina a mãe de Antonia e avó de Maria da Luz, a entrevistada). Então, o compadre Luiz e o tio Biu, como eles eram cambiteiros (cambites eram duas peças para colocar o agave e levar em cima dos animais) de agave, aí tinha os burros. Ai de repente chegaram eles dois, cada um em um burro, com os caçuás (ou cambitos), então em cada caçuá colocou uma criança que era pequena, só sei que eram os mais pequenos e os troços de levar para eles mesmos e viemos embora de Sapucaia para Araçagi. Só sei que pegamos a estrada e fomos embora, a pé do Brejo para Araçagi. Aí andamos, andamos e quando chegou ali no Piripiri

de Guarabira, naquela lagoa, foram e tiraram as crianças de cima dos utensílios dos animais e colocaram os caçuás abaixo, e pegamos água na lagoa e bebemos e como trouxeram peixe assado, comemos com farinha; os que comiam leite, comeram leite e os outros comeram farinha com peixe e beberam água e depois arrastamos até chegar em Fazenda Nova. Andamos daquela distância que é Sapucaia de Cuitegi para Fazenda Nova em Araçagi. (Ela inclusive fez uma expressão de cansaço após falar isso) (Mendes, 2023. Informação verbal).

Nas memórias contidas no que é narrado acima, podemos compreender, como ocorriam algumas das situações vividas por essas pessoas, nas suas andanças entre as cidades de Cuitegi, Guarabira e Araçagi. Nesse sentido, percebe-se pelo trecho acima que os cesteiros direcionaram Araçagi e Cuitegi, mais especificamente, nas localidades rurais dessas cidades, como sendo os seus lugares de vivência. Assim, mesmo quando eles saíam de Fazenda Nova para Sapucaia, no local, do qual saíam deixavam conexões amigáveis, por meio, de outros parentes e/ou conhecidos. Com isso, até na ocasião em que adoeciam, uns cuidavam dos outros, viajando para morarem perto dos conhecidos e familiares, como me disse Maria da Luz (2023).

No prosseguir da memória exposta anteriormente, Maria da Luz (2023) narra como ocorreu uma das viagens entre essas cidades. É perceptível que nessa viagem houve ajuda de um tio e um compadre (essa era uma relação de cunho cristão-católico). Os quais levaram as crianças mais novas e alguns mantimentos nos cambitos ou caçuás, em cima dos burros, que eram usados para carregar os agaves retirados, pois eles eram cambiteiros. “O cambiteiro era responsável por levar as folhas do agave para o motor, recebe esse nome pois é comum, na linguagem popular substituir a palavra carregar por cambitar” (Lira, 2015, p. 103). Sendo assim, é possível entender que para além de fazer cestas, as pessoas dessa família trabalhavam noutras atividades rurais, como a retirada do agave. Dessa forma, eles seguiram o percurso a pé, mas também com a ajuda de burros com cambitos para levar os mantimentos e utensílios da mudança.

É interessante porque, a repetição da palavra andamos na narrativa de Maria da Luz, pode demonstrar que ela sentiu cansaço pela distância naquele momento da sua vida. Isso teria sido possível identificar nas expressões de esgotamento que ela fez no fim da entrevista, pela contribuição dada, por meio, das suas narrativas. Assim, após partir de Sapucaia de Cuitegi, em uma lagoa no Piripiri de Guarabira⁹, eles teriam parado, comeram, beberam e

⁹ Para o registro dessa narrativa, levei a cestaria e agricultora aposentada, Maria da Luz Mendes, para o local indicado por ela como parada para descanso da sua memória. Na ida, ela foi durante a viagem narrando acontecimentos que chegavam a sua memória durante o trajeto. Lembro-me que, nos momentos anteriores da nossa ida ao local de sua memória, nesse caso, a lagoa do Piripiri em Guarabira, ela foi na frente da minha casa

descansaram e, posteriormente, partiram novamente ao destino final que era Fazenda Nova de Araçagi. Algumas das coisas cativantes nesta narrativa, é o fato de pegarem água na lagoa para beber e comer peixe com farinha para prosseguir o caminho. Ao pensar sobre a farinha, certamente de mandioca, este era um produto que se fazia/faz, no interior do estado, em casas de farinha, um processo de raiz indígena que se difundiu no meio social brasileiro. Outra coisa instigante é o peixe assado que comeram. Esses peixes, por vezes, em cidades do interior, eram pegos em açudes, lagos, rios e riachos e assados na brasa do fogo a lenha, para a subsistência. A questão é que a ida a esse local ajudou a aflorar as memórias desta mulher, ou seja, o acontecimento ficou na mente dela, ligado aquele espaço.

Portanto, o lugar seria, em conformidade com expressões compreendidas em Walter Benjamin e pronunciadas por Galzerani (1998), atravessado com a mesma intensidade que a de um sonho. O qual se tem na primeira vigília da noite. Nesse caso, a noite se daria na dimensão dos anos em que essas memórias não foram evocadas, quer dizer, ficaram no esquecimento. Assim, o lugar de memória para Maria da Luz e os cesteiros envolvidos neste estudo, possibilitou-a “lapso ou reflexo do passado”. E isto, teria sido perpassado pela experimentação do presente. Sendo assim, a memória seria ressignificada a partir do presente e repleta de imagens que trazem à tona cenas do que teria ocorrido. “E assim até o *infinitum*, até que todo o passado seja trazido para dentro do presente em uma apocatástase histórica” (Benjamin, 1997, p. 74). Dessa forma,

Não é que o passado jogue sua luz sobre o presente ou o presente, a sua luz sobre o passado, mas imagem é aquilo onde o que já foi e o agora se reúnem de forma relampejante em uma constelação. Em outras palavras: imagem é a dialética na interrupção (im Stillstand). Pois, enquanto a relação do presente com o passado é puramente temporal, contínua, a relação entre o que já foi e o agora é dialética: não é decorrer, mas imagem, que irrompe. – Só imagens

me chamar para irmos e ficou esperando eu, sentada embaixo de uma árvore, até irmos. Outra questão interessante foi que houve uma pequena confusão sobre qual lagoa seria a que houve a parada da família dos cesteiros para descanso, pois antes de chegar ao Piripiri, após a chamada curva do eucalipto, entre as cidades de Araçagi e Guarabira, tem uma outra lagoa que a fez ficar com dúvida onde teria sido realmente a parada. No entanto, essa pequena confusão do acerto do local exato, foi resolvido. No momento em que Maria da Luz viu essa pequena lagoa, cheia de pastas, antes da grande lagoa do Piripiri, pediu-me que prosseguisse mais devagar, pois queria ver se chegava a memória se o lugar teria sido realmente aquele. Mesmo assim, ela pediu para dar prosseguimento a viagem até a lagoa do Piripiri, chegando lá paramos e ela ficou relembando o ocorrido. Isso se deu em frente à Cidade Madura no Piripiri de Guarabira-PB. Ela fitou os olhos e disse ser realmente aquela a localidade, pois veio à memória todo ocorrido e daí começou a apontar os lugares onde a parada teria acontecido. É possível ver um vídeo registrado deste momento em: https://youtu.be/Kza1k7hGprw?si=7ThLRd_hqynHqU-b. Parece-me que, realmente, “[...] a memória pendura-se em lugares [...]” (Nora, 1993, p. 25). Certamente que o lugar já não era o mesmo, e nem a memória dela o ocorrido, pois, isso teria acontecido entre as décadas de 1980 e 1990 e a memória narrada em 2023, ou seja, 53 anos após a ocorrência da narrativa dela. Assim, os lugares de memória não seriam a localidade como era no tempo dos casos narrados, mas sim referentes neles mesmos, ou sinais em seu estado de pureza (Nora, 1993). No entanto, a memória dela sobre o acontecimento não era o que ocorreu, mas sim uma versão no presente do que essa mulher negra teria passado quando era menor.

dialéticas são imagens autênticas (isto é: não arcaicas); e o lugar em que se encontram é a língua (Benjamin, 1997, p. 75).

Nesse trecho, Walter Benjamin ressalta a importância da lembrança para a construção do conhecimento histórico. Nessa perspectiva, as memórias dos sujeitos deste estudo, concebem-se repletas de imagens e percepções do presente, de paisagem e horizontes contemporâneos, de percepções e possibilidades arquitetônicas e ambientais atuais. Mas também configurada de recordações e imagens do passado que são rememoradas ou percebidas, no momento em que essas pessoas iam narrando as suas memórias. Sendo assim,

A memória é ato de evocação e de recuperação mental de imagens. Simplificando, ela seria a recuperação do real vivido por imagens mentais e narrativas cotidianas. Repleta de lembranças e de esquecimentos essa recuperação se dá em diferentes suportes de memória, de natureza iconográfica, objetual, perceptiva ou sensorial. A memória social reconfigura o passado atendendo ao presente e respondendo às questões postas por realidades atuais (Meneses, 2022, p. 11).

Conectado a isso, o que me chamou atenção foi que levar essa cesteira, colaboradora desta pesquisa, nos seus locais de memória e lá realizar entrevistas, no local que teria sucedido os fatos de sua memória, fez as recordações dela florescerem. E daí, novos brotos no jardim da memória de Maria cesteira despontaram, e ela voltou todo o caminho até a sua casa contando várias narrativas do seu passado. Uma dessas foi mais um episódio dessas andanças dos parentes cesteiros entre as cidades de Araçagi, Guarabira e Cuitegi. Dessa forma, na volta ela narrou mais uma das suas viagens que aconteceram neste percurso.

As vezes a madrinha Azira chegava aí dizia: Antonia vamos no Brejo (Sapucaia)? Aí, minha mãe dizia, Vamos! Qual é o dia que a gente vai? Então, marcavam o dia. Chegando no dia pegavam uma cesta colocavam as coisas das crianças como panos, leite e botavam eles nos braços e as cestas nas cabeças e iam embora estrada a fora. Essas cestas eram das que papai fazia mesmo. Iam elas duas que eram cunhadas, cada uma com uma criança nos braços e às vezes iam algumas crianças que já acompanhavam elas andando. Aí iam de Fazenda Nova de Araçagi para Sapucaia a pé desse jeito, quando cansavam faziam paradas, comiam alguma coisa e após seguiam. Aí ficavam lá por dois ou três dias na casa do povo, conhecidos delas. Essas viagens eram muito cansativas e fatigantes. Aí quando dava esse tempo que elas estavam lá do mesmo jeito voltavam. Quando iam, saíam de Fazenda Nova pela manhã e chegavam em Sapucaia pela parte da tarde, do mesmo modo quando voltavam. E naquele tempo era tudo estrada de barro. O bom era que até em Cuitegi, na cidade mesmo, as ladeiras eram poucas, mas na entrada para ir para os sítios já eram muitas ladeiras para subir (Mendes, 2023. Informação verbal).

Os acontecimentos da narrativa anterior se deram no ano de 1974, isso, obtive por meio de conversa com a cesteira, que fez um esforço enorme, mas me deu uma datação aproximada, que conforme ela, teria sido neste ano. Na narração anterior, aflorada pela ida a um dos locais de memórias dos cesteiros, vemos que as viagens eram realizadas de forma conjunta e era pensada, antes de irem estrada a fora, por eles mesmos e parentes mais próximos do convívio. Essa, denominada de madrinha Azira (já falecida), era cunhada da cesteira Antonia Benedito, mãe de Maria da Luz Mendes e irmã de Antonio Mendes, esposo de Antonia. Ainda nesse sentido, se pode perceber por meio desta narrativa, que deveria haver uma expectativa, entre o dia em que se combinava a viagem e o dia da ida, o que me parece que ocorria toda uma preparação acerca de quem iria e o mantimento a ser levado, de maneira prévia.

Nessa narração anterior, vemos que os cestos que eles produziam, nesse momento dessa viagem serviu de utensílio para transporte de mantimentos no caminho. Assim, podemos afirmar que os cestos e o seu uso eram adaptados, conforme as necessidades surgidas. Quando para usar na lida do roçado, eles usavam para tal finalidade, e se caso, fosse para as particularidades do cotidiano eram também usados. Com isso, podemos identificar que, nesse momento, da vida dos cesteiros, os cestos eram essenciais para o próprio funcionamento do estilo de vida que eles tinham. Desse modo, as cestas para essas pessoas era algo que estava entrelaçado aos seus próprios modos de vivências.

Nesse caso, em conformidade com a narrativa, os cestos faziam parte das experiências da vida cotidiana dessa gente negra cesteira. Ou seja, as cestas que eles construíram com vegetais de forma trançada, entrelaçaram as sensibilidades deles, não somente, como legado ancestral do próprio conhecimento da arte de trançar. Mas também como parte das suas percepções e atividades costumeiras. Portanto, além de venderem e adquirirem recursos, os balaios fizeram parte da cultura deles. E Walter Benjamin (1997) demonstra haver uma relação entre cultura e economia, que ocorre de maneira não frequente, no entanto, acontece em efeito da causalidade.

Mesmo assim, foquemos em uma questão importante que esse relato pode nos indicar. Elas, iam e voltavam, desses lugares na parte da manhã e chegavam na parte da tarde. Isto é, poderia haver nelas, apesar de confiarem na época em andarem sozinhas sem serem atacadas, uma preocupação com o horário em que faziam suas viagens, nesse caso, deveria ser geralmente a luz do dia.

Outra coisa interessante, é que no fim da narrativa, a cesteira Maria narra memórias sobre como eram as características das estradas, de terra e daí entra a percepção dela no relato. Isso quando ela diz sobre as muitas ladeiras que enfrentavam, o que no presente parece ser para ela cansativo, mas que naquele momento possivelmente era alegria e satisfação por viajar com os seus parentes mais próximos. Dessa maneira, davam-se as diversas viagens da família negra cesteira, nas últimas décadas do século XX, entre as cidades de Cuitégi, Guarabira e Araçagi.

Dessa maneira, destaco que a história da população negra é marcada por diásporas externas e internas, ou seja, historicamente, o povo negro está em deslocamento. Assim, para além da grande diáspora negra do continente africano que foi forçada para as diversas localidades escravagistas do mundo, existiram as diásporas internas do povo negro, principalmente, no Brasil pós-abolição de 1888. E no caso dos cesteiros negros, sujeitos desta pesquisa eles estiveram em deslocamentos no interior da Paraíba, nesse caso, eles realizaram diásporas internas, no interior paraibano em busca de melhores condições de vida. Essas relações entre esses familiares, deram-se perpassando questões de gênero, raça e relações de trabalho, buscando de maneira cooperativa subsistirem nos locais que moraram e andaram. Maneira de sobrevivência buscada, pelas relações de trabalho na roça de subsistência, nos trabalhos alugados para donos de terras e no agave, e também com a feitura e venda dos seus cestos. Nesse sentido, é nítido que o termo diáspora nos dias atuais tem se tornado cada vez mais abrangente e ampliado, para compreender as experiências humanas em suas movimentações e distanciamentos (Butler, 2020). Nesse sentido, dando margem para as diásporas imaginadas, ou seja, a terminologia diáspora ultrapassa as fronteiras de compreensão como somente da delimitação a entender nações ou Estados e assim, passa a ser adotada para a compreensão das relações entre outros povos, grupos (Butler, 2020), neste nosso, caso as diásporas dos cesteiros negros sujeitos desta pesquisa. Dessa forma,

As diásporas são um tipo dinâmico de comunidade baseado na lógica primordial da família; diversas pessoas espalhadas por muitos lugares que, no entanto, se percebem unidas por uma ascendência comum e, em particular, conectadas a um local comum de origem. Assim como a família, essas conexões requerem estímulo ao longo do tempo e estão sujeitas a condições que podem lhes enfraquecer ou, ao contrário, reafirmar vigorosamente. Mudanças na natureza, no ritmo e na capacidade da mobilidade humana ao longo do tempo afetam a forma como as diásporas se formam e se desenvolvem. Quando as viagens e correspondências de longa distância eram feitas a pé ou em caravanas, a separação entre suas terras e as diásporas era profunda, definindo como as pessoas mantinham conexões com suas terras e cultura ancestrais. Na era digital, as diásporas são cada vez

mais comuns e uma parte cada vez mais importante do cenário social, político e econômico porque é mais viver e trabalhar através de fronteiras geográficas [...] (Butler, 2020, p. 2).

Portanto, neste tópico tratamos das várias movimentações dos cesteiros negros em busca de melhores condições de vida. Sendo assim, considero essa mobilidade deles, conforme as suas memórias como sendo as diásporas dos cesteiros negros paraibanos entre as cidades de Cuitegi, Guarabira e Araçagi. No próximo tópico, tratarei mais sobre as memórias dessas pessoas.

1.3 As memórias dos cesteiros sobre eles mesmos, o tempo, o espaço onde viveram e sobre o trabalho com cestarias

A língua indicou, inequivocamente, que a memória não é um instrumento para a exploração do passado; é, antes, o seu meio. A memória é o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas.

Walter Benjamin

É necessário que se discuta um pouco sobre a teoria da História Oral (HO), que neste estudo foi usada como meio para a obtenção das memórias; modo que usei como sendo o meio para conseguir as narrativas. Essa maneira de se obter relatos, tem uma literatura acadêmica ampla, e até grupos de pesquisas sobre o assunto, no Brasil, porém escolhi alguns autores para conversar com eles neste texto. Como método para acessar as memórias narradas dos e sobre os cesteiros, usei a HO. Assim,

A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existem entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção da história - seja livros, museus, rádio ou cinema - pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras (Thompson, 1992, n/p.)

Nesse sentido, a História Oral é o modo pelo qual obtive as narrativas com os cesteiros. Como este estudo é composto de interpretações das memórias do que foi vivido por

essas pessoas, que viveram uma diversidade de acontecimentos e especificidades nos seus cotidianos, nisso a HO, torna-se importante para se ter acesso a essas experiências.

Portanto, a HO se tornou necessária, para o meu estudo, pelo fato dessa família e os entrevistados serem em sua maioria, de pessoas que são analfabetas ou semianalfabetas, poucos alfabetizados. Com isso, não encontrei produção de material escrito pelo casal cesteiro. Com isso, eu ouvi essas pessoas negras cesteiras e depois transcrevi as suas falas, me pus a lê-las, interpretá-las e observar as narrativas que estão postas nelas. Sendo assim, essa maneira de se fazer história, dá oportunidade para pessoas da massa popular, contarem as suas próprias histórias. Nessa perspectiva, outras vozes, memórias e narrativas podem ser escritas, por meio do ato da escuta da narrativa das experiências de vida, de indivíduos como os deste estudo. Logo, a HO,

É estratégia metodológica que dá base à produção de fontes oriundas de depoimentos. Norteadas por este conceito, a ideia é tratar reuniões formais ou informais, como alternativa à entrevista de história oral, a serem tratadas como fonte de trabalho para o historiador. A coleta de discursos, com identificação de origem e sem compromisso formal de doação, incluídos no texto escrito produzido pelo historiador, faz parte do debate proposto (Almeida, 2012, p. 1).

Dessa maneira, por meio de encontros formais e informais com os cesteiros, às vezes nas casas deles, e outras nos lugares das suas memórias (por vezes em meio ao mato, pois onde moraram e passaram, atualmente é muito cheio de matas densas), eu obtive as memórias. Apesar de se utilizar da HO, prefiro dizer como Walter Benjamin (1985) que esses encontros foram maneiras de "intercambiar experiências". Assim, foi produzido fontes que são memórias, através de narrativas que essas pessoas negras de minha pesquisa falavam sobre como eram as suas vivências e de seus parentes. Como também, as memórias sobre a vida e arte do casal cesteiro, Antonio e Antonia. Obtive narrações desses indivíduos acerca deles mesmos e o tempo em que viveram essas memórias. O que foi narrado demonstrou as rememorações a respeito dos antepassados deles, a própria produção das cestarias que faziam/fazem e o sentido dela para a identidade familiar. E ainda mais, a trajetória da parentada, principalmente, referente a feitura da arte cesteira e trabalhos realizados para a sobrevivência e tradição desta família. Com esse objetivo, eu sei que,

A realidade é complexa e multifacetada; e um mérito principal da história oral é que, em muito maior amplitude do que a maioria das fontes permite que se recrie a multiplicidade original de pontos de vista (Thompson, 1992, p. 25-26).

Nesta pesquisa, sobretudo, nas coletas e registros realizados em campo, ao ir com os cesteiros aos locais onde as suas memórias ocorreram. Ou seja, andando com os cesteiros nas localidades em que eles moraram e viveram, e, com isso, os mesmos iam rememorando e narrando como eram os seus cotidianos e de seus semelhantes. Isso, se constitui um diferencial de minha pesquisa, pois precisei não somente registrar as narrativas, como também andar atrás delas, andando e coletando os relatos. Eu estive a caminhar, pesquisar em campo e a registrar as experiências dessas pessoas negras. Dessa forma,

A história oral, por intermédio de entrevistas, tem por base as memórias individuais e é principalmente neste aspecto que se baseiam os pesquisadores para distingui-la das diversas estratégias de pesquisa social que se utilizam de fontes orais (Almeida, 2012, p. 1).

Outrossim, levando em consideração que Antonio, a sua esposa Antonia e uma parte de seus filhos são em sua maioria analfabetos e/ou semianalfabetos; os letrados, só é a neta entrevistada, por nome de Milena, e o neto, Marcos Antônio, este último formado em História. Nesse sentido, as entrevistas, colocam-se a ser a maneira mais viável para a obtenção das narrativas, e as memórias estão repletas de percepções do presente. “A história do tempo presente está na intersecção do presente e da longa duração. Esta coloca o problema de se saber como o presente é construído no tempo” (Dosse, 2012, p. 6). Ainda mais, seja com intenção ou não, o tempo do presente, geralmente diz alguma coisa para pesquisadores das humanidades ou professores (em nosso caso, professor- pesquisador) - isso porque quem fala, expressa diretamente às pessoas de sua mesma época (Silva, 2017). Dessa forma, a HTP se faz presente explícita e implicitamente nesta pesquisa. A HTP tem uma missão, contar sobre o tempo vigente e a nossa pesquisa aborda o momento presente. “E esse é o intuito da História do Tempo Presente: contar a história dos nossos dias, da atualidade” (Monteiro, 2018, p. 511). Assim, vemos que a HTP se debruça, em volta de um tempo próximo (Cubas, 2021).

Visto que a memória é recheada de lampejos do passado no presente, e este último é carregado de percepções psíquicas, experienciais e de sensibilidades atuais, a HTP se faz uma importante ferramenta para ajudar nos processos de compreensão das narrativas. “Cremos que essa delicada relação com a memória pode ser adensada a partir dos aportes da História do Tempo Presente” (Cubas, 2021, p. 13). É certo que “[...] tanto a memória como a história do tempo presente são construções presentificadas e, portanto, passíveis de atualizações e revisões” (Delgado; Ferreira, 2013, p. 26). Tanto o presente quanto as memórias são

carregadas de significação, sentidos e sensibilidades, por isso, levá-las ao ambiente da escola básica, é ter uma chance de perceber as possíveis operações de seu potencial (Freitas, 2016, p. 156). E é isso que faço neste estudo.

Diante disso, faço menção de alguns pontos acerca do uso das TICs (Tecnologias da Informação e da Comunicação) para a realização deste estudo. Apesar das diversas limitações que tiveram, seja das fontes ou teóricas, a utilização das tecnologias atuais da comunicação e informação foram importantes para o desenvolvimento deste trabalho, principalmente, quando diz respeito à busca, alcance e compartilhamento de trabalhos científicos que coadunam com esta pesquisa. Ou seja, com as TICs, o ato de conseguir artigos, livros e teses, foi facilitado. Ainda mais, na própria produção das fontes tanto das memórias dos cesteiros, tendo em vista que as entrevistas foram gravadas em aplicativo de celular, quanto nos registros fotográficos e disponibilização em links de outros materiais que foram produzidos durante o processo de pesquisa de campo seja na escola ou nos lugares que os cesteiros andaram e moraram. Um ponto negativo, que encontrei neste trabalho, com uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação, foi em alguns momentos, nos quais o celular estava descarregou e eu perdi as gravações das entrevistas, todavia, o que eu tinha anotado em papel me ajudou a fazer as transcrições daqueles diálogos. Ou seja, para trabalhar na pesquisa com as TICs é preciso estar preparado para essas ocasiões, se não o pesquisador pode perder fontes ou materiais importantes para o desenvolvimento da pesquisa.

No âmbito do ensino, as TICs foram importantes para os processos de aprovação e discussões em sala de aula o que após a oficina didática culminou na postagem da aula, por parte de estudantes nas redes sociais. Nesse caso, as redes sociais podem ser aliadas do processo de ensino e aprendizagem em história seja para fixação dos assuntos ou divulgação do que se produz no ambiente escolar. No processo de tratamento e disponibilização em plataforma do Google Drive, das narrativas produzidas pelos discentes, o uso dessas tecnologias digitais foi essencial para a realização desses procedimentos. Com isso, o uso das TICs, para a pesquisa científica, historiográfica (como neste caso) e de ensino é necessário tanto à facilitação dos processos que envolvem o ato de pesquisar e produzir ciência histórica, quanto para a atividade de ensiná-la. Sendo assim, além das potencialidades das TICs para a pesquisa e ensino, o professor/pesquisador devem estar preparados para as imprevisibilidades que podem surgir no seu caminho e, com isso, métodos mais antigos da produção, como o ato de anotar com caneta e papel pode ajudar na produção das fontes e de outros procedimentos do professor/pesquisador.

É bem evidente, que a atividade de rememorar se constrói na mistura entre identidade, memória e presente. Ou seja, as mobilizações do presente, as rememorações do passado e os anseios identitários movem as narrativas expostas (Gil e Silva, 2016). As memórias da vida dessas pessoas manifestam experiências, sentimentos, sensibilidades e suas subjetividades. A rememoração, dessa gente, narra testemunhos orais de vida. Tendo em vista, que os filhos do casal cesteiro, Antonio e Antonia, testemunharam muitos momentos ao lado de seus pais, essencialmente, nos momentos de fazer cestas, que eles se reuniam, geralmente, na parte da noite, dialogando e contando histórias uns para os outros e trançando cestas (Mendes, 2022).

Por isso, se faz necessário, deixar essas pessoas contarem as suas histórias de vida. O interessante é que essas desmemórias eles vivenciaram e ouviram de seus pais, como também de conhecidos. Muitas dessas narrativas que irei me debruçar a partir de agora, consegui quando fazia acompanhamento com os cesteiros entrevistados na ida aos matagais para pegar vegetais para eles fazerem seus cestos junto com eles, mas também em entrevistas na casa deles, no momento em que estavam no processo de tessitura de suas cestas e balaios.

Posto isto, dou início às discussões. Como este é um estudo que envolve memórias, demarcar as datas em que se deram os relatos, torna-se um desafio muito grande, mesmo assim, eu coloco as datações a partir das próprias informações dadas pelos entrevistados. Dessa forma, me atenho a datação das memórias, a partir dos cruzamentos de informações que têm nas narrativas e datas de nascimento dessas pessoas. Isso tudo, foi idealizado após a realização das conversas com os indivíduos desta pesquisa. Contudo, me refiro a décadas algumas vezes, pelo fato de muitas dessas memórias ficarem sem um ano fixo de datação, mas os próprios cesteiros indicarem nas suas falas que seria o ocorrido, no período de dez anos especificado.

Desse modo, seria a década de 1950, no estado da Paraíba, mais especificamente na região rural e montanhosa da cidade de Cuitagi, chamado de sítio Sapucaia, onde um casal de pessoas negras, Antonio Mendes Ferreira e Antonia Benedito da Conceição, casaram-se e moraram com os seus filhos (Mendes, 2020). Para ter melhor dimensionamento do local onde esse casal de cesteiros viveu com os seus filhos e, sendo este o lugar de memórias dessas pessoas, eu levei a Sapucaia¹⁰, um dos filhos do casal que também é cesteiro, por nome

¹⁰ Para chegar até esse local da memória desse cesteiro foi muito difícil. Fui a primeira vez com Severino, mas como o tempo estava chuvoso, não conseguimos subir as ladeiras que são ainda no barro, na subida de Palmeiras para Sapucaia. Na segunda tentativa, conseguimos chegar no local exato onde moraram, nesta localidade da cidade de Cuitagi. O tempo estava a favor. Chegando perto do local encontramos com um casal de velhinhos (pessoas brancas, simples e moradores de lá) do tempo em que o casal fazedor de cestas morava lá, com os quais conversamos acerca do que havíamos de fazer e o filho dele, (homem de meia idade e branco), quando pequeno era amigo de Severino. Fizeram uma festa. Posteriormente ao conversarmos, o filho do casal de idosos que

Severino Mendes Ferreira, como já mencionado. Levei-o ao lugar das suas experiências e obtive algumas narrativas de quando moravam no local, entre as décadas de 1960 e 1970.

Ligado a este meio, de levar os cesteiros a serem entrevistados, aos locais em que viveram, Michael Pollak (1989) ressalta que os monumentos, os lugares da memória, as paisagens, costumes e tradições são como pontos de referência, os quais dão estrutura às memórias humanas. Por isso, ao levar o fazedor de cestos Severino, ao lugar em que morou com os seus pais, Antonio e Antonia, cesteiros, e onde ele ouviu dos genitores as suas histórias e experiências. E com isso, realizar entrevistas com ele, pode ter feito surgir nas narrativas que ele expôs, memórias subterrâneas, pois ele estava em um dos pontos de referência de sua memória. Os locais, nos quais ele e seus irmãos moraram, serviu-lhe, ligado ao diz Pollak (1989, p. 3), como “[...] pontos de referência como indicadores empíricos da memória coletiva de um determinado grupo [...]”. Neste caso, esta memória coletiva é sobre a família dos Mendes balaeiros (cesteiros).

Neste espaço, Severino (2023. Informação verbal) disse: "Aqui nessa barreira ficava a biqueira da casa de taipa onde papai e mamãe, viviam com a gente, aqui a gente dormia, acordavam, trançava cipós e taboca para fazer cestas e vender". Percebi que as memórias afloraram nele, e ele ficou quase como paralisado olhando para o local da tapera da casa de taipa. Neste lugar, Severino Cesteiro (2023. Informação verbal), narrou muitas das suas lembranças.

Tá vendo, nesse lugar de muito difícil acesso era onde a gente morava aqui em Sapucaia. A gente saiu daqui há mais de trinta anos e isso aqui abaixo da casa era tudo roçado. Essa aqui era a tapera da casa e ainda tem o pé de jaca por aqui. Aqui era uma casa de taipa coberta de palha. Aqui a gente fazia os nossos balaies e plantava roçado aqui na parte de baixo e no sábado a gente levava para a rua, Guarabira, para vender os cestos. Aí descíamos aquela ladeira toda até lá embaixo com os balaies na cabeça. Meu pai tirava cipó e tabocas, então no sábado de manhã cedo a gente ia lá para a estrada a pé com tudo que levava nas costas. Agora isso é só mata, mas antigamente, quando a gente morava era capinado, limpo e a parte perto do pé de jaca era o terreiro da casa. Nesse pé de jaca a gente ficava debaixo brincando e comendo jaca, era bom demais. Essa parte daqui da frente tinha um caminho que a gente passava há uns quarenta anos atrás, mas agora é só mato mesmo. Onde agora é um pé de pitomba, era a região do caminho. Tá vendo essas

conhecia os cesteiros e alcançou quando eles moravam lá, pegou um facão para abrir caminho, e levou-me e a Severino ao local onde os cesteiros moravam. Eu fui aos lugares das memórias dessas pessoas, e neles houve a realização de entrevistas em história oral, foi uma experiência interessante tanto para mim, como pesquisador e também para os entrevistados que ficavam eufóricos, para a chegada do dia da ida às localidades que moraram/viveram. Para ver as fotografias e vídeos nos locais, em Sapucaia, sítio perto da cidade de Cuitegi, que levei Severino Mendes Ferreira, o cesteiro e fiz algumas entrevistas com ele acesse: https://drive.google.com/drive/folders/115w7Ya7tIOifMvbBYII_bJRfktXlCM9i?usp=sharing.

palmeiras que tem por aqui por perto? Era onde a gente tirava as palhas para cobrir a casa de taipa. Naquele tempo por aqui não tinha estrada como hoje e não chegavam cargas com material como tem hoje; a primeira vez que chegou material por aqui foi trazido de burro, por aqui não tinha energia, era luz de gás. A gente dormia aqui na casa em rede e às vezes as camas que tinha eram de varas que a gente fazia. Me lembro que o fogão a gente colocava quatro forquilhas, metia barro e fazia o fogo, era coisa da roça mesmo, era tudo feito com as coisas do mato. Era para dizer assim, vamos trabalhar para sobreviver mesmo. A biqueira da casa passava aqui no pé dessa barreira. Era bom demais, porque a gente também colhia umas castanhas de caju para vender e arrumar algum dinheiro. Meu pai colhia muita castanha e era testado para apanhá-las.

Pode-se ler no relato que o narrador dá uma datação de mais de trinta anos, do ocorrido de sua saída e mudança do local para morar em outro lugar. Levando em consideração os trinta anos completos, o ano seria 1973, no qual a família teria se retirado de Sapucaia para habitar em outro local. Outra informação que se pode observar é que na parte de baixo de onde era casa, existiam roçados cultivados por eles.

Na rememoração é possível perceber que o cesteiro acerca de um pé de jaca¹¹ como referência para onde era a tapera da casa de taipa, ou seja, a paisagem se tornou um lugar de memória para este trabalhador. O entrevistado expõe que naquele lugar era onde eles faziam cestos para vender no sábado na cidade de Guarabira, e também por ali mesmo plantavam, possivelmente, uma agricultura de subsistência. No momento de levar os balaies para a venda, como eles moravam em uma parte alta, descia até com os cestos na cabeça para carregar para a feira. Com isso, se consegue identificar que ao mesmo tempo, no qual essas pessoas trabalhavam fazendo cestos realizavam atividades da agricultura familiar para ajudar na manutenção da casa.

Na continuação da narração, o entrevistado demonstra uma comparação do local, relatando que no passado que era limpo e no presente estava rodeado de mato, nesse sentido, resquícios do passado e do presente estão dentro da narrativa. Já a jaqueira serviu-lhe também como referência de onde se localizava o terreiro da casa de taipa, ponto em que brincavam, quando criança e comiam jacas, segundo Severino. Dá para, com isso, recordar das memórias de infância benjaminianas.

Prosseguindo na narração, o trabalhador cesteiro define que havia um caminho que antes eles passavam, há cerca de quarenta anos atrás, dando outra data, possivelmente de quando ainda era criança, o que deve ter ocorrido na década de 1960, isto é, após 1963. Diante disso, o entrevistado vai dando diversos elementos da vida cotidiana como a exemplo do

¹¹ A jaqueira é uma árvore que tem a sua origem na Índia, mas que se adaptou bem ao clima brasileiro e atualmente se proliferou nestas terras tropicais. O seu nome científico é: *Artocarpus heterophyllus*.

material da palmeira que usava para o telhado das casas, o modo de transportar cargas por meio de burro, o uso da luz de gás.

O cesteiro e agricultor Severino revelou, através dessa memória, as formas de dormir, que era em camas de varas feitas por eles mesmos ou em redes. Expôs o modo de cozinhar que eles mantinham que seria em fogo de lenha artesanal construído a partir de material das matas próximas. Ou seja, o modo de como viviam no cotidiano naquele momento de suas vidas. Outra coisa que ele demonstrou foi que a coleta anual da castanha de caju ajudava na renda do lar.

É observável que enquanto nessa região interiorana tinha pessoas dormindo em camas de varas, cozinhando a fogão a lenha e vivendo na parte da noite alumando a casa com fogão a gás em candeeiro, nos grandes centros do país, a realidade da elite era outra totalmente diferente. Porque já se cozinhasse no gás, já existia a iluminação a luz elétrica e essa gente da elite econômica tinha o conforto das suas camas acolhoadas.

Mesmo assim, esse modo simples de vida, do relato de Severino Mendes, era os aspectos anunciados de como seria a vida do casal Antonio e Antonia e os seus filhos neste momento de suas vidas.

1.3.1 O casal cesteiro, Antonio e Antonia e os seus parentes

Sobre a vida de Antonio e Antonia, para eles se casarem, existiu um processo, o qual a sua filha me relatou. A questão é que,

Eles se juntaram antes, e se casaram depois, só no padre mesmo, na igreja. Muito depois, foi que um casal dono da terra onde eles moravam se interessaram em fazer o casamento deles, eles já tinham a gente que era mais velho como filhos pequenos (Mendes, 2020. Informação verbal).

Como eram de origem pobre, após a união, Antonio foi trabalhar na arte dos cesteiros que tinha aprendido com os seus pais, na roça, e em outras atividades rurais, à época, para sustentar a mulher e sua família que estava se formando (Mendes, 2020).

Naquela época, o homem prover o mantimento para dentro de sua própria casa era questão de honra, de compromisso com a família e com a sociedade em que vivia. É compreensível que na década de 1950, a sociedade brasileira estava emergida em uma cultura tradicionalista, na qual os costumes e tradições eram motivos maiores para serem guardados, obedecidos (Mittanck, 2017). “Dentre estas práticas, a priorização do casamento como

objetivo maior na vida de uma moça” (Mittanck, 2017, p. 1). “Era uma missão inspirada por Deus e defendida pela Igreja que via no casamento um ato indissolúvel e sagrado” (Mittanck, 2017, p. 7). Antonia e Antonio professavam na época, a fé católica apostólica romana, que fora recebida por intermédio de seus pais.

No entanto, eles foram, primeiramente, viver juntos, sem a formalidade do casório, para só depois, por interesse alheio, casarem-se. Desse jeito, fugindo da lógica sócio-religiosa e mais geral da época, mesmo que depois, por interesse dos outros, fizeram nos conforme dos ritos religiosos. Não sei, pois, não houve memória que apontasse como os pais e as pessoas que, naquele momento os conheciam, comportaram-se ao saberem que eles foram morar/viver juntos, sem se casar primeiro (mesmo percebendo que houve um casal que ficou preocupado e resolveu arcar com tudo para eles casarem na igreja).

Compreendo que isso, também pode ter sido, um meio deles resistirem às lógicas religiosas consolidadas naquele período da história ou mesmo um desinteresse deles por tais noções ritualísticas da religião e sociais. Mesmo sendo posterior a se juntarem, o casamento deles, ocorreu nesse contexto em que casar, no caso, um “bom casório” era um ideal para “se viver bem” e de acordo com a fé que professavam, na qual a mulher tinha uma missão divina de ser mãe, a exemplo da mãe sagrada dos católicos, Maria mãe de Jesus Cristo. Sendo nesse entendimento, podemos perceber como se dava o imaginário social, no ato de se constituir família naquela época, no interior do estado da Paraíba. Isto é, entre as décadas de 1950 e 1960.

Além disso, principalmente, a noção social naquele momento seria que, ter uma quantidade elevada de prole, poderia significar mais ajuda nos serviços de manutenção do lar. E este casal, teve vinte filhos. “Meus pais tiveram 20 filhos entre os que ficaram vivos e se criaram e os abortos” (Mendes, 2020). Percebe-se então, neste relato, que as causas dessas pessoas terem essa quantidade de crianças, pode ter sido tanto pelo fato da noção sócio-religiosa, a qual apresentava que a mulher era para ter filhos, pois, é uma ideia católica de crescer e se multiplicar e encher a terra. Quanto à falta de uma política de conscientização sobre natalidade e disponibilização de anticoncepcionais, a qual poderia não existir ou não ter alcançado essas pessoas naquele período.

Ainda nesse sentido, é possível perceber nesta narrativa que eu obtive com a filha de Antonio e Antonia, que havia na época uma notória mortalidade infantil, o que pode indicar falta de políticas de saúde a respeito do acompanhamento puerperal para mulheres mais pobres à época. É manifesto que, entre as décadas de 1940 e 1970, havia percentuais ou valores elevados de mortalidade infantil na região Nordeste do Brasil (Yunes; Ronchez,

1974). E esse casal passou por essa dificuldade enfrentada por pessoas mais pobres, isso por falta de políticas públicas de Estado mais eficazes na saúde pública do país, neste momento da história.

Em continuidade da exposição e interpretação das memórias da filha do casal, a Maria da Luz Mendes (2020), conforme ela, quando era criança e morava ainda no sítio, por nome de Sapucaia em Cuitégi-PB, também moravam outros familiares seus. Os quais também faziam cestos como um meio de sobrevivência, como uma forma de trabalho para os seus sustentos. Ela ainda conta que se lembra de quando morava nesse lugar campesino, e nos terreiros das casas brincava com os colegas, primos e irmãos. E também via seu pai a sair para trabalhar alugado, aos donos de terras daquela região e quando o seu pai chegava em casa, era ajudado pela esposa, no processo de trançar os cestos e, assim, construía balaio para a venda e sustento da casa (Mendes, 2020).

Com isso, pude conceber que nas narrativas, a narradora das memórias, expressou as suas próprias percepções sobre ela mesma, mas também a respeito dos seus parentes e pais. Em conformidade com Walter Benjamin, “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (1985, p. 201). E esta lógica foi possível perceber tanto nos diálogos que tive com a cesteira Maria, quanto com os demais que contribuíram com as suas memórias neste estudo. Geralmente, eles incorporaram, às narrações das suas memórias, situações da vida deles, com as percepções sobre si enquanto sujeitos no presente, e também cenas atuais com a própria experiência narrada pela sua parentada, as quais estas pessoas ouviram.

Dando continuidade às interpretações das memórias, pude perceber que havia uma relação entre fazer cestos e a vida na zona rural, e isto fez parte da vida deste casal, assim como, de seus filhos, no que se relaciona ao período, no qual ocorreram as ações dessas rememorações. E, desse modo, partindo das narrações de Maria da Luz (2023), a vida no campo, as atividades de cultivar roçados, de fazer cestos e de trabalhos alugados em terras de outras pessoas, desta região, ou na própria retirada do agave¹², foram maneiras, desse casal, de pessoas negras, juntamente, com a sua família subsistir, existir e resistir.

¹² O agave é uma planta como se fossem palhas do pé de abacaxi, as quais são retiradas e trabalhadas em maquinário específico e depois fazem cordas e outros produtos com os fios que retiram. Sobre as questões dos trabalhos e dos trabalhadores do agave na cidade Cubati-PB, a dissertação de mestrado de Silvano Fidelis de Lira, sob orientação do Dr. João Batista Gonçalves Bueno, defendida no PPGH-UFPB, por título: “MEMÓRIAS E SENSIBILIDADES, AS POÉTICAS DO CONTAR-SE: UMA HISTÓRIA DOS CAMPOS E MOTORES DE AGAVE (CUBATI, PB 1950 – 1980), retrata muito bem os processos e pormenores dessa atividade de retirada

Ao dar prosseguimento, pode-se observar a fotografia do casal cesteiro, Antonio e Antonia. Os quais, através da cultura de cestaria resistiram às dificuldades encontradas na época, que foram impostas pelo Estado brasileiro, na medida em que não estabeleceu políticas públicas efetivas, em favor da população negra brasileira. Eles foram ensinadores desse conhecimento ancestral (eu os nomeio de ensinadores de conhecimentos ancestrais, porque, estes cônjuges carregaram, por meio, de suas práticas cesteiras cotidianas, um ensino externo à escola enquanto instituição. Por isso, legou uma pedagogia ancestral, esta que contribui para a manutenção da memória, cultura, práticas, conhecimentos e identidade de grupos étnicos (Nascimento, 2022). Ou como diria Nilma Lino Gomes (2017) à resistência dos grupos não hegemônicos).

Este casal, também motivou o aprendizado deste conhecimento ancestral¹³, sendo desse jeito, indivíduos, pelos quais, os conhecimentos dos cesteiros foram ensinados, e, assim, ainda permanecem no presente, mesmo que feitos, de outros modos, através de seus filhos e parentes, isto é, entre os seus descendentes na contemporaneidade.

de agave, na qual Antonio Mendes Ferreira, o marido de Antonia Benedito da Conceição, que eram cesteiros, trabalhou.

¹³ Eu entendo o conceito de conhecimento ancestral, no meu trabalho, como sendo as artes das cestarias desses trabalhadores, porque, ela foi repassada por essas pessoas, dos mais velhos para os mais novos, durante gerações, em conformidade com as memórias que obtive.

Imagem 01: O casal cesteiro, Antonia e Antonio, que são sujeitos da minha pesquisa.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Na fotografia acima, que apresenta como seriam as fisionomias do casal cesteiro, é possível realizar algumas considerações e, com isso, discorrer acerca de perspectivas sobre temporalidades, da própria montagem da fotografia. Como também o que esta foto pode expor-nos ao “tocar o real”. Faço também, interpretações sobre essa duas imagens que foram juntadas. O orientador deste estudo, especialista em imagem, João Batista Gonçalves Bueno (2011), com a sua tese de doutorado, ajuda-me a compreender melhor, não somente essa reprodução visual, como as demais que fazem parte desta pesquisa. Portanto, sabe-se que há uma necessidade da utilização de fontes variadas, produzidas num mesmo período, para se compreender e analisar melhor uma imagem (Bueno, 2011).

Dessa forma, entendo também que não devemos considerar as imagens como retratos de verdades absolutas e nem como representações fiéis de acontecimentos históricos. Como quaisquer registros históricos, as imagens são resultados de escolhas e de seleções dos olhares de seu produtor e trazem nelas inseridas as intenções de sua produção historicamente datada. As imagens como fontes históricas não são completas e nem são definitivas; por essa razão, os seus leitores podem realizar diferentes interpretações (Bueno, 2011, p. 18).

Contanto, não tomo essa imagem deste casal, e nem as demais deste trabalho, como verdades absolutas, porém entendo que elas são passíveis de interpretações diversas. Nesse sentido, o que temos a compreender com estas reproduções visuais, de minha pesquisa, é que elas são partes importantes do meu texto e para a compreensão deste estudo. A respeito da imagem do casal cesteiro, eu tirei a fotografia de Antonia da ficha do Sindicato dos Trabalhadores de Araçagi, datada do ano de 1992. Desse modo, fiz um registro fotográfico do documento, no qual estava o retrato três por quatro, dessa cesteira matriarca. E partindo dele, recortei-o no aplicativo e montei a foto com o casal de trabalhadores. Na parte de trás, da imagem tem algumas marcas, porém que são dos grampos enferrujados do grampeamento na ficha, e da própria margem superior do cadastro em folha. Na reprodução é possível ver a representação visual de uma mulher de cabelos crespos, olhos pretos e firmes, e de pele negra. Ela está vestida com uma blusa de gola listrada. Olhando a foto a contrapelo, é possível entender que Antonia está focada para a lente da câmera sob a orientação do fotógrafo¹⁴. O processo para registrar a pessoa, era que antes, o registrador colocava o indivíduo, de pés juntos, geralmente na foto três por quatro, assim, aquele sujeito teria que ficar imóvel na frente do instrumento fotográfico.

Já a fotografia de Antonio Mendes, era posta na casa dele, antes de sua morte, em um quadro de parede junto com a imagem de um filho dele que morreu em queda de pé de coqueiro, quando trabalhava retirando cocos para um dono de terra de Araçagi (Ferreira, 2021). Mesmo assim, quando fui atrás do quadro, já não se encontrava mais, mas consegui, após conversar com familiares, a foto com a neta dele, Milena de Santana Mendes (uma das pessoas cesteiras entrevistadas). Ela me deu e guardei em meu acervo histórico. Nessa perspectiva, compreendo que a realidade do que foi é muito diferente, do que demonstra a reprodução em retrato. Porque não são os acontecimentos que foram e jamais podem ser a existência do passado, como se fosse possível ele ser totalmente apresentado, seja por meio de imagens ou de qualquer outra fonte histórica. “A realidade é diferente da imagem visual” (Bueno, 2011, p. 24). Uma fotografia não nos revela a verdadeira realidade de um tempo ou de uma dada/determinada existência (Didi-Huberman, 2012).

Em vista disso, nesta fotografia, que lembram o que foram as características do casal cesteiro, sofreram modificações ou montagens realizadas por mim, para se ter este resultado. Foram registros realizados em momentos históricos diferentes. A imagem com a cesteira

¹⁴ Nessa época em Araçagi, conforme narrativa de populares que moram na cidade, quem era o fotógrafo, era um homem branco e magro conhecido como Mineiro. Esse registrava fotos de todos que procurassem e tinha isso como profissão.

Antonia foi provavelmente registrada e revelada na década de 1990, mais especificamente, como ela foi inscrita no sindicato Araçagiense (local onde encontrei a fotografia), pelo qual se aposentou como agricultora, em 30 de junho de 1992 (Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araçagi, 1992, n./p).

Já, o denominado na época de retrato¹⁵, que é a imagem de Antonio o cesteiro, pode ter sido registrada quando ele tinha entre 40 e 45 anos de idade, ainda no século XX, e já morava na cidade de Araçagi. A foto apresenta um homem negro, de bigode (conforme, relatos dos familiares, Antonio gostava de usar um bigode bem tratado). O terno, gravata e camisa de dentro foi fruto da montagem realizada pelos vendedores de quadro, que passavam nas portas vendendo esses trabalhos. A imagem de Antonio, inicialmente, era preto e branco, mas foi colorida, pois teria sofrido alterações drásticas por vendedores de quadros que fizeram ele, a partir de uma foto, possivelmente, três por quatro. Ou seja, sofreu modificações em cima de modificações. A montagem para o quadro, que foi exposto na parede da casa do cesteiro, foi realizada já no século XXI, quando ele ainda estava vivo (Mendes, 2023).

É possível perceber nela (a imagem) uma montanha e alguns coqueiros - montagens colocadas pelos vendedores ou quem eles contrataram para fazer esse trabalho - que tem ao lado de Antonio - o seu filho que morreu no serviço arriscado ao subir em coqueiro para tirar cocos para o dono da terra. Sendo assim, posso perceber que a construção realizada pelos vendedores de quadros, quando eu interpreto-a, e observo o envolvimento de temporalidades e imaginações diversas. Nesse sentido, por meio do diálogo soube que foi sugestão da família, esta paisagem das montanhas, pés de cocos e árvores (características bem aproximadas aos locais em que viveram os cesteiros na localidade de Sapucaia em Cuitegi-PB; afirmo isso, pois estive no lugar). Com isso, posso dizer que a imagem envolveria o tempo dos registros das próprias retratos correspondentes ao final do século XX. O período das montagens, pelos vendedores, que as fizeram no período da primeira década do século XXI. E o momento da minha montagem para esta pesquisa, que envolve o presente.

Assim como não há forma sem formação, não há imagem sem imaginação. Então, por que dizer que as imagens poderiam “tocar o real”? Porque é um enorme equívoco querer fazer da imaginação uma pura e simples faculdade de desrealização (Didi-Huberman, 2012, p. 208).

¹⁵ As pessoas mais antigas, no interior da cidade de Araçagi chamavam os quadros que eram feitos por pessoas que passavam vendendo esses serviços nas portas das casas de retrato; essas pessoas colocavam as suas paredes ou em suas estantes esses quadros que denominavam de retrato como um objeto de memória, de lembrança de seus entes queridos já falecidos.

Dessa forma, percebo que as imagens auxiliam-me a contar a história do casal cesteiro, de nosso estudo, e a compreender melhor como teriam sido as suas existências, enquanto seres humanos que vivenciaram várias experiências, nos espaços e lugares que viveram e passaram. Pessoas que tiveram as suas sensações e sensibilidades cotidianas, seja por onde andaram ou residiram. Viram e sentiram realidades, das suas épocas, as quais cada um deles perceberam de maneira particular.

Nesse sentido, eu enquanto historiador percebo, que a escrita não da conta de esses sentimentos e “experiências vividas”, em um texto. Mesmo assim, posso discutir as narrativas de vida, as experiências e as suas percepções, através dos vestígios do passado recheados de presente, principalmente, contidas nas imagens geradas nas mentes dos cesteiros que entrevistei. Assim expressando, o que poderia ter ocorrido por meio das suas memórias.

Os lugares em que eles moraram, produziram os seus cestos e trabalharam, nos sítios, seja em Sapucaia de Cuitegi ou em Fazenda Nova de Araçagi, atualmente são repletos de matagais, mudados, ainda assim, esses locais estão nas imaginações das rememorações dos cesteiros que vivenciaram os acontecimentos à época. Desse jeito, percebi que Maria da Luz, quando chegava nos lugares de suas memórias, contava muito bem, o que rememorou, assim, como todos os outros cesteiros desta pesquisa contavam as suas memórias. Posso falar que foram ótimos narradores.

Narrar faz parte do ato de criar identidade, expressar experiências e de externar memórias. As crianças quando começam a falar, logo, procuram intimidade, aproximação e identificar seus pais e os mais próximos, por meio da fala, isto é perceptível pela empiria. E segundo Walter Benjamin (2013) narrar pode ser uma maneira usada para a cura ocorrer, por isso, temos uma sociedade tão doente atualmente, pois há poucos bons narradores. “Daí a pergunta: não constituirá a narração o clima adequado e a condição mais favorável de tanta cura?” (Benjamin, 2013, p. 61).

Sendo assim, o local em que, principalmente, os filhos do casal cesteiro, e mais especificamente, a Maria da Luz Mendes (2023) vivenciou eram também os seus lugares de formação e socializantes para os mesmos. De acordo com o que Maria (2023) narra nas suas memórias, era uma atividade normal brincar com bonecas feitas com espigas de milho verde, às vezes tiradas da roça por seus pais. Como também o construir brinquedos de materiais da natureza e, nesse enlace, conversar com os seus irmãos e coleguinhas no terreiro de casa. Quando entre eles ocorriam brincadeiras. Isto poderia ajudá-los nas suas formações, por meio, também das experiências adquiridas com os mais velhos, sobre a riqueza que pode dar a

contação uns com os outros. E o prazer de conhecer o natural, a vegetação que tinha ao redor de seus próprios lares.

Eles viveram em um recinto, em que sentar ao chão de barro batido, em família (pais, filhos e parentes mais próximos), geralmente, à noite para trançar vegetais lavrados (desbastados) que eram o cipó e a taboca, era o lazer. E nessa “dança de braços” a fim de formar um balaio (cesto), uns aos outros contavam as suas histórias, memórias e experiências. (Mendes, 2022). Esse espaço pode ter sido a “sala de aula” para essas pessoas, que são cesteiros, agricultores e bons narradores. “A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio artesão - no campo, no mar e na cidade -, ela é própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação” (Benjamin, 1987, p. 205). Walter Benjamin (1987) diz:

Uma experiência quase cotidiana nos impõe a exigência dessa distância e desse ângulo de observação. É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências (p. 197-198).

Nesse sentido, a questão que deixo explícito é: eu encontrei bons narradores que falaram as suas memórias nos/dos lugares em que ela viveu com os seus irmãos, pai, mãe e conhecidos, enquanto trabalhavam fazendo cestos e noutros serviços para sobreviverem. “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria existência ou a relatada pelos outros” (Benjamin, 1987, p. 201). Por conseguinte, irei abordar como essas pessoas sobreviviam através do trabalho de fazer cestas.

1.3.2 Como sobreviver com esse trabalho?

Em todo o texto está, implícita ou explicitamente a ideia de que a memória não é um discurso responsável por criar uma imagem real do passado, mas ela cria interpretações possíveis de experiências individuais ou coletivas. Entendo que a memória, como narrativa, não se configura como discursos verdadeiros, ela é marcada pela seletividade, por leituras diferentes, de um passado que só se tem acesso a fragmentos, dispersos e deformados. O passado é fugidio, não deixa se prender aos caprichos de quem

tenta interpretá-lo, foge das tentativas sintetizadoras das experiências humanas.

Silvano Fidelis Lira

A cestaria dos Mendes é uma arte ancestral. Maria da Luz (2023. Informação verbal), a cesteira disse: “Fazer cestos me traz à memória os que foram antes de mim. Essa foi uma arte que os meus antepassados sabiam e me ensinaram a fazer”. Nesse sentido, construir cestas para ela, não é somente para ajudá-la na sobrevivência, mas também como um modo de rememorar os seus familiares que fizeram cestas antes dela. Mesmo assim, o interessante é que essa técnica de trançar vegetais ajudou na manutenção da vida dessa gente. Sobre como ajudou a esses parentes sobreviverem, João Augusto da Silva¹⁶, esposo de Maria da Luz que conheceu essas pessoas desde que ele era pequeno por volta de 1957-1960, narra a seguir como se dava isso.

Agora desde que eu era pequeno, quando eu passava eles estavam fazendo balaies. Dos parentes mais chegados tinha Adão. Antonio Barbosa (Antonio Mendes), João Balaeiro era uma turma da mesma família que fazia. E aquilo era bom porque era rentável. Aí cada cá pegava dez, doze ou quinze e iam para Guarabira no sábado para fazer a feirinha. Naquele tempo isso dava, hoje é difícil. O povo vivia daquilo naquele período, porque além de trabalhar na roça durante o dia, eles pela noite iam fazer balaies (Silva, 2023. Informação verbal).

João Augusto cesteiro expressa o nome de alguns desses parentes de Antonio Mendes, que também eram cesteiros. Além disso, João relata como, naquela época, por volta do ano de 1960, a produção dos cestos dava para sobreviver, porque, os cesteiros vendiam nos sábados, em Guarabira, as suas produções, as quais geravam renda para ajudar na compra dos alimentos. Importante destacar que, na narração, o autor revela como levavam os balaies. O transporte dos cestos era realizado na cabeça com uma quantidade determinada, conforme as forças de cada um. No entanto, na narrativa é possível verificar que, essas pessoas, não viviam tão somente de fazer cestas, mas também trabalhavam na agricultura. Durante o dia cultivavam a terra e à noite faziam balaies. João Augusto teria aprendido a arte dos cestos com a sua esposa Maria da Luz.

Os balaies, eu aprendi a fazer através da minha esposa Maria da Luz que aprendeu com o pai, porque, o pai dela se chamava Antonio Balaeiro (Antonio Mendes). Aí, ela aprendeu com ele, então quando eu já estava

¹⁶ João Augusto nasceu em 1947, conforme informação que eu obtive.

casado com Maria da Luz, a gente morando junto e sofrendo uma dificuldade financeira, não apreciava um dia de serviço, naquele tempo eu fazia bico de pedreiro e trabalhava de enxada, ali entre os anos de 1990 e 1995, só que não tinha trabalho, mas quando aparecia um dia aqui e outro ali, era bom. Só que no tempo eu não sabia que ela sabia fazer balaio (cesto), porque se eu soubesse com certeza não tinha passado tanta dificuldade e a vida teria sido outra naquele momento de nossas vidas. Só vim saber mesmo há pouco tempo atrás e ainda depois da gente já velho e aposentado eu vou buscar a cana braba e o cipó no mato e preparo esses materiais e ela faz os balaies (cestos) e vendemos (Silva, 2023. Informação verbal).

Pode-se perceber no relato acima que João Augusto, marido de Maria da Luz aprendeu a fazer cestos com ela, a sua esposa e a Maria já tinha sido ensinada pelo seu pai Antonio. Nesse sentido, entendemos que há uma noção de ensino e aprendizagem não formal entre essas pessoas, no que diz respeito à arte das cestarias. Na narração, o entrevistado expressa que por volta dos cinco primeiros anos da última década do século XX, passou por muitas dificuldades financeiras. Logo quando casou com a Maria da Luz cesteira, mas apesar de ter conhecido essas pessoas há bastante tempo, por motivo que ele não deixou notório, não sabia que a sua esposa sabia fazer cestos, pois se soubesse, o mesmo reconhece que a condição econômica deles, naqueles anos, poderia ter sido diferente. Ou seja, reconhecendo que naquele momento fazer e vender cestas eram uma atividade que fornecia boa situação financeira. E que, ainda no presente, depois de aposentado, ainda vai para dentro das matas atrás dos materiais para fazer cestas junto com a sua esposa Maria da Luz. Isso mostra que essas pessoas ainda fazem balaies atualmente, mesmo que não sejam tão rentáveis como em décadas passadas.

E naquele tempo a gente não tinha recurso, como hoje em dia não, porque todo mundo tem recursos, né? Mesmo não tendo trabalho, o governo ajuda e dá para levar a vida. Mas antigamente, a gente para comer um quilo de carne era de ano em ano. Aí também trabalhava em outras produções rurais, como apanhado jurubeba para fazer vinho; a retirada da batata de purga; e apanhando castanha de caju. Com isso, os pais da gente compravam as roupas de festa da gente. A gente não sabia o que era dinheiro, muito não, a gente sabia o que era trabalho. Também fazíamos às vezes farinha. E a gente sobrevivia, basicamente de fazer cestas, porque não tinha outras rendas fixas. Aí meu pai (Antonio) às vezes ia dormir de madrugada, de sexta para sábado, fazendo os balaies. Aí quando dava quatro e meia da madrugada, a gente descia pela ladeira do Pinga, lá em Cuitegi para levar os cestos para vender em Guarabira. Quando papai se reunia para fazer os balaies, às vezes era noite de lua cheia como, a gente está vendo agora, se reunia todo mundo junto para fazer balaies, aí ele cantava demais aquelas emboladas de coco e contava aquelas histórias dele e ao mesmo tempo fazia cestas (Ferreira, 2023. Informação verbal).

Neste trecho narrativo, é possível entender que João Mendes cesteiro, filho do casal cesteiro Antonio e Antonia, informa que naquele momento em que eles viviam tendo como renda básica as cestarias e atividades na agricultura. Não havia ajuda financeira do Estado brasileiro, para pessoas vulneráveis socialmente como era essa família cesteira. Nisso, o narrador dessas memórias, cruza a falta de recursos dados pelo governo da época, com os programas sociais atuais¹⁷. Conforme as informações obtidas, esses acontecimentos teriam ocorrido entre os anos de 1964 e 1967, em plena Ditadura Militar no Brasil (1964-1985). Nesse caso, conforme João Mendes cesteiro, eles não comiam constantemente carne animal. Pelo visto, este tipo de alimento não era um componente frequente na mesa das famílias mais pobres do interior da Paraíba, como a dos sujeitos deste estudo.

Dessa forma, se ver que os cesteiros deste estudo produziam para além dos seus cestos outras atividades rurais como as farinhadas para fazer farinha de mandioca, a coleta de sementes no mato para vender e, com isso, comprarem alimentos, roupas e calçados. Quando dizem que não sabia muito que era dinheiro, mas sim o que era trabalho, provavelmente, se dá no sentido de que essa gente sentia que trabalhavam muito, porém recebiam pouco pelas atividades desenvolvidas. Ainda assim, uma informação importante expressa por João Mendes cesteiro é que a base da economia familiar era a feitura e venda dos balaies (cestos), porque, não tinham uma renda fixa.

Prosseguindo a narração, João Mendes cesteiro retrata como o seu pai Antonio Mendes cesteiro passava até a madrugada da sexta para o dia de sábado fazendo balaies e ainda na madrugada desciam a ladeira de onde moravam, possivelmente, com os cestos na cabeça para venderem na feira de Guarabira. Portanto, é observável, como se davam as dificuldades deste homem negro, do interior paraibano, para sustentar a sua família, durante esse período da história brasileira. No relato, o cesteiro João Mendes, ainda retrata como eram as experiências de quando o seu pai fazia cestos junto com os parentes. No momento da entrevista ele observou a lua cheia que estava no céu da noite em frente de sua casa, onde o mesmo faz cestos, e disso que o seu pai fazia os seus balaies quando eram nessas noites claras de lua, e ao mesmo tempo quando não estava cantando músicas tradicionais nordestinas, às vezes contava histórias para os que ali estavam presentes. Desse modo, era da feitura e venda de cestas e de outras atividades do campo que essas pessoas viveram nesse tempo.

1.3.3 As relações familiares, de trabalho e com a sociedade

¹⁷ O exemplo do Programa do Governo Federal da Bolsa Família.

Neste tópico trago memórias que narram ocorrências cotidianas, referentes ao relacionamento dessa família de pessoas negras, uns com os outros, com o trabalho e com as pessoas do meio, no qual viveram. Esses relatos são rememorações, que contam como essas pessoas se relacionaram, principalmente, com as cestarias como modo de trabalho.

Eu me lembro de minha mãe Lúcia Mendes que é filha de Antonio, quando ajudava ele, meu avô nos trabalhos das cestarias, buscando cipós e tabocas para fazer os balaio. Todos os filhos mais velhos de meu avô, irmão da minha mãe fazem cestas. Só que hoje os mais novos não sabem tanto, mas os mais velhos fazem. Tanto que a nossa família dos Mendes, aqui em Araçagi, todos os irmãos de Antonio Mendes Ferreira, meu avô, faziam as cestarias. Hoje ainda minha tia Da Luz faz. A gente tem uns primos que são sobrinhos de meu avô que ainda também fazem essa arte de trançados, mas que realmente não é com a intensidade que faziam antes. A gente sempre morava tudo junto, inclusive depois que meu pai faleceu, minha mãe foi morar dentro da casa de meu avô, porque não suportava ficar sozinha (Santos, 2022. Informação verbal).

Nesta memória, que teria ocorrido entre os anos 1993 e 2000, Marcos Antônio, neto do casal cesteiro, narra como se dava a associação da sua mãe com o trabalho das cestarias, juntamente com pai da mesma, o Antonio cesteiro. Lúcia Mendes, uma das cesteiras, ajudava o seu pai cesteiro, na retirada dos materiais para fazer cestos de dentro das matas. Nesse caso, havia uma divisão dos trabalhos para a construção de um balaio (cestos). Tinha os cesteiros que pegavam os vegetais nas matas, dos quais era exigido um determinado conhecimento das plantas que davam para fazer os trançados. Esses que tiravam as fibras vegetais do mato, eram por vezes, os mesmos, os quais carregavam para casa, na finalidade de melhoramento do material para o trançado e feitura das cestas. E havia os cesteiros que sabiam os conhecimentos do trançamento das fibras desbastadas (melhoradas). Muitas das vezes alguns desses cesteiros faziam todas as partes do processo, desde a ida às matas para pegar as taliscas vegetais até a arte do trançado delas para construção de um balaio.

Na narração, ainda pode-se entender que dos parentes como irmãos e filhos de Antonio, a grande maioria sabia fazer a arte, mas o narrador da memória, Marcos conta que os mais novos, possivelmente, se referindo aos netos do casal cesteiro, não sabem mais fazer a arte, como se ela estivesse se perdendo entre eles. A tia Da Luz a que ele se refere, é a Maria da Luz Mendes, cesteira. Ainda, o entrevistado ressalta que existem alguns sobrinhos de Antônio na cidade de Araçagi, os quais fazem balaio (cestas). No entanto, atualmente, a família não faz balaio com mais frequência como fazia, provavelmente, porque muitos dos mais velhos que sabiam a arte se aposentaram e os mais novos estão buscando outras atividades laborais. Todavia, o que percebemos é que fazer cestos, para essa família, era um

meio não somente de trabalho, como também de se reunirem, e de se identificarem na sociedade.

Sobre a questão de fazer os balaies eu lembro que era um momento bem para a família mesmo. Onde todo mundo ficava na sala reunido; todos tentavam ajudar da melhor forma, mesmo a gente sendo pequeno e não sabendo muito o que fazer tentava estar ali perto e ajudar. As vezes uns ficavam dizendo que a gente não sabia nada, mas minha avó (Antonia) dizia: é de pequeno que se aprende, deixem eles aí! Nesses momentos de fazer balaies ficava aquela roda em família. Meu avô (Antonio) gostava de cantar umas cantigas e conversar bastante contando as histórias dele dos tempos antigos. Era fazendo cestos e contando histórias. Quando eles moravam lá em Cuitegi diziam que tinha uma boa relação com os vizinhos. Essa tradição de fazer cestos foi passando de pais para filhos. Meu avô Antonio era impressionante, pois apesar de nunca ter ido a uma escola, quando a gente chegava da escola ia tirar as dúvidas de matemática com ele e ficávamos nos perguntando como foi que ele conseguiu aprender aquilo. E a maneira que ele ensinava a gente aprendia, era diferente do que a gente aprendia na escola e sempre dava certo, o resultado final era a mesma coisa, mas era um jeito único dele. Eu acho que deve ter uma relação entre essa habilidade dele com matemática com o fazer cestos, porque além de saber lidar com conta na hora de fazer as cestas com as quantidades de cipós para fazer as pernas dos balaies e também a questão da venda para as pessoas que compravam, porque ele lidava muito com o dinheiro, ao passar troco e essas coisas. A família da gente era identificada assim, como os balaeiros, por exemplo, quando perguntavam: você é filho de quem? Daquele homem que faz balaies! Ah, sim sei quem é, falando dessa forma eu lembro (Mendes, 2023. Informação verbal).

Essas memórias de Milena de Santana Mendes, neta do casal cesteiro Antonio e Antonia, teriam sido ocorridas entre os anos de 1995 e 2000. Em conformidade com as lembranças de Milena, fazer cestos era um momento no qual a família se reunia, e ajudava durante o processo da feitura dos cestos. Importante destacar que mais uma vez aparece nas narrativas dos cesteiros que Antonio Mendes fazia seus cestos cantando músicas e contando histórias. Outra questão relevante é o fato das crianças estarem no meio dessas reuniões para a feitura de cestos, podendo ser essa a maneira que muitos dos filhos de Antonio Mendes aprenderam a arte das cestarias, porque, essa é uma técnica ancestral entre essas pessoas.

Outro aspecto que é destacado nas memórias de Milena é a habilidade de seu avô, Antonio cesteiro, em matemática, a ponto de que, de um jeito próprio, ensinar aos netos contas escolares de forma habilidosa. A neta de Antonio destaca nos relatos que isso pode ter sido aprimorado pelo próprio dia a dia dele com as cestarias que exigiam saber contar os vegetais para iniciar e terminar um cesto. E também da exigência em saber lidar com dinheiro no momento das vendas dos balaies. Observando ainda o que é narrado, nas lembranças de Milena, é possível compreender que havia uma boa relação entre a família negra cesteira e os

vizinhos onde moravam. Entre a sociedade, como a própria vizinhança conhecia essas pessoas fazedoras de cestas como a família dos balaeiros, nesse sentido, essa arte também era um modo de identidade social desses parentes. No relato a seguir, pode-se ver uma narração de Maria da Luz Mendes a respeito de como se dava as relações da família com a sociedade.

A gente é uma família de gente negra e sempre se deu bem com os vizinhos que eram brancos que estavam por ali trabalhando com a gente, até mesmo porque tinha gente branca casada com pessoas que eram da nossa família. Agora, teve um caso, do dono de Fazenda Nova que uma vez disse a papai, isso foi, mais ou menos em 1973, que ia derrubar a casa de taipa que a gente morava na terra dele, o fazendeiro estava bêbado, e mamãe grávida. Esse homem era um velho branco. Quando papai ouviu isso, enfrentou ele e disse que se ele pegasse numa telha dali, ele ficava lá mesmo, de repente o homem foi embora e logo depois a gente saiu de lá daquela terra (Mendes, 2023. Informação verbal).

Nesta memória, percebo que essas pessoas se consideram negras e que, através do relato, tinham um bom relacionamento com os vizinhos que eram brancos, os quais trabalhavam para sobreviver, igualmente, os cesteiros. No entanto, prosseguindo a narração, a cesteira revela uma ocorrência de racismo sofrido pela família trabalhadora em cestarias, por um fazendeiro local de Araçagi dono das terras onde os familiares moravam e trabalhavam. Algumas características desse homem a se destacar por intermédio do relato, é que ele era branco e dono de terras, ou seja, fazia parte da elite do lugar. Nesse caso, há uma ligação do racismo sofrido por essas pessoas nesse momento em 1973 (É interessante pensar que esse é o momento em que o Brasil está em plena Ditadura Militar), tanto pelas questões étnico-raciais, que advém de uma mentalidade formada nas bases coloniais do escravismo no Brasil. Como também por dimensões econômicas. Visto que, aos cesteiros não tinha sido legada o direito à terra, nesse caso, ao direito de produzir riqueza, no entanto, o fazendeiro era o dono de terras e, conseqüentemente, do poder econômico. Neste caso, levando em consideração a violência que esse homem da elite local executou em palavras e propôs executar em atitudes, faz-nos pensar que era como se ele se sentisse dono dessas pessoas negras e, assim, como moradores da sua terra, este homem branco e rico poderia tratar essa família de forma violenta.

Pode-se compreender pela narração, que o fazendeiro local não concebia os cesteiros com um reconhecimento de igualdade perante eles, com isso, culminando nesta relação racista e repleta de violência. Nesse sentido, podemos ver como esses parentes cesteiros passaram por momentos de enfrentamento com cunho racista, até mesmo na sua necessidade de moradia. Portanto, o racismo que essas pessoas sofreram pela condição das relações de poder desse homem da elite, como dono desse espaço afetou diretamente na vida dos cesteiros ao

expropria-los da sua morada de taipa. E são esses acontecimentos da vida cotidiana desses cesteiros que levei para dentro da escola. A história de pessoas comuns, pessoas negras cesteiras que sofreram com o racismo estrutural no interior da Paraíba por meio dos seus saberes, fazeres, cotidianos e trabalhos como a feitura dos balaaios.

Diante do que foi posto, atualmente, ainda essa família cesteira¹⁸ faz cestos, como se vê na imagem a seguir, ou seja, ainda resistem por meio da arte dos cestos. As fotos que se seguem foi registradas a partir de acompanhamentos que fiz, por dentro das matas com os cesteiros, quando eles iam buscar os materiais, isso entre os anos de 2021 e 2023, e a cesteira Maria da Luz fazia os cestos e balaaios dentro da casa dela, na parte de trás, após realizar o desbastamento. Foram nesses locais, que eu realizei entrevistas e ouvi várias memórias desses cesteiros, ao acompanhar eles, de modo etnográfico, realizando a pesquisa ao ir a campo, ou seja, este trabalho foi realizado, não somente no fazer teórico das bibliografias, mas na prática escolar e, antes de tudo, na pesquisa de campo, dentro das matas e registrando os acontecimentos e memórias que eu ouvia.

Na imagem que se segue, é possível observar o registro que demonstra o cesteiro Severino Mendes Ferreira, quando este estava em uma região próxima ao rio Araçagi, no próprio município, retirando cana braba, um vegetal denominado e reconhecido por eles dessa forma, o qual é essencial para a feitura dos cestos. É, interessante ressaltar que o processo de retirar esse material no meio do mato, é bastante dificultoso, exige o uso de foices e facões e é preciso ter o discernimento de qual vara de cana braba levar, ou seja, de um saber ancestral para definir quais canas levar para fazer os cestos e balaaios.

¹⁸ É importante ressaltar que, não é somente a cesteira Maria da Luz que faz cestos/balaaios atualmente, mas o cesteiro João Mendes (fiz acompanhamentos da prática dele, mas não tive como conseguir fotografias dele fazendo cestas, por causa, de alguns percalços, dificuldades ou limitações durante o processo da pesquisa) também faz, e os cesteiros João Augusto e Severino Mendes participam também do processo, principalmente, da retirada e preparo dos vegetais para a feitura da arte cesteira. Para compreender mais sobre o assunto acesse um estudo realizado sobre essas pessoas: <https://drive.google.com/file/d/1Wucdg6PM0u23xZLnDhf95JcmVHn3aBHj/view?usp=sharing>. Ainda mais, para ver vídeos com a cestaria Maria da Luz fazendo cestas acesse os links a seguir:

1. <https://youtu.be/kBuLldPr0DU?si=53Xdzhlo8a9CHbPw>.
2. <https://youtu.be/7lzkZwfv0w8?si=IWKO3btnyR3tKQ-U>.
3. <https://youtu.be/hI0ZsMRBonE?si=savIOvZGpBrfwoQq>.

Imagem 02: Severino Mendes Ferreira carregando cana braba para fazer balaaios



Fonte: Arquivo Pessoal

Na fotografia acima, Severino Mendes, o cesteiro está no processo de transportar as canas brabas nas costas para o local, no qual posteriormente, um carro fretado por eles pegou os vegetais e levou para a casa de Maria da Luz Mendes. Nesse sentido, há uma certa divisão de tarefas, existem os que retiram a matéria prima no mato e os que processam ela até a feitura dos cestos. A imagem apresenta um caminho, e na beira dele dois feixes contendo entre oito e dez canas brabas cada feixe. Ao fundo, após os dois pés de coqueiros está a mata com as canas brabas, e o transporte é realizado em dois momentos. Num primeiro momento os feixes são levados até esse local onde estão as canas brabas nos feixes, e no outro se leva elas até uma casa que tem próxima para depois o carro fretado levar.

Como é um trabalho que exige objetos cortantes Severino carrega na parte de trás, na região da cintura um facão na bainha, de pés nos chinelos ele não temeu entrar na mata somente desta forma, bem pelo costume de sempre ir desta forma. Na imagem a seguir, é possível ver uma outra etapa do processo de retirada dos vegetais nas matas, o qual no registro seguinte foi realizado por João Augusto, na retirada do material chamado de cipó.

Imagem 03: João Augusto tirando cipós para fazer balaies



Fonte: Arquivo Pessoal

Na imagem, o cesteiro João Augusto da Silva esposo de Maria da Luz Mendes, estava retirando cipós¹⁹, em um campo de mato ralo cheio deste vegetal. No registro que eu fiz ao realizar a pesquisa de campo, a localidade que ele retirou esses cipós é na zona rural da cidade de Araçagi por nome de Piabas, que fica acerca de nove quilômetros do centro do município. Mesmo que não seja possível ver na foto, porque a mão do cesteiro cobre, porém ele estava com uma faca limpando as folhas dos cipós e cortando nos pés deles e juntando ao lado; os cipós são como cordas, alguns chegam a mais de vinte metros de extensão.

Para retirar esse material, o cesteiro João Augusto identifica o melhor cipó para ser levado e a medida que ia puxando-o de dentro do mato, retirava as folhas com a faca, ou seja, com uma mão puxava o cipó e com a outra cortava as folhas com a faca, com uma habilidade que demonstrava muita experiência e que aquilo era uma prática que ele fazia havia muito tempo. Finalmente, tendo levado as canas brabas e os cipós para casa, eles trabalharam esses

¹⁹ Conforme os cesteiros existem uma variedade de cipós denominados de cipó canela, cipó lagartixa (nele tem pequenas unhas que parecem de largatixa), cipoal ou cipó branco, e um que não presta para o processo da feitura das cestarias que eles denominam de cipó bugil.

materiais ao desbastá-los e, por fim, a Maria da Luz (João Augusto também tecia os cestos) fazia os cestos em lugar apropriado da casa dela, como é possível observar na próxima imagem.

Imagem 04: Maria da Luz Mendes fazendo balaio.



Fonte: Arquivo Pessoal

Na imagem acima, vemos Maria da Luz Mendes, a cesteira, no ano de 2023, fazendo um balaio, na casa da mesma, num local específico, de seu lar, no qual ela geralmente entrecruza os vegetais e faz os cestos. Na foto, ela está trabalhando, na metade do tecer, de um balaio de tamanho médio; sentada em um banquinho ou tamborete de madeira, baldes grandes e azuis do lado, e no chão cipós, frepas de cana braba e cipós desbastados (vegetal para fazer balaies) espalhados. Portanto, este é um trabalho/arte ancestral nesta família, cultura que ainda permanece no presente e como esses cesteiros negros (modo como se identificam) fazem a arte das cestarias que aprenderam. E foram as memórias desses negros fazedores de cestas, conjuntamente, com a sua cultura e experiências que foram trabalhadas no ensino de história escolar.

Dessa maneira, colocando experiências outras, memórias de pessoas comuns e sensibilidades da realidade local, no ensino de história escolar. E esta minha transição de escrita sobre a trajetória dessas pessoas para como se deu o uso dessas lembranças em sala

de aula, seria, expressamente, o que diz Maria Carolina Bovério Galzerani (1998), sobre os discursos do filósofo Walter Benjamin, em sua tese de doutorado em História.

Em seus discursos, o filósofo nos propicia a chave para, em sala de aula, convertemos “vivências” em “experiências”, ou melhor, em “experiências vividas”, sobretudo se nos voltarmos para as memórias locais - é importante enfatizar que tais memórias têm sido varridas do cotidiano escolar via padrões assertivos homogeneizadores, que têm sido capazes de forçar um esquecer conjunto e sincronizado, sobretudo das memórias mais incômodas, menos consensuais (Galzerani, 1998, p. 267).

Dessa maneira, vou para o próximo passo desta pesquisa, que foi levar essas rememorações para a sala de aula. Porque, neste estudo, não somente faço a abordagem da trajetória de vida dessas pessoas, mas uso as suas memórias no ensino de história. E é isso que realizo ao dar seguimento neste trabalho.

2 AS MEMÓRIAS COMO FONTE PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Ao mesmo tempo, o conceito de memória em Walter Benjamin possibilita o redimensionamento, no ensino de História, de conceitos espaço-temporais que têm sido abalados, sutil e vigorosamente, tanto pela informática como pelas práticas que colocam em ação valores e ideias típicas de uma "sociedade global".

Maria Carolina Bovério Galzerani

É possível educar em história por meio da memória, nesse sentido, o ensino se torna mais significativo, quando se usa as memórias das massas populares neste processo de ensino e aprendizagem, no caso, deste estudo, as rememorações de pessoas negras paraibanas. Sendo assim, nesta pesquisa, eu uso as memórias de pessoas negras cesteiras, mais especificamente da cidade de Araçagi, no estado da Paraíba, no Ensino de História. E neste tópico, abordaremos processos metodológicos, mas também alguns passos teóricos para o desenvolvimento deste trabalho.

Dessa forma, evidentemente, o ato de educar é político, mas também humano. Com isso, ensinar história, torna-se muito mais que repassar conteúdos sobre o passado. O ensino de história possibilita a construção de identidades para os estudantes e dar sentido para os seus cotidianos. Assim, mexer com as suas emoções discentes, a partir do assunto trabalhado em sala de aula, a fim de se estabelecer um ensino significativo para o processo de aprendizado, é modo de trabalhar as sensibilidades nas aulas de história.

Posto isto, trabalhar memórias locais nos encontros com os estudantes e relacionar essas rememorações a assuntos mais gerais da história, é uma maneira que pode dar bons resultados ao se ensinar história. Tendo em vista, que tomar as memórias como fontes, pode possibilitar na sala de aula de história um aprendizado histórico, o qual não se restringe tão somente ao conteúdo curricular da história, mas também trabalha afetos e sensibilidades, no caso desta pesquisa, usamos as memórias de pessoas negras. As memórias locais em sala de aula podem ajudar a trazer significação aos alunos, porque trazem em suas narrativas características cotidianas da vida. Assim sendo, esse é um mecanismo capaz de cooperar significativamente na aprendizagem de assuntos de história no ambiente escolar. Principalmente, ao se trazer narrativas outras, neste caso, de pessoas negras, distintas da narrativa oficial, para dentro da aula de história.

Quando essas rememorações são de gente negra ou de seus descendentes, aí o professor tem a possibilidade de trazer para dentro de suas aulas, a história e cultura dessas pessoas para o seu fazer na escola. E ainda, nessa mesma perspectiva, as memórias, sensibilidades e experiências de outros grupos étnicos e sociais podem ser trazidas para o contexto escolar e auxiliar na construção do conhecimento dos estudantes. E se torna bem interessante na sala de aula, quando as rememorações dessas comunidades, dizem respeito aos seus modos de vidas, fazeres e saberes/conhecimentos tradicionais ou ancestrais.

Logo, apostamos na possibilidade de fazer da(s) memória(s) instrumentos de luta das populações marginalizadas, assumindo-se estas como protagonistas e autoras dessa mesma construção nos movimentos sociais em que estão imersas. E fazendo da escola um espaço vivo e das aulas de história espaços de (re)existência (Paim, Araújo, 2018, p. 17).

Nesse sentido, a escola se torna um ambiente em que as (re)existências acontecem, nesse caso, no qual as rememorações dessas pessoas invisibilizadas da história, tomam lugar na construção da identidade, e do próprio conhecimento. E isto, foi perceptível quando ouvi no final das oficinas que realizei alunos negros, filhos de agricultores locais, relatarem que nunca tinham tido uma aula daquela forma por outros professores, que eram em sua maioria, brancos. No entanto, a temática étnico-racial é só para professores negros abordarem? Evidentemente que não, pois esse é um dever de todos, o de lutar contra o racismo. Conforme os estudantes disseram, os mesmos nunca tiveram uma aula, na qual as memórias sobre a vida de pessoas negras fossem expostas e debatidas. Portanto, os estudantes informaram que os encontros foram para eles significativos, libertador, e que ajudou a conhecer mais a identidade local.

Por isso, ao se levar esses conhecimentos, por meio das memórias dessas pessoas para a sala de aula, o professor está levando os saberes desses povos para a construção do conhecimento, e da identidade local, dentro da escola. Em conformidade com Lino Gomes (2018), a tentativa de distinção entre conhecimento e saber, pode-nos levar a cair na cilada do reforço da hierarquização entre ambos, o que não devemos fazer. A separação entre saber e conhecimento, tal como se é possível perceber, dentro de escolas e em produções científicas acerca do fazer no ensino-aprendizagem, é fruto da forma moderna de produção e ensino de conhecimento que reflete no campo da educação básica, uma maneira hierarquizada dos saberes, conteudista e que atende os moldes capitalistas, de um ensino com caráter, extremamente, empreendedor.

Memórias são fontes de saberes/conhecimentos, com potencial para auxiliar no ensino de história, principalmente, do local. E é justamente com a compreensão, de que o entendimento científico é fruto da ciência moderna, o qual se tornou a forma hegemônica de saber valorizado no campo da educação. E, por conseguinte, nos currículos escolares, que me permite ir além da distinção existente no ambiente educacional, entre conhecimento e saber, dessa maneira não distinguindo e nem hierarquizando um ou outro, mas os entendo como sendo da mesma essência. Ou seja, a percepção da ciência moderna coloca os conhecimentos dos povos tradicionais e socialmente subalternizados como simples saber e a construção do conhecimento científico como sendo o melhor e maior.

A educadora Nilma Lino Gomes (2018) ainda ressalta que uma maneira de superar essa noção de conceber o conhecimento, pode ser por meio da pedagogia das ausências e a possibilidade de se construir uma pedagogia pós-abissal²⁰. Nesse sentido, fica expresso que o processo de colonização trouxe traumas profundos. Portanto, os ferimentos ficaram expostos com a violência após as amarras coloniais, as quais atacam as vias mentais e o espírito, em detrimento de pessoas negras. Ou seja, ferindo os mecanismos existenciais, por meio do racismo encoberto, latente ou estruturante, e se opondo às lembranças dessa gente negra, que foi durante séculos escravizada, sofreu opressão, violências, invisibilização e subjugação.

Esse processo de subjugação colonialista contou com diversas áreas do conhecimento, incluindo, a ciência histórica que produziu esquecimento, colocando em espaços de subalternização conhecimentos diversos e as histórias dessas pessoas negras durante muito tempo na historiografia e no ensino dela. É compreensível que a morte de um conhecimento possa ocorrer por meio do esquecimento. Por isso, quando se refere ao ensino de história, tal processo de esquecimento se dá também pela generalização da narrativa de um determinado tema histórico que reflete a percepção da História Oficial. Nesse caso, não compreendo as individualidades negras. Sendo que todos esses mecanismos de dominação colonialistas influenciaram, até mesmo, o ensino de história na escola, o que inviabilizou durante muito tempo os conhecimentos e memórias de pessoas, social e etnicamente inferiorizadas na história.

Dessa maneira, este também é um trabalho de descolonização do saber escolar, mas também da produção científica ou acadêmica sob a perspectiva do ensino e pesquisa por parte de negros e sobre a população negra brasileira, visto que vários intelectuais negros pensaram e “[...] pensam a condição do negro na sociedade brasileira a partir da experiência da diferença

²⁰ Explicar o que é pedagogia das ausências e pós-abissal. A noção pós-abissal é um conceito de Boaventura de Souza Santos, como Nilma Lino Gomes deixa explícito em sua obra.

colonial. A partir do lugar epistêmico de negro nessa sociedade” (Bernardino-Costa e Grosfoguel, 2016, p. 20).

Sendo assim, essa decisão, um tanto quanto política e descolonizante é importante, porque, “[...] *debemos considerar la forma de descolonizar la “mente” (Thiongo) y el “imaginario” (Gruzinski), es decir, los conocimientos y el ser* (Mignolo, 2010, p. 9). Nisso, a atividade de descolonização, inicia-se pelo pensamento, no imaginário que, conseqüentemente, pode refletir nas atitudes, no cotidiano, na cultura e na prática docente. Assim,

O que se pretende afirmar quando se aponta sobre o pensamento decolonial é que ele se apresenta como um saber libertador, que rompe com o conhecimento eurocentrado, buscando afirmar que existem outras formas de saber e de ser. Isto porque, o pensamento eurocentrado se coloca como universal, científico e, portanto, verdadeiro. Excluindo outros conhecimentos e em consequência, outros povos, visando impor a sua cultura e seu conhecimento sob todo o globo (Westrup e Barabas, 2019, p. 5-6).

Por isso, este nosso trabalho busca uma aproximação com uma educação que se propõe libertadora, um saber que liberta, com isso, se opondo ao pensamento ou educação eurocentrada, ao demonstrar que existem outras maneiras de viver e de resistir no mundo ao trazer à tona os fazeres e modos de vida que tiveram os cesteiros, isso dentro da sala de aula. Desse modo, veremos mais as perspectivas que surgem no uso das memórias locais em sala de aula e como usar essas memórias de pessoas locais no ensino de história.

2.1 As possibilidades de uso das memórias locais como fontes históricas e do ensino histórico

Neste tópico, abordarei acerca do uso de memórias locais como fonte históricas para o ensino de História. As memórias do local, dentro da sala de aula de história, podem fazer surgir dentro do ensino histórias que estavam condicionadas ao esquecimento. E sabemos que a nossa atuação como pesquisador/professor é, expressamente, não deixar esquecer as rememorações subalternizadas, invisibilizadas. Além do mais, tais histórias de vida, dentro da sala de aula cooperam para melhorar as metodologias de ensino da história, porque, essas rememorações fazem sentido e se conectam à realidade dos estudantes. Ainda nesse sentido, as memórias locais, que são fontes para se discutir a história do local, possibilitam o diálogo em sala de aula. Com isso,

A história local tem sido indicada como necessária para o ensino por possibilitar a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência - escola, casa, comunidade, trabalho e lazer - igualmente por situar os problemas significativos da história do presente. A história local geralmente se liga à história do cotidiano ao fazer das pessoas comuns participantes de uma história aparentemente desprovida de importância e estabelecer relações entre grupos sociais de condições diversas que participaram de entrecruzamentos de histórias, tanto no presente como no passado. A memória é, sem dúvida, aspecto relevante na configuração de uma história local [...] para o ensino. O papel do ensino de História na configuração identitária dos alunos é um dos aspectos relevantes para considerar ao proporem-se estudos da história do local. A questão da memória impõe-se por ser a base da identidade, e é pela memória que se chega à história local. Além da memória das pessoas, escrita ou recuperada pela oralidade, existem os “lugares de memória”, expressos por monumentos, praças, edifícios públicos ou privados [...]. Os vestígios do passado de todo e qualquer lugar de pessoas e de coisas, de paisagens naturais ou construídas tornam-se objeto de estudo (Bittencourt, 2008, p. 168-169).

Conforme o texto acima, o ensino de história local, tomando como fonte as memórias, possibilita o aluno compreender as suas imediações, o entorno, a realidade que lhe cerca, pois, assim o discente pode reconhecer o passado nas coisas cotidianas. Tendo em vista que o tempo presente é exposto nessas abordagens com os seus diversos problemas, ainda mais, porque, a história do cotidiano se conecta às vidas dos alunos, que se ligam às memórias e a história do local.

Essa abordagem para o ensino de história, também dá possibilidades ao entrecruzamento de histórias locais, de grupos sociais diversos, de pessoas comuns e das vidas dos estudantes que participam da relação entre o presente e o passado local. Sendo assim, a memória se comporta como uma fonte histórica bastante relevante e significativa para o ensino da história do local, ainda mais quando esta dá possibilidades de conexões com a história mais geral. Essa maneira de ensinar história tomando como base a análise e debates das memórias do local, são de extrema relevância na construção da identidade dos estudantes, pois, eles são expostos frente a problemas que envolvem o passado e o seu próprio presente local. Sendo assim, esse modo de se ensinar história concebe um ensino de história dialogada, crítico da realidade, e que forma para a liberdade. Ou seja,

Uma educação que procura desenvolver a tomada de consciência e a atitude crítica, graças à qual o homem escolhe e decide, liberta-o em lugar de submetê-lo, de domesticá-lo, de adaptá-lo, como faz com muita frequência a educação em vigor num grande número de países do mundo, educação que

tende a ajustar o indivíduo à sociedade, em lugar de promovê-lo em sua própria linha (Freire, 1979, p. 19).

Dessa forma, faz-se importante uma educação histórica ou o ensino de história local, mas também geral, que se comprometa com a emancipação humana de modo individual, nesse caso, um ensino de história que forme personalidades humanas, identidades com uma “humanização genuinamente humana”. Ou seja, um ensino de história, com as memórias locais como fonte, que ensina não somente a perceber como histórico as culturas e pessoas locais, mas que se percebam como parte delas, como sendo pessoas humanas e também construtores da história, e cultura local. Um ensino de história que à atitude crítica, ao questionamento e a escolhas na vida por si próprios, nesse sentido, um ensino de história que possibilite o aluno criar identidade local, mas que não o aprisiona nas suas tomadas de decisões, pois essas devem ser tomadas pelo próprio ser humano que está sendo formado. Um ensino de história que toma como base a memória local, e que busca a formação de identidades por meio delas. Essa maneira de ensinar história possibilita fugir do perigo de se construir e ensinar uma narrativa única, uma memória única, e sair dos perigos do ensino de uma história única. Sobre isso, a Chimamanda Ngozi Adichie (2009), diz:

Naquela história única não havia possibilidade de africanos serem parecidos com ela de nenhuma maneira; não havia possibilidade de qualquer sentimento mais complexo que pena; não havia possibilidade de uma conexão entre dois seres humanos iguais. É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna. É impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder. A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história. Sempre senti que é impossível se envolver direito com um lugar ou uma pessoa sem se envolver com todas as histórias daquele lugar ou daquela pessoa. A consequência da história única é esta: ela rouba a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade em comum. Enfatiza como somos diferentes, e não como somos parecidos (p. 9, 12, 14, 17).

Portanto, tomar as memórias locais como base ou fonte para o ensino de história seria uma maneira de encontrar outras possibilidades de se ensinar história, nesta pesquisa, a história de pessoas negras paraibanas, sem cair no perigo da história única, porque ir pela história de uma única narrativa, poderia fazer-nos cair, na denominada história oficial, e olhar com uma visão eurocêntrica. Por isso, selecionei as memórias dessas pessoas negras cesteiras como fonte para este trabalho, processo que explico a seguir.

A seleção das memórias para uso didático

A seleção das memórias se deu da seguinte forma. Logo após, a realização das entrevistas com os cesteiros negros, em uma diversidade de lugares²¹, eu ouvi os áudios²² fiz as transcrições²³, e comecei a lê-las. A partir daí selecionei as memórias dos cesteiros negros, as quais se conectavam, por características específicas, a história do povo negro no Brasil. Desse modo, este trabalho se deu nessa sequência: entrevista, transcrições, seleção por características que se ligam a história dos negros no Brasil.

Nesse sentido, ao perceber características das memórias dos cesteiros negros e realizar a vinculação com a história mais ampla da população negra, acabo realizando uma conexão entre a micro e a macro história. Ou seja, fazendo os estudantes compreenderem que a história está perto deles, não está distante, e que a história mais geral corresponde ou coincide com histórias mais próximas. Portanto, o objetivo desse modelo de abordagem das memórias dos cesteiros negros como uso didático, ajuda na construção das identidades dos alunos com as lutas e resistências negras tanto em âmbito mais geral quanto no mais específico ou local. Objetivações que tratarei mais nitidamente a seguir.

2.1.2 O objetivo no ensino de história ao propor o uso de memórias de pessoas negras com fins didáticos

A finalidade com a abordagem de memórias de pessoas negras para fins didáticos no ensino de história, é o de possibilitar outras formas de abordagem da Lei 10.639/03 e 11.645/08. Consequentemente, trazer à tona no ensino de história, outras memórias, narrativas e histórias de pessoas negras. E sei que essa temática é muito extensa, com muitos estudos já publicados, mas enfatizo que esse modo de ensinar história, como aqui enfatizado, dá possibilidade a outras existências negras serem percebidas como agentes da história local e que se liga a história mais ampla. Ou seja, o ato de bordar a história local e mais ampla, dos negros no Brasil. Portanto,

²¹ Neste link é pode-se visualizar fotografias e vídeos nos locais onde foram realizadas entrevistas, lugares nos quais eles disseram que moraram e viveram as suas infâncias e momentos descritos nas memórias, com a cestaria Maria da Luz e Severino Mendes:

²² Os áudios, dos quais as transcrições foram feitas, é possível vê-los neste link: https://drive.google.com/drive/folders/128vOXK9KEpiLCP6wMLVf6CU25fEroO_z?usp=sharing. Neste link, além dos áudios será possível ver fotos e vídeos dos acompanhamentos realizados em campo: https://drive.google.com/drive/folders/1rX3QEJfuRBs_QJsMvFxi5SHvh3gPEVfW?usp=sharing.

²³ As transcrições realizadas a partir dos áudios, vídeos e rascunhos das entrevistas, poder-se-a observar neste link: https://drive.google.com/drive/folders/15GHMWSzkIQSmehaYBhAQJAQXb-D_BBHX?usp=sharing.

Dentre os principais avanços está a promulgação da Lei n. 10.639/03, de 9 de janeiro de 2003, que alterou a de n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, ao estabelecer as diretrizes e bases da educação nacional e instituir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura africana e afro-brasileira”. Trata-se de um marco na educação brasileira, porque introduz uma forma de valorizar a participação dos afro-brasileiros na história do país, e de resgatar os valores culturais africanos (Carneiro, 2011, p. 22).

Dessa forma, acerca dessas leis, antes expostas, que tornam obrigatório o ensino de História e cultura africana, afro-brasileira (indígena também), no contexto escolar, e tem como objetivação a abordagem das relações étnico-raciais no ambiente da escola, o que é possível expressar, é a necessidade de metodologias que demonstrem outras formas, as quais sejam possíveis esse assunto ser ensinado. E, considero esta forma apresentada nesta pesquisa, uma maneira muito efetiva para se trazer outras histórias de pessoas negras em instituições de ensino, neste caso, o básico. Neste ano de 2023, a Lei 10.639/03 completou vinte anos de vigência, tendo diversas abordagens de eventos sobre a temática no país. Desse modo,

A Lei 10.639/2003 e seus desdobramentos legais, promulgados nos anos seguintes, como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, em 2004, e o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, representam avanços no currículo escolar brasileiro, atingindo todos os níveis e modalidades de ensino. Resultam também de longa e árdua luta dos movimentos sociais negros da contemporaneidade, que pautaram esta demanda educativa em inúmeros debates políticos travados nas últimas décadas (Rocha e Silva, 2013, p. 57).

Nesse sentido, após dez anos da lei vigente, trabalhos científicos já mencionavam os processos históricos e a importância dessa lei para a educação étnico-racial no Brasil. Veja que a legislação é percebida como avanços no currículo escolar do Brasil. Ainda assim, o destaque que quero dar, é exatamente na menção, a qual expressa que a elaboração, aprovação e sanções desta regulamentação foram frutos das lutas, resistências e ações na história contemporânea, dos movimentos sociais negros. Dessa maneira, percebemos que este dispositivo não parte de um dia ou de uma pessoa, mas de pessoas e de décadas de lutas, debates e pautas contra o racismo e as demandas contra ele no contexto escolar. Assim,

A Lei 10.639/2003 [...], à medida que institucionalizou o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar vem, provocando mudanças no cotidiano da escola da educação básica, sobretudo porque

docentes passaram a questionar suas práticas e a rever tanto o currículo com que até então trabalhavam como, por extensão, o material didático. O propósito das mudanças é atender às demandas colocadas por essa lei, o que nem sempre se faz a contento. Pesquisadores/as discutem sobre as experiências desenvolvidas por professores/as em sala de aula e apontam a relação entre a implementação dessa lei e a efetivação da educação étnico-racial como processo em construção, visto perpassar pela história de vida do/a professor/a [...], reorganização da escola na perspectiva emancipatória, revisão da cultura escolar, reinvenção do currículo e das relações sociais estabelecidas entre estudantes e professores [...]. Assim como pela mudança concreta na realidade social da população negra [...]. Implementar a Lei 10.639/2003 exige dos docentes em sala de aula a postura de construtor do saber e de pesquisador, de modo que transponham as fronteiras impostas pelo eurocentrismo, para que construam outras perspectivas de compreensão da história da humanidade. Estas ações superam o colonialismo europeu como o único caminho a possibilitar a compreensão da história (Chagas, 2017, p. 80, 85).

Desse modo, quatorze anos depois, os trabalhos científicos seguiram apresentando a importância da Lei para uma escola com práticas antirracistas. Com isso, percebemos que essa luta não somente do docente negro, mas ser antirracista deve ser uma prática docente cotidiana de todos os professores, e a abordagem étnico-racial pode ser pensada a partir das diferentes disciplinas escolares, por meio de debates específicos a cada contexto temático. Nesse caso, a essa norma exige do professor não somente reservar um dia, um momento, uma semana para tratar dessas questões étnico-raciais, mas percebê-las e abordá-las no seu fazer docente cotidiano, até porque, ser antirracista não é somente um proceder, mas sim uma maneira de existir no mundo.

Nessa perspectiva, o que se pode enfatizar é que a vigência da lei possibilitou mudanças expressas na realidade cotidiana da escola, sejam elas no pensamento ou na própria prática docente concernente ao ensino. Interessante que essas modificações trouxeram discussões e ações concretas, como a exemplo do ser antirracista, que cooperou na luta, resistência histórica da população negra brasileira. Ainda mais, houve alterações na própria prática docente, pois essa maneira de abordagem em sala de aula, com essa temática instigou a construção do conhecimento em sala de aula, e exigiu do professor se desenvolver também enquanto pesquisador. Sendo assim,

A Lei 11.645/2008 tornou obrigatória a presença das temáticas afro-indígenas no currículo escolar, da educação básica ao ensino superior, com objetivo de promover uma educação em que prevaleçam os estudos da cultura e história dos povos indígenas e africanos no âmbito escolar e o favorecimento do resgate valorativo das contribuições no processo construtivo em todos os contextos da sociedade nacional. Entrou em vigor em 2008 a Lei 11.645 [...], que instituiu a obrigatoriedade do ensino de

história e cultura afro-brasileira e indígena nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio. Essa lei altera o artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases, Lei 9.394 [...], criando como adendo a alínea A do artigo 26 (com a mesma redação). [...] A Lei 11.645 [...] foi um avanço conquistado pelos movimentos indígenas, visando maior visibilidade e reconhecimento de suas histórias e culturas, proporcionando ao povo brasileiro o direito de conhecerem sua ancestralidade. Diante dessa problemática e lutas do povo negro, consolidou-se a implementação da Lei 10.639/2003, que se uniu à lei 11.645/2008, em prol dos mesmos ideais em comum: uma luta por educação e uma sociedade pluriétnica e multicultural, fortalecendo o âmbito educacional de ensino (Souza, Gomes, Aragão, 2023, p. 254, 260).

Com isso, após vinte anos de vigência da Lei 10.639/2003 que se uniu a 11.645/2008, podemos ainda perceber que a efetivação dela no contexto escolar, é uma maneira para se formar seres humanos, os quais buscam pensar de modo antirracista. Nisso, esses regimentos têm como objetivo principal os estudos acerca dos povos afro-indígenas e as suas culturas dentro do âmbito da escola. Isso tudo, objetivando a valoração das colaborações no processo histórico e social destes povos para a formação da nação. Com isso, intencionando a identificação da importância desses povos, suas histórias e culturas, assim, dando a possibilidade da população brasileira compreender a sua ancestralidade e os seus traços nesses povos e culturas.

A abordagem do ensino de História por meio das memórias dos cesteiros negros desta pesquisa, tem como intenção primordial, outras maneiras de se abordar outras experiências negras e a história do povo negro, nesse caso, se pondo como um ensino de História antirracista. Sendo assim, uma educação histórica antirracista, que coloca o povo negro como protagonistas da história, e que desenvolve práticas antirracistas dentro da sala de aula, no contexto escolar. Dando possibilidades de se pensar outros aportes metodológicos para a prática do professor de História, o qual deve se colocar como pesquisador e observar as memórias e experiências do povo negro que está em sua volta, no ambiente de convívio dos estudantes, no âmbito do local. Mesmo que se contextualize abordando a história afro-brasileira de maneira mais geral. “As possibilidades de pesquisa a partir da lei são inúmeras [...]” (Andrade e Cerezer, 2023, p. 161). E é isso que deixamos evidente com esta pesquisa, ou seja, existem diversas maneiras de abordar a lei 10.639/03.

Ensinar História na perspectiva antirracista, torna-se um mecanismo de enfrentamento ao racismo, tendo em vista, que, conforme este estudo, o professor antirracista pesquisa, aprende, ensina e dialoga com o ensino sobre a história e cultura do povo negro brasileiro a partir do local, ressignificando essas experiências de vida ao cotidiano e percepções dos estudantes. “E o ensino de História, pautado por uma visão de mundo informada pela cultura

de luta antirracista, tem contribuído para a construção de uma perspectiva democrática na Educação brasileira” (Lima, Pereira, Dias, 2023, p. 83). Dessa maneira, a luta contra o racismo, ou seja, por meio da visão teórica e da prática antirracista, no ambiente sistematizado do ensino, em nosso caso, o básico, ocorre a partir do cotidiano escolar. Assim, o professor/pesquisador deve se comportar e ser antirracista em sua prática cotidiana,

[...] pois nos aponta que o caminho de muitos professores tem sido o enfrentamento da questão a partir da sala de aula, vista] como um espaço privilegiado de enfrentamento ao racismo e da invisibilidade de povos afro-brasileiros e indígenas, construindo formas de afirmação, reparação e projetos de futuro, aliando o necessário trabalho crítico e problematizador das pesquisas ao campo da ação no cotidiano das escolas (Silva, 2023, p. 4).

Nesse sentido, de acordo com este presente estudo a leitura de memórias de pessoas negras em sala de aula, pode ajudar na luta antirracista no contexto escolar, ao reconhecer outros modos de vida, sensibilidades e experiências negras na instituição denominada de escola. Sendo esse um meio de “[...] “sair da grande noite”, [...] e que possamos construir um mundo no qual as justiça – social, material, epistêmica e simbólica – sejam uma das marcas de um novo tempo” (Oliva e Conceição, 2023, p. 33).

Isto posto, o potencial normativo teria como ponto principal estimular uma educação e sociedade que age contra o racismo e prol dos povos invisibilizados e negros, nos quais as culturas são múltiplas e existe uma multiplicidade de etnias, principalmente focando o contexto educacional. Diante disso, este estudo aqui expresso, acerca das memórias dos cesteiros negros trabalhadas em sala de aula, conecta e propõe, expressamente, métodos que se adequam a esse pensamento na luta contra o racismo, ao trazer à tona outros fazeres e modos de vidas de pessoas negras.

Nesse sentido, tais práticas metodológicas - “a rememoração”, [...] e a leitura de outros documentos históricos - poderão propiciar aos alunos do ensino [...] médio a oportunidade de perceberem-se como parte integrante da história e, ao mesmo tempo, como produtores do conhecimento histórico. Terão elas a potencialidade de incentivá-los a relacionar-se com essas fontes - orais, escritas, [...] de forma a ultrapassar seu caráter opaco exterior, distanciado e por isso mesmo sempre igual, sagrado, imutável. São, ainda, capazes de instigá-los a perceber e a deixar de lado a conduta passiva, consumidora, ou o olhar impressionista, excessivamente rápido, descuidado, em relação a todo o espetáculo do documento (Galzerani, 1998, p. 273-274).

Dessa forma, o uso ou leituras das rememorações dos cesteiros negros em sala de aula, como neste estudo, do ensino médio poderão proporcionar os estudantes se compreenderem

como parte da história da população negra brasileira, e também como construtores de conhecimento em sala de aula. Por isso, essas memórias de pessoas negras, neste estudo, dos negros cesteiros, podem aproximar esses alunos as histórias, cultura e resistência dessas pessoas, e criar uma identidade, nesses estudantes, de resistências às históricas opressões sofridas por essas pessoas. Nesse sentido, essa metodologia de ensinar história, torna-se bem parecido ao costume oral de contar histórias adotadas em muitas sociedades antigas, nesse caso, o ensino de história se torna, assim, mais dialogado do que expositivo, visto que quando o se dialoga, percebe-se o outro como semelhante e não como um inferior, e se possibilita a criação de identificação com o próximo.

Professor, você faz diferente com a gente, porque mais dialoga o tema conosco, do que expõe ele

Nesse trecho, irei discutir acerca de um dos objetivos deste estudo ao trazer as memórias de pessoas negras com a finalidade didática para o ensino de história, mais precisamente, a história do local, que é a possibilidade de dialogar em sala de aula. Neste caso, a cidade de Araçagi.

O que percebi ao levar as rememorações dessas pessoas que moram no município antes citado, é que foi possível dialogar o assunto com os estudantes, ou seja, o ensino-aprendizagem ocorreu a partir do diálogo mantido nas oficinas. Diante disso, Paulo Freire (1980), enfatiza ser o diálogo encontrado entre os seres humanos em suas relações, e esse seria um meio, pelo qual as pessoas constroem a sua identidade enquanto humanos, portanto, a atitude de dialogar é intrínseco à necessidade de existência humana. Por isso, trato, neste estudo, a prática do diálogo como meio primordial para ensinar história.

Lembro-me que, geralmente, sentava-me para conversar com os mais velhos, principalmente, com os meus avós e sempre, as suas histórias, dialogando com eles. Ouvia dele que, antigamente no interior da Paraíba, na região rural onde ele morava, várias pessoas, nas noites em luz de candeeiro, sentavam na frente da casa de determinada pessoa mais velha para dialogar, conversar, aprender, ensinar e ouvir histórias. E, para ele, essa maneira era muito interessante para se relacionar e fazer amizades, além de aprender muito.

Às vezes, iam para a casa de alguém que sabia ler, no sítio, pois elas liam e depois dialogavam sobre o que liam em cordéis ou contos escritos que compravam nas feiras locais. Nesse sentido, as histórias eram internalizadas nas mentes das pessoas, de um modo conversado, dialogado, falado, interagindo e dessa maneira, as narrativas tornavam-se

atrativas, e o local um ambiente agradável para se contar histórias. Dessa forma, dialogar na sala de aula de história, ou seja, um ensino de história dialogando o assunto permite a multiplicidade de visões de mundo e experiências que cada estudante traz do seu lugar social, no processo ensino e aprendizagem da história.

E, é preciso evidenciar que para dialogar, torna-se necessário alguém para ouvir, nesse caso, o docente se torna um profissional que não somente expõe o assunto, porém dialoga ele com os alunos, nesse caso, fala com os alunos e os ouve quando falam sobre a temática na aula. Assim, pensar o ensino de história dessa forma, é uma maneira de se conceituar, na prática, a percepção do “Professor Ouvi-dor”, ou seja, o professor de história que não somente conta ou narra, mas também ouve as dores, palavras, narrativas, histórias dos seus alunos. Sendo assim, esse professor seria aquele que busca outras narrativas, memórias e histórias, as quais por muito tempo foram desprezadas, subalternizadas. Ou seja, essas são narrações de vida dos estudantes negros ou socialmente vulneráveis, e de outras lutas e resistências sociais, os quais sofrem pelo racismo e o preconceito social. Os quais precisam narrar as suas histórias cotidianas, que por vezes atrelam as temáticas debatidas em sala de aula, pois as memórias se misturam e as histórias também, sejam pelas suas características semelhantes ou modos de assimilação.

Costumeiramente na educação vigente, esses alunos trazem as suas memórias e narrativas para dentro da sala de aula com caráter tradicional, a qual por um ideal conteudista deixa de lado tais experiências de vida, e diversas noções educadoras tratam como se essas concepções não fossem importantes para a formação discente. Assim, essas rememorações ficam latentes, silenciadas dentro da sala de aula, seja por causa de um currículo conteudista que não dá oportunidade aos estudantes contá-las ou, por vezes existem concepções educadoras, que por diversos motivos, muitos dos quais se percebem em práticas conteudistas na docência da história, com isso, não dando atenção a tais relatos da vida cotidiana de seus estudantes, muitas histórias que por vezes são de alunos negros e que estes discentes precisam contar para resistirem o processo de invisibilidade e criar sua próprias identidades. Portanto, é necessário trazer para as aulas de história, as memórias de pessoas negras, pois elas instigam as rememorações dos alunos dentro do contexto da escola, do ensino.

Nesse sentido, percebe-se que a docência é uma arte viva e corporal, tanto pela fala quanto pelo corpo, pois o corpo fala. Ainda assim, destaco que o trabalho de lecionar se faz pela comunicação, de maneira dialogada. Dessa maneira, o professor deve se estabelecer muito mais como um “docente do diálogo”, do que exponencialmente como um expositor de conteúdos, neste caso, da história.

Dessa forma, expresso que o diálogo, a comunicação faz parte da vida, do lar, das relações humanas. Com isso, a forma dialogada, em prosa, de ensinar história aos estudantes pode retirar da sala de aula o caráter hierarquizado e colonialista, e assim, vincular o ensino de história às características inerentes da vida. Tendo em vista que a conversa, a comunicação, o diálogo, faz parte da vida humana.

Nessa perspectiva, evidentemente, os povos que foram forçosamente trazidos da África e os seus descendentes, assim como os povos indígenas, essas culturas de vinculação ancestral, geralmente, prezam/prezavam pelo diálogo, tendo vista que a escrita não era a forma que esses modos de vida, faziam, estritamente, uso para preservação e “contação” das suas histórias. Portanto, historicamente, todos os seres humanos, porém, principalmente, esses grupos étnicos, desenvolveram-se por meio do diálogo prezando pela oralidade, mas que atualmente muitas dessas pessoas também dominam a escrita e conservam as suas histórias/rememorações de outros modos.

Ainda nesse sentido, essencialmente, pode-se conceber que o diálogo ou a comunicação é o primeiro esforço, o qual uma criança realiza ao tentar contato com os seus pais, logo que começa a desenvolver as curiosidades sobre o mundo. Pelo diálogo/comunicação, a criança realiza as suas brincadeiras e as socializações primárias, nesse caso, o diálogo/comunicação faz parte da experiência humana desde os primeiros momentos da sua existência.

Assim, em uma aula de história, na qual a “dialogação” é preponderante, compreende-se que o ensino de história comporta-se vinculado à vida, porque o diálogo está conectado ao viver. Explicitamente, não há relacionamento, afetividade, significação, sem que haja diálogo, por isso, considerando que ensinar história é uma maneira do professor de história se relacionar com os seus alunos, ensinar história de modo dialogado, torna a aula mais dinâmica, didática. Tendo em vista que se encaminha o ensino da história pelo caminho de uma boa relação humana, na qual o afeto e o significado lógico da vida se vinculam aos assuntos trabalhados na aula de história. E o uso da memória local, que em nosso caso, foram de pessoas negras cesteiras, em sala de aula tem o potencial de instigar o “aprendizado dialogado”.

Nesse caso, o professor de história ao manter o diálogo como meio de ensino, pode ajudar os estudantes a aprenderem a história conectada à vida deles, e não uma história distanciada do cotidiano. Sem diálogo/comunicação há desprezo, rejeição, não inclusão, hierarquização do conhecimento, falta de atenção, invisibilidade e inexistência da atividade discente. Todavia, quando ocorre o diálogo em sala de aula entre o professor e alunos, a

felicidade e o empenho floresce, o amor se vincula ao ensino e a vida fica mais leve, o ensino instiga mais, se aprende mais e se compreende mais em sala de aula; vida e história se tornam uma coisa só. E isso, as memórias desses cesteiros negros possibilitaram, como veremos a seguir, quais foram os processos que foram aderidos na oficina didática, ou seja, como as memórias foram escolhidas e trabalhadas.

2.1.3 As memórias escolhidas e o uso didático no Ensino de História

Nesse tópico serão especificadas as memórias que foram usadas na oficina didática, a qual conectou as memórias dos cesteiros a história negra brasileira, com isso, demonstrando a maneira como foram trabalhadas em sala de aula, de forma conectada a história do povo negro no Brasil. Vejamos o quadro a seguir com as rememorações e temas utilizados.

MEMÓRIAS DOS CESTEIROIS DE ARAÇAGI-PB E TEMAS DA HISTÓRIA NEGRA NO BRASIL			
Memórias dos cesteiros negros de Araçagi		Temas da história dos negros no Brasil	
TRECHO 1 CASAS DE TAIPA	A gente morava em casa de taipa. E uma vez que quando a gente morava em Fazenda Nova, papai adoeceu do pé, parece que foi uma furada que ele levou no mato em um pedaço de pau, e mamãe com a barriga grande esperando ganhar menino, no tempo de inverno e quando pensou que não uma parede da casa de taipa que moramos, caiu, só a parede mesmo, sabe. E aí então foi um desespero, mas fomos amparar com alguma coisa para ver se dava para dormir, porque papai não podia fazer nada, estava doente. Quando pensa que não, papai não tinha ficado bom do pé, mamãe ficou para ganhar	TEMA 1 A GUERRA DOS CABANOS	Ocorreu entre os anos de 1835 e 1840 no Grão-Pará (Pará e Amazonas). Essa revolta repercutiu tendo esse nome, pelo fato de que muitos dos seus participantes eram pessoas pobres que moravam em cabanas à beira dos rios da região.

	menino. Minha mãe depois que tinha casado com meu pai morava em casa de telha, mas sendo de taipa nos sítios. A casa de taipa é de barro, tapada de barro. Faz a casa e cobre assim e enche ela todinha de uns paus em pé assim e depois coloca umas varas assim atravessadas e depois enche de barro que é para o barro fechar aqueles buracos. Aí pra quem sabe organizar ela mesmo, ela fica tipo assim, como essa parede aqui que se alguém não souber, não diz que é de taipa e barro. O piso era no chão, só aterrava e batia aquele barro e pronto (MARIA DA LUZ MENDES, CESTEIRA, 2022).		
TRECHO 2 BALAIOS E CESTAS	Naquele momento, eu aprendi fazer mais os balaios, as cestas, eram as coisas mais que a gente fazia; depois foi que eu aprendi mais a fazer umas cestinha como artesanato, só bem depois mesmo foi que comecei a fazer essas luminárias, essas outras cestinhas diferentes que o povo encomenda e eu faço. Antes quando eu comecei a aprender a arte dos cestos, eu era só uma aprendiz que queria aprender mesmo; eu comecei caçando aqueles cipozinhos no mato que a gente morava em sítio, aí caçava aqueles cipós fininho só para aprender, fazer aqueles balainhos para aprender com ele, e	TEMA 2 A REVOLTA DA BALAIADA	Ocorreu entre os anos de 1838 e 1841. Na província do Maranhão e teve um caráter popular. Ela ficou denominada de Balaiada, pois um líder principal, por nome de Manoel Francisco dos Anjos Ferreira, tinha o vulgo de “balaio”, nome dos cestos que ele produzia.

	depois que aprendeu mesmo aí já fazia para sobreviver com algo que ganhasse pelos cestos que vendesse. Quando vendesse os cestos já ajudava em casa, nesse caso, era um trabalho pra gente (Maria da Luz, cesteira). Então, a gente fazia balaies e vivia na agricultura (Severino Mendes, Cesteiro).		
TRECHO 3 MEMÓRIAS ANCESTRAIS	A gente sempre foi conhecido como família dos balaeiros. E essa tradição de fazer balaies parece que já vem desde os mais antigos, dos nossos avós mais velhos, os mais antigos que todos faziam e viviam fazendo isso; papai mesmo aprendeu com o pai dele. Aí quando saía as famílias mais próximas para irem pegar material no mato ia todo mundo juntos, mas cada um pegava a sua quantidade separadamente (Severino Mendes, Cesteiro). Sobre os cestos, a gente fazia eles já deixando os nossos para uma panha de fava, quebrar um milho, apanhar um feijão ou outros afazeres do roçado, já tinha aquele tanto que precisava pra gente, porque, todos esses trabalhos a gente só fazia com esses cestos que são os balaies e os de vender a gente separava. A gente tirava a quantidade que ia precisar e só precisava de ano em ano; talvez que com um ano os que a gente deixasse para usar	TEMA 3 ESCRAVIZADOS DE GANHO NO BRASIL	Os denominados de “Escravos de ganho” eram pessoas negras escravizadas, no período escravocrata do Brasil, que trabalhavam como escravizados urbanos, e os ganhos do trabalho davam aos seus senhores, os quais detinham o direito sobre a vida desses negros escravizados. “O comércio era uma das atividades em que mais se viam escravos urbanos trabalhando. Eles vendiam de tudo! Cestos de palha, galinhas e porcos, frutas e legumes, angu, limonadas, doces e quitutes” (SANTOS, 2017, p. 196).

	tivesse acabado, então quando a gente fosse colocar o roçado é que ia fazer outros mais novos pra passar o ano novamente. E os de vender a gente vendia tudo (MARIA DA LUZ MENDES, CESTEIRA, 2022).		
TRECHO 4 AS VENDAS DOS CESTOS	A gente fazia balaios a semana toda, quando morávamos em Sapucaia de Cuitegi, aí quando era meio de semana, como na quarta-feira e no sábado a gente descia ou pelo Pinga que era uma ladeira lá ou pela Palmeira que era outro caminho, com os balaios da cabeça, dos brejos velhos, e chegando em baixo aí o carro chegava, às vezes era ônibus ou caminhão que levava a gente e os balaios para vender na feira de Guarabira. Eu lembro que papai (Antonio) também fazia cocheira de cipó e vendia bastante para o pessoal local que criava gado. Aí a gente fazia tudo como ele pedia para ajudar ele (Severino Mendes, Cesteiro.	TEMA 4 A VENDA DE CESTAS PELOS QUILOMBOLAS NO BRASIL	“Nos mocambos também era possível encontrar artesãos que utilizavam muitas técnicas africanas na construção de cestos de palha, pilões e vasos de barro, instrumentos musicais e cerâmicas. A técnica da metalurgia também havia atravessado o Atlântico com muitos dos africanos que vieram escravizados para a América Portuguesa, e foi utilizada em Palmares. Junto com o artesanato, os quilombolas recuperaram outras tradições africanas. Assim como ocorria na África Subsaariana, as famílias palmarinas eram extensas. Em alguns casos, homens e mulheres tinham mais de um cônjuge, o que permitia a criação de diversas redes de parentesco” Na realidade, essa proximidade foi uma espécie de estratégia de sobrevivência para muitos desses mocambos, pois permitiu que os quilombolas conseguissem negociar alimentos e cestarias que produziam, garantindo

			assim seu sustento. (SANTOS, 2017, p. 229, 233).
Fonte: Elaborado pelo autor.			

No trecho um, da memória dos cesteiros, abordei as moradas dessas pessoas negras, que eram em casa de taipa, e conectei a Guerra dos Cabanos, a qual foi assim nomeada pelos seus participantes serem pessoas pobres moradoras de cabanas, ou seja, em casas simples. Dessa forma, fiz comparações acerca das dificuldades de sobrevivência dos cabanos, com as encontradas nas rememorações dos cesteiros. No segundo trecho, conectei as memórias dos cesteiros negros paraibanos sobre balaios e cestos à Revolta da Balaiada. De forma precípua fui debatendo os acontecimentos que apareceram nas memórias e depois fiz a relação com a Balaiada, nome que foi dado, porque, um dos participantes era um homem negro que fazia balaios.

No terceiro trecho, retirei o caráter ancestral da arte dos balaios, na família dos cesteiros, e debati em sala de aula, como essa é uma técnica antiga entre eles, conforme as rememorações apontam e fiz relação aos “escravizados de ganho”, os quais no Brasil escravocrata, fazia, vendiam e aprendiam uns com os outros a arte dos cestos nas ruas do país daquela época. No quarto trecho de memórias, relacionei como os cesteiros vendiam os seus cestos à história de como os quilombolas produziam e vendiam os seus cestos, nas ruas, do Brasil escravagista, para conseguirem os seus sustentos. Conforme Monteiro e Penna (2011), o Ensino de História se constitui em lugar de fronteira, ou seja, a sala de aula de história é um lugar de aproximações, assim como na fronteira há aproximações. Portanto, nesta oficina didática de história busquei aproximações entre o micro e o macro, entre o local e o mais geral.

Desse modo, sabendo que a aprendizagem em história se dá vinculada a práticas de construção de conhecimentos narrativos por parte dos discentes; uma junção entre pesquisa e ensino, uma relação entre sujeitos e saberes um desenvolvimento entre saber histórico com o cotidiano discente (Martins, Barbosa, Gabriel, 2020), e neta pesquisa ainda mais vinculada às memórias dos cesteiros negros da cidade de Araçagi. No próximo tópico, com isso, serão abordados e discutidos os resultados e dimensões práticas deste estudo. Ou seja, como ocorreram as oficinas e os conhecimentos produzidos em sala de aula.

3 COLOCANDO EM PRÁTICA NAS SALAS DE AULA O TRABALHO COM AS MEMÓRIAS COMO FONTE PARA A PRODUÇÃO DE NARRATIVAS DE HISTÓRIAS DO LOCAL

A rememoração benjaminiana, em sala de aula, permite, pois aos alunos posicionarem-se não enquanto “público”, enquanto “multidão”, mas como “pessoas humanas”, inseridas, com todas as suas diferenças, na trama social sendo capazes de rearticular dimensões espaço-temporais frente aos desafios presentes.

Maria Carolina Bovério Galzerani

Professor, nunca em minha vida, aprendi história assim

Ouvir dos estudantes, após as oficinas realizadas, com essas memórias locais, na escola ECI-FPB, palavras dos alunos como: “Eu não sabia que era tão bom aprender história assim! Eu só tive aula sobre a história do povo negro com essas oficinas!” É uma sinalização de que as rememorações de pessoas comuns e que foram invisibilizadas, sendo trabalhadas dentro da escola, podem trazer sentido ao exercício de se ensinar história e dar possibilidades para o ensino de história e cultura negra no âmbito escolar.

Seria essa uma nova maneira de ensinar história, ou os conteúdos e processos fizeram sentido e foram significativos para os estudantes? O que me fez entender, a atividade de levar memórias locais para essas oficinas em história, foi que os alunos conseguiram compreender a história dos negros cesteiros moradores de Araçagi, porém, simultaneamente diluíram essas rememorações as suas próprias percepções de mundo e vida.

Com isso, eles narram as experiências deles mesmos, partindo da história local em sala de aula. Observei e era perceptível nas faces dos estudantes, o interesse pelo que estava sendo abordado. Nesse sentido, ouvir também os alunos falarem que aquelas memórias e assuntos expostos e debatidos, fizeram sentido às suas próprias histórias de vida e, portanto, a história da cidade, na qual eles moravam, pode-nos indicar que a abordagem dessas rememorações, teria ajudado no processo de constituição e compreensão da identidade local, deles.

A cada slide que estava a ser apresentado, percebia-se a curiosidade dos alunos em saber o que estaria neles de memórias e nos assuntos de História do Brasil, que tiveram aspectos comparados, a partir das rememorações. Na sala pairava expressões de silêncio,

interesse, curiosidade e ao mesmo tempo indagações sobre as temáticas abordadas, questões que iam sendo respondidas à medida que apareciam.

Algumas palavras que vieram de um estudante negro, chamaram-me a atenção. Ao final de uma das oficinas, eu ouvi um aluno que em seu biótipo, e o mesmo se autoreconheceu como negro quando perguntei isso a ele, dizer: “Professor, nunca em minha vida, aprendi história assim. Geralmente, através de professores brancos, não vejo esses assuntos sobre o povo negro a serem abordados na escola, mas agora com o senhor, um professor negro estamos estudando acerca dessas pessoas negras locais, e também sobre a história negra no Brasil”.

A cada passo que eu como professor-pesquisador dava em sala, ao se movimentar e expor as memórias no momento das oficinas, e a cada palavra que eu falava referente as rememorações dos cesteiros negros, era perceptível a concentração mental e comportamental dos alunos ao que estava sendo desenvolvido nas oficinas didáticas. Era como se prendesse a atividade cognitiva e física dos estudantes ao assunto, porque, estava fazendo sentido para a realidade deles.

Desse modo, o que nos demonstra tudo isso, é que esse aparenta ser um modo de se ensinar história, a qual se expressa voltada à vida dos estudantes. Ou seja, um ensino sobre memórias e acontecimentos do passado conectado à realidade, ao presente e à memória local. Modo de aprender e ensinar história, no qual assuntos ensinados, tornam-se problemáticas que trazem à tona questões sociais atuais.

Isto se tornou evidente quando, por exemplo, eu abordei as características das moradas em taipa dos negros cesteiros e fiz relação com o evento da história do Brasil, “A Cabanagem”; neste momento, alguns estudantes me disseram: “A gente sempre ver esse tipo de casa quando vamos para o sítio ou mesmo na beira de estradas ou pistas quando vamos para outras cidades aqui da Paraíba”. Percebi, nesse caso, que os alunos compreenderam o que estava sendo ensinado, a partir de suas próprias experiências de vida, ou seja, isso revela que o ensino deve estar conectado à realidade dos alunos. Essencialmente, quando se aborda a história do povo negro que, por vezes tem sido esquecido do currículo e dos livros didáticos, mas que se percebem as suas lutas e resistências partindo do cotidiano.

A prática das memórias em sala de aula oportunizou ligar aspectos das rememorações dos cesteiros negros, a conteúdos da história do Brasil, o que influenciou aos estudantes partirem das suas experiências nas suas realidades para darem significado aos conhecimentos que estavam sendo apresentados e construídos nas oficinas didáticas. Torna-se evidente que as memórias como fonte para o ensino de história em sala de aula, pressupõe debates acerca do

presente ao ensino-aprendizagem da história escolar, tendo em vista que além de se agregar questões sociais do presente, o que é narrado nas memórias, ressignificado e percebido partindo de compreensões atuais.

Dessa forma, a aula se torna direcionada de maneira diferente, na qual a abordagem se inicia pelas memórias, assim, sendo conduzida para demandas sociais da atualidade, e conectando-se a assuntos do passado. Nesse caso, não se estuda o passado só por ele mesmo, mas compreende-o, na concepção de problematizar processos sociais do presente, neste caso, referindo-se a população negra brasileira e do estado da Paraíba. Portanto, a aula de história dessa forma procedimental, não pretende tão somente fazer os jovens adquirirem conhecimentos ou conteúdos sobre o passado, porém, usar esses acontecimentos históricos e da memória para eles indagarem as suas próprias realidades.

As memórias como fonte para o ensino de história oferecem diversas possibilidades para o professor desenvolver atividades significativas, partindo de questões do presente, do cotidiano e, ainda mais, quando se trabalha com rememorações do local. Além disso, tratando-se ensinar história com o objetivo da construção do conhecimento e despertar de narrativas outras, assim como a constituição de uma identidade local junto aos estudantes.

Desse modo, o ensino e história, torna-se interseccionado, no qual as memórias, os assuntos da vida dos estudantes, cruzam-se, assim, constrói-se um conhecimento de maneira significativa. É certo que cada momento histórico, deve ser percebido por meio de seu dado período, por isso, exige-se a intermediação do professor de história neste processo do ensino-aprendizagem. O qual por meio de sua experiência poderá realizar essas distinções temporais, em sala de aula junto aos alunos.

É importante ressaltar que essas memórias sobre esses negros cesteiros são rememorações, as quais foram invisibilizadas pelo currículo escolar com visão eurocêntrica. Por isso, trazer temas como esse para a instituição de ensino básico, no ensino de história, é uma mobilização que propõe colocar na centralidade narrativas de pessoas negras, que visam dar sentido cognitivo e social ao ensino da história na escola, principalmente, a história local, tomando como fonte memórias.

Dessa forma, a construção do conhecimento, inicia-se a partir dos saberes/conhecimentos que durante muito tempo tivera sido considerada como episteme subalterna pelo pensamento ou o modelo de produzir ciência com percepções coloniais. Essa “colonização do saber” afetou também a produção historiográfica e o ensino de história, portanto, excluindo da construção e ensinamento básico, saberes/fazeres/conhecimentos, como os dessas pessoas desta pesquisa das instituições que produzem e ensinam ciência.

Nessa forma, esse modo de ensinar história deste estudo, propõe-se em oposição a “colonialidade do saber”, ou seja, ao modelo de ensinar e produzir conhecimento científico, o qual separa, exclui e hierarquiza saberes. Obviamente, o ensino de história deve demonstrar novas possibilidades e não ser o fim em si mesmo. Nesse caso, o ensino de história que se sugere na abordagem tão somente conteudista, atrelando-se, exclusivamente, ao livro didático, sendo fechado e delimitado, tende a se tornar monótono, ou seja, sem dinamicidade, tendo em vista que se limita a assuntos exclusivos do passado, não dispondo uma vinculação com a realidade dos estudantes.

Notoriamente, os jovens, principalmente, os da atual geração são instigados pelo mundo virtual, nesse caso, por uma realidade paralela ao material e concreto, mundo digital que é construído lançando-se mão do lúdico e de dispositivos psicológicos que prendem a atenção juvenil. O que pode influenciar no desinteresse às aulas de história, todavia, as redes sociais podem ser aliadas do professor de história, assim como foi neste estudo, principalmente na divulgação da oficina por parte dos estudantes nas redes sociais. Nesse sentido, no mundo contemporâneo, imersos no ambiente virtual, jovens desse tempo moderno, dificulta o processo que pode construí-los narradores, a experiência pela socialização. Isso provoca uma sociedade repleta de crises psíquicas e existenciais. O que no tempo desses cesteiros, a relação entre eles, seja por brincadeira ou por ouvir e aprender uns com os outros e contarem de forma correspondente as suas dores, o socializar, era a atividade mais normal do dia a dia.

Nessa perspectiva, desenvolver atividades no ensino de história, nas quais a realidade concreta faça uso do lúdico e também do virtual, pressupõe não somente possibilidades outras e mais aprofundadas e significativas à realidade social vigente, partindo-se de temas do passado. Como também, possibilita-se a construção e ensino do conhecimento histórico, no qual as memórias subalternizadas possibilitem tanto na sala de aula quanto nos meios digitais a reflexão da realidade social no meio virtual.

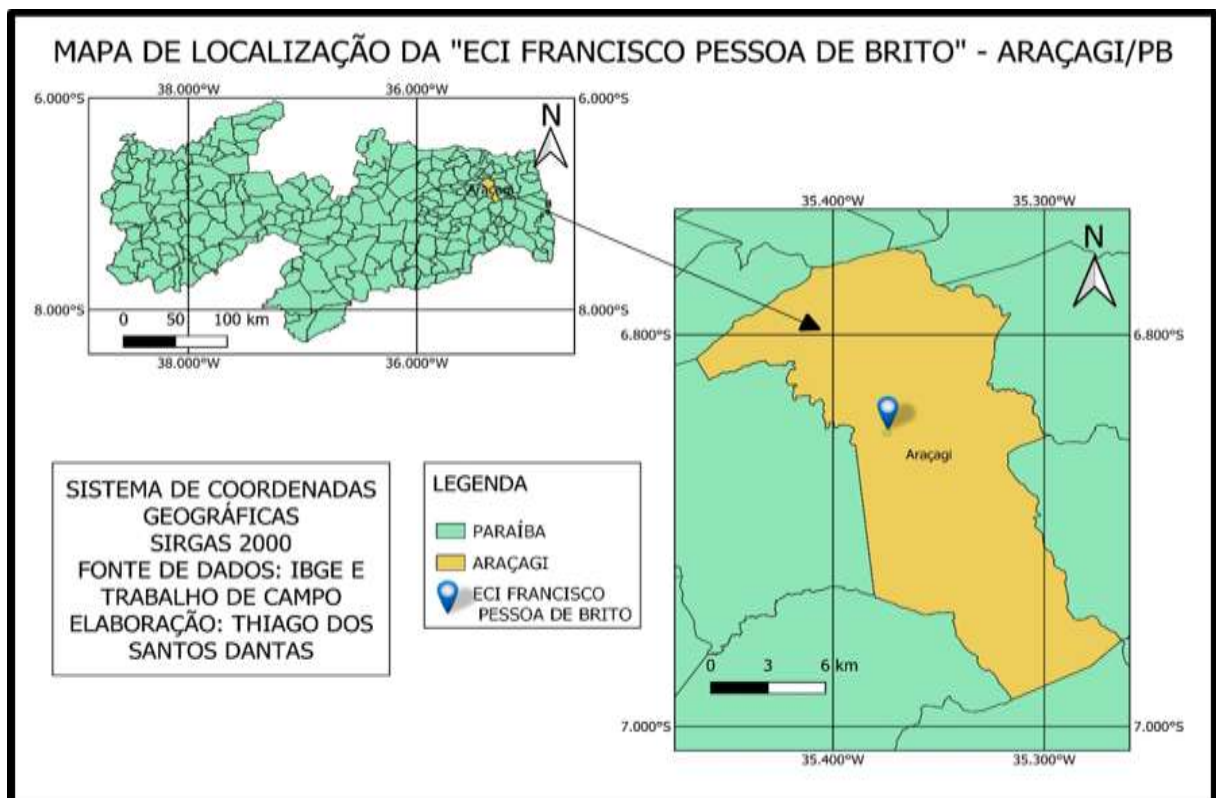
Nesse sentido, a memória local se compreende através de fonte, a qual pode cooperar no processo de visibilização dessas histórias, que por muito tempo ficaram às margens da historiografia e do currículo escolar. Perceptivelmente, ao levar para a sala de aula essas rememorações, leva-se também a possibilidade de visibilização de outras formas de epistemes outras, memórias outras, outras histórias, outras experiências, outras sensibilidades, que por muito tempo foram menosprezadas, excluídas do ensino institucional da história no âmbito da escola básica.

Desse modo, o ensino de história a partir de experiências subalternizadas, seja de maneira explícita ou não, coloca-se na posição de denúncia da segregação e epistemicídio, ou seja, do morticínio de outros conhecimentos não eurocentrismo. Abrindo, com isso, possibilidades de outras vozes narrarem sobre as suas próprias realidades vividas e remoradas. Foi nesse sentido que desenvolvi as oficinas na escola ECI-FPB, portanto, irei localizar a partir de agora a escola onde as atividades foram realizadas.

3.1 O ECI Francisco Pessoa de Brito e a apresentação das oficinas

Neste tópico, torna-se necessário, primeiramente, eu demonstrar a localização da escola, na qual realizei as oficinas didáticas em história local para este estudo. Ela se localiza na cidade de Araçagi, no estado da Paraíba. Por nome de Escola Estadual Cidadã Integral de Ensino Médio Francisco Pessoa de Brito, popularmente conhecida como ECI Francisco Pessoa de Brito (ECI-FPB). No mapa a seguir pode-se conferir as coordenadas geográficas do local da instituição escolar onde foram realizadas as oficinas com as memórias como fonte.

Mapa 04: Escola das Oficinas Didáticas em História Local.



Fonte: Elaborado a partir do IBGE, 2023.

No mapa, é possível perceber em verde a demarcação do que seria o estado da Paraíba, em cor parecida com marrom areia ficaria a cidade de Araçagi e com o ponto da localização estaria a localidade da escola ECI-FPB. Essa escola foi criada em 25 de junho de 1986, atualmente ela ainda situa-se no município de Araçagi, na zona urbana da cidade, no Bairro São Sebastião, na Avenida Olívio Maroja, S/N. Essa instituição escolar é mantida pelo estado da Paraíba por meio da Secretaria de Educação. As condições socioeconômicas dos estudantes são muito diversificadas tendo a maior parte deles renda mínima, fazendo parte de programas de auxílio do Governo Federal, recebendo ajuda até mesmo de materiais para os seus estudos (Projeto Político Pedagógico, 2022).

Desse modo, neste estudo, eu não fico somente na construção da trajetória histórica e interpretativa, através das memórias sobre o casal cesteiro, Antonia e Antonio e de seus descendentes. Além de tudo, isso trabalhou a trajetória desse casal de pessoas negras e de seus descendentes como outras memórias e histórias numa escola de Araçagi. A escola de ensino básico de nível médio, que eu trabalhei essas narrações da vida dessa gente negra, foi a Escola Cidadã Integral Francisco Pessoa de Brito (ECI - FPB).

Nesta escola realizei oficinas com as lembranças destes cesteiros como mecanismos significativos e ponto inicial de conexão com temas da História negra e popular do Brasil. Com isso, fazendo com que os alunos percebessem que a história/memória local é constituída por pessoas negras trabalhadoras comuns, e que essas narrativas não são desvinculadas da história brasileira. Daí, eu deixei surgir na sala de aula outras memórias, por parte dos alunos, a partir das lembranças dos cesteiros como fonte, para que eles compreendessem que a história não está distante, mas que faz parte da vida deles, dos seus próprios cotidianos. Portanto, trabalhando no objetivo de que esses estudantes se compreendam como parte da história, e não apartado dela.

Foi nessa instituição de ensino médio integral que as oficinas foram realizadas, as quais tiveram como fonte principal, as memórias dos cesteiros negros moradores da cidade de Araçagi, onde se localiza a própria escola, cidade que os estudantes são moradores. Dessa forma, as memórias usadas foram com intenções de estabelecer conexão para o ensino de história local e assuntos da história geral, assim como visando construir a identidade dos estudantes envolvidos. As narrativas acerca dessas pessoas foram relatos que eu transcrevi e levei para a escola em oficinas didáticas. Quando elas foram lidas pelos estudantes em sala de aula, esses alunos acharam significado nas memórias. Assim, nessas oficinas didáticas, os alunos relacionavam as suas vivências e coisas que seus pais e avós lhes constavam com as

narrações sobre a família cesteira. Com isso, demonstra-se que as experiências deste tipo em sala de aula trazem significação para o ensino de história. Porque,

A memória contribui para a construção da identidade porque nos possibilita elaborar os conceitos de si e de nós em oposição ao conceito de outro(s). Conhecer a experiência da comunidade, proporcionar às crianças o acesso a um passado comum, construído pelas histórias dos que chegaram antes, presenciaram e participaram de mudanças... Ao se criar para as crianças e jovens a oportunidade de conectar a sua experiência à experiência dos mais velhos, refaz-se o fio da memória e se fortalece o sentido de identidade (Kessel, 2003, n./p).

Discutir memória é também discutir identidade. Nesse sentido, torna-se proeminente que existe uma relação entre as proporções da memória ou dos traços de experiências que são expostas pela memória que podem trabalhar na construção das identidades individuais e coletivas (Candau, 2011). E no que se refere à memória trabalhada como recurso pedagógico dentro da sala de aula, os alunos envolvidos podem tanto desenvolver relações de identidade com a história local e com as memórias expostas, quanto eles mesmos evidenciarem as suas próprias narrativas.

Trabalhar memória na sala de aula, pode ser um meio de fugir dos materiais costumeiros, do currículo eurocêntrico, dados ao professor de história para serem usados em sala de aula. Ensinar história local por meio de memórias de pessoas da localidade é uma possibilidade de trabalhar mais o engajamento dos estudantes em sala de aula, e a atenção dos deles no decorrer do processo de ensino-aprendizagem, expresso isso, a partir desta pesquisa. Essa maneira de aprender história dá resultados participativos interessantes, pois os estudantes conseguem se perceber como participantes da própria identidade do local; é importante salientar que estudar a memória pode ser um ponto crucial na construção do conhecimento em história (De Barros, 2013). Ainda mais, quando diz respeito ao conhecimento histórico significativo para os alunos.

É importante compreender que levar para a sala de aula a memória dessa família de cesteiros que são pessoas negras, e a própria arte dos cestos, a qual em meio a esses familiares, têm raízes é também trazer à tona as discussões étnico-raciais no ambiente escolar. “Os conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana podem ser trabalhados em qualquer nível de escolaridade e a partir de diversas abordagens” (Chagas, 2017, p. 84). E pensamos essa nossa abordagem, ser esta, uma das várias maneiras de se discutir cultura africana, afro-brasileira e indígena nos encontros escolares, visto que a partir da arte dos cesteiros, é possível realizar ligações com outras questões ligados às relações étnico-raciais,

como por exemplo a desigualdade social que está ligada ao racismo do funcionamento social brasileiro.

Compreendi que antes das atividades pedagógicas em forma de oficina, tornou-se importante os estudantes compreenderem, mesmo que introdutoriamente, as ações que deveriam ser desenvolvidas, como foram realizadas. Por isso, nesse primeiro momento, na escola, fiz a apresentação aos alunos das oficinas de memórias e história local que faríamos. Com isso, eu fiz uma apresentação, informando aos estudantes, como esses encontros pedagógicos de história iriam ser desenvolvidos, ações didáticas, as quais foram feitas usando as memórias de pessoas negras, moradoras da cidade de Araçagi, como fonte principal. Nisso, eu realizei uma conversa com eles, nesse momento inicial, procurando estabelecer um diálogo e ouvi-los também para conseguir uma maior aproximação afetiva possível com os estudantes.

Assim podemos afirmar que relacionar-se com o aluno informalmente dentro da sala de aula abre um grande espaço para a confiança do aluno para com o professor, podemos ver isso nas rodas de conversas observadas durante as atividades em sala onde muitos alunos questionam sem se sentirem constrangidos e até os que são menos interativos acabam participando. Essa interação não se dá apenas diante dos conteúdos trabalhados, mas também diante de situações que [...] é um fator importante para que eles se sintam acolhidos [...] e que apesar de terem suas dificuldades enxergam nela alguém que podem confiar e se expressar. Podemos ver que a maneira como a professora age dentro e fora de sala de aula reflete na facilidade que seus alunos possuem de se aproximarem e de dialogar e estes meios são necessários no processo de aprendizagem (Santos; Brito; Maranhão, 2014, p. 20).

Com isso, prosseguindo a dinâmica da nossa abordagem, consegui uma oportunidade de realizar esse contato inicial com os alunos na escola. Assim, resolvi realizar a apresentação. Estando ciente que, o assunto sobre pessoas negras cesteiras ou tomando como fonte as memórias deles, ou seja, o trazer para a sala de aula o tema sobre cultura dos negros afro-brasileiros, imbricaria em assuntos que a escola, geralmente, só abordava no dia da consciência negra. Isso é o que, costumeiramente, várias escolas fazem, e colocam como pauta do cumprimento da legislação sobre história e cultura da população negra brasileira e africana. É evidente que, antes de ocorrer a atividade de apresentação, explicamos o que estávamos a desenvolver como pesquisa e oficinas a todos envolvidos no processo e o que iríamos abordar em sala de aula. Na imagem a seguir está registrado um dos momentos dessa primeira exposição.

Imagem 05: Momento inicial e apresentação das oficinas em História.



Fonte: Arquivo Pessoal

Este é o registro do momento da apresentação, na qual expliquei como se dariam as oficinas, logo após ter colocado no quadro, os temas possíveis a serem abordados nos encontros. Nesse instante, desta conversa inicial, o assunto girou em torno dos pontos a serem demandados nas oficinas didáticas, assim, fui explicando como iria desenvolvê-las, os assuntos encadeados que eu iria fazer relações e debater, de maneira conjunta, com as memórias em sala de aula.

Conforme podemos perceber na imagem acima, no quadro foi colocado as palavras: “Oficinas em história”; “Descrevendo os trançados dos cestos, ativando recordações e contando história”; “Memórias Entrelaçadas”; “Trançando cestos e contando histórias”.

Portanto, eu estava dialogando com os alunos acerca dos assuntos que iriam ser abordados em sala, que nesse caso, seriam acerca das memórias de vida dos cesteiros, sobre eles, seus trabalhos e arte, e seus fazeres/saberes/conhecimentos ancestrais em cestarias. Com isso, tomando as rememorações deles como fonte lúdica para o conhecimento da história de vida dessas pessoas negras e da própria história da cidade de Araçagi, no final do século XX, ou seja, como as relações sociais ocorriam referentes a essa família de gente negra.

Eu percebi que só ao mencionar acerca da história de vida e sobre a sua arte, tudo isso despertou curiosidade nos estudantes e educadores que estavam na sala de aula. É possível perceber, na imagem acima, expressões de movimentação entre os alunos e educadora, a qual está de blusa branca, sentada mais na frente, pois conversavam sobre quem iria registrar fotos do encontro, mas também pelo que estava posto no quadro. Ou seja, essas atitudes se devem ao fato de que, quando escrevi o que iria ter nas oficinas, a qual iria ser sobre a as memórias da família dos Mendes cesteiros, logo alguns estudantes disseram ter interesse naquela temática, pois se trava de algo que eles viam bastante, tanto na feira livre da cidade quanto sendo usada na zona rural do município, neste caso, a arte dos cestos, os balaaios.

Por isso, as memórias e saberes desses cesteiros já estavam dando significado à realidade dos que estavam participando desse momento inicial, o que foi desenvolvido por meio de oficinas pedagógicas. Portanto, usei as memórias como fonte no ambiente escolar, para os estudantes terem acesso à história desses cesteiros locais, tomando essas rememorações como fonte. Nisso, fiz conexões com as próprias histórias dos próprios estudantes que eles iam contando a partir das discussões e, com isso, fui relacionando a temas da história do Brasil, como veremos no prosseguimento deste estudo.

É necessário trazer à tona que as oficinas pedagógicas têm sua relevância como metodologia para o ensino; constitui-se como uma possibilidade educativa que possui atributos que podem ajudar na junção entre teoria e prática dentro da sala de aula; pode promover a socialização entre os estudantes; exercitando a participação ativa dos estudantes, sendo assim, o conhecimento pode ser construído de forma coletiva relacionada ao cotidiano (Zenaide, 2005). A seguir, trarei os relatos que saíram em sala de aula, neste primeiro encontro na escola.

3.1.1 Narrativas dos estudantes

Neste tópico eu faço menção das narrativas que, saíram no meio da primeira apresentação, a qual versou acerca de como seriam desenvolvidas as atividades das oficinas

pedagógicas em memória e história do local, das memórias sobre o fazer da arte dos cesteiros negros da cidade de Araçagi e vida cotidiana deles. Nesse sentido, debato neste ponto as percepções sobre as narrativas dos estudantes, as quais à medida que iam saindo em sala de aula, posteriormente, eu fiz as anotações sobre os trabalhos desenvolvidos neste primeiro momento e as narrativas que os estudantes relataram no encontro.

Nesse ponto, podemos perceber que este estudo se conecta com as discussões em torno das leis 10.639/03 e 11.645/08 que, além de trazer a obrigatoriedade sobre o ensino de história e cultura indígena no ensino fundamental e médio, ressalta tais aspectos culturais sobre esta noção no que diz respeito aos afro-brasileiros (Vidal, 2016). E a arte das cestarias é uma arte ancestral entre o povo negro afro-brasileiro e também os grupos étnicos dos indígenas. Tendo em vista que eu trouxe para a sala de aula os saberes/fazeres de cesteiros negros conhecidos como balaeiros de Araçagi, tais rememorações fizeram sentido para os estudantes, os quais narravam em sala de aula as suas experiências com a arte dos cestos, como também com essa família de gente negra da própria cidade. Logo, pude ver uma sala de aula com estudantes, em grande maioria de pessoas de biotipo negro, descendentes pessoas negras e indígenas e até mesmo pessoas brancas de classe social menos abastada. Era uma sala bem diversificada nesse sentido.

Dessa maneira, propomos trabalhar a história dos cesteiros negros Araçagienses, partindo das rememorações dessas pessoas negras, como fonte. Assim, relacionando-as com a própria história social de Araçagi. Nisso, perguntei: Quem sabe sobre a história de Araçagi? Alguns disseram: eu, eu, eu! E foi dito: diga-me sobre a história que vocês sabem. Disseram: não é sobre a tribo Gi e o Araçá? Nisso, foi relatado: não, isso é mito de fundação! Então, começando a explicar sobre a filologia ou história do surgimento do nome de Araçagi, foi-se relatando como a própria história indígena tem haver com a história do próprio nome da cidade, visto que antes e após o contato com os colonizadores, o nome do local do atual município era indígena.

Com isso, demonstrei que os indígenas, os quais habitavam a região anterior e posterior à invasão dos europeus, nomearam o local de ARAÇÁ (fruto de olhos pequenos,) e Y (que tinha um som do atual U) (Carvalho, 1987). Isso porque a localidade era repleta de riachos, um longo rio e muitos araças, levando em consideração que os povos originários, geralmente, nomeavam um lugar por suas características naturais. E depois o nome foi mudando, pelo contato com os europeus e a própria mudança da palavra até que se chegou a atual escrita de Araçagi como nome do atual município. Dessa forma, eu propus demonstrar a influência da cultura indígena no nosso presente aos alunos. O que fiz também, ao relatar que

construções, como a exemplo da própria igreja matriz do centro da cidade, há relatos orais de que fora construída por mão de obra do povo negro da época. Além do mais, mencionei que a agricultura familiar local, a qual é uma fonte de renda e sobrevivência de muitas famílias, por vezes, são compostas por pessoas negras e afrodescendentes.

Dessa maneira, procurei fazer com que os estudantes compreendessem ser, o assunto das memórias dos negros cesteiros, importante diante da perspectiva da história do local, visto que foi nesse momento que apresentei que iríamos debater sobre os artistas cesteiros negros da cidade de Araçagi. Os quais foram e são importantes para a cultura afro-indígena e renda do local, ou seja, abordando já de uma maneira social e cultural a perspectiva do tema acerca dessas pessoas, em sala de aula para os estudantes. Nesse sentido, percebe-se que eu parti de uma questão cotidiana dos alunos, o nome da cidade de Araçagi, para só assim, o assunto sobre as memórias dos cesteiros começar a fazer sentido para eles.

Deixo explícito que quando falei em sala de aula que se tratariam de oficinas de história sobre o tema das memórias de vida e rememorações das feitura em cestarias dos Mendes, pessoas negras de Araçagi, referentes a memória e história local de Araçagi. Foi possível ouvir a narrativa escolar que, tanto os pais quanto os avós dos que participavam da reunião pedagógica, desde muito tempo atrás iam perto do campo no castelo branco (local onde os cesteiros negros moraram) pegar balaios e cestos para levar para o sítio Tainha (antiga Fazenda Nova). E, também narraram como aquela família negra da cidade é conhecida, nesse caso, como a família dos balaeiros.

Observei que nos rostos dos estudantes, havia olhares de espantos, porque eles tiveram o entendimento de um conhecimento histórico novo, o qual ainda não tinha sido abordado em sala de aula com eles, sobre a história local de Araçagi. Isso, por meio da exposição desse conhecimento em sala de aula. Depois disso, percebi que eles gostaram e se interessaram no que concerne a temática que iriam ser abordadas nas oficinas didáticas. Nesse sentido, percebe-se que essa maneira de se ensinar história, alinha-se à uma noção didática de se ensinar história, que é uma maneira de se questionar a realidade, e de se entender que, a história não é, e nem pode ser uma ciência focada estritamente no passado (Vivian; França, 2020), mas ela indaga e busca relações a partir do presente. E isso, o debate em sala de aula a partir do cotidiano, ou das memórias dão possibilidades disso, assim, podendo tornar o ensino de memória/história local mais significativo, mais ligado à realidade do aluno.

A [...] história leva a formação de pessoas melhores, consequentemente de um mundo melhor, porque o sujeito reflete sobre temas que são importantes,

por exemplo, a história das mulheres, ditadura, questões de gênero, desigualdade social, entre outros. A consciência histórica leva os sujeitos a pensarem sobre situações do cotidiano (Vivian e França, 2020, p. 219).

Desse modo, continuarei narrando como nesse primeiro encontro, deu-se as narrativas dos alunos em sala de aula, a partir dos desenvolvimentos expositivos acerca dos cesteiros negros e as suas artes em vegetais. Quando relatei que, nas oficinas didáticas com as memórias dos cesteiros negros do local, abordar-se-ia uma espécie de “trançando cestas e contando história”. Ou seja, à medida que veríamos as fotos sobre a arte dos cestos dessas pessoas negras, também iríamos ler e debater as suas lembranças em sala de aula. Nesse momento representativo, uma aluna disse: “Mas eu sei como faz!” Eu perguntei: “Então, como faz?” Ela disse: “Não é aquele negócio como se fossem cordas?” A outra aluna disse: “Não, não é cordas, é cipó!” Isto porque, segundo ela, uma parente sua também fazia cestas. Eu logo disse: “Está vendo como vocês não sabem muito sobre o assunto que está na história local da cidade? Por isso, vocês precisam saber mais ainda”. Outra aluna disse: “Minha avó fazia chapéu de palha trançada com um material parecido!” Eu disse: “Observem como a história de Araçagi está aqui, pessoal, entre vocês!”.

Por isso, a partir dessas palavras dos estudantes em sala de aula, percebi que o tema estava fazendo sentido com a realidade deles. Nisto, comecei a perceber por causa das interações em sala de aula que esses estudantes estavam desenvolvendo conhecimento, e pelos assuntos que foram mencionados, que a temática estava fazendo ligação ao cotidiano deles. Por isso, as palavras, tais palavras, as quais foram narradas, acerca dos fazeres/saberes/conhecimentos, os quais partiam da realidade discente em relação ao argumento apresentado. Haja vista, que uma aluna, por causa de uma pessoa da sua família que fazia cestas, logo corrigiu interagindo com uma outra, a qual disse serem os cestos realizados com cordas. Nesse caso, a aluna que conhecia o processo das cestarias por causa da sua realidade de vivência, relatou ser cipó aquilo, um conhecimento/saber muito específico aos cesteiros.

Nesse sentido, podemos perceber o quanto a abordagem de questões que estão relacionados ao costumeiro dos estudantes, a realidade social e da própria experiência deles, faz de fato os conteúdos ou palavras em sala de aula, por parte dos educadores fazerem sentido, pois tais pontos se conectam ao que os alunos já experienciaram. Tendo em vista, que a construção do conhecimento nas mentalidades se estabelece na medida em que o que está sendo ensinado/aprendido, de “novo conhecimento”, apoia-se em saberes e fazeres habituais de quem está exposto ao constructo de um determinado saber/fazer.

Fez tanto sentido que, foi aguçando outros estudantes a falarem, a ponto de uma aluna desses alunos dizer que a sua avó fazia também chapéu de palha. Quero deixar explícito que ao observar o fenótipo desta aluna e também por perguntas que fiz a ela, a mesma se autorreconhece como uma pessoa negra. Nisto, demonstrando o quanto esses saberes em sala de aula, principalmente, de escolas interioranas, podem se conectarem a outras histórias/memórias. Tendo em vista que esses saberes foram muito difundidos, até como meio de sobrevivência entre o povo negro brasileiro. Evidentemente, não limitando a aproximação desses conhecimentos tradicionais, da cultura material, aos interiores, todavia, nos grandes centros do país, a abordagem desses conhecimentos em sala de aula pode proporcionar os estudantes a compreenderem e perceberem outras realidades de vidas e de epistemologias, nos quais, as tecnologias digitais que limitam as mãos a “likes” e “dislike”, talvez ainda não tomou conta das mãos de pessoas que confeccionam obras por meio dos conhecimentos/saberes/fazeres ancestrais dos povos tradicionais. Mesmo assim, quero que percebam que eu conectei por meio de pequenas frases os assuntos que estavam sendo debatidos em sala de aula a realidade dos estudantes e assim prossegui nesta aula.

Nesse sentido, eu fui mantendo um diálogo sobre a temática, na aula com os alunos. Assim, eu disse: “Pessoal, nas atividades se empenhem, pois vamos nos ocupar a compreender memórias sobre pessoas e uma arte que é das cestarias desses povos. O povo negro que durante muitos anos na nossa história foi marginalizado, criminalizado e desmerecido. Então um aluno perguntou: “como assim criminalizada, era crime? Eu disse: De forma mesmo que indireta, sim! Vocês conhecem o que é o caxixi? Eu perguntei. Um aluno disse: Sim, eu sei, e foi explicando que era um instrumento da capoeira. Logo eu disse: pois, saibam, que a capoeira com os seus elementos, foi criminalizada entre os anos de 1890 a 1930 no Brasil. E continuei a falar: Pois é, o caxixi é um objeto realizado com o trançado das cestas, para ser usado, nas rodas de capoeiras e ao ser criminalizada a capoeira, também, mesmo que de forma indireta, o trançado envolvido nela, foi criminalizado.”

Nisso podemos compreender que é possível ensinar história de maneira dialogada, como por uma conversa com os estudantes, e isso seria também a “Sensibilização do aluno quanto ao conteúdo a ser trabalhado por meio do diálogo [...]” (Ausani e Mattos, 2019, p. 2). O diálogo é um meio também de ensinar. Vivemos em um mundo, no qual se demonstra uma necessidade colonialista de que o professor seja um sabedor de conteúdos, ou seja, conteudista e a modernidade que é colonial, propõe ao professor ser egocêntrico, a ponto de não dialogar com os estudantes, mas sim transmitir conhecimento pragmático e essencialmente curricular. E por vezes, esse jeito de ensinar não atende a maneira dos alunos aprenderem história, ainda

mais, quando se aborda o tema dos povos negros, que foram marginalizados durante muito tempo. Nesse sentido, dialogar se torna uma das maneiras mais apropriadas para se ensinar esses assuntos em sala de aula, pois concede propriedade ao professor que ele também está aprendendo constantemente, formando-se de modo constante de forma conjunta com os estudantes. Seria isso, uma percepção de ir de encontro ao que Paulo Freire (1987) trata como educação bancária, na qual os alunos memorizam o assunto para passar na prova e não para se construir enquanto seres humanos, sendo o professor o centro do processo e do conhecimento. Por isso, dialogar é também demonstrar e de se perceber humano, que aprende, que ensina. Dessa forma, o assunto seria vinculado à realidade do estudante por meio da dialogação e, assim, possibilitaria ao estudante uma construção de sua própria identidade.

O diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial (Freire, 1979, p.42).

Nessa perspectiva, do aprendizado por meio do diálogo, o que percebi foi, entre os alunos, muito empenho, e o que a eles foi relatado teria sido significativo. Isto, pelo que foi dito a respeito da história/memória da cidade, os relatos citados, os quais estavam na realidade deles, no dia a dia deles, dos pais, dos avós, dos seus parentes. Percebi que isso teria sido cheio de significados, sentidos, e se correlacionou com o cotidiano deles, tanto que houve uma participação ativa dos estudantes na aula, de modo dialogado, e ao mesmo tempo ativo, na percepção de interação discente.

Nessa perspectiva, percebo que, o uso dessa maneira ativa e humanizadora (modo que afirmo assim ser), nesse encontro, atrelou-se às discussões das metodologias ativas. “Assim, a utilização de metodologias ativas tem despertado um maior interesse dos alunos, uma vez que propiciam este maior envolvimento do aluno” (Souza e Júnior, 2021, p.5). É interessante, porque mesmo nesse envolvimento sobre as memórias e saberes/conhecimentos/fazeres ancestrais desses cesteiros, já percebi um diálogo interacional que proporcionou maior entrosamento dos alunos no que estava sendo conversado. Portanto, o uso de memórias em sala de aula traz essa forma de envolvimento ativo por parte dos estudantes na aula, pois, o ponto de partida das discussões cerca a realidade cotidiana deles, nesse caso, a realidade local. “A associação entre cotidiano e história de vida dos alunos possibilita contextualizar essa vivência individual a uma história coletiva” (Barros, 2013, p.2).

Nesse sentido, o ensino de História poderá fazer escolha pedagógica capaz de possibilitar ao aluno refletir sobre seus valores e suas práticas cotidianas e relacioná-los com a problemática histórica inerente ao seu grupo de convívio, à sua localidade, à sua região e à sociedade nacional e mundial (Barros, 2013, p.2).

Dessa forma, neste texto foram expostas as primeiras narrativas que surgiram por parte dos alunos em sala de aula e as discussões realizadas sobre os resultados desse primeiro contato. Desse modo, a seguir será discutido como se deu em outro encontro com os estudantes; os debates e narrativas que surgiram, logo após a análise e descrições dos conhecimentos e memórias relacionadas às fotografias sobre o fazer dos cesteiros (fotografias que registrei ao realizar acompanhamentos com os cesteiros em busca dos seus materiais vegetais e na confecção dos cestos). Ou seja, a sua cultura material das cestarias, e a leitura das rememorações dos cesteiros negros realizadas em sala de aula juntamente com estudantes.

3.2 Trançando memórias e registros dos saberes/fazeres dos cesteiros em oficina didática

Nesse ponto, serão abordadas as ações desenvolvidas em oficina didática no ECI-FPB na cidade de Araçagi, tomando memórias e registros fotográficos da arte dos cesteiros e as suas experiências cotidianas, do trabalho de confeccionar cestas/balaios. Nesse sentido, o trabalho que foi realizado, girou em torno de “trançar as memórias” dos cesteiros negros desta pesquisa, como recurso didático e fonte para se ensinar história do local. Sendo assim, entrelaçamos as rememorações dessas pessoas às próprias experiências de vida e familiar dos estudantes.

Sendo assim, neste trecho se demonstra as atividades realizadas em sala, as quais são ações deste estudo. Ou seja, da nossa abordagem em uma oficina pedagógica, ao trazermos dentro da sala de aula com estudantes do ensino médio do ECI-FPB em Araçagi, as descrições de como se deu a oficina sobre história local e memória, e os resultados deste experimento pedagógico no ensino de história. Para a realização deste encontro, primeiramente, antes da oficina, mantive o diálogo com os estudantes. Nesse diálogo direcionei como deveria ser a oficina pedagógica, e como faria para se adequar a realidade dos alunos.

Nesse sentido, optei em realizar essa oficina didática ou pedagógica, de maneira, expositiva e dialogada com os discentes. Com isso, fui demonstrando aos estudantes os slides que produzi sobre a feitura dos cestos, e fui ouvindo as memórias deles, conforme eles pediam para falar e narravam em sala de aula. Portanto, eu continuei expondo as fotografias concernentes aos resultados que eu obtive dos acompanhamentos realizados com os cesteiros

e da arte em cestos deles. Desse modo, fui demonstrando as memórias que coletei de Maria da Luz Mendes, em sala de aula e relatei a vida dos estudantes, com isso, eu segui ouvindo as narrativas que os alunos relataram sobre eles e a vida de seus familiares. A seguir está uma foto registrada nesta oficina didática.

Imagem 06: Oficina “Memórias Entrelaçadas”.



Fonte: Arquivo Pessoal

Sendo assim, nesta oficina realizei, em primeiro momento, os procedimentos técnicos, a exemplo da instalação do datashow e do computador, para apresentar os slides com as fotografias sobre os processos que fiz o acompanhamento, acerca das cestarias e com os cesteiros e também com a memória da cesteira Maria da Luz Mendes. Nesta aula, iniciei conversando com os estudantes sobre os assuntos da aula, assim, fui relatando sobre os aspectos históricos dos cesteiros Araçagienses e relacionando a história deles a própria história da cidade de Araçagi. Na fotografia acima, podemos perceber como teria ocorrido o início desta oficina, visto que na foto, é possível ver o primeiro slide que apresentei e estive dialogando com os alunos. Na foto, pode-se perceber a estrutura da sala de aula onde ocorreu

o encontro e alguns estudantes dos que estavam na oficina. No slide está escrito “Oficina em História - Memórias Entrelaçadas”. Na mão eu estava com o celular, no qual eu fiz alguns registros fotográficos e também de relatos que iam surgindo em sala de aula por parte dos estudantes²⁴.

Neste encontro, os alunos interagiram intensamente e gostaram bastante das primeiras palavras, e isso era perceptível pelos aspectos deles e os interesses dos estudantes na aula, com perguntas e relatando algumas memórias que viam as suas memórias. Logo, naquele momento, foi dito para eles que nessa oficina, iria-se apresentar alguns slides e dialogar com os mesmos acerca da história e produção dos cesteiros e a própria história local da cidade de Araçagi. Após, teria um momento onde os estudantes iriam escrever sobre as suas percepções a respeito da aula e o que as abordagens os levaram, a surgirem, nas suas memórias, rememorações sobre a história de vida deles e dos seus respectivos familiares, em ligação com o assunto abordado sobre os cesteiros e a sua arte.

Com isso, foi deixado sempre evidente para os discentes, naquele momento, que a história deles também fazia/faz parte da história da cidade ou história local, além do mais, seguiu direcionando-os que, deveriam colocar no escrito as suas percepções e sentidos sobre a aula. É evidente que “[...] múltiplos sentidos são construídos na sala de aula por meio da interação pedagógica” (Nunes, 2012, p. 1). E os desdobramentos pedagógicos desta oficina se deram por meio da memória e trajetória dos cesteiros e imagens do processo da arte em cestos deles.

Dessa maneira, por conseguinte, descrevo como ocorreu a apresentação das fotos dos processos das cestarias dos Mendes e as memórias dos cesteiros, para os estudantes neste encontro. Destaco que o nosso objeto de pesquisa são as memórias dos cesteiros, todavia, quando eu trouxe para o encontro as fotografias dos processos dos cestos e dos próprios cestos, foi expressamente para que os estudantes entendessem dos procedimentos da arte, a qual as memórias da cestaria Maria da Luz, estava evidenciando. Mesmo assim, eu entendi que as fotografias dos processos, fizeram surgirem às memórias dos estudantes, rememorações das dificuldades que envolviam os trabalhos dos seus parentes e as memórias com os seus familiares, visto que muitos deles moravam e trabalhavam na zona rural do município, ou seja, na agricultura. Nesse sentido, as memórias lidas e as fotografias dos

²⁴ Neste link é possível ter acesso de um vídeo gravado pelos alunos, em um dos momentos dos diálogos e narrativas por parte dos estudantes. Link: <https://drive.google.com/file/d/1-6tORKCd8ZelZ3f0Bx4tv9eikRwPhdA4/view?usp=sharing>.

desenvolvimentos da feitura dos cestos serviram como bases para a evocação das memórias dos alunos. Por isso,

[...] o material empírico construído permite eleger a imagem como um poderoso elemento evocador de memórias. As imagens construídas e significadas a partir dos processos de apropriação vão investir-se de uma intensa capacidade evocadora de eventos relevantes da vida dos sujeitos. Também não há como desconsiderar que, embora não possa ser postulada uma relação direta entre os modos de ver e lembrar, muitas memórias que se constituem tendo as imagens como elementos evocadores estão ancoradas no conteúdo e na maneira como determinadas coisas foram vistas pelos sujeitos em um dado momento (Saturnino, 2005, p. 104).

Certamente, que não foram as fotografias por elas mesmas que fizeram as memórias evocar nos alunos, mas as memórias das resistências da família negra cestaria lida em sala de aula, foram preponderantes para esse processo pedagógico. Nesse intento, percebemos como as fotografias são essenciais para “[...] a experimentação e o aprendizado” (Benjamin, 1987, p. 106). Dessa maneira, acho necessário destacar como consegui as fotos que trabalhei em sala de aula com os estudantes. Nessa perspectiva, eu deixo evidenciado de maneira mais perceptível que, as imagens trabalhadas nesta primeira oficina, fazem parte de um acompanhamento etnográfico, o qual realizei com os cesteiros, os quais vivem atualmente na cidade de Araçagi, no bairro Santo Amaro, e que são descendentes do casal Antonio e Antonia, como dantes expressado. Foram realizados acompanhamentos acerca dos processos realizados pelos cesteiros na realização de sua arte de trançados durante aproximadamente seis meses.

Dessa forma, acompanhei os processos de retirada dos vegetais nas matas, de forma conjunta com os cesteiros. Assim, esses procedimentos dessas pessoas negras cesteiras, em ir em busca dos materiais no meio do mato e da construção dos cestos, foram fotografados e colocados em um arquivo. Nesse sentido, fui realmente a campo para a realização desta primeira oficina. É bem interessante ressaltar que, ao trazer memórias das experiências dos cesteiros e fotos da atual feitura dos seus cestos, coloco-me a demonstrar em sala de aula que as memórias também dizem sobre o presente. Ou seja, as rememorações dos cesteiros não retratam o passado deles tão somente, mas também ilustram os seus cotidianos nos dias atuais.

E algumas dessas fotografias, as quais selecionei, foram usadas nesta primeira oficina como “dispositivos da memória”. E nesse ínterim da aula, fui trazendo memórias e histórias locais e sobre a trajetória do casal cesteiro, Antonio e Antonia. Desse modo, expus que a história da cidade não era constituída somente pela história da elite local, mas sim, de

trabalhadores rurais e urbanos, artistas como os cesteiros e outros grupos que foram historicamente subalternizados. Por isso, este estudo se atrela aos estudos sobre a história discutida, percebida e construída a partir das massas populares e da cultura e costumes das pessoas consideradas das classes que, historicamente, foram subalternizadas (Thompson, 1998).

Nessa perspectiva, pensamos as atividades desta oficina em história local percebendo as fotografias com um potencial de evocação das memórias, de forma intensa, tendo em vista que a grande maioria dos discentes que participaram ou eram de zona rural ou tiveram uma experiência com as atividades rurais que envolveram cestas. Ou seja, o conteúdo, as fotografias e as memórias eram uma espécie de emblema que os representava e os identificava, no caso, os estudantes, enquanto pessoas do local (Saturnino, 2005). Isso tudo, porque os cestos e balaio estão também atrelados aos trabalhos no campo, as atividades laborais da roça (Santos, 2022). Sendo assim, as imagens dos cestos foram mecanismos significativos, os quais instigaram a evocação de outras memórias, as quais foram experiências ouvidas ou mesmo vivenciadas pelos estudantes.

Outras formulações, entretanto, se fazem pertinentes para tratar da capacidade evocativa da imagem. A primeira delas sugere considerar que, no que se refere às lembranças, as imagens podem apresentar um forte caráter associativo, pois se encarregam de promover um fluxo de memória através do qual experiências vão sendo lembradas e narradas a qualquer tempo. A potencialidade das imagens como elementos evocadores de memórias está concatenada, de certo modo, à valorização que o indivíduo empresta, no presente, para as experiências vividas nos contextos em que a imagem também participou ou aos quais ela está relacionada. Isto tem a ver com a maneira através da qual os sujeitos convivem com o seu passado e com a forma como tentam organizá-lo. Nestas circunstâncias, certamente o fluxo de memórias será privilegiado caso as imagens tenham feito parte de eventos significativos que merecem ser lembrados, se forem capazes de destacar experiências bem sucedidas de um tempo que não o agora ou mesmo se puderem colaborar no sentido de respaldar as identidades que se quer construir no momento presente (Saturnino, 2005, p. 105-106).

Ainda nesse sentido, compreendo que as imagens têm um potencial abrangente de instigar memórias, com isso, é possível pensá-las em outros âmbitos, como por exemplo, o trabalho com elas em sala de aula. Em que pese, mesmo sendo esta abordagem objetivada a estudar as memórias dos cesteiros, as imagens sobre o trabalho dessas pessoas negras, foram usadas mais no sentido de ativar as memórias dos discentes e ampliar as percepções dos alunos acerca da arte dos cestos dessa família. Ainda acerca de outras possibilidades de trabalho que podem ser pensados, no que concerne ao poder das imagens,

Não vem nossa dificuldade a nos orientar de que uma só imagem é capaz, justamente, de início, de reunir tudo isso e de dever ser entendida ao mesmo tempo como documento e como objeto de sonho, como obra e objeto de passagem, como monumento e objeto de montagem, como não saber e objeto de ciência? (Didi-Huberman, 2012, p. 209).

Desse modo, as fotografias evidenciadas na sala de aula, de forma conjunta com sob o prisma das memórias acerca da vida dos cesteiros negros, foram as que estão, por conseguinte. Certamente, elas foram amostragens das fotografias (as quais fiz uma seleção para serem trabalhadas nesta oficina), que fiz dos acompanhamentos de campo, com os cesteiros negros, sujeitos desta pesquisa. É preciso ressaltar que em sala de aula, nesta oficina as imagens foram, demonstradas e discutidas, uma por vez, nos slides, pois adotei essa forma para essa oficina, e a medida que ia apresentando e abordando as percepções que as imagens traziam, eu ia relacionando as memórias que eu tinha obtido com os cesteiros. Mesmo assim, trarei aqui, as duas fotografias que percebi terem sido as mais importantes para o processo de ensino e aprendizagem de maneira significativa na escola.

Imagem 07: O cesteiro João Augusto retirando cana braba para fazer cestas.



Fonte: Arquivo Pessoal

Na imagem acima, demonstra o cesteiro João Augusto da Silva, que é esposo de Maria da Luz Mendes, retirando na beira do rio Araçagi a canabrava para realizar o “desbastamento” e, posteriormente, fazer os cestos na casa deles. Mesmo assim, para além disso, o que é possível compreender a partir da fotografia, é que o processo até a feitura das cestarias se estabelece como sendo um trabalho bastante árduo, trabalhoso. Analisando a imagem, o que podemos perceber é um homem com setenta e cinco anos de idade, com uma foice na mão e cortando cana braba dentro do local onde eles tiram o material para fazer os cestos.

Ainda assim, o que é possível conceber é que, o trabalho para a feitura das cestas é uma realidade que se atrelou a muitas realidades rurais dos estudantes em sala de aula. Tendo em vista que parte dos alunos tinham uma experiência com a realidade do trabalho rural, seja na roça ou mesmo em trabalhos diversos do campo. Sendo assim, quando mostrei essa foto para os alunos em sala de aula e fui relacionando com o próprio cotidiano, e mencionando que ela está vinculada à história dos trabalhadores rurais ou agricultores, artistas e demais funções diferentes da cidade de Araçagi. Nesse sentido, indo por uma memória oposta a oficial que faz parte de uma rememoração acerca do município, com isso, enfatizando que a história local foi constituída pela história de vida de trabalhadores comuns, de pessoas negras, descendentes e indígenas e brancas pobres moradoras do local.

Logo, os alunos se atentaram ao assunto e começaram a falar mais acerca das suas memórias, sobre os seus parentes e pessoas conhecidas, e que muitos de seus parentes também são/eram agricultores, moradores da zona rural. Nesse mesmo momento, surgiu a seguinte narrativa em sala de aula, que foi de uma trabalhadora da educação que estava acompanhando o processo das oficinas, a qual por questões éticas a chamarei apenas por educadora, disse:

Pessoal, realmente isso corresponde a nossa história, pois, muitos desses trabalhadores rurais trabalhavam na terra de fazendeiros, antigamente, aqui na zona rural da cidade e pagavam a sua moradia trabalhando um dia por semana alugado para o dono da terra e os outros dias trabalhavam para o sustento de casa. E quando plantavam os seus roçados de subsistência na terra de seus patrões, no final da colheita, eles plantavam capim na terra da roça, que era em benefício para o seu patrão ou dono da terra em que era cedida para morarem (Educadora, 2022. Informação verbal).

Dessa forma, prestamos atenção que a fotografia e as relações realizadas com a história local fez os alunos contarem as suas memórias sobre o assunto e também a educadora relatar as suas experiências em sala sobre o assunto, o que trouxe ainda mais engajamento para a oficina. Depois dessa primeira abordagem na aula, vários alunos começaram a relatar

as suas memórias. Um falou: “meu avô era agricultor e trabalhava no campo”. Outro disse: “meu pai falava sobre essa questão de como era trabalhar alugado a patrões”. E, assim, algumas histórias de vida foram sendo relatadas, as quais se conectam às narrativas debatidas e surgidas em sala de aula. Nisso, eu ouvi eles e fui correlacionando essas histórias que surgiram com as memórias dos cesteiros, as quais eu estava contando, ou seja, a dos cesteiros-agricultores, pois os cesteiros também exerciam/exercem a agricultura de subsistência familiar.

Nessa perspectiva, apresentei aos estudantes como a cidade de Araçagi foi constituída pela história dessas pessoas normais, ou seja, sem grande expressão nas instituições da cidade. E percebi nos rostos deles, pelo interesse que gerou nesta abordagem, como eles estavam atentos a cada palavra que era expressa, pois eu estava também contando a história deles, dos seus entes. Sendo assim, a aula já foi sendo desenvolvida, com muito significado para os discentes, a partir do interesse gerado pelas narrativas ou memórias que foram surgindo. Desse modo, percebi que essa abordagem aguçou o interesse dos estudantes em quererem saber mais sobre a história dos cesteiros e de como a cidade foi sendo formada. E, assim, eles focaram a atenção, em ouvir o que eu narrava em sala, mais ainda, e focalizaram as atenções deles na aula. Dessa maneira, esse modo de trabalhar as memórias e processos de feitura dos cestos, dos cesteiros, na oficina, foi bastante significativo para os estudantes. Em seguida, eu li uma rememoração de Maria da Luz Mendes de maneira conjunta com os alunos e demonstrei uma imagem de um balaio construído por essa cesteira. Em seguida está a memória que foi lida em sala de aula.

Meu pai trabalhava na roça; trabalhava nos cesto; trabalhava no sisal (no agave), mas para tudo isso ele tinha o tempo. Ele trabalhava no roçado, na roça; trabalhava no agave, e a noite era pra fazer os cestos. Ele trabalhava o dia todo no agave, já eu com os meu irmão ficava no roçado. A gente limpava mato; a gente tivesse fava pra apanha, a gente apanhava, feijão, e algodão. Precisassem de uma macaxeira a gente ia e pegava, e aí já trazia pra casa; às vezes uma batata. Tudo isso a gente já fazia, e ele trabalhando no agave o dia todo. Aí, assim, da sexta para o sábado, que nas sextas era mais, já no final da semana, o que ele trabalhasse até a quinta-feira, já era pra na sexta ele não cortar esses agave. Aí ficava a sexta e o sábado pra ele colher os materiais para fazer os balaies. Aí, na semana, a noite ele ia fazendo os cestos. Sobre os cestos, a gente fazia eles já deixando os nossos para uma panha de fava, quebrar um milho, apanhar um feijão ou outros afazeres do roçado, já tinha aquele tanto que precisava pra gente, porque, todos esses trabalhos a gente só fazia com esses cestos que são os balaies e os de vender a gente separava. A gente tirava a quantidade que ia precisar e só precisava de ano em ano; talvez que com um ano, os que a gente deixasse para usar tivessem acabado, então quando a gente fosse colocar o roçado é que ia fazer outros mais novos pra passar o ano novamente. E os de vender a gente

vendia tudo. Depois que a gente colhia no roçado, guardava que era pra esperar pelo outro ano, e assim a gente se alimentava do que colheu e também guardava que era para plantar de novo no próximo ano (Santos, 2022, n./p).

Nesse momento, em sala de aula, fui estabelecendo uma relação entre as memórias de Maria da Luz Mendes e as narrativas sobre a vida dos familiares trabalhando no campo que os alunos iam relatando na reunião. Vejamos que, a rememoração de Maria da Luz a cesteira, se inicia relatando que o pai dela, Antonio Mendes, trabalhava na roça, mas também fazendo cestos e no sisal (o trabalho no agave foi muito intenso no interior da Paraíba, principalmente, na segunda metade do século XX). Perceba, que a cesteira Maria da Luz traz o trabalho da feitura dos cestos, como sendo, no mesmo nível de trabalho no sisal e na roça, os quais são estabelecidos no campo, na roça. Ou seja, colocando esses trabalhos em pé de similaridade, no que concerne aos esforços, aos ganhos.

Mesmo assim, o que é possível perceber, é que os três tipos de trabalho eram exercidos de maneira separada. Nesse caso, enquanto durante o dia, Antonio trabalhava no agave, os filhos, até mesmo, Maria da Luz, ou seja, a família cultivava o roçado de subsistência, e na parte da noite era para trabalhar tecendo os cestos. Visto que, o final de semana era para a busca dos materiais como a taboca e o cipó, para a construção dos balaies, das cestas, as quais eram levadas para a feira no dia marcado, para serem vendidos. Tendo em vista que as artes dos cestos, geralmente, eram vendidas, ou na própria cidade de Araçagi, Cuitegi ou no município de Guarabira, para serem utilizados em feiras e na agricultura também. Ainda assim, é possível compreender que eles faziam e separavam cestos que eram para serem usados na roça, na colheita do roçado para a subsistência deles.

Nesse sentido, há uma relação muito evidente entre as cestarias e o seu uso nos trabalhos do campo, da roça. Por isso, eu fui correlacionando e comentando essas rememorações com as narrativas dos alunos em sala de aula e conectando as imagens dos cestos construídos pelos Mendes cesteiros, as quais registrei nos acompanhamentos e entrevistas que realizei. Especificamente, um balaio de maior tamanho, o qual no final do processo da feitura dele é colocado como se fossem alças para segurar, o que os cesteiros chamam de “aseias”, geralmente é usado para a colheita de abacaxi, fruto muito cultivado na cidade de Araçagi atualmente.

Já um outro balaio menor, é frequentemente utilizado para os chamados no interior de “Balaies de São João”, no qual as pessoas colocam vários itens e elementos que são típicos dessa festividade. Esse balaio menor, ainda no interior, serve como instrumento para a

colheita de milho, feijão, inhame, macaxeira, batata etc. em roças e caráter familiar, para substituir. E também estes balaies são usados no processo de preparação da alimentação de animais como gado, bodes, ovelhas, galinhas, porcos etc. que muitas famílias do interior criam em seus pequenos sítios em localidades interioranas. Com isso, as experiências desses estudantes com os cestos/balaies podem ter vindo dessas relações que se estabelecem no interior, de modo específico neste trabalho, no contexto paraibano. A seguir está uma imagem que mostrei de forma conjunta com as discussões sobre as memórias de Maria da Luz nesta oficina didática.

Imagem 08: Balaio feito pela cesteira Maria da Luz com um abacaxi dentro dele.



Fonte: Arquivo Pessoal

Na imagem acima, o abacaxi foi colocado propositalmente ou estava lá no momento do registro? Bem, o que é possível visualizar é um local de casa, com uma cortina atrás e outros objetos, no chão, no qual estavam os balaies, uma cerâmica marrom e branca e com detalhes como se fossem floridos. Todavia, o que relacionou as memórias de Maria da Luz com a imagem acima foram os seis balaies menores e os cinco maiores, no total de onze, tendo no último um abacaxi dentro. É importante informar que o fruto que estava dentro não

foi colocado de maneira proposital pelo pesquisador, mas como o abacaxi é bastante cultivado, vendido, consumido e facilmente encontrado na localidade, alguém na casa da cesteira o colocou dentro do cesto que registrei, quando fiz uma entrevista com Maria, a mulher que faz cestos. E quando, antes da aula fiz a seleção das memórias, percebi que essa imagem seria interessante de ser trabalhada de forma conjunta com as narrativas na oficina didática. O detalhe crucial na oficina foi que, quando o assunto foi sendo analisado e relatado em sala de aula concomitante a imagem, um aluno levantou a mão e começou a narrar a sua história, da sua família, do seu pai, chorando. Assim, ele me pediu a palavra e chorando começou a narrar as suas memórias sobre seu pai e seus parentes. Esse estudante chorou tanto que precisou de um abraço, o qual nós demos. Portanto, a foto com as lembranças foram evocadoras da memória da vida do aluno.

Imagem 09: O aluno em lágrimas narrou acerca da vida do seu pai que era agricultor.



Fonte: Arquivo Pessoal

Na imagem, os estudantes estão desanimados? Não! Atentos ao que estava sendo abordado e ocorrendo em sala de aula. Não dar para ver na imagem, mas esse é o exato

momento em que após eu mostrar o balaio, e relacioná-lo às memórias e a ideia de trabalho na roça, e na retirada do abacaxi, o aluno me pediu para falar sobre os conselhos de seu pai e as suas lembranças sobre ele e então começou a chorar. Na foto, eu estava olhando para o estudante, o qual havia me interrompido. Logo após, o discente sentou na cadeira, pois ele tinha levantado para falar. Eu fui até ele e lhe dei um abraço, e procurei demonstrar afeto enquanto professor “Ouvi-dor”, ou que também ouve as dores dos seus alunos, porque há narrativas que doem e precisam ser contadas para ocorrer cicatrização do interior humano. Byung-Chul Han, diz:

Vivemos, hoje, em um tempo pós-narrativo. Não a narrativa [*Erzählung*], mas sim a contagem [*Zählung*] determina a nossa vida. A narrativa é a capacidade do espírito de superar a contingência do corpo. Por isso, não é absurda a ideia de Benjamin de que a narrativa poderia curar toda doença. Também xamãs expulsam doenças e dores com evocações mágicas que têm um caráter narrativo. O corpo ganha poder onde o espírito se retira (Han, 2021, p. 29).

Ele relata isso, baseando-se em Walter Benjamin (2013), quando em seu escrito coloca a narrativa como maneira de cura da dor, do corpo. O que quero expressar, é que por vezes, o professor de história se encontra estudantes que estão adoecidos tanto no corpo quanto no âmbito psicológico, e tem a oportunidade de deixar seus alunos narrarem em sala de aula para ajudar no processo de superação de traumas e de dificuldades existenciais. E aqui, não estou defendendo uma substituição do lugar do professor para ser um psicólogo, no entanto, se anexando a psicopedagogia, ao oportunizar a narração em sala de aula, por parte dos alunos, o professor pode auxiliar os seus estudantes na superação de dores que estão na identidade dos seus alunos. Assim, Benjamin diz:

A criança está doente. A mãe coloca-a na cama e senta-se a seu lado. E depois começa a contar-lhe histórias. Como entender isso? Pressenti-o quando N. me falou do estranho poder de cura associado às mãos da sua mulher. Mas sobre essas mãos disse: “Os seus movimentos eram extremamente expressivos. Mas seria impossível descrever essa expressão... Era como se contassem uma história”. A cura pelo conto já a conhecemos das Fórmulas Mágicas de Merseburg. Não se limitam a repetir a fórmula de Odin, mas narram os fatos que levaram este a utilizá-las pela primeira vez. Sabemos também como o relato que o doente faz ao médico no começo de um tratamento pode se tornar o início de um processo de cura. Daí a pergunta: não constituirá a narração o clima adequado e a condição mais favorável de tanta cura? E ainda: não seria toda doença curável se se deixasse arrastar o mais longe possível – até a foz – pela corrente da narração? Se imaginarmos que a dor é um dique que resiste à corrente da narrativa, constataremos claramente que ele será derrubado se a inclinação

for suficientemente forte para arrastar para o mar do esquecimento feliz tudo o que encontrar pelo caminho. A mão que acaricia traça o leito desse rio (Benjamin, 2013, p. 61).

Dessa forma, quando se oportuniza a narração em sala de aula, o professor de história oportuniza a maximização da experiência discente, e com isso, a história passe a fazer sentido, pois também cura a dor e o professor também passa a ser não somente um conteudista, mas um “Professor Ouvi-dor”. Tendo em vista que a falta de narração, atualmente, tem causado doenças psíquicas e até mesmo corporal. Sendo assim, a sala de aula se torna um espaço de narratividade, de construção de narrativas, de formulação de identidade, cura, memória, de outras histórias, das experiências, de superação de dores e assimilação da história como sendo significativa e que intervém no presente.

É interessante, como esta oficina didática também se tornou um espaço de superação de traumas, por meio da narrativa de memórias e histórias diferentes das que tem no currículo. Nesse sentido, torna-se importante entender a docência relacionada com o afeto e a sensibilidade com o outro, e também uma atividade corpórea e sentimentalizada. E nessa perspectiva o professor de história precisa compreender que a atividade docente também é um fazer corporal e afetivo, não apenas intelectual, pois “[...] nosso corpo se experimenta através da mediação da experiência corporal com o nosso próximo” (Bernard, 2016, p. 105). No caso do professor, o próximo seria o seu aluno. Foi nessa percepção que compreendi o processo de uso da memória local no ensino de história nesta oficina didática que culminou com o choro deste estudante.

Na parte final desta oficina, eu pedi aos alunos que colocassem em uma folha de papel as memórias que surgiram na mente deles, com durante os debates no encontro didático que foi realizado. Assim, os relatos a seguir foram dos alunos, os quais surgiram pelo impacto das abordagens na sala de aula, a mesma que teve o estudante que contou a sua narrativa de vida, as suas memórias e chorou. Dessa forma, deram-se as experiências com a primeira oficina pedagógica em história e memória do local, da cidade de Araçagi e região, uma localidade do interior da Paraíba, partindo das memórias sobre a trajetória dos cesteiros, e entrelaçando-as a história município e as lembranças dos estudantes que surgiram na sala de aula. Por conseguinte, pode-se ter acesso às memórias escritas ou as narrativas escritas dos estudantes, as quais foram construídas em sala de aula e as análises acerca delas.

3.2.1 Narrativas dos estudantes

Neste tópico, tratarei sobre as narrativas que surgiram em sala de aula, por parte dos estudantes envolvidos nesta oficina didática. Na sala de aula de história, quando o professor possibilita a criação de narrativas por parte dos alunos, também é possibilitado a significação dos conteúdos dos assuntos expressos, apresentados, debatidos. O aprendizado de um conhecimento tende a se realizar, na medida em que colocamos significado no que aprendemos, quando evidenciamos significação, partindo da nossa realidade, das nossas percepções, principalmente quando se aprende história vinculada ao cotidiano.

Nesse sentido, [...] os alunos podem até empregar palavras e ideias do presente para representar o passado, sem que isso se caracterize necessariamente como anacronismo, desde que se considere que o grau de precisão com que um conceito captura as crenças que queremos narrar varia de acordo com o propósito e o nível de abstração da narrativa. Aprender História não é apenas ser receptáculo das informações e dos conceitos já definidos, e sim uma experiência com o passado por meio da imaginação para recriar os conceitos, refletir sobre a historicidade do presente e, o que talvez seja o mais importante, atribuir racionalidade histórica crítica ao sofrimento e demais experiências sensíveis. E isso, em nossa conjuntura política atual, não é pouca coisa (Martins, Barbosa, Gabriel, 2020, p. 166).

Sendo assim, aprender história de maneira crítica, vinculada à vida, ao cotidiano, configurar-se-ia um ato político. Nesse caso, a história não seria ensinada e apreendida de maneira, na qual o professor fosse o detentor do conhecimento e os alunos receptáculos do saber, mas sim por meio da criação de narrativas, resinificadas a partir das memórias e percepções dos estudantes. A história seria aprendida não somente ouvida, mas narrada, ou seja, a história que se aprende ao narrar; se aprende construindo conhecimentos.

Com isso, nesse contexto o ato de narrar e/ou escrever a narrativa seria compreendido como a atitude de resinificar, mas também, ao entender o conteúdo narrado, o estudante também conta a sua própria história. Ou seja, luz de Benjamin (1996, p. 225), considerando esta tarefa de educação em história como concepção que se volta a perceber também os os estudantes, e não só o conteúdo, os quais se colocam como evidenciadores de cultura, de saberes. E, assim, compreendo tais “escritas narrativas” dos estudantes no “escovar a história a contrapelo”, pode-se encontrar não apenas a maneira como eles compreendem o conhecimento, o assunto, mas as suas próprias memórias, ou histórias que se escondem nas palavras ditas e nas reprimidas nas lembranças.

Desse modo, narrar seria também uma forma dos alunos enfrentarem e ressignificarem os seus medos, angústias e, ressignificando-os a partir das memórias e assuntos postos e debatidos em sala de aula, perceberem-se como participantes ou integrantes da história humana, através disso, o aluno pode construir uma consciência histórica, construir a sua identidade partindo da sua realidade em conexão com a história e com a memória. Portanto, poder-se-ia dizer que narrar flui conexões, mas também estabelecem encontros, o que culminaria no ato de se ensinar história.

Por isso, a história seria compreendida a partir da produção de outras narrativas, experiências, memórias e histórias da vida cotidiana. Dessa forma, o ensino de história é relaxado por meio do interesse discente, da criação de sentidos e conexões com o presente, com a memórias, com as sensibilidades discentes, com o presente, sem “lançar mãos” do anacronismo. Vejamos as narrativas a seguir que foram construídas nessa oficina didática.

A narrativa, com lágrimas, do estudante

Nessa narrativa evidenciada, posso expressar que foi escrita “regada por lágrimas”. O estudante que a narra, relatou que tinha perdido o seu pai havia pouco tempo atrás, antes desta oficina. E, conforme, ele mesmo me disse, a aula sobre as memórias dos cesteiros, o fez lembrar dos conselhos que o seu pai dava, para ele estudar e buscar uma profissão diferente da do pai, o qual sempre trabalhou na roça. Percebamos as palavras do estudante, a seguir.

Narrativa 1. Sou filho de agricultor, e sempre ouvia meu pai contando sobre a sua vivência. Meu pai, nascido no sertão da Paraíba, especificamente em Araruna. Ele perdeu seu pai com aproximadamente 6 anos de idade, após o mesmo comer uma carne envenenada. Mais tarde, aos 13 anos, perdeu a sua mãe; após isso ele se encontrou obrigado a trabalhar na agricultura, e passou por muitas dificuldades. A partir daí migrou para Sapé-PB. Casou-se e teve 3 filhas, sempre trabalhando na agricultura; despertou nele um grande amor por essa área e foi da obrigação para a paixão. Após vários anos 'terminou' seu casamento e migrou para Araçagi-PB onde conheceu a minha mãe. E com muita luta e trabalho na agricultura criou 7 filhos e até o dia de sua morte falava com muito orgulho de toda a sua luta e sempre incentivava seus filhos a estudarem, mesmo tendo sido privado desse direito. O mesmo, meu pai, carregava uma frase que sempre nos dizia: “Se a agricultura enriquecesse, hoje eu seria rico.” Mas o que tem é toda uma luta, desigualdade e o preconceito sofrido nessa área (Silva, 2022. Narrativa Escrita).

Às vezes dentro da sala de aula de história, muitos professores perdem a oportunidade de ouvir as histórias dos seus estudantes, arvorando uma bandeira conteudista, e daí as

histórias que realmente importam para os alunos, pairam nas memórias, a quais podem, por não serem ressignificada afetar a vida, a identidade, o ser, porque ensinar história é também dar direcionamento para a vida dos alunos, partindo das suas próprias concepções, saberes e experiências. Com uma aula conteudista, possivelmente, uma história como a desse estudante fosse perdida, e esse alunos, que após finalizar o ensino médio, quando me encontra relata sobre essa oficina, disse-me que está cursando o superior em Educação Física. A aula parece-me que fez sentido para este aluno.

Quando nós, atemo-nos, na Narrativa 1, às palavras iniciais, em primeiro momento percebemos uma questão interessante, pois ele parte para construir a narrativa, relatando ser filho de agricultor. Nesse caso, as memórias dos cesteiros, as quais falam sobre que essas pessoas são trabalhadoras da roça, o fez conectar a história do seu pai que era também um homem do campo, trabalhador da agricultura. Logo após, o estudante expõe o local de nascimento do seu pai, segundo ele, o Sertão da Paraíba, na cidade de Araruna. Nesse sentido, é possível perceber que houve uma migração de pessoas entre as cidades do interior paraibano, isso por diversas motivações, no caso, do pai desse aluno, o motivo foi por causa da formação da família, portanto, nascendo em Araruna, passando depois a morar em Sapé, e por último em Araçagi.

Percebe-se que a narração vai se construindo em torno da compreensão da necessidade do trabalho na roça, por parte de seu pai para a sobrevivência do mesmo. Então, ainda pequeno perde o pai que morreu envenenado e, posteriormente na adolescência a mãe, e isso gerou a necessidade de trabalhar na roça muito cedo, mesmo assim, ainda ele, o pai do aluno, teria passado por diversas dificuldades para a manutenção da sobrevivência. Uma questão para prestar atenção, é na “dimensão histórica” ou de uma consciência sobre esta memória, a qual daria vazão para pensarmos, as dificuldades, experiências e as mais diversas tensões que um adolescente sem pai e mãe e com necessidades básicas, poderia passar em uma sociedade. Esta que por volta da segunda metade do século XX, estaria passando por diversas transformações sociais e, até mesmo, na qual existiam muitos donos de terras mandões que pagavam mal por trabalhos, por vezes extenuantes. Outra questão, é a normalização da ideia de que crianças tinham que trabalhar para aprender ser um homem de verdade, ainda mais, um adolescente sem pai e mãe.

Importante, destacar que a mesma profissão de agricultor que deu possibilidades deste adolescente sobreviver, foi a que o eu, enquanto pai da família, a chance de sustentar os seus filhos, e mesmo com privações da mais diversas, seja pela sociedade da época, a qual dificultava os estudos para os pobres ou mesmo pelas necessidades de trabalho, este homem

teria sido privado de ir à escola e, por isso, incentivava os seus herdeiros a estudarem. E a ideia da frase que ele carregava, que se a agricultura enriquecesse ele estaria rico, teria sido experienciado por ele na prática, o qual sempre trabalhou, mas nunca teria sido rico conforme, as noções capitalistas de riqueza e acúmulo. E portanto, deixava os conselhos para que os seus filhos estudassem, tendo em vista, naquele momento ser para ele, uma riqueza ou privilégio que lhe foi renegado, mas que os seus filhos poderiam seguir e ter uma vida diferente da que ele teve.

Por fim, na narrativa, o estudante destaca a existência de preconceitos e desigualdades nesta profissão, haja vista, a experiência de seu pai, que fora rememorada, através das memórias dos cesteiros debatidas em sala de aula. E são narrações como essas que precisam surgir no ensino de história; prosseguindo analisaremos mais dessas narrativas dos estudantes que surgiram ou foram construídas, escritas em sala de aula. Nessa concepção, as narrativas que surgem em sala de aula, são “Narrativas Outras”, ou seja, diferente das que o currículo oficial quer que os alunos aprendam, pois essas são as narrações que importam para esses estudantes, porque falam da realidade deles, essa é a história que importa para os alunos e que traz significado.

Outras narrativas de outros estudantes

Prosseguindo, é possível observar e analisar outras narrativas que foram produzidas pelos estudantes nessa oficina, partindo das discussões das memórias dos cesteiros em sala de aula. Neste tópico, algumas narrativas dos estudantes, não estarão com os seus respectivos nomes, por causa da menoridade deles, mas adotei nomenclaturas fictícias. Nesta segunda narração, poderemos ver memórias resinificadas, assim como, compreensões diversas da aluna que expressou questões referentes a vida dela, mas que conectam as memórias dos cesteiros negros.

Narrativa 2. Escutando as histórias que minha mãe me conta, no intuito de que eu estude, ela sempre me conta o que meu avô fazia. Ele comprava, sempre que um filho homem nascia, uma enxada, para que com 5 anos começasse a trabalhar na roça, assim, não indo à escola. Levando em conta que para todos os homens “os filhos têm que trabalhar desde cedo”. Já com as mulheres, elas até podiam ir à escola, porém quando tinha festas meus avós não deixavam minha mãe vir, e quando ela fazia qualquer coisa para ir, minha avó dava uma surra de cipó nela. Antigamente, os meus tios não tinham um estudo digno, assim iam para o Rio de Janeiro, para conseguir emprego e, com isso, dar um pouco de calma para as contas que tinham que pagar, já que a minha família não era de pessoas ricas. Geralmente, a minha

avó fazia a comida em fogão de lenha para não usar e acabar logo o gás, e na hora da comida dividia tudo bem direitinho, para ninguém ficar com tanta fome. Quando a minha avó ia para a roça, plantar milho e feijão dizia para a minha mãe ir com ela, minha mãe tinha apenas 7 anos, e a minha mãe por lá fazia bonecas de sabugo do milho, para brincar e não se sentir sozinha, já que naquela época não se tinha liberdade. Hoje em dia, minha mãe fala para os filhos se esforçarem para conseguirem entrar em uma faculdade; minha mãe não conseguiu completar o ensino médio, porém vou fazer de tudo para conseguir dar uma vida melhor para ela (Leite, 2022. Narrativa Escrita).

Percebemos que nessa narração, a aluna constrói a sua percepção, primeiramente, partindo das experiências que a sua mãe lhe conta ou contava sobre o seu avô. O qual tinha um pensamento de que os seus filhos teriam que ser formados no trabalho, quando a narrativa diz, que logo que um dos seus filhos homem nascia ele posteriormente comprava uma enxada. Levando em consideração que essa narrativa teria como o tempo de fato ou de acontecimento a segunda metade do século XX, podemos perceber que muitas mentalidades de pais, principalmente, do interior era de uma formação dos seus filhos para o trabalho braçal, o que por vezes limitava tais crianças irem para uma escola. Ainda mais, com as várias dificuldades na época para se ter acesso a escolarização no interior pelos diversos motivos da realidade da época, os quais faziam o ato de ir à escola ser um privilégio.

No mesmo sentido, pode-se conceber como funcionava a ideia acerca dos filhos homens e das mulheres, conforme o relato. Os meninos eram para trabalhar desde cedo, já as mulheres, essas podiam ir para a escola, mas teriam algumas restrições como o de ir para festejos e, quando tentavam ir para as festas eram repreendidas com “surra de cipó”. Levando em consideração que, a maioria das desobediências dos filhos, naquela época eram reprimidas com agressões, podemos mensurar que talvez, a formação de muita gente teria sido realizada com base na dor, todavia, essa era uma lógica daquele momento, na qual o uso da violência era modo de se ensinar, mentalidade, que apesar de combatida atualmente, ainda prevalece na percepção de formação familiar de muitas pessoas.

Mesmo assim, quero destacar a questão da “surra de cipó” que apareceu no relato. Com isso, pergunto: porque apareceu esse relato? Qual relação com o assunto abordado nas memórias dos cesteiros? A questão é que, foi abordado sobre as memórias e construções dos cestos na oficina didática, e dito que no processo de feitura dos cestos, os cesteiros usam cipós para realizarem o trançado. E talvez isso, trouxe à memória o que foi escrito na narrativa desta aluna, a qual mencionou, que as meninas quando desobedeciam as ordens de não irem aos festejos, logo levavam surras de cipó, um vegetal muito encontrado em região de zona rural.

Prosseguindo a narração, a estudante faz um relato, o qual diz muito sobre a realidade de muitas pessoas de famílias mais pobres, principalmente, homens jovens ou que estavam aptos ao trabalho, na segunda metade do século XX, do interior da Paraíba. Os quais por vezes, por falta de trabalhos mais formais ou não voltados para o cultivo na roça, migravam ou para São Paulo ou Rio de Janeiro, mais costumeiro irem para o contexto fluminense. Nesses grandes centros, de forma mais geral, trabalharam na construção civil, seja como pedreiros ou serviçais em obras de construção civil, e daí conseguiram ganhar um pouco mais de dinheiro e até mandar para os seus familiares que ficavam aqui, no interior da Paraíba.

Veja que o estilo de vida simples, do campo que se demonstrou nas memórias que foram trabalhadas em sala de aula, instigaram a estudante rememorar, a vida que a sua avó viveu, a qual fazia comida em um fogão de fogo de lenha, para economizar o gás, e a comida era dividida em porções pela a avó, a qual sabia dividir conforme a necessidade de cada um da família. As memórias debatidas em sala de aula foram ressignificadas pela estudante a partir das suas próprias memórias ou experiências que ouviu ou viveu.

Seguindo a narrativa, a estudante demonstra algumas características da sua narração que se conectam às memórias dos cesteiros que foram debatidas em sala de aula, pois as palavras expressam situações que ocorriam na roça. Ela diz que a sua avó levava a sua mãe, quando era pequena quando era para a planta de feijão e milho, uma tarefa considerada mais leve na roça, mas a mãe ao chegar lá, por ser criança e não ter nenhuma boneca fazia bonecas de sabugo de milho para brincar, segundo o relato, para não se sentir sozinha. Perceba que, sendo o período de plantar o milho e feijão, como é que tinha sabugos de milhos para essa criança fazer bonecas? Geralmente, no interior da Paraíba, as famílias que plantavam para a subsistência familiar ficavam com esses terrenos por alguns anos e, logo, após uma colheita de milho e feijão, e quando feita a limpa no ano seguinte para plantar novamente, ficavam sabugos e resquícios da planta anterior, por isso, era possível essa criança fazer bonecas de sabugos de milho, mesmo sendo o período de plantar e de colher.

No entanto, quero destacar uma palavra do relato, quando a estudante diz: “já que naquela época não se tinha liberdade”. É importante deixar evidente, que nesse momento a aluna faz um julgamento a partir dos dias atuais. Nesse sentido, a liberdade, a qual ela se refere seria a de meninas conseguirem andar sozinhas, que naquela época, não era muito costumeiro uma menina andar sozinha, principalmente, na idade de ir a uma festa, geralmente eram proibidas, e quando iam, só saíam sob a observação dos pais ou responsáveis. E isso era uma noção que se estendia com a mulher até ela ficar com uma idade mais elevada, o que

atualmente, não é tão levado em consideração, ou seja, é mais aceito que a mulher ande sozinha ou tenha mais liberdade individual.

Ao finalizar a narrativa, a estudante aborda os conselhos que a sua mãe sempre dava a ela e aos irmãos para irem à faculdade, e diz sobre a escolaridade de sua mãe, a qual não conseguiu finalizar o ensino médio. Assim, colocando confiança de que os estudos podem produzir dias melhores, ela relata seus anseios em conseguir e poder dar uma melhor vida a sua mãe. Na Narrativa 3, que está a seguir, está expressa a construção em sala de aula da irmã gêmea da aluna da Narrativa 2. Portanto, é importante buscar as diferenças e conexões entre os relatos das duas.

Narrativa 3. Desde quando eu nasci, minha mãe conta sobre os tempos em que ela era pequena, e sobre as irmãs dela tendo que trabalhar na roça logo cedo. Meu avô esperava eles completarem 6 ou 7 anos, para arranjar um a enxada para que eles comessem a trabalhar na roça, ajudar. Minhas tias iam também para a roça ou às vezes ficavam em casa fazendo as coisas. Minha mãe disse que, quando meu avô levava ela para plantar feijão, ela não tinha muita paciência e logo colocava vários feijões dentro do buraco que era do plantio, e logo ele sabia que tinha sido ela. Quando eu nasci, minha mãe tinha 16 anos, sendo que ela teve muita responsabilidade comigo e minha irmã. Nesses tempos, ela cuidava da gente e tinha que “se virar nos 30” para poder fazer as coisas sozinha. A vida não foi fácil, mas também foi boa. A minha avó era índia, porém não sei bem de qual grupo étnico, tendo em vista que não teria como saber, perguntando a ela, pois já é falecida. Meu avô, de consideração, tem uma hérnia que foi causada por ter começado a trabalhar cedo, pegando em peso, para sustentar sua família, desde dos seus 9 anos para cá. Meu padrasto, para ele poder parar de mijar na cama, a rezadeira deu uma surra de cipó. E eu, estou começando a minha história (Leite, 2022. Narrativa Escrita).

Esse relato da terceira narrativa, tem bastante semelhanças com alguns pontos da segunda narração, o que explica por serem irmãs gêmeas. Mesmo assim, existem diferenças, por serem pessoas diferentes e, com isso, as experiências serem assimiladas de maneiras distintas. A exemplo, da idade da mãe dela, que ela expõe que tinha ao ser mãe das gêmeas e que isso a deu muita responsabilidade à época. Assim, a estudante coloca as suas percepções acerca do que representaria a vida da mãe naquele momento, difícil, mas boa. Essa aluna explica uma questão importante, a que relata sobre as raízes étnicas de sua avó, que segundo diz a narração, era indígena, porém não tinha como saber de grupo étnico ela teria sido. E seja que neste ponto, esse trecho da narrativa, demonstra-nos que a aluna percebeu ser o assunto das memórias e fazeres dos cesteiros, uma abordagem acerca dos povos tradicionais, e por isso, seria importante destacar isso no texto relatado.

Tendo nas rememorações dos cesteiros negros que foram abordadas em sala de aula, no texto apareceram algumas narrativas que envolvem o trabalho o campo e as consequências físicas dessa atividade. Na narrativa três, da estudante, vemos um relato sobre uma pessoa que começou a trabalhar desde nova na roça, por isso, estaria a sofrer em consequência de uma hérnia de disco, provavelmente, adquirida pelos trabalhos na roça. Se faz importante, deixar evidente que a atividade na roça é muito extenuante, desgasta muito o corpo das pessoas e durante muito tempo essa foi a realidade relegada a muitas famílias negras brasileiras.

Ao prosseguir, o relato evidencia uma questão interessante, que pode ter vindo a memória da estudante, por causa dos debates na oficina didática, sobre as memórias dos cesteiros. Uma atividade, comum no interior é as pessoas buscarem o auxílio das rezadeiras locais para a resolução de problemas de saúde ou mesmo espirituais, mas no caso relatado pela a aluna, o padraço dela teria parado de “mijar na cama” após ser surrado por um rezadeira com cipó. Ao aprofundar as análises sobre essa narrativa, é possível destacarmos uma questão: será que foi surrar mesmo que esse homem teria levado ou teria sido algo que fazia parte de algum ritual por parte da rezadeira, tendo em vista que, seria muito difícil uma mãe deixar alguém bater em seu filho, se não fosse por questões mais ligadas à religiosidade? Outra, será que foi cipó mesmo, o material usado ou outro vegetal, visto que para essas práticas de rezadeiras, se usam outros tipos de vegetação diferente da usada pelos cesteiros? Sendo assim, o que é possível destacar, é que a estudante faz todo um percurso de lembranças em sua narrativa, e finalizando, diz que a sua história só está começando, ou seja, ela partiu das experiências sobre outras pessoas para embasar a sua própria realidade. Na próxima narrativa, é possível identificar algumas características semelhantes, apesar de ser outra estudante, com outras experiências e memórias.

Narrativa 4. Uma das minhas lembranças, são as histórias do meu pai e do meu avô, na qual meu pai saiu da escola aos 10 anos para ajudá-lo no trabalho de manejo dos cavalos, jumentos e outros bichos por todo o estado. Depois meu pai migrou para o sudeste, e meus avós se sustentaram a partir de um terreno alugado, no qual plantavam inhame, fava, jerimum e mandioca, dos quais parte era para o consumo próprio e outra parte para ser vendida (Da Silva, 2022. Narrativa Escrita).

Nesta narrativa acima, pode-se perceber duas maneiras de trabalho, ou formas de subsistir, no interior do estado da Paraíba. O primeiro modo, ou atividade laboral destacada na lembrança do estudante, refere-se a uma “espécie de tropeirismo”, ou mesmo, uma atividade de vendas de animais por cidades do estado da Paraíba. Segundo informado, o pai

do estudante teria cerca de dez anos, quando saiu da escola para ajudar o pai, avô do aluno, nessa atividade que eles desenvolviam. Essas memórias, podem ter sido construídas na memória desse estudante, quando algum dos seus parentes o contou. Logo após, o pai do aluno ter ido para o sudeste do país, o que pode ter ocorrido, porque buscava outras formas de trabalho, e o avô do aluno não ter mais a ajuda do filho, neste tipo de trabalho que realizavam, o avô do estudante, em um terreno que alugou passou a desenvolver o trabalho na roça, tanto para a subsistência quanto para a venda dos que era produzido.

Ainda assim, o que quero destacar, é o fato do pai deste estudante ter que migrar do interior da Paraíba para o sudeste do Brasil. Geralmente, essas migrações que ocorriam do interior paraibano para o sudeste eram para os estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Realizando uma síntese sobre os circuitos migratórios no estado da Paraíba, a partir da década de 1960, é possível observar que durante vários anos houve um circuito migratório evidente. Ou seja, no estado da Paraíba muitos emigrantes saíram, e serviram como mão de obra nos grandes centros do país (Moreno, Moreira, Queiroz, 2016). Um circuito de migração do estado paraibano, em busca de trabalho, que também teve abrangência na vida do pai deste estudante da, quarta narrativa. Na próxima narrativa, iremos analisar as palavras de uma estudante que nasceu no estado de São Paulo, mas que tem as suas raízes no estado da Paraíba e, no momento da oficina didática, estava estudando no ECI-FPB e participou deste trabalho.

Narrativa 5. Nasci e fui criada em guarulhos, que é localizado em São Paulo, mesmo sendo paulista, carrego em minha ascendência, o povo paraibano, por parte de meus pais, cujos têm mais coisas para contarem sobre essa cultura nordestina do que eu, sei pouca coisa, só histórias que minha falecida avó contava. Seus dias no roçado; como foi cuidar de seus filhos sozinha, enquanto meu avô viajava em caminhos de mata até certos lugares para pegar lenha. Por mais que eu tenha lembranças boas, as ruins são as que mais conservam-se em minhas memórias. Por conta disso tentarei contar algumas coisas que minha avó contava. Vovô saía de manhã bem cedo para ir pegar lenha e levava seus filhos mais velhos, as meninas ficavam em casa cuidando dos mais novos. Noutro dia, ele ia para o rio pescar, chegava e ia direto para a feira comprar os mantimentos que faltavam em casa, mas só comprava se tivesse o dinheiro certinho. Ela me disse que já passou por dificuldades, sem ter o que dar de comer, para seus filhos, sendo uma mulher religiosa não perdia a paz e sempre pensava positivo e dava um jeito nas coisas. Minha avó realmente foi uma guerreira, minha musa inspiradora, agradeço por ter vindo para cá, pelo menos passei um tempo com ela (Rodrigues, 2022. Narrativa Escrita).

Nesta narração, é possível conceber uma visão de uma pessoa que nasceu e teve as suas experiência em outro estado, do sudeste, possivelmente, por causa que seus pais saíram, no fluxo migratório da Paraíba e foram para São Paulo, mas que ouviu as memórias da sua

avó, já falecida, e como era a realidade que ela enfrentou no interior do estado da Paraíba, quando era mais nova. No relato, é possível perceber que a estudante percebe a realidade que muitos paraibanos passaram, como cultura nordestina, o que podemos pensar que, o entendimento dela acerca da vida mais ruralizada do interior do estado paraibano faria parte da cultura do Nordeste brasileiro. Mesmo assim, quando ela expressa o que contava a sua avó, é possível ver que a estudante tanto relata as experiências de sua avó quanto demonstra o afeto pela mesma.

A aluna narra que a sua avó lhe dizia como eram os seus dias no roçado e no cuidado com os filhos, já o seu avô ficava com a tarefa de ir para as matas atrás de lenha para queimar no fogão à lenha. A estudante trata as memórias que vem a sua mente, como ruins, e por esse fato, ela focou nas experiências que sua avó contava-lhe, nesse caso, houve memórias que foram encobertas. Daí, é possível perceber que a narração segue uma lógica parecida com as outras, nas quais os filhos homens mais velhos ajudam o pai no campo e os mais novos ficam em casa com as meninas, e possivelmente, a mãe. Nessa memória, o avô esta estudante ia ao mato pegar lenha para cozinhar a comida em casa.

Ao seguir, o relato, a aluna podemos compreender uma parte da rememoração que fala de uma outra atividade que era desenvolvida por seu avô para sustento da família, a atividade da pesca, uma prática para subsistência bem frequente no interior do estado paraibano, aqui mais especificamente, referindo-me a segunda metade do século XX. Ele pescava no rio, um lugar mais aberto no sentido de público, ou seja, no qual havia proibições para a execução da pesca para sustento familiar. Outra atividade muito realizada no interior do estado da Paraíba, é mencionada, a realização das compras semanais para o lar na feira livre, geralmente, do município onde se morava, porém uma questão enfatizada é que, em um mundo capitalista, as compras só seriam realizadas se tivesse o dinheiro. Mesmo assim, nas feiras, geralmente se realiza a ação da pechincha, da barganha para se pagar um valor mais adequado tanto para quem compra quanto para quem vende.

Nesta rememoração da experiência que foi passada para essa aluna pela sua avó, conforme consta, ela teria tido momentos de passar dificuldades para a manutenção da subsistência, mas como refúgio buscava a fé, como base e a busca do sustento, para terem o que comer por outras vias não informadas no texto. Assim, ao finalizar a estudante faz menções acerca das suas percepções e afetos sobre a sua avó e a sua relação que teve com ela, ou seja, ensinar história também pode ser uma maneira de fazer vir à tona memórias afetivas, do afeto, do amor, mas também da dor de lembrar, rememorar também tanto pode alegar quanto pode doer, entristecer. Dessa forma, partindo para a sexta narrativa, podemos nos ater

mais uma história que surgiu a partir dos debates com as memórias dos cesteiros em sala de aula.

Narrativa 6. Minha mãe sempre me fala que antigamente tudo era muito diferente, começando pela oportunidade de estudar que não tinham, porque precisavam trabalhar na roça; desde criança ela não podia brincar também por ser a mais velha das irmãs e ter que cuidar dos menores e, assim, fazer na lenha, a comida de quem ia trabalhar. Ela me falou que o fato mais marcante na infância dela foi quando ela tinha uma boneca de palha e estava brincando com a boneca, enquanto o feijão estava no fogo, por um descuido ela se esqueceu do feijão e acabou queimando. Meu avô, pai dela, quando chegou do roçado e viu, deu um castigo físico nela, porque ela apanhou. Pois ela tinha que estar com o almoço pronto para quando chegassem (Artista, 2022. Narrativa Escrita).

Nesta narração, uma questão inicial é que a percepção dada pela aluna, a qual ela ouviu de sua mãe, seria a respeito de serem os dias da mocidade dela distintos dos atuais, primeiramente, porque não tinha a oportunidade de estudar, pois trabalhar na roça era preciso para a sobrevivência. É certo que ainda esta é uma realidade de muitos estudantes paraibanos, os quais têm de exercer atividades laborais, para sustentar a casa, o que evidentemente limita o tempo dos estudos dessas pessoas. Ainda criança, para a mãe da estudante, dentro de casa era imposta a atividade de cuidar dos irmãos mais novos, por ela ser mais velha, a mesma também fazia o almoço dos que iam trabalhar, geralmente, o pai e os irmãos que iam para roça, o que retirava-lhe muito tempo de, como criança, brincar.

Assim sendo, a estudante narra um fato que foi marcante ou pontual na infância da sua que ficou na memória dela, na qual ao brincar com uma boneca de palha, brinquedo vegetal, geralmente, feito para crianças do interior brincarem. Por isso, perdeu a atenção do feijão que estaria a cozinhar (Interessante que na época deixar uma criança cuidando de deveres domésticos era uma prática bastante comum em famílias do interior), o qual queimou. Na memória traumática, a consequência teria sido um castigo físico, porque, estar com o almoço pronto, para quando os que estavam na roça chegassem, era uma determinação que deveria ser seguida, conforme o relato acima. Essa era uma maneira bastante recorrente de pais castigarem seus filhos, em uma sociedade da época, na qual a violência era uma demonstração de força, disciplina, respeito e imposição patriarcal. Na sétima narrativa, podemos perceber mais um relato sobre memórias e experiências da realidade dos estudantes e de seus familiares.

Narrativa 7. Minha mãe e minha avó me contavam sobre meus bisavós; minha família vem de trabalhadores da agricultura ou agricultores; meu tio é tratorista e carrega abacaxi, lenha e outras coisas. A minha bisavó tinha um roçado, onde os filhos dela ajudavam no plantio e na colheita e, assim, muitas vezes vendiam também o que colhiam. Quando eu tinha mais ou menos entre 10 e 15 anos, meu padrasto me levava para colher macaxeira, e eu ia na maior felicidade do mundo, mal sabia que quando lá chegasse ia sofrer um pouco com o trabalho bastante pesado. Meus tios matam gado para vender carne na feira. Lembro de uma vez que me levaram para colher milho, sai de lá toda me coçando, mas foi legal. Parte da minha família, a maioria dos homens trabalhavam na agricultura e viviam cheios de problemas de saúde, coitados (Autora, 2022. Narrativa Escrita).

Interessante, que nessas narrativas, os alunos têm sempre levado em consideração as experiências de seus pais, avós, tios, no caso os seus parentes mais próximos. E no relato acima da estudante, a construção da rememoração, inicia-se pelas narrações dos familiares dela, os quais trabalharam ou trabalham na agricultura. Dessa forma, a discente busca as memórias do que a sua avó falava acerca da sua bisavó, a qual tinha um roçado e os seus filhos a ajudavam. A primeira questão, que talvez fique sem resposta: se a bisavó dessa estudante estava cuidando sozinha da roça, seria por quê? Era uma mãe solteira, uma mulher viúva, ou o seu marido trabalhava noutra área enquanto ela e os filhos estavam na roça? O que está explícito é que a narrativa se cala quanto a isso. O que diz é que ela e os seus filhos colhiam o que era produzido e muitas vezes vendiam, mas o que deixa subentendido é que a roça era plantada para a sobrevivência.

Desse jeito, percebemos na memória da aluna, ela relata acerca da sua experiência com a atividade da roça, na qual achou muito complicado, porque, o serviço se demonstrou pesado, e difícil até mesmo de quando foi levado para colher milho e saiu todo coçando pela palha no milharal. O que leva a discente a pensar sobre os seus familiares homens que, por trabalharem na agricultura sofrem com problemas de saúde pelos trabalhos árduos da roça. Ainda pela influência das memórias dos cesteiros debatidas em sala de aula, na dimensão dos relatos das memórias da estudante, sobre o trabalho e o modo de obtenção de renda dos seus familiares, ela cita que os seus tios matam gado para vender carne na feira, ou seja, são feirantes. Uma atividade bastante realizada por pessoas que moram na zona rural e criam ou compram animais para o comércio nas feiras. Mesmo assim, o que destaco, é que geralmente, nessas narrativas os estudantes conectam as suas memórias as rememorações ou relatos dos seus parentes, para montarem as suas narrações. Vejamos o próximo relato.

Narrativa 8. Minha bisavó foi uma das primeiras moradoras da cidade. Minha família até hoje trabalha na agricultura, a exemplo da minha mãe. Ela tem roçado de abacaxi e está ensinando e passando seus conhecimentos e

experiências para mim. E até então eu estou entrando no ramo e plantei já o meu primeiro roçado. Minha família acompanhou o desenvolvimento da cidade, alguns familiares já me contaram algumas histórias, mas infelizmente não estou lembrando (Atriz, 2022. Narrativa Escrita).

Ao analisarmos essa narrativa, pode-se perceber uma memória muito peculiar, pois a aluna, percebe a agricultura de uma maneira diferenciada, porque após relatar que a sua bisavó teria sido uma das primeiras moradoras da cidade, a estudante diz que a sua família, ainda no presente os seus parentes trabalham na agricultura, como exemplo, ela aborda a experiência da sua mãe. O que destaco, é como a discente, ressalta que a sua mãe está passando os conhecimentos e experiências de como plantar e cuidar de roçado de abacaxi, para ela. Ou seja, essa jovem reconhece a importância da agricultura para a subsistência da sua família e, por isso, está também aprendendo a atividade laboral, e ainda dá ênfase que já tem o seu primeiro roçado de abacaxi; ela também ressalta o seu esquecimento quanto as histórias que ouvia dos seus familiares.

Dessa maneira, o que quero evidenciar, sobre essa narrativa dessa aluna, é que as memórias dos cesteiros negros da cidade de Araçagi, que versam sobre os seus fazeres e vida cotidiana na roça e no campo, atrelaram-se a muitas realidades vividas dos estudantes, ou ao cotidiano deles, o que deixou perceptível pelas palavras escritas e rememoradas, que o assunto abordado em sala de aula se conectou a vida dos discentes e compreender a realidade deles próprios. Vejamos a próxima rememoração.

Narrativa 9. A oficina me ajudou a entender a história da minha cidade, por meio de tudo que foi falado e passado pelo professor, foi de bom agrado e super interessante, pois havia coisas que eu não sabia sobre ela. A história que tenho para contar é que, a minha família faz parte da agricultura, e também que uma das moradoras da cidade de Araçagi, ou seja, um desses parentes, foi a minha bisavó, que viveu e presenciou a luta, desafios e conquistas da cidade. Hoje ela está com 94 anos (Cineasta, 2022. Narrativa Escrita).

Nesse relato acima, destaca-se uma percepção importante da aluna acerca da aula, no caso, o quanto o assunto abordado ajudou-a a compreender o contexto histórico da cidade dela e, assim, para essa estudante a aula foi agradável, ou seja, estava conectada à realidade dela. Vejamos que, pelas memórias dos cesteiros abordarem o tema da agricultura de subsistência, a narrativa desta estudante expressou a respeito que os seus familiares estão imersos na agricultura. E para exemplificar essa questão, na narração, a discente relata acerca da sua

bisavó, que ainda no momento da aula estava viva, e com quase um século de vida, e por isso, teria presenciado diversos momentos da história local.

Dessa forma, o que pude compreender, com base nos relatos desses estudantes que participaram da oficina com as memórias dos cesteiros, é que, para resinificar o que eles aprenderam, normalmente, os alunos buscam a partir das suas realidades, sentido para o aprendizado, por isso, essa busca de significado acabou ajudando no processo de construção da identidade desses estudantes, e um novo entendimento sobre a história local. Tendo em vista, pelas narrativas que eles se perceberam os seus e os seus próprios cotidianos e memórias como parte da história local, o que evidentemente, conectou-se aos relatos dos cesteiros acerca da história social de Araçagi. A seguir, abordaremos os procedimentos adotados em outra oficina didática com as memórias dos cesteiros negros, e analisaremos as narrações ou rememorações que os estudantes expõem de maneira escrita.

3.3 Memórias dos cesteiros negros paraibanos e histórias negra no Brasil em oficina didática

Nessa oficina didática em História, exponho a escola como lugar de produção ou construção do conhecimento. Dessa forma, a minha intenção foi contar história a partir da realidade ou da proximidade do assunto aos estudantes, vinculando a temas que são debatidos no currículo de história escolar. Com isso, realizando conexões entre memórias dos cesteiros negros, narrativas dos estudantes e assunto da história curricular. Uma espécie de ensino de história de maneira cruzada. Nesse sentido, proponho uma aula de história conectada e que se opõe ao ensino de história única, mas que se atrela a um ensino de história de maneira múltipla, como é a própria vida, que ao mesmo tempo, no mesmo período, ou momento vivido ou experienciado, decorre numa multiplicidade de histórias que ocorrem no momento ou mesmo tempo cronológico, no tempo datado.

Assim, nessa oficina didática, que foi realizada com base nas memórias dos cesteiros de Araçagi-PB, na instituição escolar Cidadã Integral Francisco Pessoa de Brito. Fiz uma apresentação das memórias que foram selecionadas por mim e apresentadas em slides, por meio de uma TV, disponibilizada na sala de aula, para a realização desta oficina, nessa escola, e concomitantemente, fui fazendo conexões com as narrativas apresentadas, a temas da história do Brasil.

A oficina se iniciou antes de eu sair de casa, dias anteriores, quando fiz a seleção das memórias e dos temas da história do Brasil e coloquei em slides, isso, nos preparativos

iniciais para a realização da construção desse conhecimento em classe estudantil. Chegando à escola, encontrei os educadores da escola, busquei o Datashow, mas que por problemas de luminosidade na sala não foi usado, e, com isso, logo depois ao conectar o meu notebook na TV, expus os slides para os discentes. Iniciei apresentado o projeto que estava para ser desenvolvido com eles. E expliquei um pouco, de maneira introdutória, mencionei que a história de vida dos cesteiros faz parte da própria história de Araçagi e da sua memória social, nesse caso, conectada à própria história dos estudantes.

Quando apresentei o primeiro slide com o título “Memórias dos cesteiros de Araçagi-PB”, logo os estudantes ficaram atentos no que eu ia falar. Então, relatei de que se tratavam dos cesteiros, ou seja, dos artistas e a sua arte de trançar vegetais e as suas memórias. No segundo slide, com as memórias da cesteira Maria da Luz Mendes (interessante, que tinha uma aluna com o mesmo nome da cesteira e isso fez ela se identificar bastante com o que estava sendo lido e debatido, tanto que ela leu um dos slides com as memórias), pedi para um dos alunos ler a narrativa exposta.

A narração girava em torno das moradas dos cesteiros, que eram em casas de taipa, entre as décadas de 1960, 1970 e 1980. Os estudantes acompanharam a leitura realizada e depois começamos a discutir sobre a memória. Ouvi vários relatos dos alunos e muitos dos que ali estavam começaram a atrelar as casas de taipa aos festejos juninos, pois, nesses eventos fazem casas de varas e barro para demonstrar a cultura nordestina, geralmente, em frente a igrejas católicas e comunidades locais. Houve também a narrativa de que quando alguns passavam e iam para Campina Grande, ainda é possível ver, nos dias atuais, pessoas na beira de pistas morando em casas de taipa, ou seja, ainda existem pessoas morando nesse tipo de moradia, no presente e isso faz sentido ao cotidiano dos alunos.

Partindo das características que eram como eram, antigamente, a morada dos cesteiros, dei pulo do tigre, como diria Walter Benjamin e fui para o evento da Cabanagem entre 1835-1840, no grão-pará. Eles disseram que nunca tinham visto esse tema da história do Brasil, mas que a partir das memórias dos cesteiros, aquilo que era tão distante deles fazia sentido, pois dizia respeito a pessoas que estavam vulneráveis socialmente.

Saindo do terceiro slide e indo para o quarto, apareceram expostas novamente, as memórias dos cesteiros. Eram memórias de Maria da Luz cesteira e de seu irmão, também cesteiro, Severino Mendes. As narrativas versam acerca do aprendizado e das próprias feitura dos cestos e balaios que eles faziam. Dessa vez, não precisei escolher alguém para ler, logo uma estudante disse: eu leio! Ela começou a ler em voz alta e acompanhamos a leitura. Depois fomos discutir o tema das memórias e os estudantes começaram a interpretar as

memórias dos cesteiros e trazer para a realidade deles, para a compreensão a partir do cotidiano dos mesmos.

Assim, apresentei o quinto slide. Nele estava explicitado o título: “A Revolta da Balaiada”. Como em todos os outros slides sobre assuntos da história do Brasil, também nesse estavam imagens representativas da revolta popular. Os estudantes disseram nunca terem visto ou estudado esse assunto, e relacionamos a palavra balaio, da arte dos artistas cesteiros, arte dos balaios, e vinculei a atividade, ou sobrenome do homem que também fazia balaios, na época entre 1838 e 1841, o qual era Manoel Francisco dos Anjos Ferreira, este que era conhecido com o apelido de “balaio” e que nomeou essa revolta popular naquele momento. Os alunos ficaram muito atentos nesse momento da oficina.

Na apresentação do sexto slide, estava o título: “Memórias ancestrais”, claro dos cesteiros negros de Araçagi. Uma aluna começou a ler o relato e todos acompanharam de forma conjunta. No final, discutimos e chegamos a um consenso, até mesmo, por causa do que Maria da Luz e Severino Mendes disseram nesta narrativa, que a arte se passava de pais para filhos e/ou de ascendentes para seus descendentes, a conclusiva de que aquela era uma arte ancestral.

Com isso, prossegui e apresentei o sétimo slide, que abordava sobre os negros escravizados de ganho, no período do Brasil colonial e império, os quais faziam cestos como modo de resistência, quando vendiam os seus feitos e através disso, conseguiam recursos que poderiam servir para os mesmos comprarem as suas alforrias. Nisso, conectei ou realizei uma relação entre as cestarias, ao ser uma arte que está nessa família negra de Araçagi e as feitura em cestos e as vendas dos negros escravizados de ganho do Brasil império. Ou seja, esse pode ter sido um legado de resistência ao sistema escravista/capitalista/racista que os ascendentes dessas pessoas deixaram para eles subsistirem em um regime de exclusão social, como o enfrentado pelos cesteiros nas últimas décadas do século XX, assim como, os escravizados de ganho aprendiam as cestarias, faziam e vendiam para resistirem o sistema escravagista.

No oitavo slide, estava o título: “As vendas dos cestos”. Daí exploramos as memórias obtidas com Severino Mendes cesteiro, sobre o processo de vendas dos cestos ou das feitura em fibras vegetais naquela época pelos seus pais e por todos eles mesmos, como faziam para ajudarem em suas subsistências. Daí, após a leitura de um aluno, fiz algumas considerações sobre a narrativa, de forma conjunta e dialogada com os estudantes. Prosseguindo, apresentei o slide nove, que versa acerca dos cestos, os quais eram feitos dentro dos quilombos, na história do Brasil, e vendidos pelos quilombolas, como maneira de ganho e de resistência ao

sistema escravocrata, assim, fazendo relação com as características das vendas dos cesteiros negros, as quais apareceram nas memórias que forma lidas e debatidas.

Por isso, falei sobre os mocambos no Brasil e fiz relação com as rememorações anteriormente dispostas, e percebi que os estudantes compreenderam muito bem o assunto, e no final de tudo até aplaudiram a oficina de forma conjunta e sem ser de maneira forçosa. Isso, após eu mostrar o último slide com fotografia dos cesteiros e seus fazeres e conhecimentos da arte dos cestos.

Adiante, exponho uma imagem que foi registrada pela aluna responsável pela comunicação da escola e que forma me disponibilizadas, de um dos momentos da aula. Neste momento, da oficina tinha um aluno lendo as memórias expostas na TV por meios dos slides e estávamos todos, de forma conjunta, acompanhando a leitura, para uma melhor compreensão das rememorações. O que propus ao colocar estudantes para ler em sala de aula as memórias, é a exercitação da leitura em classe de forma conjunta, e, ao prosseguir o debate de ideias e interpretações conjuntamente.

Imagem 10: Lendo as memórias em sala de aula com os estudantes.



Fonte: Arquivo Pessoal

Observando a parte da estrutura que a classe demonstra, é possível perceber a necessidade de um ambiente confortável para os estudantes conseguirem aprender melhor, pois o aprendizado também está ligado ao bem-estar. No entanto, o instigante desta imagem é focar nos estudantes, a maneira como eles se posicionam em seus assentos, pois o modo inclinado à cadeira e, atentos, demonstra o interesse ao assunto abordado ou neste caso, a leitura que foi realizada. E, eu, enquanto professor em uma posição de atenção conjunta com eles, na leitura das memórias. Nesse sentido, ensinar e aprender também são atos que se usam o corpo, a estética corporal, a maneira de se comportar e o que diz o as posições dos corpos em sala de aula.

Nesse sentido, o ensino de história é um ato que faz por meio do corpo, no qual o corpo também fala, também reflete na estética e demonstra o quanto de sentido o assunto da história abordado faz sentido a realidade discente. Com isso, é impossível afastar o ensino de história do corpo humano, pois ele se faz nele e por meio dele, sem corpo humano não existe ensino de história. Além disso, o que se pode enfatizar é que, o corpo do professor, é um corpo de um homem negro, ou seja, uma posição de referencia no aprendizado, a do professor, exercida por um corpo negro. O que isso pode dizer e não dizer? Pode falar sobre o corpo negro na docência brasileira, mas também do corpo negro na docência que viabiliza ou proporciona a educação das relações étnico-raciais na escola. Será que a responsabilidade de abordar esse tema em sala de aula seria somente do corpo negro na docência ou de todos os corpos humanos que exercem a docência?

Prosseguindo, no momento desse registro, o tema abordado trouxe sentido a realidade, sensibilidades e emoções desses estudantes, pois foram instigados a compreender o assunto. E são essas temáticas que geram interesse nos alunos, pois fala sobre a realidade deles, principalmente de estudantes de localidades interioranas, mas isso não exclui o trabalho com esses assuntos em sala de aula em regiões de grandes centros e grandes escolas. que devem ser trazidas para dentro da sala de aula, pois são debatidas e demonstram questões que se conectam ao cotidiano dos alunos. Sendo assim, as memórias foram lidas com os alunos, e então, comecei a interpretar e a demonstrar o que elas revelavam sobre a vida dos cesteiros negros da cidade de Araçagi, e ao mesmo tempo ouvindo as narrativas e considerações dos estudantes.

Nessa perspectiva, o professor de história que exerce com diferentes mecanismos de ensino a sua profissão, não seria aquele que tão somente domina o conteúdo do currículo, mas o que consegue ouvir as narrativas, considerações e rememorações dos seus alunos. Com isso, permitindo os estudantes narrarem e realizarem conexão do assunto com as suas próprias histórias nos encontros de ensino em sala de aula. Por isso, o ensino de história deve seguir o modelo de narração múltipla e não a via de uma única forma de contar histórias. Outrossim, o ensino de história deve seguir as vias cruzadas do ensino, as quais os encontros de saberes, fazeres, experiências de vida, modos de ensino, memórias, narrativas diversas e as várias emoções podem se conectar ao ensino, pois o conhecimento não pode ser somente conteúdo, mas o conteúdo entrelaçado a vida humana.

Nesse sentido, o ensino de história não estabelece hierarquias de saberes/fazeres/sentimentos, mas entrelaçam todas essas possibilidades dentro da sala de aula, pois assim, o ensino e aprendizado da história entrecruzam temáticas, modos e contações,

com isso, o aluno se torna ativo no processo da aprendizagem e não se torna uma simples assimilação de conteúdos/assuntos, mas ele mesmo se torna participante da construção do conhecimento. Desse modo, foi o que se estabeleceu nessa oficina didática tomando as memórias locais como fonte de aprendizado, portanto, tomando características mais específicas das rememorações e conectando a temas mais gerais da história do Brasil. Por exemplo, na imagem a seguir abordei a característica da morada dos cesteiros, que eram casa de taipas, como apareceu nas memórias e trouxe a abordagem histórica da guerra dos cabanos. Vejamos, por conseguinte.

Imagem 11: Dialogando o assunto da História do Brasil “A Guerra dos Cabanos”.



Fonte: Arquivo Pessoal

O que se pode observar nessa imagem? Quero em primeiro momento, observar o professor, um corpo negro no ensino de história. Nesse caso, não somente compreender a movimentação ou experiência do corpo negro no ensino, mas também no ensino de história. Nesse sentido, isso implica pensar na experiência do corpo negro na docência, como esse corpo é percebido, e como ele se percebe enquanto corpo negro professor. Com isso, é

possível pensar no corpo negro docente que produz conhecimento a partir das suas próprias experiências e entrecruzam a outros conhecimentos para, com isso, produzir outras narrativas, outras histórias, outras memórias.

Desse modo, os assuntos que envolvem a população negra e pobre brasileira, quando se tem um professor negro que conhece e se compromete a causa do movimento negro e da histórica causa da população negra, a abordagens dessas temáticas podem seguir outras perspectivas e outros modos de abordagem em sala de aula junto aos estudantes. A mão do professor negro, na imagem acima, que se conectam uma a outra pode informar, pode ensinar o modo, pelo qual o assunto está sendo compreendido, de forma conectada, entrecruzada, de maneira conjunta, porque, o corpo também comunica. E essas experiências partilhadas são muito particulares, muito peculiares, pois são percebidas partindo de percepções, características, emoções, experiências de um docente negro, de um professor negro que pesquisa e ensina.

Nesse sentido, seria uma forma de se compreender a experiência e história de resistência de pessoas negras e dos pobres, a partir de uma experiência ou percepção de um docente negro, de maneira resinificada no presente. Talvez, por isso, fosse interessante se intensificar as políticas públicas por meio de cotas para mais corpos negros conseguirem a efetivação na profissão docente estatal e, assim, outras formas de se ensinar e compreender a história sejam possíveis e mais abrangentes em ambientes de instituições escolares ou de ensino. Se torna importante ressaltar, que a presença do corpo negro na docência, por vezes, é percebida pelos estudantes. Desse modo, levando em consideração que os processos educacionais são coordenados pelas subjetividades dos indivíduos (Silva e Santos, 2020), corpos negros, munidos da formação sobre as questões étnico-raciais, na docência, podem revolucionar a educação brasileira ao possibilitar maior diversidade e pluralidade para a sala de aula. “Uma maior representação negra na educação é uma subversão dos estigmas sociais comuns aos negros” (Silva e Santos, 2020, p. 407). Portanto,

O saber sobre a corporeidade negra vai além do embate no contexto das relações de poder. Ele orienta a criação de novos tipos de relações, de uma nova linguagem e de uma nova ética. É por isso que ele pode nos ajudar a construir uma nova ecologia de saberes e é uma importante dimensão das epistemologias do Sul (Gomes, 2017, p. 92).

E não é possível se pensar a corporeidade docente de maneira dispersa, solitária, pois quando se pensar no professor, necessariamente, os estudantes estão ligados ao mesmo cotidiano escolar, mesmo que com perspectivas, realidades e concepções diferentes. E na

imagem acima, podemos perceber os corpos dos estudantes conectados à aula, mesmo que alguns aparentam estarem dispersos, todavia tudo isso faz parte do processo de ensino-aprendizagem. O aluno que, na foto, está como se fosse escrevendo na mesa, pode aparentar está disperso, mas não está, pois além dele está com uma caneta na mão, existe um papel ofício que disponibilizei e informei que eles iriam escrever as suas memórias, narrativas e perspectivas sobre a oficina no final, e talvez, o estudante tivesse tentando correlacionar o assunto exposto por mim, com aquilo que ele iria narrar na folha de papel ofício, sendo assim, estaria ligado ao processo da aula como um todo.

E muitos educadores julgam, desprezam, menosprezam e repreendem o aluno que aparenta está disperso na aula, não sabendo esses docentes, que talvez tais estudantes estejam apenas de seus modos ressignificando o que ali está ocorrendo, pois cada aluno aprende da sua própria maneira. A imagem a seguir foi o registro do momento, no qual os estudantes escreveram as suas memórias e narrativas na oficina e sobre ela.

Imagem 12: Os alunos escreveram e construíram as suas narrativas em sala de aula.



Fonte: Arquivo Pessoal

Finalizando, a atividade que fora proposta, na qual eles deveriam escrever as suas narrativas, memórias e percepções sobre a oficina. Dessa forma, como é possível ver na foto acima, os alunos tiveram esse momento final do encontro para também contarem as suas histórias, narrativas, e todos de maneira ativa escreveram, antes leram as memórias dos cesteiros negros, e neste momento da oficina foi para eles escreverem as suas próprias narrações. Para além do que dizem as imagens, o que é possível identificar nessa oficina, é que para além do exercício da leitura por parte dos estudantes foi possibilitado, com a escrita final, a exercitação da escrita de maneira criativa, pois os estudantes tiveram que criar as suas próprias narrações.

Destarte, a aula teria sido muito significativa e aguçou a curiosidade dos estudantes, a ponto de me marcarem no Instagram do ECI-FPB, com imagens da aula e muitos dos alunos postaram em suas redes sociais, fotografias da oficina e, marcaram-me e me seguiram nessa rede social²⁵. Talvez, essa seja uma maneira também de divulgar o conhecimento da história, do ensino da história, mas deve ser espontâneo, sem força, pois deve ser aguçada pelas emoções, pelo gosto, pelo amor, pois ensinar história também é um processo que exige amor tanto quanto profissionalismo. Por conseguinte, veremos as narrativas desses estudantes.

3.3.1 Narrativas dos estudantes

Neste tópico, aborda-se as narrativas dos estudantes na oficina em sala de aula. Para preservar a identidade desses estudantes, aqui os nomes adotados, para identificar as narrações, não correspondem aos dos alunos, mas são fictícios. Esse foi um momento, no qual o estudante poderia não somente, narrar as suas memórias e experiências, mas também avaliar a oficina didática, os rumos tomados para a abordagem do conteúdo, nesse caso, dando voz aos estudantes e considerando-os como construtores de conhecimento dentro da sala de aula e não mero receptores de assuntos.

Para os seres humanos, aquilo que não tem significado e sentido e precisa ser compreendido, é um conhecimento torturador, ou seja, que se aprende de maneira difícil, sofrida. E em contrapartida a isso, que essa oficina foi estabelecida, pois buscam sentido para os assuntos distantes da história do currículo que precisam ser ensinados. Veremos a seguir as narrativas que saíram nessa oficina didática.

²⁵ Neste link é possível acompanhar prints das postagens nas redes sociais. Link: https://drive.google.com/drive/folders/1SzdxcTg0oKr9Q9_ZZ1WHSw6xfdmEVrGG?usp=share_link.

Narrativas avaliativas e de aspirações

Nas narrativas analisadas neste tópico, foi possível perceber, nas análises duas características iniciais, pelas, esses relatos foram expostos aqui e analisados. Os dois aspectos são, expressamente, acerca de avaliações realizadas pelos alunos sobre a oficina e aspirações próprias desses estudantes. Leiamos o relato que foi escrito, por conseguinte.

Narrativa 10. Sendo sincero, acho que foi uma boa aula por diversos motivos, tanto pelo que foi passado como também pela interação em sala de aula. O que tenho a dizer é que basicamente essa foi uma aula bastante atrativa e nunca é ruim de vez em quando ter uma boa aula como essa. No mais, é isso... (O Estudante Poeta, 2023. Narrativa Escrita).

Nesse relato, “O Estudante Poeta”, define a oficina como sendo uma boa aula, alegando o embasamento dessa fala, ser por diversos motivos, mas destacou dois, o primeiro seria pelo assunto abordado em sala de aula e o outro pela interação do encontro. Ao prosseguir a narrativa, o aluno expressa que a aula foi atrativa, e que ter uma aula dessa, mesmo que de vez em quando, seria uma boa atividade. Dessa forma, podemos compreender que, para esse aluno, a aula foi significativa seja pelo assunto, seja pelas decisões pedagógicas tomadas durante o encontro.

Ainda assim, nessa narração quero destacar duas palavras “interação” e “atrativa”, as quais demonstram duas percepções do aluno sobre a oficina pedagógica. O que posso perceber, com a primeira palavra, é que para o estudante, a oficina teve ações compartilhadas de maneira mútua, ou seja, ações desenvolvidas não trouxe o professor como centro do conhecimento, mas percebendo alunos e o docente, como construtores de conhecimento. A segunda palavra, teria a intenção de passar, o quão a oficina chamou a atenção, com isso, despertando-lhe o interesse, ou seja, como tanto a estrutura pedagógica da oficina quanto o tema abordado teriam sido compartilhadas e instigantes para este discente. Vejamos a próxima narrativa.

Narrativa 11. Uma aula muito produtiva e com bastante conhecimento sobre os cesteiros (e também os produtos que são os balaio) que liga a história desses trabalhadores, com a história do Brasil e também liga aos povos tradicionais, aprofundando sobre o passado e culturas desses povos, e também do povo Araçagiense. A produção de cestas e balaio, ainda é comum entre várias pessoas, por ser passado de geração em geração, ou seja, uma tradição. A história do Brasil é rica em diversas culturas, e a aula prova que ela está presente até nos mínimos detalhes que nós nem imaginamos, e é

sempre gratificante aprender sobre ela, e sobre a história da nossa cidade também (A Estudante Poetisa, 2023. Narrativa Escrita).

Nessa declaração, podemos perceber como, “A Estudante Poetisa”, assimilou essa oficina; ela compreendeu que a proposta da oficina era interligar ou cruzar a história de vida dos cesteiros, a partir das suas memórias a temáticas da história do Brasil, dos povos tradicionais brasileiros. Com isso, conectando a cultura das cestarias às culturas dessas pessoas. Por isso, percebemos que a oficina didática foi de fácil compreensão, tanto a sua estrutura quanto o seu conteúdo, a ponto do discente entender a proposta desse ensino em história. Diante disso, é possível expressar que, a aula de História, é necessária que seja de fácil compreensão, ou seja, didatizada e organizada à percepção dos estudantes, e não tão somente ao rol teórico do professor de História.

Além disso, é preciso pontuar duas palavras que apareceram no ponto inicial deste texto declarativo, “produtiva” e “conhecimento”, as quais demonstram perspectivas particulares, mas que a aluna colocou para considerar a oficina. Apesar de a primeira palavra estar vinculada a uma percepção capitalista de produção, quando a discente conecta a segunda palavra, conhecimento, ela revela que a intenção principal dela seria revelar que a oficina pedagógica teria sido muito intensa na apresentação e construção de conhecimentos tanto sobre os cesteiros quanto sobre a história brasileira.

Ao avançar na exposição escrita, é possível conceber que a aluna traz alguns aspectos por ela, assimilados na oficina, como a exemplo da ancestralidade da cultura dos cestos; a importância de se entender a história nos mínimos detalhes, e que aprender a história de maneira conectada a histórias mais próximas, torna o Ensino de História mais “rico”, mas significativo. Vejamos as percepções, por conseguinte, de outra aluna que participou da oficina.

Narrativa 12. A aula foi muito produtiva, aprendi sobre muitas coisas que nem fazia ideia que já existia dentro da história de Araçagi e também do Brasil, o fato deles fazerem cestas, balaies e também trabalharem na agricultura para conseguirem dinheiro e também uma renda extra, faz nos inspirar a abrir um pequeno comércio para ajudarmos nossos pais, porque nos dias atuais as coisas não estão fáceis. Gostei muito de saber a história de vida de Maria da Luz e seu irmão, que moram na minha cidade e também aprender um pouco mais da história do país, a Revolta da Balaiada, a luta que surgiu como um levante social por melhores condições e vida, o que me traz mais motivação para nunca desistir dos meus sonhos e desejos, porque, por mais que difícil seja, que eu tenha força para trabalhar como esses povos tradicionais e futuramente abrir uma renda extra (A Estudante Contista, 2023. Narrativa Escrita).

Nessa expressão escrita, é possível compreender que, “A Estudante Contista”, assimilou a oficina pedagógica com os seus anseios, como a exemplo de montar um comércio, algo bastante distinto, mas isso, nos alerta a entender que um assunto pode ser assimilado de maneira muito diferentes, a partir da realidade, anseios e conhecimentos dos alunos. A maneira como essa estudante percebeu os conhecimentos trabalhados em sala de aula, se atrelou aos seus anseios de ser uma comerciante, uma maneira mais da produção capitalista, do empreendedorismo. Isto é, a aluna percebeu os modos de produção e venda dos cestos, por meio dos cesteiros negros, como sendo uma atividade comercial, o que se conectaria aos seus desejos de montar um comércio próprio.

Ainda, a partir da narração, é identificável que os assuntos abordados em sala de aula, por meio da oficina pedagógica, os quais abordaram a história dos cesteiros negros de Araçagi, partindo das suas memórias como fonte, e atrelando-as a temas da história do Brasil, para a estudante, foram conhecimentos novos, abordagens novas, o que nos proporciona dizer, que essa forma de ensinar história seja uma nova maneira de se perceber a história local e geral, pelo menos teria sido para essa discente.

No relato, ainda é compreensível a noção apresentada pela estudante, na qual ela entendeu o modo estruturado de se ensinar história dessa forma, que conecta a história do local à história mais ampla, mais abrangente. E, ainda assim, pegando as características de busca por melhores condições de vida, da revolta da Balaiada, e as persistências e trabalhos dos povos tradicionais (incluindo os cesteiros), a estudante exprime “motivação para nunca desistir dos meus sonhos e desejos”, conforme a mesma declara. Portanto, ela se apropriou de algumas concepções da história para persistir em busca de seus anseios, da construção da sua identidade social. Em seguida, irei analisar mais algumas dessas narrativas escritas pós-oficina didática em história.

Narrativas expositivas e rememoradas

Nessas narrativas escritas por estudantes posteriormente a oficina didática, mas ainda em sala de aula, os estudantes abordam mais características expositivas da oficina, ou seja, de como ela teria ocorrido e os assuntos discorridos e, com isso, é concebível o surgimento, em algumas narrações, suas próprias memórias que surgiram a partir da oficina. Observemos a narração, no texto, por conseguinte.

Narrativa 13. Cesteiros. No conteúdo abordado é notável que a produção de cestos foi algo muito presente, não só na ancestralidade Araçagiense, mas em todo país. Percebe-se também que os mesmos (os cestos) não eram usados apenas para o consumo próprio, mas como também para seu uma fonte de renda para os cesteiros. O trabalho exigia horas de esforço e concentração. No relato dos moradores (cesteiros) é perceptível que a produção de balaios foi algo de gerações em gerações, tanto é que na atualidade, a produção desses materiais ainda é usada como “ganha pão” de alguns cidadãos (O Estudante Contista, 2023. Narrativa Escrita).

Na exposição escrita acima, pode-se ler que “O Estudante Contista” assimilou a aula a partir das memórias dos cesteiros. Com isso, fazendo uma conexão entre a cultura ou trabalho das cestarias realizadas pelos cesteiros negros de Araçagi, o aluno constrói a sua percepção de que essa prática está na ancestralidade de outros povos do Brasil. Dessa forma, é possível inferir que o modo, pelo qual a oficina foi montada, foi percebida e exposta na construção textual que ela elaborou.

Outra questão, que apareceu nas rememorações dos cesteiros, foi a feitura dos cestos para serem usados nas próprias atividades das roças ou consumo próprio e os que eram para serem vendidos e, com isso, se adquirir um meio de renda. As pontuações dos conteúdos acerca das memórias dos cesteiros, ou locais; ela percebe a feitura dos cesteiros como sendo um trabalho que exige esforço e concentração, que além de ser uma arte ancestral, no presente ainda é um fazer usado para o sustento de várias pessoas que ainda fazem cestas.

No entanto, uma questão surge tomando como base esta narrativa: se este era um momento para também rememorar questões da vida dos estudantes, porque, será que este aluno só descreveu o que assimilou do conteúdo na aula? Seria porque a aula foi significativa para ele ou pelo fato de que ele queria fazer esquecer algumas questões suas? Evidentemente, pela narrativa acima, não saberemos, pois ela não nos embasa a isso, mas o que podemos conceber é que a narrativa, por vezes, pode cooperar para o esquecimento, para o silenciamento de memórias. Vejamos a narração que a estudante escreveu, a seguir.

Narrativa 14. Entender um pouco da realidade e história de vida de alguns povos da nossa cidade, é extremamente importante. Se aprofundar e saber o que realmente aconteceu e como foi que aconteceu é de muita importância, pois muitas das vezes não sabemos nenhum pouco do passado dos nossos ancestrais, saber da fonte de economia e como eles conseguiam sua renda diante das dificuldades daquele tempo, e entender a história por trás de tudo aquilo que eles passaram para hoje termos tanta facilidade em conseguir viver nesse mundo (A Estudante Romancista, 2023. Narrativa Escrita).

No relato anteriormente exposto, vemos que a estudante entendeu a proposta da aula, a qual apesar de conectar a história do Brasil, teve como objetivo enfatizar a importância da história local, a história dessas pessoas negras cesteiras. Outra dimensão expressa na escrita dessa estudante, foi que ela compreendeu que os assuntos abordados na aula foram desenvolvidos de maneira aprofundada, não rasa.

Ao prosseguir a análise da narrativa desta aluna, pode-se perceber como ela vai construindo a sua própria identidade local, a partir das memórias dos cesteiros negros. Assim, compreendo-os como parte da história ancestral dela, o que corresponde a uma noção de percepção comunitária da vida dela com a das memórias dos cesteiros. Ainda é possível ver como ela se apropria das dificuldades vividas pelos cesteiros negros, expostas pelas lembranças, aproximando para o seu próprio cotidiano, à sua experiência, com isso, expondo que essas dificuldades cooperaram para ajudar na vida presente, dos cidadãos, das pessoas moradoras da cidade. E, desse modo, é perceptível que as narrativas abordam bastante os modos e vida dos cesteiros, o trabalho do fazer cestas e a sua comercialização. Dessa forma, prosseguimos para a próxima narrativa.

Narrativa 15. No conteúdo abordado, percebe-se o trabalho e dedicação, que essas pessoas tinham para produzir as cestas, que hoje, nos dias atuais, é muito importante, tanto para comerciantes como para serem usados em festas típicas e suas tradições. O esforço e as horas de trabalho que eles tinham para construir suas cestas, é essencial valorizar. No relato comentado, podemos destacar como exemplo, os feirantes, que em dias de sábados ou até mesmo, nos domingos, fazem a utilização das cestas, é necessário ter essas utilizações, pois ajuda na renda das famílias que trabalham para produzir seus balaios (A Estudante Cronista, 2023. Narrativa Escrita).

Na narração que “A Estudante Cronista” relata, é concebível a ideia de “trabalho e dedicação”, por parte dos cesteiros negros no seu fazer das cestarias. Ainda assim, a aluna percebeu, partindo dos diálogos na oficina, que os cestos produzidos com trabalho e dedicação pelos cesteiros negros, ajudam na prática dos feirantes na feira ao usar para colocar seus produtos para exposição e também para o uso em festa tradicional. Ou seja, ela compreendeu as várias utilidades que tem os cestos, ainda atualmente, no interior do estado paraibano.

Ainda assim, quero destacar como a estudante também enfatiza o valor, o financeiro, a renda. Essas abordagens podem nos induzir a pensar acerca das ideias subjetivas, da noção capitalista do lucro, não que isso seja ruim ou bom, mas para compreendermos como essa ideia forma a mentalidade dos estudantes, das pessoas que estão inseridas num mundo

capitalista, também por isso, a constante abordagem dos cestos como forma de trabalho. Veremos, a seguir, como a próxima aluna assimilou esta oficina de história.

Narrativa 16. Nossa história é marcada de fatos acontecidos no passado que se perderam, e até hoje, cada região tem seu povo, sua cultura que deve ser realizada e lembrada. Diante disso, Araçagi não seria diferente, tendo em vista a diversidade de relatos sobre nossa cidade e a história, desse povo, marcada. Como pude aprender sobre os cesteiros, que eram pessoas que faziam cestas, tipo utilizando esses balaios como fonte de renda para sobreviver. Em nosso trabalho, se vê muito desse trabalho artesanal que infelizmente muitas pessoas não valorizam, sem saber a importância de manter a arte, da técnica de fazê-la valorizada, e a maneira de cada trabalhador fazer. E também o que cada escravizado sofreu, fazendo um trabalho árduo, sem direito algum, e todo ganho sendo para os seus senhores. Por isso, a importância de resgatar em nosso meio (A Estudante Dramaturga, 2023. Narrativa Escrita).

Nessa narrativa expressa pela “A Estudante Dramaturga”, é que ela percebeu a história também como ato de lembrar sobre as pessoas que vivem em determinadas regiões e têm culturas diferentes das nossas, dos povos que viveram no passado. Com isso, a estudante teve a perceptividade de compreender que essa história mais geral não é única, mas que tem histórias mais locais que também são histórias. Percebendo, com isso, a noção de construção do próprio modelo da oficina, a qual conectou a história local a mais geral. A aluna entendeu que a história é construída por narrativas, as quais são diversas, diferentes e distintas.

Prosseguindo a narração, vemos que a aluna também percebeu o fazer os cestos dos cesteiros como sendo uma maneira da sua sobrevivência, e essa recorrente questão, pode relatar como esses alunos observam a fonte de renda para sobreviver, como sendo uma questão importante e que foi um assunto, o qual chamou-lhes a atenção. Quando a estudante relata: “Em nosso trabalho, se vê muito desse trabalho artesanal”, ela pode estar expressando o trabalho dos seus, dela ou que é possível ver no seu cotidiano, como trabalhos na roça e o trabalho na feira, os quais fazem parte do cotidiano dela, assim fazendo a mesma perceber os cestos, como os cesteiros negros fazem, e que fazem parte da vida dela.

Posto isto, além da aluna abordar a ideia da valorização, ela constrói outro conhecimento ao falar da importância da manutenção da técnica, tendo em vista que este não foi o tema central da oficina didática, mas sim uma informação que foi desenvolvida pela estudante. A discente ainda ressalta que cada cesteiro tem o seu modo de fazer os balaios/cestos. No mesmo sentido em que se deu a oficina, é evidente, a conexão narrativa, realizada pela estudante, entre as memórias dos cesteiros debatidas em sala de aula e a história

dos negros escravizados no Brasil. Nessa perspectiva, na próxima narrativa veremos algumas rememorações de uma discente que estão expressas na narrativa que se segue.

Narrativa 17. Essa aula de hoje me trouxe algumas memórias dos meus avós, e também pude conviver um pouco disso na minha infância. Meus avós eram agricultores, plantavam várias coisas e algumas vezes me chamavam para a realização da colheita. No lugar onde eu moro, por ser na zona rural, chega ser algo que faz parte do meu cotidiano, existem casas de taipas, eu via vários balaies na casa dos meus avós. Eles utilizavam bastante, os balaies para a colheita das plantações. Eu achei essa aula muito interessante, pois me trouxe algumas memórias, como a que falei no início do texto, e hoje em dia isso não é mais praticado por eles, já não trabalham como agricultores, então essa aula me deu um pouco de saudade do pouquinho que eu consegui conviver (A Estudante Fabulista, 2023. Narrativa Escrita).

No relato, o qual “A Estudante Fabulista” expõe acima, identifica-se que ela traz memórias dos seus avós, as quais ela assimilou à sua experiência e, com isso, colocam expostas de forma conectada com a sua própria realidade e com rememorações da infância dela. Sendo assim, a aluna conta sobre a sua relação com seus avós que eram agricultores, quando chamavam ela para a colheita no roçado, nesse caso, podemos perceber que essa aluna teve uma experiência construída nas relações rurais. Tanto é que, a estudante diz morar na zona rural, o que nos pode fazer imaginar que seja da própria cidade de Araçagi. Nesse sentido, sobre os aspectos das moradas que os cesteiros negros moraram na zona rural, conforme as memórias deles que foram dialogadas em sala de aula, a discente busca conectar a sua própria realidade rural, na qual vive ao dizer que as casas de taipas, os balaies, os trabalhos na roça faz parte do cotidiano rural dela mesma. Sobre a arte dos cesteiros, das cestarias, a aluna narra que os seus avós utilizavam os balaies para a colheita na roça, o que revela serem as memórias dos cesteiros significativas à realidade desta aluna.

Por fim da narrativa, a estudante dá as suas ponderações sobre a oficina/aula, acerca da qual expressa, por meio dela, ter rememorado os momentos que teve com os seus avós na roça, quando ainda trabalhavam, pois no momento da construção da narrativa, esses seus parentes já não estavam mais nessa atividade rural. Desse modo, o que pude perceber dessa narrativa, é que a estudante não somente aprendeu história do Brasil, mas aprendeu a história do Brasil, conectada, a história local dos cesteiros, à sua própria história/memória de vida. Vejamos a próxima narrativa, construída após a oficina didática.

Narrativa 18. Bom, eu já sabia que existia essa “prática” dos cesteiros, só não sabia que tinha toda uma história por trás. Na minha cabeça só era uma arte qualquer que faziam para vender (deu para perceber que eu estava totalmente errada, né?!) Mas agora eu vejo que isso não é só arte, é história,

é cultura, e bravura, é cesteiro! Eu me surpreendi com tamanha dificuldade que eles passaram, com as casas de barro que eles moravam, pois segundo a Maria da Luz (acho que esse era o nome da senhora) a dificuldade que ela passou, foi e ainda pode ser, a realidade de muitos cesteiros. Fiquei impressionada! Nunca imaginaria que essa arte tivesse uma história tão marcante por trás (A Estudante Cordelista, 2023. Narrativa Escrita).

Na parte inicial da narrativa que “A Estudante Cordelista” escreveu, podemos identificar que ela, geralmente, via na rua, na feira, provavelmente, da cidade de Araçagi os cestos expostos à venda, mas não parecia para ela ter tantas histórias, como as que foram apresentadas na oficina/aula, por trás da prática dessa arte. Ou seja, era um material que ela passava e via como um utensílio seja de decoração ou utilização cultural ou utilitária, essencialmente, de atividades rurais. No entanto, após a aula, ela compreendeu que as artes dos cestos são só vegetais trançados, são história, memórias, experiências, sensibilidades, culturas, são seres humanos que existem por trás de toda aquela feitura da arte dos vegetais trançados.

Por meio da narrativa, é ponderável o espanto com o qual ela ficou diante do conhecimento da história dos cesteiros negros da cidade de Araçagi. Portanto, isso demonstra que culturas, as quais podem parecer simples e normais, podem ser levadas para dentro da sala de aula de história e debatidas as memórias, histórias, sensibilidades e experiências que existem por trás daquela atividade. Trazendo à tona ao aluno que as coisas, por mais simples que seja, quando tem a participação humana, tem histórias marcantes postas ali. Veremos, a seguir, como a próxima aluna compreendeu a aula e construiu a sua narrativa.

Narrativa 19. Na aula do professor Álef, uma aula cheia de informações dos nossos ancestrais, povos tradicionais brasileiros, da história dos escravizados brasileiros, da história do Brasil e dos artesãos e cesteiros de Araçagi. Com os relatos dos cesteiros Araçagienses, Maria da Luz e Severino, que relataram como era a realidade deles, que quando mais novos eles tinham essa curiosidade de aprender a fazer cestas, e no momento que aprenderam se tornou uma fonte para ganhar dinheiro. Também falou sobre a guerra dos cabanos, sobre os escravizados artesãos, os quilombos, e entre outros assuntos perfeitos para argumentar nas redações que estão por vir. No demais, amei a aula! (A Estudante Novelista, 2023. Narrativa Escrita).

Na narrativa que “A Estudante Novelista”, é concebível como ela compreendeu a oficina, de maneira conectada, tendo vista, que enfatizou a história do Brasil e a história dos cesteiros na sua escrita. A aluna percebeu a aula muito cheia de informações, o que nos faz compreender que esse modo de se ensinar história, de maneira conectada poderia demonstrar uma aula de história repleta de conhecimentos diversificados. Prosseguindo na leitura da

escrita, a estudante referiu-se ao que foi discutido com base nas memórias dos cesteiros, as quais expressou o interesse dos dois irmãos Maria da Luz e Severino Mendes, quando eram pequenos de aprender o processo de feitura dos cestos, e aprenderam, essa se tornou também uma fonte de renda. Assim, mais uma discente que aborda os aspectos dos lucros ou ganhos com a arte dos cestos. O que pode revelar o quanto a nossa formação social está envolta na mentalidade capitalista do ganho, do lucro, da renda. Essa perspectiva só revela a formação social, por estarmos inseridos neste contexto social atual.

Contudo, essas abordagens desses alunos acerca dos aspectos financeiros da arte das cestarias, podem expressar a luta diária de seus pais, familiares e conhecidos em busca de uma vida financeira melhor. Dessa forma, contando-se as dificuldades dos cesteiros negros em busca da sobrevivência, conforme as rememorações, com a realidade de vida que esses alunos conhecem. É perceptível que esta aluna compreendeu a noção do aprendizado em história de modo conectado, pelo fato de comentar tanto das questões expressas nas memórias dos cesteiros quanto dos assuntos que foram dialogados em sala de aula, partindo de características específicas das rememorações dos cesteiros negros. Por fim, a estudante acaba dando a sua percepção acerca da aula ao falar que a amou, ou seja, do modo em que ela foi realizada, teria sido agradável para a mesma. A seguir, analisaremos a última narrativa escrita, exposta neste texto e analisada neste tópico.

Narrativa 20. A história de povos tradicionais vai bem mais além que somente os povos indígenas como muitos ainda pensam. Os cesteiros, como aqui na cidade de Araçagi-PB, possuem memórias e mão de obra que muito “doutor” não possui. É uma arte, e não começou do dia para a noite, por volta de outras décadas (em séculos anteriores havia outras pessoas ancestrais que também faziam, por volta dos séculos XVI, XVII, XVIII), já existiam memórias passadas então por seus próprios ancestrais. Como no relato de Maria da Luz, a cestaria, servia como fonte de renda, nessa ocasião, o pai doente, a mãe prestes a ganhar neném, uma parede de sua casa de taipa caída, e aquela necessidade muitas vezes, ou quase sempre era saciada com a venda de cestas. Na história dos negros escravizados com os cestos, também deixaram seu legado, como vendendo os cestos saíam daquela situação comprando sua liberdade (A Estudante Ensaísta, 2023. Narrativa Escrita).

Percebemos como essa discente assimilou o assunto. A aluna compreende a multiplicidade dos povos tradicionais, e entende que próximo de si, existem histórias de pessoas negras, os cesteiros, os quais possuem memórias, identidade e são dominadores da técnica das cestarias, a qual muitas pessoas com formações mais formais, não têm. “A Estudante Ensaísta” compreendeu que a arte das cestarias, a qual os cesteiros negros de nossa pesquisa sabem, é uma arte ancestral, ou seja, que foi sendo repassada de geração em geração.

A estudante também demonstra ter compreendido como a arte dos cestos serviu para os cesteiros negros resistirem às dificuldades financeiras que passaram, e como a cultura material das cestarias, pode ter servido até mesmo, para muitos escravizados de ganho, os quais faziam cestas e vendiam comprarem as suas alforrias. Nesse sentido, a aluna conectou as memórias de vida dos cesteiros negros com o que a história mais geral apresenta sobre o povo negro no Brasil. Dessa forma, podemos considerar que cada narrativa, expressa histórias de vida diferentes, percepções diversas, perspectivas e rememorações outras, que se conectam as memórias dos cesteiros negros e a temas da própria história do currículo. Portanto, percebeu-se que as narrativas dos alunos demonstram que tanto as memórias dos cesteiros quanto a história do povo negro brasileiro fez sentido, nas próprias realidades desses discentes.

DERRADEIROS TROVÕES

Conforme Walter Benjamin (1997) o conhecimento é o acontecimento, e ele relampeja. Já o texto seria o trovão que demora a retumbar. “Nos domínios com os quais nos ocupamos só há conhecimento relampejante. O texto é o trovão que continua a retumbar muito tempo depois” (BENJAMIN, 1997, p. 73). Assim sendo, em meio a uma tempestade de memórias e “experiências vividas” que traz essa produção textual, seria para mim, impossível, o ato de fazer cessar as luzes dos relâmpagos e as energias dos raios que saem da nuvem deste estudo. Por isso, nestas últimas considerações, as considero como os últimos trovões.

Dessa forma, eu não penso que uma vida termine, pois imagino que ela possa ficar no corpo das memórias, das palavras e das coisas que perecem e as que não se desfazem. Desse modo, penso que essa pesquisa também não conclui aqui, visto que o prosseguimento desta dissertação e da minha formação está intrínseca a este estudo, pois encontrei o sentido para prosseguir na vida acadêmica, com essa temática, ouvindo as memórias dos cesteiros para elaborar este trabalho. E assim, quando ouvi que um desses fazedores de cestos, homem negro nasceu por meio da mão de uma parteira local, decidi prosseguir investigando em estudos posteriores.

Sendo assim, dando as últimas considerações sobre este texto, primordialmente, posso afirmar que, esta pesquisa não se conclui aqui, porque, por meio dela prosseguirei na vida da pesquisa acadêmica, este estudo irá possibilitar outros entendimentos de como se ensinar história, de como outros professores de História pensarem as suas maneiras de lecionarem

sobre o Ensino de História do povo negro brasileiro e outros grupos étnicos e, assim, terem novas experiências e outras sensibilidades possam ser alcançadas.

Evidentemente, este estudo lida com memórias sobre o passado ou experiências de vida dos cesteiros, as quais dialogam com os métodos acadêmicos de se produzir história, e por conseguinte, com a realidade de estudantes do ensino básico. Nesse caso, as memórias acerca do passado, são presentificadas e resinificadas com os estudantes nas oficinas didáticas. Uma característica importante neste trabalho de pesquisa, a qual considero como aspecto fundamental, é a posição do professor/pesquisador. Ou seja, o conhecimento é produzido além da “áurea acadêmica”, a qual expõe a universidade como produtora do conhecimento científico, e a escola como reprodutora do que é produzido no âmbito universitário.

Na posição do professor como pesquisador, a produção do conhecimento sai das amarras acadêmicas (mesmo que se relacione com princípios acadêmicos) e, assim, passa a ser produzido noutros locais, neste caso, na instituição escolar, do ensino básico (No caso desta pesquisa com turmas do ensino médio). Um outro aspecto importante deste trabalho, é a interdisciplinaridade, com a qual, este estudo foi construído. Sendo assim, conversamos com aspectos teóricos e empíricos da Educação, da Geografia e especificamente da História enquanto disciplina. Dessa forma, o professor pesquisador deve buscar dialogar com outras áreas do conhecimento, para desenvolver melhor o seu campo de atuação, de ensino, no qual ele também pesquisa.

Nesse sentido, penso ser muito importante trazer à tona, que essa dissertação começou a tomar corpo na ideia, no momento em que, eu ainda como Aluno Especial no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba, numa disciplina por nome Tópicos Especiais Em História e Ensino de História II, que o professor Dr. João Batista Gonçalves Bueno lecionou; quando fiz uma pergunta direcionada a ele e o mesmo me falou que a minha pesquisa estaria perto de mim. Logo pensei, nas possibilidades que estavam ao meu redor, e vi a cultura dos cesteiros negros da cidade de Araçagi no estado da Paraíba, daí resolvi acompanhar o trabalho deles e escrever um projeto, que resultou nesta dissertação.

Dessa forma, foi que se deu a minha experiência que resultou neste trabalho, e logo resolvi trabalhar essas memórias dos cesteiros negros com os alunos em sala de aula, e a partir daí ouvir também as suas histórias, as memórias narradas por eles, seja em texto ou oralmente. O que fiz ao trabalhar as memórias dessas pessoas negras fazedoras de cestos, na sala de aula, foi não apenas contar histórias do povo negro de Araçagi, mas também de trazer as discussões sobre a história negra no Brasil. E para que isso fizesse sentido à realidade

discente, propus que eles contassem as suas narrativas, memórias e histórias, partindo das abordagens em sala de aula. E, com isso, contando as suas próprias experiências e sensibilidades. Portanto, busquei trazer sentido, significado para as aulas de história, as quais por vezes são perpassadas na dimensão de experiências distanciadas, longínquas da realidade discente.

Este estudo trouxe para a percepção dos discentes envolvidos, que dentro de sala de aula, as suas experiências, memórias, histórias, narrativas também importam e que se pode aprender e construir conhecimento por meio delas. Nisso, o protagonismo dos estudantes, ou seja, a importância das experiências, memórias e narrativas deles, para o processo não somente de ensino-aprendizagem, mas também de construção de conhecimentos foi enfatizado durante as oficinas didáticas. Dessa maneira, demonstrando como o ensino da história do povo negro no Brasil pode ser ensinado para os estudantes conectado a realidades e percepções desses alunos.

Dessa forma, foi possível contar dentro de sala de aula, uma outra história da cidade de Araçagi e do Brasil, tendo em vista que se conectou características da história do povo negro local, tomando as memórias como fonte, à história da população negra e pobre do país. Tratando as narrativas dos estudantes como importantes na compreensão tanto do histórico do município quanto do próprio país, no que diz respeito à luta e resistência da população negra. Essa história de Araçagi-PB não é encontrada em livros didáticos e essa maneira de se ensinar história intrínseca desta pesquisa, mas que dá novos direcionamentos aos professores de história. E demonstrou outras possibilidades de se trabalhar o ensino de história das pessoas negras brasileiras, sem se limitar ao dia da consciência negra, podendo-se partir da própria memórias do povo negro do local.

Esse modo de se aprender história se dá de maneira ativa por parte dos alunos, visto que não os coloca como meros receptores do conhecimento, mas sim como construtores do saber. Assim, permitindo que os estudantes possam construir as suas identidades por meio de memórias locais, as quais se atrelam às suas realidades e experiências. Dessa maneira, o Ensino de História ultrapassa a limitação do currículo e se baseia no fazer do professor que precisa pesquisar, construir conhecimento, e envolver os seus alunos na construção de tais saberes no contexto da escola. Essas maneiras de ensinar História, também se propõe a não deixar essas memórias serem postas ao esquecimento, silenciamento. Ou seja, também esses modos de se ensinar história trazem à tona lembranças que seriam jogadas no fluído da insignificância. E essas abordagens, dão a importância devida a essas narrativas, assim, dando

outros significados e percepções tanto para as memórias das pessoas negras quanto dos estudantes em sala de aula.

Mesmo frente as dificuldades atuais, para a educação escolar da história, e ainda mais no que diz respeito ao ensino da história do povo negro brasileiro, o docente deve buscar novas maneiras de se ensinar história, porque, ainda é a educação escolar da história que enfrenta as negações, enganos e revisões da história que perpassam o meio digital, os quais os estudantes navegam. No contemporâneo, na sala de aula, o professor de História é constantemente confrontado, frente ao revisionismo e negacionismo ideológico da história (Pinsky e Pinsky, 2021). Sendo assim, o professor de História deve estar atento aos procedimentos e discursos que se levantam dentro da sala de aula, mas também fazer uma reflexão profunda sobre o seu ofício para não cair nesses discursos ideológicos, que negam e se baseiam revisar o passado já estudado, pesquisado e debatido (Napolitano, 2021).

Sendo assim, a educação escolar se torna importante para o ensino das várias faixas etárias, pois assim essas pessoas que frequentam esse ambiente de aprendizado têm acesso ao ensino sistematizado. Ainda mais, no que diz respeito a área das Humanidades que vem enfrentando grande desqualificação diante “um revisionismo historiográfico sem embasamento teórico ou empírico e desacreditam os princípios que fundamentam a ciência moderna” (Prado, 2021, p. 51). Portanto, o ensino de história por meio de professores que são formados e têm formação continuada, principalmente, na área do ensino de história e cultura afro-brasileira, têm a missão de enfrentar os discursos negacionistas e revisionistas que surgem a cada dia, no meio digital.

Dessa forma, certamente, trovões e raios são inseparáveis, assim como não se deve separar o ensino da pesquisa, pois enquanto uma faísca, o outro brada o conhecimento. Nesse caso, enquanto a pesquisa dá outras abordagens para as aulas de história, a didática do ensino conecta essas experiências, como a do nosso caso que foi de cesteiros negros, as realidades dos estudantes. Sabemos que logo depois dos raios e trovões, as nuvens carregadas de fortes tempestades, derramam chuva sobre a terra que fertilizada floresce, frutifica e traz outras possibilidades para a vida na terra. É o que desejo, com os raios e trovões dos conhecimentos expressos por esta pesquisa, que façam derramar várias chuvas de possibilidades para o ensino e a pesquisa da História.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma História única. (Tradução de Júlio Romeu). São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ANDRADE, Lilian Santos de.; CEREZER, Osvaldo Mariotto. O prescrito e o vivido no cotidiano escolar: experiência de implementação da Lei n. 10.639/03 em Poconé (MT). In: Revista História Hoje. São Paulo, v. 12, n. 25, 2023. Disponível em: 2023: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/1012/521>. Acesso em: 09 nov. 2023.

A ESTUDANTE CONTISTA. Aluna do ECI-FPB. Informação escrita em sala de aula. Pesquisador. Álef Mendes dos Santos. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba - PPGH, 2023. Escrita realizada pela aluna no final da oficina didática. O escrito foi liberado para ser usado neste estudo. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1nWeg6Fkf1pw7NatN9_fF8F4Msn-ntpqq/view?usp=sharing.

A ESTUDANTE CORDELISTA. Aluna do ECI-FPB. Informação escrita em sala de aula. Pesquisador. Álef Mendes dos Santos. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba - PPGH, 2023. Escrita realizada pela aluna no final da oficina didática. O escrito foi liberado para ser usado neste estudo. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1nGRkDbshWMOwEMxAWsbSbHvPcvGg1pCk/view?us>.

A ESTUDANTE CRONISTA. Aluna do ECI-FPB. Informação escrita em sala de aula. Pesquisador. Álef Mendes dos Santos. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba - PPGH, 2023. Escrita realizada pela aluna no final da oficina didática. O escrito foi liberado para ser usado neste estudo. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1nIlZvvxkE9smLQ4H6DHzutc1MbF-CJ9k/view?usp=sharing>.

A ESTUDANTE DRAMATURGA. Aluna do ECI-FPB. Informação escrita em sala de aula. Pesquisador. Álef Mendes dos Santos. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba - PPGH, 2023. Escrita realizada pela aluna no final da oficina didática. O escrito foi liberado para ser usado neste estudo. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1nHmBfuglTZKNWtqyfCl7NSoHKjiyJz9/view?usp>.

A ESTUDANTE ENSAÍSTA. Aluna do ECI-FPB. Informação escrita em sala de aula. Pesquisador. Álef Mendes dos Santos. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba - PPGH, 2023. Escrita realizada pela aluna no final da oficina didática. O escrito foi liberado para ser usado neste estudo. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1mIoBELY1Q_Jo0b3XiKY15TkpaGSEfQRk.

A ESTUDANTE FABULISTA. Aluna do ECI-FPB. Informação escrita em sala de aula. Pesquisador. Álef Mendes dos Santos. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba - PPGH, 2023. Escrita realizada pela aluna no final da oficina didática. O escrito foi liberado para ser usado neste estudo. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1nGZFUTIMEFrL3AZfxwCQ1N5rOHoyEQuX/view?usp>.

A ESTUDANTE NOVELISTA. Aluna do ECI-FPB. Informação escrita em sala de aula. Pesquisador. Álef Mendes dos Santos. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba - PPGH, 2023. Escrita realizada pela aluna no final da oficina didática. O escrito foi liberado para ser

usado neste estudo. Disponível em:
<https://drive.google.com/file/d/1mRpIg3jI8jmzM99sc7ZAeNmRsB4dh1VX/view?usp>.

A ESTUDANTE POETISA. Aluna do ECI-FPB. Informação escrita em sala de aula. Pesquisador. Álef Mendes dos Santos. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba - PPGH, 2023. Escrita realizada pela aluna no final da oficina didática. O escrito foi liberado para ser usado neste estudo. Disponível em:
https://drive.google.com/file/d/1mEDTmZuTDAh4_MjUovO8RMOoN77VP_pR/view?usp=sharing.

A ESTUDANTE ROMANCISTA. Aluna do ECI-FPB. Informação escrita em sala de aula. Pesquisador. Álef Mendes dos Santos. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba - PPGH, 2023. Escrita realizada pela aluna no final da oficina didática. O escrito foi liberado para ser usado neste estudo. Disponível em:
<https://drive.google.com/file/d/1nSJDgpeI3Fi2DKioQRrI8vch7ggGpXiH/view?usp=sharing>.

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo : Sueli Carneiro/Pólen, 2019.

ALMEIDA, Magdalena Maria de. História Oral e Formalidades Metodológicas. Encontro de História Oral. [s.l.], 2012. Disponível em: <https://www.encontro2012.historiaoral.org.b>. Acesso em: 12 de Jun. 2023.

ARTISTA. Aluna do ECI-FPB. Informação escrita em sala de aula. Pesquisador. Álef Mendes dos Santos. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba - PPGH, 2022. Escrita realizada pela aluna no final da oficina didática. O escrito foi liberado para ser usado neste estudo. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1lyAGsQQiILXx1Jta>.

ATRIZ. Aluna do ECI-FPB. Informação escrita em sala de aula. Pesquisador. Álef Mendes dos Santos. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba - PPGH, 2022. Escrita realizada pela aluna no final da oficina didática. O escrito foi liberado para ser usado neste estudo. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1m8XQLPTdqV9Ndv>.

AUSANI; Gabriela Anibale. MATTOS, Bruna da Rosa. Ensinando história com objetos: uma experiência na sala indígena do Museu Julio de Castilhos. UFRGS, Campus do Vale, 21-25 out, 2019. Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/211009/Ensino2019_Resumo_66370.pdf?s. Acesso em: 23 jul. 2022.

AUTORA. Aluna do ECI-FPB. Informação escrita em sala de aula. Pesquisador. Álef Mendes dos Santos. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba - PPGH, 2022. Escrita realizada pela aluna no final da oficina didática. O escrito foi liberado para ser usado neste estudo. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1m1aYZFqW2wfYzf>.

BARROS, Carlos Henrique Farias de. Ensino de História, Memória e História Local. Revista de Pós-graduação da UDESC, [s.l.], v. 2 n. 2, 2013. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/criaredu/article/view/1247/1191>. Acesso em: 21 jun. 2022.

BARROS, José D'Assunção. História, Espaço e Tempo: interações necessárias. VARIA HISTORIA, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, Jul/Dez 2006. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/vh/a/YyzTrkd3ZMCMwDMw37cQTsv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 de Jun. 2023.

BENJAMIN, Walter. *Cadernos de Filosofia Alemã: O Trabalho das Passagens*. (Tradução de Sônia Campaner Miguel Ferrari). USP, 1997.

BENJAMIN, Walter. *Experiência e Pobreza: Obras Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BENJAMIN, Walter. *Imagens de pensamento: Sobre o haxixe e outras drogas* (edição e tradução de João Barrento). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

BENJAMIN, Walter. *O Narrador*. In *Obras Escolhidas. Magia, técnica e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. *O Narrador - considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única: obras escolhidas-volume 2*. Editora Brasiliense, 1987.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOUEL, R. *Perspectiva negra e decolonialidade*. *Revista Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, p.13-22, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6077/5453>. Acesso em: 15 de nov. 2023.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BUENO, João Batista Gonçalves. *Imagens visuais nos livros didáticos: permanências e rupturas nas propostas de leitura (Brasil, décadas de 1970 a 2000)*. 279f. 2011. Tese (Doutorado em Educação) - Pós-graduação da Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

BUTLER, Kim. *Definições de Diáspora: articulação de um discurso comparativo*. In: BUTLER, Kim; DOMINGUES, Petrônio. **Diásporas Imaginadas: Atlântico Negro e histórias afro-brasileiras**. Tradução Mariângela de M. Nogueira. São Paulo: Perspectiva, 2020.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. (Tradução: Maria Leticia Ferreira). São Paulo: Contexto, 2011.

CASTRO, Alexandre. *Antigas Mesorregiões da Paraíba e Novas Regiões Geográficas Intermediárias da Paraíba. A Rede Urbana*, 2017. Disponível em: https://aredeurbana.files.wordpress.com/2017/10/novas_rgint_pb.png. Acesso em: 02 de Mar. 2023.

CASTRO, Alexandre. Novas Regiões Geográficas Imediatas da Paraíba. A Rede Urbana, 2017. Disponível em: https://aredeurbana.files.wordpress.com/2017/10/novas_rgi_pb.png. Acesso em: 02 de Mar. 2023.

CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARVALHO, Moacyr Ribeiro de. Dicionário Tupi Antigo - Português. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1987.

CHAGAS, Waldeci Ferreira. História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica da Paraíba. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 42, n. 1, jan./mar. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/>. Acesso em: 25 de mar. 2023.

CINEASTA. Aluna do ECI-FPB. Informação escrita em sala de aula. Pesquisador. Álef Mendes dos Santos. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba - PPGH, 2022. Escrita realizada pela aluna no final da oficina didática. O escrito foi liberado para ser usado neste estudo. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1j4SW16Xyal66qLM9yvW6Q9lhfZBAY>.

CUBAS, Caroline Jaques. Religião, tempo e memória: interfaces para o estudo da História do Tempo Presente. Tempo e Argumento, Florianópolis, 2021.

DA SILVA, Giliard Vitor Evangelista. Aluno do ECI-FPB. Informação escrita em sala de aula. Pesquisador. Álef Mendes dos Santos. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba - PPGH, 2022. Escrita realizada pelo aluno no final da oficina didática. O escrito foi liberado para ser usado neste estudo. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1j1QL0eOe8vsFF7zSMKgSCTED0TvBxDwC>.

DATA de falecimento. Antonia Benedito da Conceição. Cadastro Nacional de Falecidos. Disponível em: <https://falecidosnobrasil.org.br/buscaavancada3.php?nome=ANTONIA%20BENEDITO%20DA%20CONCEICAO>. Acesso em: 23 de out. 2023.

DATA de falecimento. Antonio Mendes Ferreira. Cadastro Nacional de Falecidos. Disponível em: <https://falecidosnobrasil.org.br/buscaavancada3.php?nome=ANTONIO%20MENDES%20FERREIRA>. Acesso em: 23 de out. 2023.

DE BARROS, Carlos Henrique Farias. Ensino de História, Memória e História Local. Educadores dia a dia, [s.l.], 2013. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/junho2013/historia_artigos/barros.pdf. Acesso em: 22 out. 2022.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente e ensino de História. Revista História Hoje, [s.l.], v. 2, n. 4, 2013.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. Pós: Belo Horizonte, v. 2, n. 4, nov. 2012. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:3>. Acesso em: 10 out. 2022.

DOSSE, François. História do Tempo Presente e Historiografia. In. Revista Tempo e Argumento, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 05 - 22. jun. 2012.

EDUCADORA. Professora de história do ECI-FPB. Informação verbal em sala e rabiscada pelo pesquisador. Pesquisador. Álef Mendes dos Santos. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba - PPGH, 2022. Fala espontânea em sala de aula no ECI-FPB. A fala foi disponibilizada para ser escrita e trabalhada nesta pesquisa.

FERREIRA, Severino Mendes. Depoimento transcrito [nov.. 2023]. Entrevistador. Álef Mendes dos Santos. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba - PPGH, 2023. Narração e transcrição livre (por questões técnicas de gravação, não foi possível conseguir a gravação, mas o que foi transcrito se conseguiu por meio do que foi anotado da entrevista.. Entrevista concedida para a pesquisa sobre a memória dos cesteiros no ensino de história em Araçagi-PB, p. 13-14. Transcrição disponível em: <https://docs.google.com/document/d/1JgfhLsOcv0gajVCOF4vSUveUQ1oiksM7/edit?usp>.

FERREIRA, Severino Mendes. Depoimento transcrito [nov.. 2021]. Entrevistador. Álef Mendes dos Santos. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba - PPGH, 2021. Narração e transcrição livre (por questões técnicas de gravação, não foi possível conseguir a gravação, mas o que foi transcrito se conseguiu por meio do que foi anotado da entrevista.. Entrevista concedida para a pesquisa sobre a memória dos cesteiros no ensino de história em Araçagi-PB, p. 13-14. Transcrição disponível em: <https://docs.google.com/document/d/1JgfhLsOcv0gajVCOF4vSUveUQ1oiksM7/edit?usp>.

FERREIRA, João Mendes. Depoimento [fev.. 2023]. Entrevistador. Álef Mendes dos Santos. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba - PPGH, 2023. Narração livre. Entrevista concedida para a pesquisa sobre a memória dos cesteiros no ensino de história em Araçagi-PB. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/12eSzYhBGq82cnZdjtPhy8laT5AML1Tg4/view?usp=sharing>.

FREITAS, Itamar. História do tempo presente: oralidade, memória, mídia. Itajaí, SC: Casa Aberta, 2016.

FREIRE, Paulo. Conscientização: Teoria e Prática da Libertação Uma Introdução ao Pensamento de Paulo Freire. (Tradução de Kátia de Mello e Silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra). São Paulo: Cortez & Moraes, 1979. Disponível em: https://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/Paulo%20Freire%20-%20Conscientiza%C3%A7%C3%A3o_pp.5-19.pdf. Acesso em: 22 de nov. 2022.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Memória, Cidade e Educação das Sensibilidades. RESGATE, [s.l.] vol. 20, n. 23, jan./jun. 2012.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. [S. l.: s. n.], 2011. 1 vídeo (5 min). Publicado pelo canal CEAv Unicamp. Disponível em: Acesso em: <https://www.youtube.com/watch?v=jm6HSyA11Uw&t=321s>. 25 jan. 2223.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. O Almanaque, a locomotiva da cidade moderna: Campinas, décadas de 1870 e 1880. 1998. 348f. Tese (Doutorado em História) -

Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 1998.

GILL, Lorena. SILVA, Eduarda. Perspectivas para a História Oral. In: ROBERTT, Pedro. RECH, Carla. FACHINETO, Pedro Lisbero e Rochele (Org.). Metodologia em Ciências Sociais Hoje: Práticas, Abordagens e Experiências de Investigação. Jundiaí: Paco Editorial, v. 2, 2016.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. Sociedade paliativa: a dor hoje. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2021.

Instituto de Geografia e Estatística (IBGE). Estimativa sobre a cidade de Guarabira. Rio de Janeiro/RJ, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/guarabira/panorama>. Acesso em: 22 de Jan. 2023.

Instituto de Geografia e Estatística (IBGE). Estimativa sobre a população de Guarabira. Rio de Janeiro/RJ, 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/guarabira/panorama>. Acesso em: 10 de Jan. 2023.

Instituto de Geografia e Estatística (IBGE). Estimativa do censo sobre Guarabira. Rio de Janeiro/RJ, 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/guarabira/panorama>. Acesso em: 22 de Abr. 2023.

Instituto de Geografia e Estatística (IBGE). Guarabira. Rio de Janeiro/RJ, 2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/guarabira/panorama>. Acesso em: 23 de Jan. 2023.

Instituto de Geografia e Estatística (IBGE). O município de Guarabira. Rio de Janeiro/RJ, 2019. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/guarabira/panorama>. Acesso em: 10 de Jan. 2023.

Instituto de Geografia e Estatística (IBGE). Estimativa sobre Cuitegi. Rio de Janeiro/RJ, 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/cuitegi/panorama>. Acesso em: 22 de Mar. 2023.

Instituto de Geografia e Estatística (IBGE). Cuitegi. Rio de Janeiro/RJ, 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/cuitegi/panorama>. Acesso em: 26 de Mar. 2023.

Instituto de Geografia e Estatística (IBGE). Estimativa sobre Cuitegi. Rio de Janeiro/RJ, 2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/cuitegi/panorama>. Acesso em: 22 de Maio. 2023.

Instituto de Geografia e Estatística (IBGE). Estimativa sobre o município de Cuitegi. Rio de Janeiro/RJ, 2019. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/cuitegi/panorama>. Acesso em: 19 de Mar. 2023.

Instituto de Geografia e Estatística (IBGE). O município de Cuitegi. Rio de Janeiro/RJ, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/cuitegi/panorama>. Acesso em: 21 de Abr. 2023.

Instituto de Geografia e Estatística (IBGE). Estimativa sobre Cuitegi. Rio de Janeiro/RJ, 2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/aracagi/panorama>. Acesso em: 05 de Mar. 2023.

Instituto de Geografia e Estatística (IBGE). Estimativa sobre Araçagi. Rio de Janeiro/RJ, 2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/aracagi/panorama>. Acesso em: 05 de Mar. 2023.

Instituto de Geografia e Estatística (IBGE). Estimativa sobre a cidade de Araçagi. Rio de Janeiro/RJ, 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/aracagi/panorama>. Acesso em: 13 de Mar. 2023.

Instituto de Geografia e Estatística (IBGE). Estimativa sobre Araçagi. Rio de Janeiro/RJ, 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/aracagi/panorama>. Acesso em: 05 de Mar. 2023.

Instituto de Geografia e Estatística (IBGE). A cidade de Araçagi. Rio de Janeiro/RJ, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/aracagi/panorama>. Acesso em: 24 de Mar. 2023.

Instituto de Geografia e Estatística (IBGE). O município de Araçagi. Rio de Janeiro/RJ, 2019. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/aracagi/panorama>. Acesso em: 23 de Jan. 2023.

Instituto de Geografia e Estatística (IBGE). O estado da Paraíba. Rio de Janeiro/RJ, 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/aracagi/panorama>. Acesso em: 25 de Jan. 2023.

Instituto de Geografia e Estatística (IBGE). O estado da Paraíba. Rio de Janeiro/RJ, 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/panorama>. Acesso em: 25 de Jan. 2023.

Instituto de Geografia e Estatística (IBGE). A Paraíba. Rio de Janeiro/RJ, 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/historico>. Acesso em: 27 de Jan. 2023.

Instituto de Geografia e Estatística (IBGE). Região Geográfica Imediata de Guarabira e a Região Geográfica Intermediária de João Pessoa. Rio de Janeiro/RJ, 2017. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/apps/regioes_geograficas/pdfs-extra/O%20recorte%20. Acesso em: 27 de Jan. 2023.

Instituto de Geografia e Estatística (IBGE). Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias. Coordenação de Geografia, Rio de Janeiro/RJ, p. 42, 2017. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100600.pdf>. Acesso em: 21 Jul. 2023.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Casa de Taipa. 2020. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos>. Acesso em: 22 de Maio de 2023.

KESSEL, Zilda. A construção da memória na Escola: um estudo sobre as relações entre memória, história e informação na contemporaneidade. 31f. 2003. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

LEITE, Isabella Cordeiro. Aluna do ECI-FPB. Informação escrita em sala de aula. Pesquisador. Álef Mendes dos Santos. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba - PPGH, 2022. Escrita realizada pela aluna no final da oficina didática. O escrito foi liberado para ser usado neste estudo. Disponível em: <https://drive.glivDGNAmLBUOxedqRPD3hUQQ>.

LEITE, Isabelly Cordeiro. Aluna do ECI-FPB. Informação escrita em sala de aula. Pesquisador. Álef Mendes dos Santos. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba - PPGH, 2022. Escrita realizada pela aluna no final da oficina didática. O escrito foi liberado para ser usado neste estudo. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1j->.

LIMA, Thayara Cristine Silva de.; PEREIRA, Amilcar Araujo.; DIAS, Odara Philomena. Tempos de luta: a Lei 10.639/03 como instrumento para a expansão do presente] na luta] antirracista no ensino de História. In: Revista História Hoje. São Paulo, v. 12, n. 25, 2023. Disponível em: 2023: <https://rhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/1022/519>. Acesso em: 09 nov. 2023.

LIRA, Silvano Fidelis de. Memórias e Sensibilidades, as poéticas do contar-se: uma história dos campos e motores de agave (Cubati, PB 1950-1980). 199f. 2015. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

MARTINS, Marcus Leonardo Bomfim; BARBOSA, Alexandre Rodrigues de Frias; GABRIEL, Carmen Teresa. Refigurações narrativas discentes nas aulas de História: reflexões sobre aprendizagens dessa disciplina escolar. REVISTA HISTÓRIA HOJE, v. 9, 2020. Disponível em: <https://rhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/704>. Acesso em: 12 de jun. 2023.

MENDES, Maria da Luz. Depoimento [jul. 2020]. Entrevistador. Álef Mendes dos Santos. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba - PPGH, 2020. Narração livre. Entrevista concedida para a pesquisa sobre a memória dos cesteiros no ensino de história em Araçagi-PB, mas que só foi realizado anotações pelo pesquisador que resultaram na narrativa.

MENDES, Maria da Luz. Depoimento [jun. 2022]. Entrevistador. Álef Mendes dos Santos. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba - PPGH, 2022. Narração livre. Entrevista concedida para a pesquisa sobre a memória dos cesteiros no ensino de história em Araçagi-PB. Disponível em: 1. <https://drive.google.com/file> 2. <https://drive.google.com/file> 3. <https://drive.google.com/file>.

MENDES, Maria da Luz. Depoimento [dez. 2021]. Entrevistador. Álef Mendes dos Santos. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba - PPGH, 2021. Narração livre. Entrevista concedida para a pesquisa sobre a memória dos cesteiros no ensino de história em Araçagi-PB. mas que só foi realizado anotações pelo pesquisador que resultaram na narrativa.

MENDES, Maria da Luz. Depoimento [mar.. 2023]. Entrevistador. Álef Mendes dos Santos. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba - PPGH, 2023. Narração livre. Entrevista concedida para a pesquisa sobre a memória dos cesteiros no ensino de história em Araçagi-PB. Disponível em: 1. <https://drive.google.com/file> 2. <https://drive.google.com/file> 3. <https://drive.google.com/file> 4. <https://drive.google.com/file> 5. <https://drive.google.com/file> 6. <https://drive.google.com/file>.

MENDES, Milena de Santana. Depoimento [jan. 2023]. Entrevistador. Álef Mendes dos Santos. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba - PPGH, 2023. Narração livre. Entrevista concedida para a pesquisa sobre a memória dos cesteiros no ensino de história em Araçagi-PB. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/13KxvNchratihDxdfeontwTGX_HSzAoZ/view?usp=sharing.

MENESES, Newton Coelho. Patrimônio cultural, compreensão de vivências, educação e turismo. In: BERTO, João Paulo. PAULILO, André Luiz (org). *Memória, Educação e Difusão de Acervos Culturais*, Campinas, SP : CMU Publicações, 2022.

MIGNOLO, Walter. *Desobediencia Epistémica: Retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Ediciones del Signo, Buenos Aires - Argentina, 2010.

MITTANCK, Vanuza Alves. *As Mulheres de 1950: seu comportamento e suas atitudes*. MM - Mundo de Mulheres & Fazendo Gênero, Florianópolis, 2017. Disponível em: <http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais>. Acesso em: 03 set. 2022.

MONTEIRO, Ana Maria; PENNA, Fernando. Ensino de história: saberes em lugar de fronteira. *Educação e Realidade*, v. 36, p. 191-211, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/15080>. Acesso em: 12 de jan. 2022.

MORENO, Valdecir Teófilo; MOREIRA, Ivan Targino; QUEIROZ, Silvana Nunes de. Fluxos Migratórios Paraibanos: síntese dos últimos 40 anos. João Pessoa: OKARA/Geografia em debate, v. 10, n. 1, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/okara/article/view/30574/16161>. Acesso em: 22 de jan. 2023.

NAPOLITANO, Marcos. Negacionismo e revisionismo histórico no século XXI. In: PINSKY, Jaime.; PINSKY, Carla Bazanezi. *Novos Combates pela História*. São Paulo: Editora Contexto, p. 85-114, 2021.

NASCIMENTO, Brenna Oliveira. *Pedagogia Ancestral: uma investigação sobre existência e resistência da identidade da comunidade quilombola de alto do capim, Quixabeira-Bahia*. Conedu, 2022. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2022/>. Acesso em: 22 de Abr. 2022.

NETO, Belarmino Mariano. Depoimento. [jan. 2023]. Entrevistador Álef Mendes dos Santos. João Pessoa: João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba - PPGH, 2023. Narração livre. Entrevista concedida para a pesquisa sobre a memória dos cesteiros no ensino de história em Araçagi-PB.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. (Tradução Yara Aun Khoury), 1993.

NORA, Pierre. Entrevista. In: BREFE, A. C. F. Pierre Nora, ou o Historiador da Memória. História Social, [S. l.], n. 6, p., 2010. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/rhs/article/view/363> . Acesso em: 22 de Abr. 2023.

NUNES, Clarice. O ensino da história da educação e a produção de sentidos na sala de aula. RBHE, [s.l.], v. 3, n. 2, 2012. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38698>. Acesso em: 16 jul. 2022.

O ESTUDANTE CONTISTA. Aluno do ECI-FPB. Informação escrita em sala de aula. Pesquisador. Álef Mendes dos Santos. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba - PPGH, 2023. Escrita realizada pelo aluno no final da oficina didática. O escrito foi liberado para ser usado neste estudo. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1nUDpoAPADRCeiHyW_zjoSiW75w6LFn15/view?usp.

O ESTUDANTE POETA. Aluno do ECI-FPB. Informação escrita em sala de aula. Pesquisador. Álef Mendes dos Santos. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba - PPGH, 2023. Escrita realizada pelo aluno no final da oficina didática. O escrito foi liberado para ser usado neste estudo. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1mCjh2uFVPEyx_0p4Y6vWC-uaqRRu-C9H/view?usp.

OLIVA, Anderson Ribeiro.; CONCEIÇÃO, Maria Telvira da. A construção de epistemologias insubmissas e os caminhos possíveis para uma educação antirracista e anticolonial: reflexões sobre os 20 anos da Lei 10.639/2003. In: Revista História Hoje. São Paulo, v. 12, n. 25, 2023. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/1080/517>. Acesso em: 09 nov. 2023.

PAIM, Elison Antonio. ARAÚJO, Helena Maria Marques. Memórias outras, patrimônios outros, e decolonialidades: Contribuições teórico-metodológicas para o estudo de história da África e dos afrodescendentes e de história dos Indígenas no Brasil. Arquivos Analíticos de Políticas Educativas, Universidade de Santa Catarina, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14507/epaa.26.3543>.

PAIM, Elison Antonio. Memórias e Experiências do fazer-se professor. 2005. 538f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2005.

PINSKY, Jaime.; PINSKY, Carla Bazanezi. A História contra-ataca. In: PINSKY, Jaime.; PINSKY, Carla Bazanezi. Novos Combates pela História. São Paulo: Editora Contexto, p. 9-24, 2021.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

PRADO, Maria Ligia. Defesa do ensino de História nas escolas. In: PINSKY, Jaime.; PINSKY, Carla Bazanezi. Novos Combates pela História. São Paulo: Editora Contexto, p. 51-84, 2021.

PROJETO Político Pedagógico. Escola Cidadã Integral Francisco Pessoa de Brito, 2022. Disponível em: <https://docs.google.com/document/d/1nJbXaRXEMsq2c5f0o8>. Acesso em: 13 de out. 2022.

RIBEIRO, Darcy. Kadiwéu - ensaios etno-lógicos sobre o saber, o azar e a beleza. Petrópolis: Vozes, 1980.

RODRIGUES, Miqueline Marcos. Aluna do ECI-FPB. Informação escrita em sala de aula. Pesquisador. Álef Mendes dos Santos. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba - PPGH, 2022. Escrita realizada pela aluna no final da oficina didática. O escrito foi liberado para ser usado neste estudo. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1lv1Az3Xuz_8U-xXmR1rFwwyFe.

RODRIGUEZ, Sonia Maria Troitiño. Sinais de Memória: o papel dos arquivos e dos centros de documentação e memória para a preservação da história regional brasileira. In: BARÃO, Adriana *et al.* Centro de Memória/UNICAMP: Campinas, SP, 2021.

ROCHA, Solange; SILVA, José Antonio Novaes da. À Luz da Lei 10.639/03, avanços e desafios: Movimentos Sociais Negros, Legislação Educacional e Experiências Pedagógicas. Curitiba - PR: Revista da ABPN, v. 5, n. 11, jul./out. 2013.

RUSSI, Adriana. Cestaria, Homem e Natureza: a arte do trançado do Rio Juquiá-Guaçu. In: Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares, [S.l.], vol. 1, n. 1, p. 53-60, 2004.

SATURNINO, Edison Luiz. Imagem, Memória e Educação: Um estudo sobre modos de ver e lembrar. 269f. 2005. Dissertação (Mestre em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SANTOS, Álef Mendes dos. Memórias das Plantações: Trabalho, Cestarias e Resistência Afro-brasileira na Paraíba contemporânea. In: Encontro Estadual de História – ANPUH-PB (20. :2022 : João Pessoa, PB) Anais Eletrônicos do XX Encontro Estadual de História – ANPUH-PB [recurso eletrônico] : “Independência, Revoluções e Modernismos”. ANPUH-PB (Realização), João Pessoa: Editora do CCTA, 2022. Disponível em: http://anpuhpb.org/docs/Anais_xxeeh_anpuhpb_2022.pdf. Acesso em: 07 nov. 2022.

SANTOS; Giderlâyne Clemente do Nascimento. BRITO; Hortência da Conceição de. MARANHÃO, Iágrici Maria de Lima. A relação professor-aluno e sua influência no processo de ensino aprendizagem. UFPE, Recife, 2014. Disponível em: <https://www.ufpe.br/documents/39399/2407231/SANTOS%3B+BRITO%3B+MARANHÃO>. Acesso em: 22 jul. 2022.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. História da África e do Brasil afrodescendente. Rio de Janeiro: PaUas, 2017.

SANTOS, Marcos Antonio Mendes dos. Depoimento [set. 2022]. Entrevistador. Álef Mendes dos Santos. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba - PPGH, 2022. Narração livre. Entrevista concedida para a pesquisa sobre a memória dos cesteiros no ensino de história em Araçagi-PB. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1nmdanfDDfjZWKuRzOg1NUV2ls9cJ1otc/view?usp>.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. Cortez, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/ccaab/images>. Acesso em: 22 nov. 2022.

SINDICATO dos Trabalhadores Rurais de Araçagi (STRA). Ficha de Associado: em arquivo pessoal do pesquisador. Araçagi, 1992. Disponível em: <https://docs.google.com/document/d/1WIpVIGrfpMyPH0-JyzC1KblBjqpfXyN4/edit?usp>.

SILVA, Daniel Pinha. O lugar do tempo presente na aula de história: limites e possibilidades. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 9, n. 20, jan./abr. 2017. MONTEIRO, José Fernando Saroba. Tempo presente: entre os métiers do historiador e do jornalista. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 10, n. 24, abr./jun. 2018.

SILVA, João Augusto da. Depoimento [mar. 2023]. Entrevistador. Álef Mendes dos Santos. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba - PPGH, 2023. Narração livre. Entrevista concedida para a pesquisa sobre a memória dos cesteiros no ensino de história em Araçagi-PB. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/13B__HzVNYVl2L-H5LnrWelpCgzQqne3q/view?usp.

SILVA, João Paulo Rosa da. Aluno do ECI-FPB. Informação escrita em sala de aula. Pesquisador. Álef Mendes dos Santos. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba - PPGH, 2022. Escrita realizada pelo aluno no final da oficina didática. O escrito foi liberado para ser usado neste estudo. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1j1udxnwk5mVd8ynSXjBvphxw1IT_tlLZ/view?usp=sharing.

SILVA, Nayara Kelly de Melo; SANTOS, Saulo Cabral dos. Docência Negra: Representatividade e Perspectivas. Rio Grande do Sul: Revista Diversidade e Educação, v. 8, n. 2, Jul/Dez, 2020.

SILVA, Monica Martins da. Vinte anos da Lei 10.639/03: insurgências e rupturas no Ensino de História. In: Revista História Hoje. São Paulo, v. 12, n. 25, 2023. Disponível em: <https://rhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/1090/516>. Acesso em: 09 nov. 2023.

SOUSA, P. S. ; GOMES, E. R. R. ; ARAGÃO, Patrícia . Experiências com a temática afro-indígena: o lugar de educar no mestrado profissional. REVISTA ELETRÔNICA CIENTÍFICA ENSINO INTERDISCIPLINAR, v. IX, 2023.

SOUZA; Maria Vanessa Campos de. JÚNIOR, Paulo Antônio Nogueira. História Oral, Memória e Identidade: Uma proposta de aprendizagem a partir da utilização de metodologias ativas. FC - Itinerários Formativos, Ceará, v. 6, n. 15, 2021: Disponível em: <https://revistadocentes.seduc.ce.gov.br/index.php/revistadocentes/article/view/429>. Acesso em: 13 nov. 2022.

THOMPSON, Edward P. A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1981.

THOMPSON, Paul. A Voz do Passado: História Oral. Editora Paz e Terra: [s.l.], 1992.

THOMPSON, Edward Palmer. A História vista de baixo. *Times Literary Supplement*, 7 de abril de 1966. In: *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*, Editora Unicamp, Campinas, 2015. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/364550498/A-Historia-vista-de-baixo-Thompson-1966#>. Acesso em: 22 de jun. 2022.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VIDAL, Eliabe. *Obrigatoriedade do estudo da história e cultura indígena, africana e afro-brasileira nas licenciaturas na área das ciências humanas*. Senado Federal: Brasília, 2016. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/ecidadania/visualizacaoideia?id=51182>. Acesso em: 03 jul. 2022.

VIVIAN; Deyse Vivian. FRANÇA, Victor Hugo de Almeida. *Revista Eletrônica Trilhas da História*, [s.l.], v. 10 n. 19, 2020. Disponível em: <https://trilhasdahistoria.ufms.br/index.php/RevTH/article/view/ana>. Acesso em: 16 jul. 2022.

WESTRUP, Cristiane; BARABAS, Taynara Becker. *Racismo e a Perspectiva decolonial: análise das teorias raciais a partir do século XIX*. UNESC, Santa Catarina, v. 2, 2019. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?>. Acesso em: 22 jun. 2022.

YUNES, João. RONCHEZEL, Vera Shirley Carvalho. *Evolução da mortalidade geral, infantil e proporcional no Brasil*. *Rev. Saúde Pública*, [s.l.], n. 8, Jun 1974. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/xrSd7kCyTCB9yrpT6FmJ9Kf/?lang=pt>. Acesso em: 13 set. 2022.

ZENAIDE, Maria de Nazaré Tavares. *A Oficina Pedagógica como recurso na Educação em Direitos Humanos*. In: RIQUE, Célia. LIMA, Nilda de. *Juntando Saberes e Construindo Práticas*. Recife: Bagaço, p. 21-29, 2005. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/bitstream/handle/11465/474/GAJOP_juntando_sabe. Acesso em: 22 jul. 2022.

ANEXOS

ANEXO A1- LINKS DAS FOTOS, ÁUDIOS E TRANSCRIÇÕES

Fotos:

<https://drive.google.com/drive/folders/1aBlOt6twolsKzk7VqaNLCzyvXoho7m2R?usp=sharing>

Áudios:

https://drive.google.com/drive/folders/128vOXK9KEpiLCP6wMLVf6CU25fEroO_z?usp=sharing

Transcrições:

https://drive.google.com/drive/folders/15GHMWSzkIQSmehaYBhAQJAQXbD_BBHX?usp=sharing

**ANEXO A2 - FOTOGRAFIA E BREVE BIOGRAFIA DOS FAMILIARES
BALAEIROS COLABORADORES COM AS NARRATIVAS PARA ESTE ESTUDO.**

Milena de Santana Mendes



Fonte: Arquivo pessoal de Milena.

Milena Mendes é neta dos cesteiros Antonio e Antonia, conviveu com eles e também é conhecida como uma parente da família dos balaeiros. Ela é Técnica em Enfermagem e foi criada na casa dos seus avós cesteiros, por isso, ouvia muitas de suas histórias de vida. Essa é uma imagem da sua formatura.

Marcos Antonio Mendes dos Santos



Fonte: Arquivo pessoal de Marcos.

Marcos Mendes é formado em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba e Técnico em Eletricista pelo Instituto Federal da Paraíba. Ele conviveu muito tempo ao lado dos seus avós e tios cesteiros, tendo em vista ser da família dos cesteiros negros de Araçagi. Essa é uma foto dele na festa de formatura.

Severino Mendes Ferreira



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

Severino Mendes é cesteiro e agricultor, o qual pega os vegetais no mato para a sua irmã Maria da Luz Mendes fazer cestas; ele contribuiu com as suas memórias. Este homem é filho de Antonio e Antonia, cesteiros. Nesta foto Severino Mendes estava limpando mato no seu roçado, na cidade de Araçagi.

Maria da Luz Mendes



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

Maria da Luz Mendes é cesteira, e aposentada como agricultora. Ela é uma sujeita principal de nosso estudo, visto que grande parte das memórias foram obtidas com ela e, ela é a única mulher da família que ainda mantém a prática da feitura dos cestos. Nesta foto, Maria da Luz Mendes está entrecruzando cestas.

João Mendes Ferreira



Fonte: Facebook da secretária Graça Irineu, do Meio Ambiente de Araçagi-PB.

João Mendes é também cesteiro e funcionário público no município de Araçagi. Ele contribuiu com as suas memórias para este estudo. Na imagem, João Mendes está trabalhando limpando uma árvore que fica na frente da Prefeitura de Araçagi. Ele trabalha como funcionário da prefeitura do município, mas nas horas vagas ainda faz cestas e balaies.

João Augusto da Silva



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

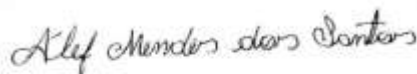
João Augusto é marido de Maria da Luz Mendes, cesteiro e aposentado como agricultor. Ele também aprendeu a fazer cestos com Maria da Luz e teve contato direto com o casal cesteiro Antonio e Antonia quando eram vivos. Ele colaborou também com as suas memórias. Na foto, João Augusto estava comprando feijão mulatinho no mercado da feira livre de Guarabira-PB para plantar no seu pequeno roçado que cuida juntamente com a sua esposa Maria da Luz em Araçagi-PB.

ANEXO B - TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL E AUTORIZAÇÃO**TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL**

Prezado Sr(a) Valdete da Silva Marques, diretora do EECIEM Francisco Pessoa De Brito

Venho por meio deste solicitar a autorização desta instituição/organização para realização da pesquisa intitulada CONHECIMENTOS TRANÇADOS PELOS CESTEIRO E O ENSINO DE HISTÓRIA NA CIDADE DE ARACAGI-PB (2020-2023), sob minha responsabilidade. A pesquisa, realizada no âmbito do Programa de Pós-graduação em História (PPGH) da UFPB tem como objetivo investigar a relação do ensino de história local a partir da memória de cesteiros de Aracagi no ensino regular prevê a realização da seguinte etapa metodológica no âmbito desta instituição: realização de três oficinas com alunos do terceiro do ensino médio.

Informo também que o projeto de pesquisa será avaliado pelo Comitê de Ética da UFPB e que a pesquisa só será iniciada após a sua aprovação por este comitê.



Pesquisador Responsável

Declaro estar de acordo com a realização da pesquisa no âmbito desta instituição, desde que aprovada pelo comitê de ética.

Local, 12 /09/2022



Valdete da Silva Marques
Gestora Escolar
Mat. 181687-0
Aut. 10.420

**Responsável legal pela instituição
(assinatura /carimbo)**



SECRETARIA DE ESTADO
DA EDUCAÇÃO
E DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA



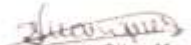
Somos todos
PARAÍBA
Governo do Estado

EECIEM FRANCISCO PESSOA DE BRITO
INEP. 25066676
DEC. 11.452 DE 22/07/1986 RES. 46
CNPJ: 01.663.403/0001-83

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Mediante a procura para realização de um projeto com oficinas pedagógicas, que serão ministradas pelo professor Álef Mendes dos Santos vinculado ao PPGH- UFPB. Eu Valdete da Silva Marques- Gestora Escolar com matrícula 181687-0, autorizo o mesmo a executar tais atividades em aulas da disciplina de História com estudantes do Ensino Médio desta Instituição de Ensino.

Araçagi, 12 de Setembro de 2022


Valdete da Silva Marques
Gestora Escolar
Mat. 181687-0
Aut. 10.420

ANEXO C - CARTAS DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, *Saverio Mendes dos Santos Ferreira, brasileiro/a,
 RG: 2.815.151, residente e domiciliado/a à
 rua Guacima Pereira da Silva, n. 76 telefone:
(--) cedo e transfiro neste ato, gratuitamente, em caráter universal e
 definitivo, ao
 pesquisador Álef Mendes dos Santos
 e ao () Repositório da Universidade Federal da Paraíba do Mestrado em História
 (UFPB/PPGH), a plena propriedade e a totalidade dos direitos patrimoniais de autor/a e
 de imagem, quando for o caso, sobre o(s) depoimento(s) oral(is) prestado(s), no período
 entre 2021/2023, em minha residência. Essa autorização inclui a revelação da identidade
 do cedente ou de dados que possam vir a identificá-lo/a. O UFPB/PPGH, na pessoa do
 pesquisador a ele vinculado, está autorizado a utilizar, a disponibilizar, distribuir,
 comunicar ao público, reproduzir, transmitir, retransmitir, traduzir para outros idiomas,
 armazenar e a publicar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral,
 no formato de texto transcrito, de imagem e voz ou apenas de voz, no Brasil e/ou no
 exterior; podendo, inclusive, ceder seus direitos a terceiros no Brasil e/ou no exterior
 para fins de pesquisa, educação e cultura.

Assinatura 31 de 08 de 2022

*Saverio Mendes dos Santos Ferreira
 Nome e assinatura ou digital do/a entrevistado/a

Álef Mendes dos Santos

Álef Mendes dos Santos
 Nome, assinatura e instituição do entrevistador

Telefone e e-mail para contato do Pesquisador(es)/(as):

(083) 99161-1235

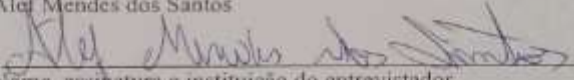
alef.santos@aluno.uepb.edu.br

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Milena de Santana Mendes brasileiro/a,
 RG: 3477439, residente e domiciliado/a à
 rua Rua projetada s/n telefone:
 _____, cedo e transfiro neste ato, gratuitamente, em caráter universal e
 definitivo, ao
 pesquisador Álef Mendes dos Santos
 e ao () Repositório da Universidade Federal da Paraíba do Mestrado em História
 (UFPB/PPGH), a plena propriedade e a totalidade dos direitos patrimoniais de autor/a e
 de imagem, quando for o caso, sobre o(s) depoimento(s) oral(is) prestado(s), no período
 entre 2021/2023, em minha residência. Essa autorização inclui a revelação da identidade
 do cedente ou de dados que possam vir a identificá-lo/a. O UFPB/PPGH, na pessoa do
 pesquisador a ele vinculado, está autorizado a utilizar, a disponibilizar, distribuir,
 comunicar ao público, reproduzir, transmitir, retransmitir, traduzir para outros idiomas,
 armazenar e a publicar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral,
 no formato de texto transcrito, de imagem e voz ou apenas de voz, no Brasil e/ou no
 exterior; podendo, inclusive, ceder seus direitos a terceiros no Brasil e/ou no exterior
 para fins de pesquisa, educação e cultura.

Araçagi, 09 de setembro de 2022

Milena de Santana Mendes 
 Nome e assinatura ou digital do/a entrevistada/o

Álef Mendes dos Santos

 Nome, assinatura e instituição do entrevistador

Telefone e e-mail para contato do Pesquisador(es)/(as):
 (083) 99161-1235
alef.santos@aluno.ufpb.edu.br

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, x Maria da Luz Mendes brasileiro/a,
 RG: 35 90267 residente em e domiciliado/a à
 rua Graciana Pereira da Silva telefone:
(83) 99161-1235, cedo e transfiro neste ato, gratuitamente, em caráter universal e
 definitivo, ao
 pesquisador Álef Mendes dos Santos
 e ao () Repositório da Universidade Federal da Paraíba do Mestrado em História
 (UFPB/PPGH), a plena propriedade e a totalidade dos direitos patrimoniais de autor/a e
 de imagem, quando for o caso, sobre o(s) depoimento(s) oral(is) prestado(s), no período
 entre 2021/2023, em minha residência. Essa autorização inclui a revelação da identidade
 do cedente ou de dados que possam vir a identificá-lo/a. O UFPB/PPGH, na pessoa do
 pesquisador a ele vinculado, está autorizado a utilizar, a disponibilizar, distribuir,
 comunicar ao público, reproduzir, transmitir, retransmitir, traduzir para outros idiomas,
 armazenar e a publicar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral,
 no formato de texto transcrito, de imagem e voz ou apenas de voz, no Brasil e/ou no
 exterior; podendo, inclusive, ceder seus direitos a terceiros no Brasil e/ou no exterior
 para fins de pesquisa, educação e cultura.

Angaji-PB de outubro de 2022

Maria da Luz Mendes

x Maria da Luz Mendes
 Nome e assinatura ou digital do/a entrevistado/a

Álef Mendes dos Santos

Álef Mendes dos Santos
 Nome, assinatura e instituição do entrevistador

Telefone e e-mail para contato do Pesquisador(es)/(as):
 (083) 99161-1235
alef.santos@aluno.uepb.edu.br

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Mateus Antonio e Mendes dos Santos brasileiro/a,
 RG: 3115033 residente e domiciliado/a à
 rua Graciana Pereira da Silva telefone:
83981781027, cedo e transfiro neste ato, gratuitamente, em caráter universal e
 definitivo, ao
 pesquisador Álef Mendes dos Santos
 e ao () Repositório da Universidade Federal da Paraíba do Mestrado em História
 (UFPB/PPGH), a plena propriedade e a totalidade dos direitos patrimoniais de autor/a e
 de imagem, quando for o caso, sobre o(s) depoimento(s) oral(is) prestado(s), no período
 entre 2021/2023, em minha residência. Essa autorização inclui a revelação da identidade
 do cedente ou de dados que possam vir a identificá-lo/a. O UFPB/PPGH, na pessoa do
 pesquisador a ele vinculado, está autorizado a utilizar, a disponibilizar, distribuir,
 comunicar ao público, reproduzir, transmitir, retransmitir, traduzir para outros idiomas,
 armazenar e a publicar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral,
 no formato de texto transcrito, de imagem e voz ou apenas de voz, no Brasil e/ou no
 exterior; podendo, inclusive, ceder seus direitos a terceiros no Brasil e/ou no exterior
 para fins de pesquisa, educação e cultura.

Álef Mendes dos Santos, 27 de agosto de 2021

Mateus Antonio e Mendes dos Santos
 Nome e assinatura ou digital do/a entrevistado/a

Álef Mendes dos Santos

Álef Mendes dos Santos
 Nome, assinatura e instituição do entrevistador

Telefone e e-mail para contato do Pesquisador(es)/(as):
 (083) 99161-1235
alef.santos@aluno.uepb.edu.br

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu,  João Mendes Ferreira, brasileiro/a,
 RG: _____ residente e domiciliado/a à
 rua Rua Sérgio de Jesus telefone: _____
 cedo e transfiro neste ato, gratuitamente, em caráter universal e
 definitivo, ao
 pesquisador Álef Mendes dos Santos
 e ao () Repositório da Universidade Federal da Paraíba do Mestrado em História
 (UFPB/PPGH), a plena propriedade e a totalidade dos direitos patrimoniais de autor/a e
 de imagem, quando for o caso, sobre o(s) depoimento(s) oral(is) prestado(s), no período
 entre 2021/2023, em minha residência. Essa autorização inclui a revelação da identidade
 do cedente ou de dados que possam vir a identificá-lo/a. O UFPB/PPGH, na pessoa do
 pesquisador a ele vinculado, está autorizado a utilizar, a disponibilizar, distribuir,
 comunicar ao público, reproduzir, transmitir, retransmitir, traduzir para outros idiomas,
 armazenar e a publicar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral,
 no formato de texto transcrito, de imagem e voz ou apenas de voz, no Brasil e/ou no
 exterior; podendo, inclusive, ceder seus direitos a terceiros no Brasil e/ou no exterior
 para fins de pesquisa, educação e cultura.

Assinatura, 16 de Setembro de 2022

 João Mendes Ferreira
 Nome e assinatura ou digital do/a entrevistado/a

Álef Mendes dos Santos

Álef Mendes dos Santos - PPGH - UFPB
 Nome, assinatura e instituição do entrevistador

Telefone e e-mail para contato do Pesquisador(es)/(as):
 (083) 99161-1235
alef.santos@aluno.uepb.edu.br

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, João Augusto da Silva, brasileiro/a,
 RG 5332975, residente e domiciliado/a à
 rua Caroline Pereira da Silva, n. 51 telefone:
(083) 99161-1235, cedo e transfiro neste ato, gratuitamente, em caráter universal e
 definitivo, ao
 pesquisador Alef Mendes dos Santos
 e ao () Repositório da Universidade Federal da Paraíba do Mestrado em História
 (UFPB/PPGH), a plena propriedade e a totalidade dos direitos patrimoniais de autor/a e
 de imagem, quando for o caso, sobre o(s) depoimento(s) oral(is) prestado(s), no período
 entre 2021/2023, em minha residência. Essa autorização inclui a revelação da identidade
 do cedente ou de dados que possam vir a identificá-lo/a. O UFPB/PPGH, na pessoa do
 pesquisador a ele vinculado, está autorizado a utilizar, a disponibilizar, distribuir,
 comunicar ao público, reproduzir, transmitir, retransmitir, traduzir para outros idiomas,
 armazenar e a publicar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral,
 no formato de texto transcrito, de imagem e voz ou apenas de voz, no Brasil e/ou no
 exterior; podendo, inclusive, ceder seus direitos a terceiros no Brasil e/ou no exterior
 para fins de pesquisa, educação e cultura.

Assinatura, 33 de agosto de 2022

 João Augusto da Silva
 Nome e assinatura ou digital do/a entrevistado/a

Alef Mendes dos Santos
Alef Mendes dos Santos
 Nome, assinatura e instituição do entrevistador

Telefone e e-mail para contato do Pesquisador(es)/(as):
 (083) 99161-1235
alef.santos@aluno.ufpb.edu.br

ANEXO D - TCLEs DOS ALUNOS COM MAIORIDADE E DOS CESTEIRO NEGROS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do estudo: Trabalhos afro-indígenas e ensino de História: a produção da arte de cestarias dos Mendes na região metropolitana de Guarabira/PB (1950-2021)

Pesquisador responsável: Álef Mendes dos Santos (orientando) / João Batista Gonçalves Bueno (orientador).

Instituição/Departamento: Universidade Federal da Paraíba (UFPB) / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA.

Telefone e endereço postal completo do CCHLA: Comitê de Ética em Pesquisa da UFPB: Centro de Ciências da Saúde - 1º andar, Campus I - Cidade Universitária CEP: 58.051-900 - João Pessoa-PB. Telefone: (83) 3216 7791.

Telefone e endereço postal completo do pesquisador: (83) 99116-1235. Rua Graciano Pereira da Silva, 27, casa, Cep: 58270.000, Araçagi-PB.

Local da coleta de dados: Araçagi no estado da Paraíba.

Eu, Álef Mendes dos Santos, responsável pela pesquisa Trabalhos afro-indígenas e ensino de História: a produção da arte de cestarias dos Mendes na região metropolitana de Guarabira/PB (1950-2021), o convidamos a participar como voluntário deste nosso estudo. Esta pesquisa pretende investigar a arte dos Mendes cesteiros e trabalhar as colaborações orais em sala de aula no ensino de história local. Acreditamos que ela seja importante porque demonstra outros olhares no ensino de história e da produção historiográfica, trazendo outras pessoas para esse campo de produção do conhecimento. Para sua realização será feito o seguinte: realizaremos entrevistas com alguns dos cesteiros dos Mendes e daí, depois trabalharemos essas memórias em uma escola como ensino de história da localidade. Sua participação constará de nos conceder entrevistas e nos permitir fotografias das suas atividades em realizar a arte dos cestos. É possível que aconteçam os seguintes desconfortos ou riscos, comoções nos momentos das entrevistas, pois estamos lidando com memórias. Os benefícios que esperamos com o estudo são trazer à tona na produção de história novos atores sociais e buscar aproximação no ensino de história com a realidade dos estudantes de ensino médio. Durante todo o período da pesquisa você terá a possibilidade de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento. Para isso, entre em contato com algum dos pesquisadores ou com o Comitê de Ética em Pesquisa. É necessário destacar que a pesquisa não paga aos participantes entrevistados. Em caso de algum problema Comitê de Ética em Pesquisa da UFPB: Centro de Ciências da Saúde - 1º andar, Campus I - Cidade Universitária CEP: 58.051-900 - João Pessoa-PB. Telefone: (83) 3216 7791 - E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br.

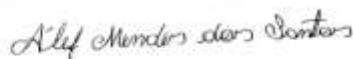
relacionado com a pesquisa, você terá direito à assistência gratuita que será prestada pelo pesquisador. Você tem garantida a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão. As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão ser divulgadas, apenas, em eventos escolares, acadêmicos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Também serão utilizadas imagens. Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores. Fica, também, garantida a indenização em casos de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa.

Autorização

Eu, Severino Mendes Ferreira, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.



Assinatura ou digital do voluntário



Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

Local, Araçagi-PB.

relacionado com a pesquisa, você terá direito à assistência gratuita que será prestada pelo pesquisador. Você tem garantida a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão. As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão ser divulgadas, apenas, em eventos escolares, acadêmicos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Também serão utilizadas imagens. Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores. Fica, também, garantida a indenização em casos de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa.

Autorização

Eu, Milena de Santana Mendes, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.

Milena de Santana Mendes

Assinatura ou digital do voluntário

Alf Mendes dos Santos

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

Local, Araçagi-PB.

Comitê de Ética em Pesquisa da UFPB: Centro de Ciências da Saúde - 1º andar, Campus I - Cidade Universitária CEP: 58.051-900 - João Pessoa-PB. Telefone: (83) 3216 7791 - E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br.

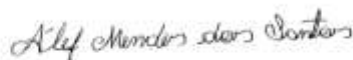
relacionado com a pesquisa, você terá direito à assistência gratuita que será prestada pelo pesquisador. Você tem garantida a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão. As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão ser divulgadas, apenas, em eventos escolares, acadêmicos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Também serão utilizadas imagens. Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores. Fica, também, garantida a indenização em casos de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa.

Autorização

Eu, Maria da Luz Mendes, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.



Assinatura ou digital do voluntário



Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

Local, Araçagi-PB.

Comitê de Ética em Pesquisa da UFPB: Centro de Ciências da Saúde - 1º andar, Campus I - Cidade Universitária CEP: 58.051-900 - João Pessoa-PB. Telefone: (83) 3216 7791 - E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br.

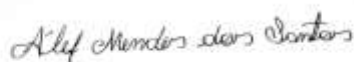
relacionado com a pesquisa, você terá direito à assistência gratuita que será prestada pelo pesquisador. Você tem garantida a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão. As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão ser divulgadas, apenas, em eventos escolares, acadêmicos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Também serão utilizadas imagens. Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores. Fica, também, garantida a indenização em casos de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa.

Autorização

Eu, Marcos Antônio Mendes dos Santos, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.



Assinatura ou digital do voluntário



Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

Local, Araçagi-PB.

Comitê de Ética em Pesquisa da UFPB: Centro de Ciências da Saúde - 1º andar, Campus I - Cidade Universitária CEP: 58.051-900 - João Pessoa-PB. Telefone: (83) 3216 7791 - E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br.

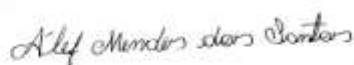
relacionado com a pesquisa, você terá direito à assistência gratuita que será prestada pelo pesquisador. Você tem garantida a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão. As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão ser divulgadas, apenas, em eventos escolares, acadêmicos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Também serão utilizadas imagens. Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores. Fica, também, garantida a indenização em casos de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa.

Autorização

Eu, João Mendes Ferreira, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.



Assinatura ou digital do voluntário



Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

Local, Araçagi-PB.

Comitê de Ética em Pesquisa da UFPB: Centro de Ciências da Saúde - 1º andar, Campus I - Cidade Universitária CEP: 58.051-900 - João Pessoa-PB. Telefone: (83) 3216 7791 - E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br.

relacionado com a pesquisa, você terá direito à assistência gratuita que será prestada pelo pesquisador. Você tem garantida a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão. As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão ser divulgadas, apenas, em eventos escolares, acadêmicos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Também serão utilizadas imagens. Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores. Fica, também, garantida a indenização em casos de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa.

Autorização

Eu, João Augusto da Silva, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.



Assinatura ou digital do voluntário

Alf Mendes dos Santos

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

Local, Araçagi-PB.

Comitê de Ética em Pesquisa da UFPB: Centro de Ciências da Saúde - 1º andar, Campus I - Cidade Universitária CEP: 58.051-900 - João Pessoa-PB. Telefone: (83) 3216 7791 - E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br.

participantes entrevistados. Em caso de algum problema relacionado com a pesquisa, você terá direito à assistência gratuita que será prestada pelo pesquisador. Você tem garantida a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão. As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão ser divulgadas, apenas, em eventos escolares, acadêmicos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Também serão utilizadas imagens. Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores. Fica, também, garantida a indenização em casos de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa.

Autorização

Eu, Richard Vitor Evangelista da Silva, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.

Richard Vitor Evangelista da Silva

Assinatura ou digital do voluntário

Alcy Mendes dos Santos

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

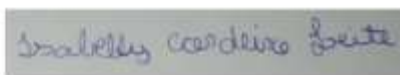
Local, Araçagi-PB.

Comitê de Ética em Pesquisa da UFPB: Centro de Ciências da Saúde - 1º andar, Campus I - Cidade Universitária CEP: 58.051-900 - João Pessoa-PB. Telefone: (83) 3216 7791 - E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br.

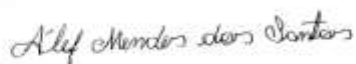
participantes entrevistados. Em caso de algum problema relacionado com a pesquisa, você terá direito à assistência gratuita que será prestada pelo pesquisador. Você tem garantida a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão. As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão ser divulgadas, apenas, em eventos escolares, acadêmicos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Também serão utilizadas imagens. Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores. Fica, também, garantida a indenização em casos de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa.

Autorização

Eu, , após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.



Assinatura ou digital do voluntário



Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

Local, Araçagi-PB.

Comitê de Ética em Pesquisa da UFPB: Centro de Ciências da Saúde - 1º andar, Campus I - Cidade Universitária CEP: 58.051-900 - João Pessoa-PB. Telefone: (83) 3216 7791 - E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br.

participantes entrevistados. Em caso de algum problema relacionado com a pesquisa, você terá direito à assistência gratuita que será prestada pelo pesquisador. Você tem garantida a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão. As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão ser divulgadas, apenas, em eventos escolares, acadêmicos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Também serão utilizadas imagens. Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores. Fica, também, garantida a indenização em casos de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa.

Autorização

Eu, Isabella Rondero Leite, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.

Isabella Rondero Leite

Assinatura ou digital do voluntário

Alf Mendes dos Santos

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

Local, Araújo-PB.

Comitê de Ética em Pesquisa da UFPB: Centro de Ciências da Saúde - 1º andar, Campus I - Cidade Universitária CEP: 58.051-900 - João Pessoa-PB. Telefone: (83) 3216 7791 - E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br.

participantes entrevistados. Em caso de algum problema relacionado com a pesquisa, você terá direito à assistência gratuita que será prestada pelo pesquisador. Você tem garantida a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão. As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão ser divulgadas, apenas, em eventos escolares, acadêmicos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Também serão utilizadas imagens. Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores. Fica, também, garantida a indenização em casos de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa.

Autorização

Eu, João Paulo Rasso da Silva, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.

João Paulo Rasso da Silva

Assinatura ou digital do voluntário

Ally Mendes dos Santos

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

Local, Araújo-PB.

Comitê de Ética em Pesquisa da UFPB: Centro de Ciências da Saúde - 1º andar, Campus I - Cidade Universitária CEP: 58.051-900 - João Pessoa-PB. Telefone: (83) 3216 7791 - E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br.

participantes entrevistados. Em caso de algum problema relacionado com a pesquisa, você terá direito à assistência gratuita que será prestada pelo pesquisador. Você tem garantida a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão. As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão ser divulgadas, apenas, em eventos escolares, acadêmicos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. Também serão utilizadas imagens. Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores. Fica, também, garantida a indenização em casos de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa.

Autorização

Eu, Miquelema Marcos Rodrigues, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.

Miquelema Marcos Rodrigues

Assinatura ou digital do voluntário

Alf Mendes dos Santos

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

Local, Araújo-PB.

Comitê de Ética em Pesquisa da UFPB: Centro de Ciências da Saúde - 1º andar, Campus I - Cidade Universitária CEP: 58.051-900 - João Pessoa-PB. Telefone: (83) 3216 7791 - E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br.

ANEXO E - FOLHA DE ROSTO DE APROVAÇÃO DA COMISSÃO DE ÉTICA

 MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS			
1. Projeto de Pesquisa: ENSINO DE HISTÓRIA DO LOCAL A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS PELOS CESTEIROIS NA CIDADE DE ARAÇAGI- PB (2020-2023)			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 12			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 7. Ciências Humanas			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: ALEF MENDES DOS SANTOS			
6. CPF: 106.977.464-29		7. Endereço (Rua, n.º): Rua Graciano Pereira da Silva Santo Amaro Casa ARACAGI PARAIBA 58270000	
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: (83) 9161-1235	10. Outro Telefone:	11. Email: alef.santos@aluno.uepb.edu.br
Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumpro os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo. Data: ____ / ____ / ____ Assinatura _____			
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Universidade Federal da Paraíba		13. CNPJ:	
		14. Unidade/Órgão: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes	
15. Telefone: (83) 3216-7230		16. Outro Telefone:	
Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumpro os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução. Responsável: _____ CPF: _____ Cargo/Função: _____ Data: ____ / ____ / ____ Assinatura _____			
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			

ANEXO F - DECLARAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO DA DISSERTAÇÃO COM BOLSA FAPESQ



Declaração

Declaramos que álef Mendes dos Santos foi membro do projeto "Bolsas de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da UFPB", desenvolvido no Instituto: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB) - Edital: CONTRATAÇÃO - EDITAL DE BOLSAS Nº 16/2022_CONCESSÃO DE BOLSAS DE MESTRADO E DOUTORADO ACADÊMICOS, com duração de 36 meses .

Campina Grande, 09 de Novembro de 2023

Patricia Costa Fernandes de Menezes
Coordenação de Programas e Projetos